

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANNA CAROLINA LEGROSKI

AUTORITARISMO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PERSONAGENS
INFANTIS: *CAMPO GERAL* (GUIMARÃES ROSA), *O NOSSO REINO* (VALTER
HUGO MÃE) E *L'ARRACHE CŒUR* (BORIS VIAN)

CURITIBA

2023

ANNA CAROLINA LEGROSKI

AUTORITARISMO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PERSONAGENS
INFANTIS: *CAMPO GERAL* (GUIMARÃES ROSA), *O NOSSO REINO* (VALTER
HUGO MÃE) E *L'ARRACHE CŒUR* (BORIS VIAN)

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em
Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Augusto Nery

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Legroski, Anna Carolina

Autoritarismo e construção identitária de personagens infantis: Campo geral (Guimarães Rosa), O nosso reino (Valter Hugo Mãe) e L'arrache cœur (Boris Vian). / Anna Carolina Legroski. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curso de Pós-Graduação em Letras.

Orientador : Prof. Dr. Antonio Augusto Nery

1. Família na literatura. 2. Poder (Filosofia). 3. Autoritarismo na literatura. 4. Crianças – Personagens. I. Nery, Antonio Augusto, 1981-. II. Universidade Federal do Paraná. Curso de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Aparecida Noeli Furquim Geffer – CRB 9/1309



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7


TERMO DE APROVAÇÃO


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de ANNA CAROLINA LEGROSKI intitulada: "AUTORITARISMO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PERSONAGENS INFANTIS: CAMPO GERAL (GUIMARÃES ROSA), O NOSSO REINO (VALTER HUGO MÃE) E L'ARRACHE COUER (BORIS VIAN)", sob orientação do Prof. Dr. ANTONIO AUGUSTO NERY, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Cyrenovação no rito de defesa.


A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.


CURITIBA, 27 de Janeiro de 2023.


ANTONIO AUGUSTO NERY
Presidente da Banca Examinadora


MILENA RIBEIRO MARTINS
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)


ROBSON JOSÉ CUSTÓDIO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)


ALICE ATSUKO MATSUDA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)


MARIA SERENA FELICI
Avaliador Externo (UNIVERSITÀ DEGLI STUDI INTERNAZIONALI DI ROMA)

Ao Tobias e ao Borges

Ao Viniço

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço à Educação Pública brasileira. Toda a minha formação, até esse momento, advém de instituições públicas de ensino, desde meu pré-escolar, até o Doutorado. Sempre tive o privilégio de receber educação de qualidade e tive a felicidade de encontrar alguns dos melhores professores que a mesma Educação Pública já produziu.

Agradeço enormemente meu orientador, Antonio Augusto Nery, que sempre foi absolutamente otimista, humano e generoso na partilha do saber, que sempre teve abertura e empatia para compreender os contextos complexos de seus orientandos, respeitando nossas necessidades e ajudando em nossos surtos.

Agradeço às professoras Lúcia Peixoto Cherem, Maria da Conceição Coelho, Milena Martins e Renata Telles, por terem me acompanhado durante minha caminhada em Letras, mas principalmente pela absoluta generosidade em compartilhar o conhecimento, ensinando pelo exemplo o que ser uma verdadeira educadora significa. Agradeço à professora Alice Atsuko Matsuda, que compôs minha banca de qualificação e que eu gostaria de ter conhecido antes e frequentado suas aulas. Sou absolutamente grata por terem feito parte da minha formação acadêmica, humana e docente.

Agradeço também aos meus professores do Ensino Básico, lá em Campo Largo, que foram responsáveis pela minha primeira formação. Agradeço especialmente aos professores Bernardete Delzotti Cequinel, Sueli Terezinha Ferreira, Ema Bini, Elaine Ferreira Machado, Erick José Leite, Lindamir Maria Ivanoski, Eliana Lopes e Irmã Angelina Kachak, que me marcaram profundamente pela forma com que exerciam a docência, com respeito, amor e resiliência. Além de gratidão, eu sinto uma profunda reverência por vocês.

Agradeço à Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior, CAPES. Embora não tenha sido bolsista durante o doutorado, reconheço a importância e necessidade do fomento à pesquisa e à produção de conhecimento enquanto política pública e sei que o apoio financeiro é essencial para que nossos pesquisadores possam se dedicar à produção científica. Eu trabalhei em regime CLT durante meus anos de doutorado e sei que, graças a essa necessidade, muito do que eu gostaria de ter feito foi deixado para depois e nunca realizado. Para que a Ciência

brasileira prospere como deveria, nós precisamos que nossos pesquisadores possam desenvolver seus estudos sem se preocupar com a subsistência.

Agradeço aos profissionais de saúde mental Liezer Leandro Cardoso e Polyana Lemes, que me acompanham há anos e que me oferecem, sempre, todo o suporte de forma humana, respeitosa e acolhedora.

Agradeço aos meus pais, Darci e Marinês Legroski, pelo apoio incondicional e por acreditarem em mim mais do que eu mesma acredito.

Agradeço às minhas grandes amigas Silvia Mara Guarezi e Fernanda Carretta, que estão ao meu lado há mais de 20 anos e que me dão suporte e amor incondicional. Vocês são família.

Agradeço aos meus colegas, companheiros, mestres e grandes amigos, Ana de Almeida Tezza e Fabiano Pinkner Rodrigues. Ter tido a oportunidade de trabalhar com vocês foi uma das melhores experiências profissionais que eu já tive. Vocês me ensinaram com generosidade e cumplicidade. Todo mundo deveria ter vocês como professores e guias.

Agradeço ao Vinícius Lima Figueiredo, meu amor, meu companheiro, meu interlocutor, meu colaborador, meu igual. Você me ajudou a passar por uma licenciatura, um mestrado, três pós *stricto* e, agora, pelo doutorado. Sem você ao meu lado, a caminhada teria sido muito mais difícil e solitária. Obrigada por investir em mim e apoiar minha carreira. Eu amo você.

« *Nous naissons au monde en la plus grande misère qui se puisse imaginer, car non seulement en notre naissance, mais encore en notre enfance, nous sommes des bêtes privées de raison, de discours et de jugement* »
(São Francisco de Sales, *Sermon pour le jour de la nativité de Notre-Dame*, século XVII)

“A longo prazo, a punição, ao contrário do reforço, funciona com desvantagem tanto para o organismo punido quanto para a agência punidora”
(Burrhus Frederic Skinner, em seu livro *Ciência e comportamento humano*)

“Não acho que quem ganhar ou quem perder, nem quem ganhar nem perder, vai ganhar ou perder. Vai todo mundo perder.”
(Presidenta Dilma Rousseff, em um contexto bem diferente, mas, ainda assim, com razão)

RESUMO

A infância atua como um importante elemento estruturante que aproxima as narrativas *L'arrache cœur* (1953), de Boris Vian (1920 – 1959), *Campo geral* (1964), de João Guimarães Rosa (1908 – 1967), e *o nosso reino* (2007), de Valter Hugo Mãe (1971-), mas, para além disso, essas narrativas apresentam, cada uma a sua maneira, relações intrincadas de poder que surgem no seio das famílias representadas. O poder, nos três casos, fundamenta-se sobre uma figura de autoridade (avós, pais, mãe) que exerce controle e dominação, na maior parte das vezes, de forma arbitrária, cruel, violenta e apoiada em fundamentos religiosos. Criados em famílias disfuncionais e autoritárias, os personagens benjamim (*o nosso reino*), Miguilim (*Campo geral*) e Joël, Noël e Citroën (*L'arrache cœur*) vivem suas infâncias exercendo pequenos atos de contracontrole, que compõem suas construções identitárias. Objetivamos, neste trabalho, analisar de que forma o poder autoritário, a família e a religião são capazes de impactar e impulsionar o desenvolvimento desses personagens infantis, propondo uma leitura comparativa entre as três obras. Para tanto, iremos tratar de isolamento, poder e controle, família e autoridade, manutenção de poder por intermédio da religião, personalização e negociação de crenças religiosas, utilitarismo da fé e, por fim, do fenômeno da formação identitária, a partir do pensamento de Giddens (2001), Durkheim (1912), Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2014; 2015), Patrick Chareaudeau (2009a; 2009b), Skinner (1974), Murray Sidman (2009) e de Foucault (1979; 2014; 2021). A hipótese desenvolvida no presente trabalho é que, nas três narrativas e no conjunto dos personagens infantis, a forma com que o exercício arbitrário e subjugador do poder familiar, aliado e fortalecido por crenças religiosas ou não, porém manifestado de forma violenta geram, invariavelmente, tentativas de resistência e, portanto, de contracontrole, o que impulsiona o processo de construção identitária destas crianças ficcionais. Pretende-se, assim, contribuir com novas leituras críticas de obras em perspectiva comparada, com o propósito de ampliar as possibilidades de análise e interpretação de textos considerados fundamentais, devido às suas temáticas abordadas.

Palavras-chave: 1. Família. 2. Identidade 3. Controle e contracontrole 4. Poder 5. Autoritarismo.

ABSTRACT

Childhood acts as an important structuring element that brings together the narratives *L'arrache cœur* (1953), by Boris Vian (1920-1959), *Campo geral* (1964), by João Guimarães Rosa (1908-1967), and *o nosso reino* (2007), by Valter Hugo Mãe (1971-). Moreover, these narratives each present, in their own way, intricate power relations that arise within the families represented. In all three cases, power is based on a figure of authority (grandparents, parents, mother) who exerts control and domination, often in an arbitrary, cruel, violent, and religiously grounded manner. Raised in dysfunctional and authoritarian families, the characters Benjamin (*o nosso reino*), Miguilim (*Campo geral*), and Joël, Noël, and Citroën (*L'arrache cœur*) live their childhoods by exercising small acts of counter-control that contribute to their identity constructions. The objective of this work is to analyze how authoritarian power, family, and religion are able to impact and propel the development of these child characters, proposing a comparative reading between the three works. To do so, we will address isolation, power and control, family and authority, maintenance of power through religion, personalization and negotiation of religious beliefs, utilitarianism of faith, and finally, the phenomenon of identity formation, drawing on the thought of Giddens (2001), Durkheim (1912), Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2014; 2015), Patrick Chareaudeau (2009a; 2009b), Skinner (1974), Murray Sidman (2009), and Foucault (1979; 2014; 2021). The hypothesis developed in this work is that, in the three narratives and in the group of child characters, the arbitrary and subjugating exercise of family power, whether strengthened by religious beliefs or not but manifested in a violent manner, invariably generates attempts at resistance and therefore counter-control, which drives the process of identity construction of these fictional children. The aim is to contribute to new critical readings of works from a comparative perspective, with the purpose of expanding the possibilities of analysis and interpretation of texts considered fundamental due to their themes.

Keywords: 1. Family. 2. Identity. 3. Control and counter-control. 4. Power. 5. Authoritarianism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 L'ARRACHE CŒUR	19
1.2 CAMPO GERAL.....	24
1.3 O NOSSO REINO	28
2 HISTÓRIAS DE ISOLAMENTOS E CONTROLE	33
2.1 NO CORAÇÃO DE MINAS GERAIS, UMA FAMÍLIA SUBEXISTE	34
2.2 “ORGULHOSAMENTE SÓS”	39
2.3 O ISOLAMENTO PROFUNDO DO SER, OU QUANDO O DINHEIRO NÃO ESTÁ EM QUESTÃO	48
2.4 PODER, COERÇÃO E CONTROLE	57
2.4.1 Em meio ao controle, narradores aliados	81
3 A FAMÍLIA ENQUANTO TRAVA MORAL	87
3.1 UMA FAMÍLIA UNIDA PELO ISOLAMENTO.....	88
3.2 A AUTORIDADE PATERNA.....	97
3.3 CLÉMENTINE, UM TÓPICO À PARTE	123
3.4 A MORAL FAMILIAR	137
4 TRÊS FACES DE DEUS: O DEUS COERCITIVO, O DEUS PESSOAL E O LUXO DE UM DEUS	147
4.1 A FÉ COERCITIVA DAS AVÓS	147
4.2 CRENÇAS NEGOCIADAS	155
4.3 DEUS É UM LUXO	167
5 UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE	177
5.1 O MENINO MAIS TRISTE DO MUNDO	180
5.2 O MUNDO DE MIGUILIM E O OLHAR DO E PARA O OUTRO.....	193
5.3 AVES EM UMA GAIOLA.....	203
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
REFERÊNCIAS	253

1 INTRODUÇÃO

A representação de personagens infantis construindo a si mesmos em meio a ambientes e situações opressoras é um tema incontornável nas obras *L'arrache cœur* (1953), de Boris Vian (1920 – 1959), *Campo geral* (1964), de João Guimarães Rosa (1908-1967), e *o nosso reino* (2007), de Valter Hugo Mãe (1971 –). Embora cada um desses textos ficcionais tenha sido desenvolvido em espaços, tempos e contextos relativamente distantes e, conseqüentemente, distintos, todos eles narram experiências de vida profundamente marcantes e desestruturantes pelas quais os personagens crianças passam e que, por isso, trazem à tona processos de formulação e reformulação identitárias.

Podemos perceber essa relação dentro das narrativas cotejadas, uma vez que as crianças presentes nelas, ao receberem estímulos sociais, respondem através de modificações e adaptações em suas individualidades. Especificamente, benjamim¹ (*o nosso reino*) responde à comunidade extremamente católica, que o percebe como um santo, de acordo com o que era esperado dele, intercedendo e sofrendo o peso de sua santidade; Miguilim (*Campo geral*) toma consciência da arbitrariedade do poder paterno e busca compreender o seu papel na sociedade familiar; por outro lado, Joël, Noël e Citroën (*L'arrache cœur*), a partir do contato exasperante com sua mãe e da negação sistemática de suas liberdades individuais, reagem de modo oposto ao esperado pela progenitora: eles resistem, tratando-a com crueldade e buscando meios de gozar a liberdade, para além da casa e do jugo maternos. Se a mulher os percebia como frágeis e vulneráveis, quase como se fossem “quebráveis”, é a partir da oposição à visão materna que os garotos começam a se constituir enquanto seres independentes.

Dessa forma, unidas não apenas pela toada da infância, essas crianças apresentam uma trajetória relevante de construção de suas noções sobre si próprias, em oposição e tensão com o ambiente polivalente em que cada uma delas está inserida (consideramos, aqui, sobretudo questões históricas, políticas, sociais,

1 Respeitando o projeto estético do autor, uma constante na quadrilogia das minúsculas, na qual se insere esse livro, mantenho a grafia em minúsculas ao citar os personagens ou passagens do texto. Ver mais na entrevista cedida pelo autor ao Portal da Literatura (12/10/2007), disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=16>>. Acesso em: 16/07/2019.

familiares, afetivas e identitárias). Buscamos, portanto, com o estudo desses personagens algo similares, mas profundamente diferentes, compreender a forma com que a formação identitária da criança dentro dessas narrativas literárias é proposta e de que forma ela é constituída enquanto cerne da problemática desenvolvida nos enredos, apresentando, assim, uma nova proposta de leitura dessas obras em conjunto.

benjamim, menino de oito anos, protagonista e narrador de *o nosso reino*, habita uma pequena vila portuguesa de pescadores durante o regime salazarista, passando, inclusive, pela Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974). Nesse lugar, o menino convive com a onipresença da fome, da miséria e da mortalidade que vai, aos poucos, minando a fortuna de sua família e que, juntamente com o contexto sociocultural extremamente religioso, força o início de uma profunda mudança identitária em sua vida.

Nesse ambiente, em que o catolicismo aparece como elemento estabilizador de humores e de esperança dos habitantes, o menino negocia e reformula a religião dentro de sua crença pessoal. Todavia, sua concepção vai se deformando aos poucos, sobretudo quando ele passa a concentrar-se na figura de carga sobrenatural do “homem mais triste do mundo”, uma espécie de ermitão, cuja presença é misteriosa e agourenta. Como forma de se desvencilhar da pressão autoimposta de salvar, pela via do altruísmo, o seu entorno, o menino tenta se suicidar. Essa tentativa, porém, ao ser frustrada, alça benjamim ao patamar de santo. Consequentemente, a nova relação entre o menino e sua comunidade, misto de altruísmo e opressão, faz com que pese sobre ele a cobrança de que sua santidade seja afirmada através da realização de milagres, para salvar a vila do desaparecimento sistemático de seus habitantes, seja por falecimento, seja por êxodo.

Por fim, a total perda de referenciais de si mesmo e de sua suposta missão no mundo faz com que benjamim, a exemplo do ermitão marginalizado, adote a identidade de rapaz mais triste do mundo, passando pelo mesmo processo de animalização, depressão e isolamento social. Sendo assim, parece coerente perceber essa narrativa como uma forma metafórica elaborada para explicar e entender um momento de penúria e de mortes sequenciais, devido à fome e a doenças resultantes do conturbado momento político de Portugal. De certa forma, através da evasão para a mística da santidade, o personagem se resigna a sofrer a perda da família, da comunidade, dos bens materiais e, por fim, dele mesmo.

Miguilim, de *Campo geral*, é um menino muito parecido com benjamim: de origem pobre, sua família vive isolada em uma região erma, no Mutúm², sertão de Minas Gerais, possivelmente na década de 50, experienciando carências múltiplas, pois, ali, o governo, a saúde, a educação formal, a religião católica canônica não chegam. Por isso, sua família e agregados se organizam como podem, em uma microestrutura social coesa e com regras próprias. Nesse sentido, Nhô Berno, o pai de Miguilim, assume o poder central e total sobre os outros, sendo responsável pelo provimento da família e, por isso, também usufrui do poder soberano sobre todos. O personagem garante a manutenção de seu poder através de violência física e psicológica, sendo amparado diretamente pelo poder religioso exercido pela vó Izidra, liderança espiritual da casa e a quem todos temem.

Miguilim cresce, então, em um ambiente dominado por adultos que agem de forma arbitrária e regem a família de forma absoluta, através do temor – seja da violência, seja da punição divina. Dessa forma, o menino precisa criar estratégias de sobrevivência para conseguir conviver, em meio a tensões, com os seus, enquanto tenta compreender quem é. Para isso, conta, diretamente, com o olhar de seu irmão, Dito, que, embora mais novo, revela profunda sabedoria e capacidade de transitar entre os universos dos adultos e das crianças.

Também afetados por opressão externa em sua construção identitária, embora seja de outra ordem, os trigêmeos Noël, Joël e Citroën, do romance *L'arrache cœur*, nascem em uma vila campesina francesa e, por desejo e imposição de sua mãe, Clémentine, crescem e se desenvolvem mais rapidamente do que qualquer outra criança. Sob a proteção excessiva e dominadora dessa mãe, que opta por excluir

2 Para esse estudo, utilizamos a 12ª edição do volume *Manuelzão e Miguilim*, publicado pela editora Ática em 2016. De acordo com a nota editorial: “Quanto a outras grafias em desacordo com o formulário ortográfico vigente, manteve-se, nesta edição, aquela que o autor deixou registrada na edição-base. Utilizamos ainda outras edições tanto para corrigir variações indevidas como para insistir em outras. Essas grafias em desuso podem parecer simplesmente uma questão de atualização ortográfica, mas, se essa atualização já era exigida pela norma quando da publicação dos livros e de suas várias edições durante a vida do autor, partimos do princípio de que elas são provavelmente intencionais e devem, portanto, ser mantidas. Para justificar essa decisão, lembramos aos leitores que as antigas edições da obra de Guimarães Rosa apresentavam uma nota alertando justamente para a grafia personalíssima do autor e que algumas histórias registram a sua teimosia em acentuar determinadas palavras. Além disso, mais de uma vez em sua correspondência, ele observou que os detalhes aparentemente sem importância são fundamentais para o efeito que se quer obter das palavras.” (ROSA, 2016, p. 10). Tendo em vista o respeito ao projeto estilístico do autor, mantemos os desvios propositais da norma. Porém, tendo em vista o escopo e cronograma da pesquisa, não entraremos na questão linguística de Rosa, o que poderá ser feito em futuras pesquisas.

totalmente o pai do processo de criação, as crianças parecem também pouco estimuladas a se desenvolverem individualmente, o que é marcado, inclusive, discursivamente na narrativa.

Todavia, a mãe parece negar (ou ignorar) que as crianças se desenvolvem além de fisicamente e cognitivamente, também em personalidade e individualidade. Aos poucos, elas vão se tornando mais independentes do poder materno e, como resposta, Clémentine torna-se cada vez mais superprotetora e cerceadora da liberdade dos meninos. Paralelamente a isso, o mesmo processo identitário que molda os trigêmeos, (primeiramente, Citroën diferente dos outros – com seu olhar melancólico e sua postura sempre desafiadora da autoridade materna – e, depois, Noël, mais conciso, e Joël, mais manipulador), torna Clémentine uma sombra dela mesma (fenômeno marcado por um crescente de autonegligência física, mental, estética e salutar), cada vez mais histérica e controladora.

Se ela opta por destruir o jardim e edificar altos muros ao redor da casa, como forma de proteger os meninos de acidentes e machucados, ela opta também por destruir a si mesma, anulando-se de sua identidade anterior para tornar-se sua idealização distorcida de mãe: alguém que vive apenas em função dos filhos – os exageros aqui vão desde ela passar a comer os restos apodrecidos de comida rejeitada pelas crianças, até lambê-las como forma de higienizá-las.

Em oposição a essa força opressora externa, os trigêmeos buscam no próprio meio externo natural, o qual vai sendo descaracterizado aos poucos pela mãe, alternativas de fuga e liberdade, como as surreais lesmas azuis que, fabulosamente, possibilitam o voo. No entanto, a situação atinge seu paroxismo quando, sem ao menos saber disso, Clémentine manda construir gaiolas para abrigar as crianças, com o intuito de protegê-las do mundo. A elegante metáfora do cerceamento materno e da negação do crescimento e liberdade identitária dos filhos guia ao encarceramento literal das crianças e triunfo da opressão gerada por aquilo que Clémentine entende ser a maternidade.

Se, em *L'arrache cœur* e em *Campo geral*, o meio sociopolítico da época não aparece como item declaradamente principal da narrativa e, nos dois casos, pode ser apenas inferido, ainda temos a opressão gerada por elementos externos ao núcleo familiar das crianças, como forma de cerceamento e tentativa de controle, sobretudo no que diz respeito ao processo identitário. Nas três narrativas, essa relação de controle acaba sendo de mão dupla, uma vez que há o duelo de forças e vontades

entre os personagens, tendo em vista que atitudes de coerção, advindas da demonstração de poder, geram respostas de contracontrole, que agem diretamente na construção identitária dos personagens infantis.

No caso de *L'arrache cœur*, especificamente, essa tensão acaba atingindo não apenas as crianças, mas também a mãe, no que diz respeito às suas identidades, fazendo com que nenhum deles termine a narrativa de uma forma plena ou livre. Esse embate de forças pode ser visto também como uma forma de (re)modelar a identidade em conjunto de forma responsiva, sendo que todas as partes dessa relação se modificam através da reação causada pelas ações do outro

De maneira bastante poética, os três livros apresentam uma atmosfera que explora o absurdo das situações vividas pelos meninos, evidenciando, assim, a tensão quase insustentável da busca constante por uma reafirmação de si mesmos e pela angústia de não encontrarem um lugar no mundo em que vivem, o qual se mostra coercitivo, controlador e arbitrário. Se em *L'arrache cœur* e *o nosso reino*, há a naturalização de elementos fantásticos escritos de forma alegórica, em *Campo geral*, o lirismo se dá através dos elementos e eventos cotidianos.

A escolha pelo *corpus* de análise justifica-se para além da centralidade em personagens infantis, cujos processos identitários estão em plena construção, mas, sobretudo por seus pontos de convergência e divergência no que diz respeito à forma com que o exercício de poder, opressão e coerção se dá por meio das estruturas familiares. Enquanto as narrativas de Rosa e Mãe se aproximam pela idade dos protagonistas, por seus contextos de pobreza, de cerceamento via religião, e pelo autoritarismo e violência da figura paterna, o texto de Vian age como um contraponto poderoso, uma vez que, ao deslocar o foco da coerção para a figura materna, chama a atenção para como a opressão familiar é exercitada por aqueles que, de alguma forma, exercem poder sobre as crianças.

Tendo observado tais semelhanças, parece-nos de extrema importância e relevância apontar para os processos identitários que ocorrem com os personagens infantis ao serem posicionados frente a pressões externas – políticas ou sociais – em narrativas não tão distantes temporalmente, porém de origens geográficas diversas. Além disso, também analisaremos de que forma o personagem infantil nessa literatura adulta é desenvolvido e problematizado, e como seu processo de construção identitária revela a complexidade da infância e de sua representação na literatura.

Portanto, a hipótese norteadora desta pesquisa é que o processo de construção identitária dos personagens infantis nas obras cotejadas é produto direto da opressão familiar e afetiva sob as quais as crianças estão expostas, por meio do exercício arbitrário e violento da autoridade paterna/materna, em interação direta com seus respectivos contextos, e com as relações de poder advindas dessas famílias, apoiadas por poderes de cunho religioso e, ainda, reforçadas pelos isolamentos múltiplos que as rodeiam. Pretendemos, assim, contribuir com novas leituras críticas das obras, em perspectiva comparada, buscando propiciar mais possibilidades de análise e de interpretação³ para textos que julgamos serem de fundamental leitura e compreensão, dadas as temáticas que abordam.

Para isso, dividimos a análise em quatro partes, orientadas, cada uma, por um tema central. No primeiro capítulo, discutimos a respeito do isolamento plural que permeia as narrativas, olhando para as especificidades de cada família. Nesse capítulo, também discutimos a questão do poder, com apoio na teoria de Michel Foucault (1979; 2014; 2021), para compreendermos como esse poder exercido pelos chefes das casas se reflete em ações de controle de seus familiares. Em reação a esse controle absolutista, também investigaremos de que forma os personagens infantis analisados reagem com ações de contracontrole. Nesse ponto, apoiamo-nos nas proposições de Skinner (1974) e de Murray Sidman (2009). Finalizando essa

3 Em nossa pesquisa, encontramos teses e dissertações que tratam dos textos aqui cotejados, de forma isolada, que jogam luz sobre temas relevantes à nossa discussão, mesmo que os tangenciando. Embora tenhamos encontrado poucos estudos específicos sobre *L'arrache cœur* (LÉVESQUE, 1987; BEŠŤÁKOVÁ, 2011), é relevante considerar os diversos estudos sobre o fantástico e sobre a fantasia dentro da obra romanesca de Vian, sobretudo no que diz respeito ao absurdo, e às construções linguísticas enquanto vetor de expressão e enquanto forma da expressão poética idiossincrática do autor (HARROCH, 2009; LI, 1996; PRADÈRE-ASCIONE, 2015; PAJONA, 2019). Também pontuamos a abordagem de aspectos psicanalíticos e psicossomáticos dentro do romance vianesco, como tentativa de compreensão da tensão entre ordem e desordem (CHENUIL-COLSY; 1998).

Normalmente considerando a tetralogia das idades (o nosso reino, o remorso de batazar serapião, o apocalipse dos trabalhadores e a máquina de fazer espanhóis), ou uma série de romances portugueses contemporâneos como corpus, existem estudos que tematizam a infância em Valter Hugo Mãe (FORLI, 2021), a coletividade e comunidade enquanto forma de resistência e sobrevivência em regimes de exceção e em contextos hostis (FIGUEIREDO, 2020) e a alteridade através da representação de personagens marginalizados (TEOTÔNIO, 2018).

Os estudos especificamente sobre Campo geral são mais frequentes. Entre estes, pontuamos a análise de aspectos relativos à figuração da infância em Guimarães Rosa, sobretudo no que diz respeito à construção identitária dos personagens infantis, chamando a atenção para a questão da memória e à manifestação da poética roseana dentro do discurso desses personagens (NOGUEIRA, 2004; OLIVEIRA FILHO, 2014; CALQUI, 2016; NOGUEIRA, 2007; LEITE, 2019; SIRINO, 2010; FERRAZ, 2010; TOTOLI, 2007). Há também o enfoque nas estruturas de poder como forma de explicar do mundo e de suas dinâmicas sociais, a saber patriarcalismo, religião e violência (AGUIAR, 2019).

primeira parte, faremos um breve estudo a respeito do narrador nesses textos, pois cada um deles apresenta-se de forma diferente em relação à pessoa do discurso, porém em todos é possível distinguir formas de parcialidade. Em *Campo geral*, o narrador em terceira-pessoa parece se manifestar de forma parcial e aliada ao protagonista Miguilim, inclusive apresentando os seus pensamentos. Em *o nosso reino*, o narrador é o próprio benjamim, que conta sua história depois de já ter virado o menino mais triste do mundo, oferecendo, assim, uma visão própria e afastada no tempo dos acontecimentos. Por sua vez, *L'arrache cœur*, embora sugira ser escrito em forma de diário, conta a história sob a perspectiva de um narrador em terceira pessoa que é onisciente e onipresente, mas só se importa, realmente, com poucos personagens, como com Clémentine, por exemplo, a quem dá espaço e lastro e em cujos pensamentos mergulha. Quanto às crianças, elas simplesmente não captam muito a atenção desse narrador. A ideia de observar os narradores é investigar de que forma suas parcialidades colaboram, ou não, para a denúncia do autoritarismo e controle exercido sobre os meninos.

No segundo capítulo, analisaremos mais profundamente a questão da família, sua construção e concepção, dentro das narrativas analisadas, na tentativa de compreender como o poder é exercido pelos pais e avós de benjamim e Miguilim e pela mãe de Joël, Noël e Citroën. Para isso, buscaremos pontos de convergência e divergência no comportamento e ações desses chefes de família, cotejando a compreensão das formas de uso do poder paterno e materno, sobretudo na questão da punição. Também nesse capítulo, analisaremos a estrutura e as relações interfamiliares apresentadas em cada narrativa, cotejando com as constituições familiares explicadas por Anthony Giddens (2001). Nesse ponto, daremos atenção específica a *o nosso reino*, uma vez que a questão da família no Estado Novo salazarista é absolutamente intrincada com questões de moral e de controle do Estado. Tendo em vista que Clémentine é um personagem que, embora se aproxime muito do exercício de poder dos pais de benjamim e Miguilim, possui um espaço gigantesco na obra de origem e um desenvolvimento extremamente complexo, iremos analisá-la separadamente, sobretudo no que diz respeito ao seu processo de abandono de si mesma em prol da criação de uma identidade absoluta de mãe. Nesse sentido, buscamos em Durkheim (1912) apoio para compreender o martírio através da punição e privação que se autoimpõe.

No capítulo a seguir, abordamos a questão de Deus nas três narrativas e a forma com que os personagens se relacionam, ou não, com a divindade. Retornamos a Giddens (2001) e a Durkheim (1912) para compreender a religião nessas narrativas como um fenômeno social atrelado, diretamente, às necessidades de cada um desses contextos e dos personagens. Trabalhamos duas questões centrais em *Campo Geral e o nosso reino*: em primeiro lugar, o uso da fé e da religião, por parte das avós, como uma ferramenta de coerção e controle; e, em segundo lugar, o contracontrole exercido por benjamim e Miguilim, ao criarem uma relação com um Deus pessoal, ou seja, a concepção desses meninos de uma divindade que pode ser acessada sem intermédio de outrem e com quem se pode negociar, em um exercício customizado de fé.

L'arrache cœur, por sua vez, apresenta uma dinâmica religiosa muito diferente da dos outros textos: a família não tem conexão significativa com fé ou espiritualidade e as conversas de Jacquemort com o padre da aldeia revelam uma concepção de Deus como inutilitário, ou seja, Deus é um luxo e não uma entidade a quem se possa pedir intervenção objetiva em assuntos mezinhos. Notadamente, essa concepção é completamente oposta ao Deus personalizado de benjamim e Miguilim, pois os meninos negociam diretamente com as suas divindades para obterem resultados específicos e imediatos. Ainda na discussão sobre religião, retornamos ao autossacrifício de Clémentine, dando atenção para a forma com que o sacrifício que ela decide fazer tange o sacrifício religioso e, como tal, gera prazer como subproduto.

Por último, no quarto capítulo, nossa análise busca compreender como todos esses fatores explorados anteriormente convergem e colaboram o processo de construção identitária de cada uma das crianças em foco. Buscamos perceber, assim, de que formas o poder, sobretudo o exercício arbitrário do poder, a violência física e psicológica, a coerção através do uso da religião, as dinâmicas familiares disfuncionais, e a relação com o outro, impactam no desenvolvimento dessas personagens, sobretudo no que diz respeito à tomada de consciência de si e dos outros. Para isso, buscamos apoio no pensamento de Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2014; 2015) e Patrick Chareaudeau (2009a; 2009b).

A seguir, apresentamos em linhas gerais cada uma das narrativas que será analisada no presente trabalho.

1.1 L'ARRACHE CŒUR

L'arrache cœur, de Boris Vian, foi escrito em 1951, porém só foi publicado em 1953, por intermédio de um mecenas, nas edições Pro Francia-Vrille, após ter sido rejeitado pela editora Gallimard, no ano de sua finalização. Esse romance, o último escrito pelo autor, marca o seu maior fracasso editorial em vida, sendo que, até 1961, apenas 150 exemplares da obra haviam sido vendidos, segundo Gilbert Pestureau, em sua introdução a esse romance, presente na coletânea completa das obras de Vian, *Romans, nouvelles et oeuvres diverses*:

Il semble que est seul François Billetdoux ait parlé du roman après sa publication, avec faveur et en rapportant une conversation avec Vian qui disait avoir voulu faire une « anti-Bazin » — Hervé Bazin donc *Vipère au poing* avait paru avec succès en 1948. Seulement 150 exemplaires environ du roman avait été vendus en 1961, selon F. Caradec, à une époque où le livre était déjà soldé sur les quais. (PESTUREAU, 2013, p. 534-535)⁴

No entanto, esse fracasso converteu-se no maior sucesso póstumo do autor quando, em 1962, foi reeditado por Pauvert, tendo mais três outras reedições de grande sucesso. Pestureau explica o fracasso original justamente pela grande carga de referências, influências e exageros presentes na narrativa, em poucas palavras: “*L'arrache cœur* est un des romans les plus puissamment originaux de Vian, ce que lui fut néfaste à l'époque: il était trop”⁵ (PESTUREAU, 2013, p. 534). Talvez a sobrecarga simbólica, referencial e satírica do romance, tendo como epicentro o *non-sense* incômodo dos personagens, suas relações interpessoais, as situações representadas e até mesmo a linguagem, tenha afastado os leitores contemporâneos ao texto.

A esse respeito, é notável o fato de que entre o manuscrito original e a versão publicada houve a decisão editorial do autor em suprimir trechos em que as marcas da violência materna eram mais pronunciadas. De acordo com Pauvert (2013, p. 534):

Refusé par Gallimard en 1951 car le soutien de J. Lemarchand fit encore défaut à l'auteur, ce dernier roman fut publiée par le mécène qui dirigeait les

4 Parece que apenas François Billetdoux falou sobre o romance após sua publicação, como um favor e relatando uma conversa com Vian, que disse que queria fazer um “anti-Bazin” — Hervé Bazin de quem o livro *Vipère au poing* foi um sucesso em 1948. Apenas cerca de 150 exemplares do romance haviam sido vendidos em 1961, segundo F. Caradec, numa época em que o livro já estava sendo vendido com desconto, em sebos. (PESTUREAU, 2013, p. 534-535)

5 *L'arrache Coeur* é um dos romances mais originais de Vian, o que lhe foi nefasto na época: ele era demais. (PESTUREAU, 2013, p. 534. Tradução nossa)

éditions pro Francia-Vrille en janvier 1953, avec un avant-propos judicieux, chaleureux et prémonitoire de Quéneau qui avait défendu le manuscrit rue Sébastien-Boutin. La confrontation du manuscrit et du dactylographe avec l'original révèle que Vian a supprimé, sans doute sur épreuve, maints longs passages et épisodes qui exagéraient l'esclavage des enfants sur la domination et l'orgueil maternel implacable. L'état publié offre une vision plus subtile à la fois du triomphe secret de l'enfant et de la folie angoissée de la mère.⁶

De toda a forma, com supressão ou não de partes mais contundentes do domínio onipotente materno, a violência parece ser a toada mais forte do romance, como sugere Martine Lévesque, em sua tese de doutorado. A pesquisadora chama atenção para a universalidade da obra, no que diz respeito ao tratamento dessa temática:

L'arrache-coeur n'appartient pas qu'à l'imaginaire. Chaque élément est là pour donner naissance à une représentation, ironique et sarcastique certes, mais profondément réaliste de notre civilisation, voire de toutes les civilisations. Vian met en évidence ce qui nous échappe journalièrement parce que nous voulons l'ignorer. L'homme n'est pas d'une nature douce et pacifique; son caractère le pousse à se battre et à détruire. La civilisation ne parvient pas à maîtriser la violence humaine malgré tous les efforts qu'elle fait pour l'endiguer. L'avancement de la science et de la technologie, l'avènement de la raison, ne parviendront pas à annihiler la violence. Elle refait toujours surface, sauf qu'elle sera de plus en plus subtile et de plus en plus sophistiquée, parce qu'elle sera le fait d'un être plus civilisé. Seul un conditionnement fortement institué et institutionnalisé parviendra un tant soit peu à la restreindre. La violence intervient dans les attitudes les plus mondaines, et même dans les sentiments les plus grands. Elle agit sans que nous puissions soupçonner sa présence. Elle se manifeste de façon déguisée dans des comportements socialement acceptés. L'arrache-coeur caractérise ces types de comportements qui se sont implantés dans nos sociétés et qui drainent les efforts de la civilisation. (LÉVESQUE, 1987, p. 2-3)⁷

6 Rejeitado pela Gallimard em 1951, porque ainda faltava o apoio de J. Lemarchand, este último romance foi publicado pelo mecenas que dirigiu as edições pro Francia-Vrille em janeiro de 1953, com um prefácio judicioso, caloroso e premonitório de Quéneau, que havia defendido o manuscrito na rue Sébastien-Boutin. O cotejo entre o manuscrito e a versão datilografada com o original revela que Vian suprimiu, provavelmente durante as provas, passagens e episódios que exageravam a escravidão das crianças sob a dominação e o implacável orgulho materno. O estado publicado oferece uma visão mais útil do triunfo secreto da criança e da loucura angustiada da mãe. O texto publicado oferece uma visão mais sutil do triunfo secreto da criança e da loucura angustiada da mãe.

7 *L'arrache-coeur* não pertence apenas à imaginação. Cada elemento está ali para dar origem a uma representação, certamente irônica e sarcástica, mas profundamente realista de nossa civilização, na verdade de todas as civilizações. Vian destaca o que nos escapa diariamente porque queremos ignorá-lo. O homem não é de natureza gentil e pacífica; seu caráter o leva a lutar e a destruir. A civilização falha em controlar a violência humana, apesar de todos os esforços que faz para contê-la. O avanço da ciência e da tecnologia, o advento da razão, não conseguirão aniquilar a violência. Ela sempre ressurgirá, porém será cada vez mais sutil e cada vez mais sofisticada, porque será obra de um ser

De acordo com Lévesque, a obra fala a qualquer época, a qualquer pessoa dentro de qualquer sociedade, uma vez que as engrenagens da violência se fazem presente nas relações humanas. Na passagem supracitada, dois pontos específicos nos chamam a atenção: em primeiro lugar, quando Lévesque evidencia que, apesar dos avanços da ciência e da tecnologia, a violência perdura: de fato, em *L'arrache cœur*, um dos personagens centrais é um psicanalista que nada faz pelas crianças que estão nitidamente sofrendo com a opressão materna. Apesar de Jacquemort ter, supostamente, treinamento para entender dessas questões, ele simplesmente se isenta e, quando finalmente tenta intervir, é simplesmente desconsiderado por Clémentine.

O outro ponto está justamente na afirmação de que a violência se manifesta no cotidiano, inclusive nas boas intenções e nos bons sentimentos. As ações de Clémentine se pautam em, unicamente, desejar o melhor para seus filhos. Ela luta para que eles estejam em segurança, para que não sofram acidentes ou se machuquem – naturalmente, nisso também há o desejo egóico dela de não sofrer mais ou se atormentar com o medo que sente pelas crianças – e é justamente esse anseio que justificará o encarceramento gradual e total dos filhos.

Talvez, *L'arrache-cœur* fosse demais para a sociedade de sua época por sua inventividade linguística, pelo sistema de referências, pelo livre uso do absurdo, mas, há que se pontuar também, que a obra é provocadora e expõe situações socialmente incômodas, pois a universalidade da violência é evidenciada dentro da família, sendo exercida por uma mãe aparentemente repleta de boa vontade e boas intenções. A provocação do autor é notável e explícita. Pestureau (2013, p. 534), recupera a escrita de Viann, em um esboço abandonado: "Toute ressemblance avec des événements, des personnes ou des paysages réels est vivement souhaitée. Il n'y a pas de symboles et ce qui est raconté ici s'est effectivement passé"⁸.

mais civilizado. Só um condicionamento fortemente instituído e institucionalizado conseguirá limitá-la um pouco. A violência intervém nas atitudes mais mundanas, e até nas melhores dos sentimentos. Ela age sem que possamos suspeitar de sua presença. Manifesta-se de forma disfarçada em comportamentos socialmente aceitos. *L'arrache cœur* caracteriza esses tipos de comportamentos que se estabelecem em nossas sociedades e que esgotam os esforços da civilização. (LÉVESQUE, 1987, p. 2-3. Tradução nossa.)

⁸ Qualquer semelhança com eventos, pessoas ou cenários reais é fortemente desejada. Não há símbolos e o que é contado aqui realmente aconteceu (PESTEREAU, 2013, p.534)

Apesar do ar de blague, essa pequena anotação não abrange apenas os eventos e personagens fantásticos e absurdos, mas também, e principalmente, as situações, relacionamentos e personagens comezinhos e realistas, possibilitando a interpretação de que, assim como pontuou Lévesque, ao tratarmos do irreal e do exacerbado narrado por Vian estamos, certamente, lidando do nosso próprio mundo e sociedade. Vamos à narrativa.

A história se passa em um rincão do interior francês. Dentro de uma mansão ao lado de uma falésia, Clémentine dá a luz a três meninos: Noël e Joël, e, logo depois, Citroën. Esses três meninos, considerados dois gêmeos e mais um, têm um desenvolvimento bastante ímpar e, para o horror de sua mãe, buscam a liberdade. O pai, Angel, desde o período final da gravidez, encontra-se preso por sua esposa em um quarto e, após o nascimento dos filhos, acaba se afastando cada vez mais, a ponto de ir embora e abandonar a casa e a família.

Esse contexto familiar é acompanhado pela figura de Jacquemort, um psiquiatra e psicanalista, que está de passagem pelo campo e acaba ficando agregado a essa família. Embora ele seja o protagonista de *L'arrache cœur*, nosso ponto de interesse é a relação interfamiliar de Clémentine, Angel, Joël, Noël e Citroën, buscando compreender de que forma a mãe, cada vez mais autoritária e cerceadora, interfere no processo de construção identitária dos filhos e como esses meninos, sempre representados na fórmula 2+1, desenvolvem-se e procuram suas individualidades⁹. Pestureau observa que o nó fundamental do texto está justamente na tensão causada por um constante duelo de forças entre os personagens centrais:

En face d'un psychiatre trop vide qui offre une représentation satirique de la cure – de la psychanalyse comme accouplement à la prise de relais du bouc émissaire villageois – voici une mère trop riche de dévouement-domination et trois enfants dont les pouvoirs magiques s'affirment tandis que le père est rejeté vers le large, l'inconnu¹⁰. (PESTUREAU, 2013. p. 535).

9 Tendo em vista o escopo e o cronograma da presente pesquisa, não iremos nos aprofundar em questões psicanalíticas. Sinalizamos, portanto, a abertura para pesquisas futuras tematizando Jacquemort e seu exercício absolutamente questionável e falho da psicanálise e da psiquiatria.

10 “Frente a um psiquiatra excessivamente vazio, que oferece uma representação satírica da cura – da psicanálise como cópula assumindo a função de bode expiatório aldeão – encontra-se uma mãe abastada em devoção-dominação e três filhos cujos poderes mágicos se consolidam enquanto o pai é expulso para longe, para o desconhecido” (PESTUREAU, 2013. p. 535. Tradução nossa).

Para a análise de *L'arrache cœur*, há que se abordar, portanto, o exagero, presente também na forma com que os trigêmeos de Clémentine crescem e se desenvolvem à revelia dos desejos e do controle de sua mãe. Notadamente, a relação que há entre a mãe e os filhos é um jogo no qual ela lança mão de estratégias cada vez mais elaboradas e grandiosas de controle, enquanto as crianças reagem e buscam burlar esse controle, com atitudes claras de contracontrole, na tentativa de libertação do jugo materno. E é em meio a esse jogo de poder que a personalidade de cada um dos trigêmeos começa a se desenvolver e a se distinguir dos outros. Nesse contexto, a figura de Citroën, a criança mais diferente entre os trigêmeos, destaca-se, desde o início, com sua constante rebeldia e negação a reconhecer o poder de sua mãe.

Diferentemente das narrativas de Rosa e Mãe, a constituição identitária das crianças de *L'arrache cœur* parece ser fundamentada essencialmente nas reações contra o “amor materno”¹¹ terrivelmente deturpado e sufocante, de forma que investigaremos de que forma o exercício do contracontrole, por parte dessas crianças, é fator constituinte de suas identidades. Além disso, é necessário considerar a forma com que Clémentine, gradualmente, abandona sua identidade própria, assumindo a identidade de “mãe”, ou daquilo que ela julga ser a identidade de uma mãe, levando-a, cada vez mais, em direção a um apagamento de sua personalidade e de suas necessidades individuais, para assumir o papel de mãe que, por fim, se mostra monstruoso.

1.2 CAMPO GERAL

Publicado pela primeira vez em 1956, *Campo Geral* apresenta o sertão mineiro ficcional do Mutúm, lugar permeado pela pobreza e pelo isolamento emocional e

¹¹ Na presente análise, tomamos como referência os estudos de Elisabeth Badinter (1985) a respeito do mito do amor materno, considerando a hipótese da pesquisadora de que este sentimento não é inato nas mulheres, mas desenvolvido ao longo do tempo e convivência. Nosso enfoque não é pensar em experiências afetivas individuais, mas no “amor materno” enquanto uma construção social que estabelece padrões aceitáveis de comportamentos maternos, servindo à sociedade, mas prejudicando o indivíduo, como propõe Badinter (1985).

geográfico de seus personagens¹². *Campo geral* foi inicialmente publicada em dois volumes, dentro da compilação de novelas *Corpo de Baile* (1956), pela Livraria José Olympio Editora. Além de *Campo Geral*, compunham o volume, *Uma história de amor*, *O recado do morro*, *Cara-de-bronze* e *A história de Lélío e Lina, Dão-Lalalão (o devente)* e *Buriti*.

Posteriormente, para a segunda edição, as novelas foram reunidas em um único volume. No entanto, a partir de sua terceira edição, Guimarães Rosa decidiu dividi-las em três volumes com uma nova disposição dos textos. Atualmente, *Campo Geral* encontra-se junto a *Uma história de amor*, no volume intitulado *Manuelzão e Miguilim*. Para essa análise, consideramos o texto a partir de sua terceira edição, de 1964, após a qual houve apenas modificações relativas a reformas ortográficas e não mais no corpo texto ou organização das histórias, devido ao falecimento do autor, em 1967.

Talvez a grande questão em torno de *Campo Geral* gire em torno do “onde” e não do “quando”, tanto que as marcas temporais são pouco numerosas, enquanto o trabalho de representação do ambiente é constante. Em relação à temporalidade, a narrativa é ainda mais evasiva. Raros são os momentos em que a materialidade linguística do texto permite uma ancoragem temporal do texto, o que reforça ainda mais a construção do isolamento massivo daquela família naquele espaço geográfico. Em determinado momento, um dos personagens que tem mobilidade sobre o espaço, visto sua profissão ‘ambulante’, Seu Deogracias, faz uma referência possível à Crise do Sal¹³, o que pode ajudar a localizar historicamente o presente da narrativa entre as décadas de 40 e 60:

12 A respeito da espacialidade em *Campo Geral*, indicamos a tese de Fabrício César de Aguiar (2018), em que o pesquisador chama a atenção para a forma como que os deslocamentos espaciais de Miguilim coincidem, significativamente, com momentos-chave do desenvolvimento do menino.

13 A respeito da crise do sal, o jornal *O observatório* reportou, em setembro de 1943: “Conforme já foi minuciosamente noticiado pela imprensa do Rio de Janeiro, o govêrno de São Paulo acaba de encaminhar ao Instituto do Sal um pedido de autorização de importação de 100 mil toneladas de sal da Espanha. Ainda segundo o informe que colhemos na imprensa, o Instituto não somente concedeu a autorização pedida como se interessou na compra das sobras que porventura venham a existir. Completa ainda o minúsculo noticiário a informação de que o sal da Espanha ficará em Santos a cerca de 20 dólares por tonelada e, como está isento de direitos, o seu preço de custo será para o importador de cerca de Cr\$ 0,25 por quilo, ou metade do que custa o produto nacional! Até aí o noticiário. Vejamos agora os raciocínios que isto nos sugere./ A crise do sal, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, data, ao que nos parece, do começo do ano; outras crises da mesma idade e aparentemente mais difíceis foram resolvidas, outras tantas teem surgido com explicações e legendas mais ou menos aceitáveis. A do sal, porém, confessamos, é que ainda sobreexiste e cada vez mais revitalizada. O Brasil é um grande

Seu Deogracias “dizia que estava escrevendo carta para o Presidente, já tinha escrito outra vez, por conta de tropeiros do Urucúia-a-fora não terem auxiliado de abrir a tutameia de um saquinho de sal, nem de vender para os dali, quando sal nenhum para se pôr em comida da gente não se achava” (ROSA, p. 47)

Portanto, a ausência de marcadores da temporalidade da narrativa parece sugerir um presente da narrativa coincidente com seu contexto de produção, mas que, mais que isso, demonstra e reforça a ideia de isolamento e de impacto difuso do mundo exterior nos habitantes do Mutúm. A família de Miguilim orbita ao redor de sua casa, sendo poucas as vezes que algum dos seus tem a oportunidade de ultrapassar seus limites. Tio Terêz, ao sair fugido dali, quebra essas fronteiras, mas se ausenta da narrativa a partir daí.

Já, quanto ao espaço, a narrativa é preñe de descrições minuciosas e plurais, a começar pela questão do sertão. Larissa Walter Tavares de Aguiar, em sua tese, explica que a noção de sertão, na literatura e cultura brasileiras, tem muito mais a ver com uma construção social, devido a um posicionamento geográfico, do que com questões de clima e vegetação. De acordo com a pesquisadora:

Nota-se, então, que o aspecto que se sobressai com relação ao que é designado “sertão” é a distância geográfica do mar e, principalmente, seu caráter não urbano e, como coloca Bolle “civilizado”, sendo esse “civilizado” sinônimo de um lugar que aderiu plenamente aos padrões europeus de civilização, em verdade. Assim, essa visão mais antropológica do que geográfica é a que vai ser mais usada na designação do termo em questão. Devido a isso, paisagens como as descritas em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, *Grande Sertão: Veredas e Campo geral*, de João Guimarães Rosa podem ser chamadas de sertão mesmo apresentando biomas diferentes. (AGUIAR, 2019, p. 32)

De forma que, segundo os estudos de Aguiar (2019), o sertão de Rosa é compreendido pelo espaço de terra distante do mar e, por conseguinte, das metrópoles consideradas civilizadas pela sua aderência aos padrões europeus colonizatórios, ao mesmo tempo em que apresentam menor índice de ocupação humana. Podemos inferir, portanto, que o sertão é o ambiente longínquo e afastado

produtor de sal, em proporções de se bastar e de haver sobras como vimos muitas vezes, à margem de estações de embarque ou depositadas ao ar livre, ao pé das salinas, pilhas de sacos ou do produto a granel.” (BOUÇAS, 1943, p. 4)

da sociedade convencional, por densidade demográfica, cultura e acessos. Nesse mesmo sentido, Aguiar (2018, p. 39), ao analisar comparativamente obras de Guimarães Rosa e Juan Rulfo, afirma que:

Nota-se, então, como os textos de Rosa e de Rulfo são instrumentos de reflexão acerca das comunidades que são ali representadas, bem como das relações humanas que são possíveis de observar em muitas partes do globo. Assim, em uma atitude responsiva, o leitor é levado a fazer implicaturas tais no processo de interpretação dos textos que ele consegue relacionar o que acontece nas narrativas com o mundo real ao qual está inserido (AGUIAR, 2019, p. 39)

O espaço, nesse caso, funciona como catalizador do mundo, em sentido amplo. Se o universalismo do texto de Vian baseia-se sobre a não delimitação do tempo e espaço, o de Rosa faz o caminho inverso, pois parte da determinação exata de um espaço na narrativa. No entanto, o resultado obtido pelas duas narrativas vai no mesmo caminho: as duas são inegavelmente universais e, por isso mesmo, extremamente poderosas.

No que diz respeito a essa prosa roseana, a conexão de cada personagem com o ambiente da narrativa acaba sendo um desdobramento de si próprio e do conjunto de vivências que experienciou. De acordo com Fabrício César de Aguiar, em sua tese:

É profunda e coerente esta reflexão, pois os sentimentos atribuídos a tais espaços, além de dependerem da perspectiva humana, são aqueles criados pela dinâmica social vigente, frutos dos tipos de relações estabelecidas entre os seres que o habitam. É isso que faz com que Nhanina veja o Mutúm como um “triste recanto” e que confere à sua visão a maior fundamento. No entanto, Miguilim envolto em sua inocência infantil e na pouca experiência vivenciada ali até então [...]. (AGUIAR, 2018, p. 169)

Além disso, Aguiar (2018, p. 166) ainda sinaliza, ao comentar programação textual feita por Rosa ao utilizar o termo “campo geral” no singular, como uma estratégia em que “[...] o título com ambígua referência espacial confere significação importante tanto para a espacialização do texto quanto para sua posição ocupada na composição global da obra *Corpo de Baile*”. O Campo Geral, assim, no singular, finca raízes no simbólico, abrindo espaço para a compreensão do universal a partir do microcosmos sertanejo. Evocando brevemente Bueno (2012), apenas a localização espacial da narrativa é de fulcro regional, uma vez que ela, assim como outros textos

de caráter regionalista, trabalha com a “Elevação do local ao universal” (BUENO, 2012, p. 120).

Mais uma vez, assim como em *L’arrache cœur*, a despeito de tempo e espaço, tratamos com personagens que extrapolam seus contextos e conversam, diretamente, com o nosso momento imediato, com a nossa trajetória humana em meio a isolamentos e violências, que são experimentados por cada um de nós, de maneira muito análoga, independente do contexto em que nos encontramos. Mas, para chegarmos a essa conclusão, é necessário primeiro conhecer nossos pontos de partida.

Miguilim é um dos filhos do meio do casal Nhô Bernardo Caz e de Nhanina. Por ordem de nascimento, Liovaldo é o filho mais velho, seguido de Drelina, o próprio Miguilim, Chica, Dito e Tomézinho. Ainda dentro do núcleo familiar, encontram-se o Tio Terez (irmão do pai de Miguilim); a tia-avó materna Izidra. Além deles, Rosa e Mãitina que, apesar de não serem parentes consanguíneas, gozam de presença e importância semelhante aos membros da família.

A história de Miguilim é, também, a história de sua família e das relações intrincadas de poder, dominação e isolamento que nascem das relações humanas e familiares. Por isso, precisamos olhar para todo o contexto externo ao menino, buscando sua composição e implicações que têm sobre o protagonista.

A narração cobre uma parte da vida de Miguilim, em um recorte de marcos na vida de Miguilim, através de ritos de passagem que envolvem “sofrimento, descoberta e separação” (ALMEIDA; BORGES, 2016, p. 115). De fato, percebe-se na narrativa uma trajetória processual orientada por meio de eventos marcantes, sendo que Miguilim começa por sentir-se o outro, um estranho em sua família e continua em direção a ser, de fato, o observador externo dessa sua família, quando os vê, literalmente, através das lentes do outro. Eventos que culminam com o final da narrativa e com a partida de Miguilim de sua casa.

1.3 O NOSSO REINO

O romance de estreia de Valter Hugo Mãe, *o nosso reino*, foi publicado pela primeira vez em 2004, pela editora Temas e Debates, em Lisboa. No romance, o autor retrata uma pequena comunidade de pescadores, em meio a uma devastadora crise econômica e alimentar, reflexo direto do tempo da narrativa, situado nos anos finais

do Estado Novo português (1933-1974). Nesse contexto de isolamentos geográfico, econômico e político, o protagonista benjamim, uma criança criada dentro do catolicismo tradicional, vive uma crise de fé subversiva e aterradora, tendo em vista que sua sociedade não apenas se organiza, mas compreende o mundo através da forte crença católica, tendo, nessa fé, seu sustentáculo em períodos críticos.

António de Oliveira Salazar (1889-1970) iniciou sua carreira no poder político em 1928, quando tornou-se Ministro das Finanças. Nesse cargo, centralizou o poder no ministério que ocupava e, portanto, em si mesmo. Dessa forma, Salazar foi capaz de agregar poder o suficiente para se tornar Presidente do Ministério e, posteriormente, tornar-se Presidente do Conselho de Ministros, cargo que ocupou até que uma complicação de saúde que o forçou a afastar-se do poder.

Grosso modo, o Salazarismo é um nacionalismo de inspiração católica, com fortes conexões com o fascismo, embora não se encaixe perfeitamente nesta última categoria, uma vez que:

Por um lado, sendo o totalitarismo eticamente pagão e anticristão — no dizer de Salazar—, não podia o regime, em termos de filosofia moral, como nacionalismo de inspiração católica, aceitar a divinização do Estado ou da Raça como fins últimos do poder ou como fontes da moral ou do direito (CRUZ, 1982, p. 774)

Nesse sentido, o contato próximo e direto com a Igreja Católica atua, para muitos pesquisadores, como forma de distinção de outros regimes de cunho fascista, todavia, é importante ressaltar que, dentro do Estado Novo:

a) a violência, que foi uma de suas características mais constantes, levando os regimes a estabelecer a ordem e a autoridade; b) o populismo, que fez a apologia dos empresários, considerados produtivos e a quem caberia guiar os trabalhadores e assegurar a prosperidade da nação; c) a estrutura corporativa, que institucionalizou as relações entre o governo e as empresas em um quadro dividido por ramos de atividades, participando deste jogo os sindicatos como parceiros menores. [...] A especificidade de cada regime fascista consistiu na forma como se ligou às instituições exógenas e no caráter que imprimiu às instituições endógenas. (RAMPINELLI, 2014, p. 124)

Em termos de conexão com instituição exógena, o Salazarismo foi absolutamente competente em obter adesão da Igreja Católica, desde a chancela federal ao culto de Nossa Senhora de Fátima, em solo português, até a utilização de ideais católicos no discurso oficial. Em consonância com o discurso pró-sacrifício

pessoal para garantir o bem-estar e sucesso da nação, embebido na mística católica. De acordo com Rampinelli, (2014, p, 119):

Salazar, ao longo de todo o período em que esteve no poder, sempre apresentou sua função pública como um gesto de sacrifício e de abnegação em favor da nação portuguesa, difundindo a imagem de vítima, de sofredor e de desapego ao tempo em que exigia apoio e desprendimento de todo o povo para lograr seus objetivos políticos, econômicos e financeiros. (RAMPINELLI, 2014. p. 119)

Inegavelmente, o Estado Novo privilegiou-se de uma sociedade predominantemente católica e rural, seduzindo-a através de valores morais e religiosos, ao mesmo tempo em que a castigava com políticas públicas que não a contemplava¹⁴.

O grande marco da queda do Estado Novo português é a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, levada a cabo pela presença massiva de cidadãos portugueses nas ruas, que, no entanto, foi liderada pelas forças armadas portuguesas, profundamente marcadas por sua própria atuação em guerras coloniais.

Dessa forma, o romance de Mãe fundamenta-se, sobretudo, na relação do narrador-protagonista com o catolicismo, a partir da forma idiossincrática e conflitante com que entende e exerce sua religiosidade e espiritualidade. Todavia, dado o contexto histórico e político que permeia a narrativa, é incontornável considerar que, à presença esmagadora do catolicismo tradicional, subjaz, invariavelmente, o discurso organizado em torno e pelos interesses do Estado, uma vez que, nessa época, as duas instituições imiscuem-se em uma relação mutualística, formalizada via Concordata¹⁵, em 1940, cuja ambição era a de garantir uma sociedade nacionalista e conservadora, capaz de resistir aos perigos do comunismo e do liberalismo. Assim, para que o objetivo macro fosse alcançado, mirou-se no microcosmos da sociedade, em seu núcleo mais fundamental: a família.

Dessa forma, existe à época da narrativa uma forte (e poderosa) linha discursiva enfocada no cerceio de práticas consideradas perigosas ao bem-estar

14 Para uma abordagem minuciosa do Salazarismo, ver “Salazar: uma longa ditadura vencida pelo colonialismo”, de Rampinelli (2014)

15 Acordo oficial firmado entre Vaticano e Portugal, que garantia à Igreja Católica a manutenção de sua autonomia em relação ao regime português, bem como a garantia de outros privilégios.

social e que, por isso, irá assumir uma roupagem extremamente moralista e cerceadora das liberdades individuais, explorando a ideia da valorização do sacrifício, reforçado por políticas públicas de austeridade, e da penitência como maneiras de garantir o equilíbrio social, mascarado como forma de obtenção da salvação no pós-vida.

Na leitura desse romance, portanto, não podemos – e não somos deixados a – perder de vista o lema totalitário “Deus, família e propriedade”, sempre reverberante no segundo plano da obra, operando através do discurso ético-moral próprio ao salazarismo, consolidado através de manuais de comportamento (BAPTISTA, 1986), e, principalmente, do discurso padrão construído ao longo dos anos de repressão e que ainda hoje podemos ouvir sendo repetidos por fundamentalistas, acriticamente.

Resgatamos aqui uma postagem de Valter Hugo Mãe, feita em seu *blog* pessoal, em 2007, em que comenta sua intencionalidade no projeto de escrita de *o nosso reino*:

o meu primeiro romance, «*o nosso reino*», conta a história de uma criança de oito anos que, angustiada com a questão do divino, se vê torturada num lugar de pobreza e ignorância como eram abundantemente os lugares pequenos do norte do país. a história passa-se ao tempo da revolução, ainda que esta ocorra quase sem produzir efeitos nas consciências pequenas das personagens envolvidas. interessou-me perspectivar o quotidiano de um povo resignado com a pobreza e com os dogmas da igreja, a partir dos quais podemos perceber a anestesia característica do antigo regime; essa receita cruel que promovia a pequenez para defender o poder instalado contra espíritos melhor formados.

Como se pode perceber, ao passo que há uma ideologia manipuladora disfarçada em realidade – que manipula até mesmo o riso conforme seja conveniente –, o discurso literário existe justamente para subverter esse estado de coisas: ele realiza com a estrutura ideológica o que esta realizou com o real. Em outras palavras, o discurso literário inverte a estrutura ideológica, rompendo modelos socialmente impostos e provocando, pois, o questionamento. (MÃE, 2009)

Através da emulação e dobra do discurso vigente durante os anos de regime totalitário, parece pretender mais que o questionamento daquele pensar, mas também propor a ruptura, mostrando a insustentabilidade do discurso fascista diante de seres humanos complexos e postos em situação de vulnerabilidade física, afetiva e psicológica devido à reverberação desse mesmo discurso. Mãe questiona, deforma e reforma essa realidade histórica, possibilitando o vislumbre de crises pessoais dentro de um panorama de coletividade retorcida e oprimida.

Fica claro, com o ocultamento sistemático das referências diretas ao salazarismo, que o que está em questão em *o nosso reino* não é, necessariamente, o regime de exceção tal qual ocorreu, mas os seres humanos e a ruptura identitária causada graças a um regime com esse, também pela sua permanência anacrônica na estrutura social portuguesa. Em um adendo contemporâneo, há urgência de se pensar, e abordar criticamente por vieses que explorem impactos e consequências, regimes fascistas, tendo em vista a forma com que a extrema direita ganha simpatia e votos de confiança de sociedades que ainda caminham com pernas bambas e sem muita noção da direção a seguir. Nesse sentido, nesse romance, Mãe explora barreiras dolorosamente sensíveis, que evocam não apenas o salazarismo, mas, principalmente, o papel de opressão a que se prestou a Igreja Católica da época.

Acreditamos ser possível pensar o romance de Mãe como uma forma de, através do resgate de um passado doloroso, via ficcionalização, olhar para o presente e futuro de forma crítica e cáustica. Infelizmente, anos após a publicação do livro, ainda vemos a emergência de líderes políticos autoritários sob o aplauso de uma maioria que os elegeu, o que reforça a pertinência de obras literárias que busquem o passado doloroso das sociedades como forma de compreender as instabilidades e as marcas indelévels causadas por momentos de crise e opressão.

2 HISTÓRIAS DE ISOLAMENTOS E CONTROLE

Isolamento geográfico, pobreza, sistemas familiares opressores, relacionamentos e casas em decadência. As infâncias de benjamim e de Miguilim, mesmo em tempos, espaços e universos narrativos diferentes, aproximam-se dolorosamente por suas histórias de uma construção identitária calcada em eventos exasperadores e desesperadores, bem como por suas puras e simples solidões. Por vezes, os dois meninos percebem-se diferentes e não pertencentes aos sistemas que permeiam suas vidas, mas, ainda assim, procuram esse pertencimento, tentando compreender as dinâmicas sociais, familiares e religiosas nas quais estão imersos. De outro lado, os trigêmeos Noël, Joël e Citroën, embora estejam dentro de um contexto socioeconômico estável e privilegiado, também experienciam a dolorosa busca por uma construção identitária baseada em liberdade e tentativa de experimentação. Apesar da vigilância constante de sua mãe, fundamentada em um amor materno deturpado e cerceador, esses três irmãos descrevem uma trajetória rumo à liberdade e à individualidade.

É importante notar que, mesmo integrando famílias e estando rodeados por outras pessoas, benjamim e Miguilim acabam sendo dois seres inevitavelmente sozinhos. Os dois encontram-se, cada qual a sua maneira, permeados por uma solidão profunda, calcada no sentimento de estranheza a seus sistemas sociais e de não compreensão do mundo e das relações que os cercam. Aliado a isso, ainda há o sentimento de não serem compreendidos por aqueles que os circundam, o que só reforça a ideia de solitude

Esse sentimento também é partilhado por Citroën – a quem o narrador se esforça para diferenciar textualmente dos outros irmãos, e que também é reforçado pelos outros personagens. Isso fica nítido logo após o nascimento das crianças, quando Angel recebe de Jacquemort a notícia (à qual retornaremos ao longo da discussão):

- Vous êtes trois fois père, dit Jacquemort.
- Angel s'étonna :
- Des trumeaux ?

– Des jumeaux et un isolé, précise Jacquemort. Il est sorti nettement après. C'est le signe d'une forte personnalité¹⁶. (VIAN, 2013, p. 544)

Desde o princípio de *L'arrache cœur*, a diferenciação entre Citroën e seus irmãos é posta, inicialmente por Jacquemort e, depois, por todos. Eles não se tratam de trigêmeos, mas de gêmeos e um terceiro irmão, que não comunga das semelhanças dos outros dois, no que diz respeito a sua personalidade e identidade. E isso o livro tratará de marcar reiteradas vezes em seu desenvolvimento.

Desta forma, consideramos de grande relevância compreender os contextos de isolamento de cada uma dessas crianças, sejam eles geográfico, social, emocional, ou mesmo familiar para mergulhar na construção identitária desses personagens tão ímpares. Neste capítulo, abordaremos os contextos de isolamento de Miguilim, benjamim e dos gêmeos mais Citroën, buscando compreender de que forma essas crianças se relacionam com as manifestações de poder e de controle.

2.1 NO CORAÇÃO DE MINAS GERAIS, UMA FAMÍLIA SUBEXISTE

À luz das análises feitas por Aguiar (2019), primeira sobre o sertão como o espaço longínquo, afastado da região litorânea e das metrópoles, a despeito de características ecológicas, e segunda, por Aguiar (2018), sobre como o Mutúm configura-se enquanto um espaço de precariedade social, é válido pensar no espaço de *Campo Geral* para além da geografia, mas como um fator determinante para o isolamento da família Caz e para a recorrência de privações que seus membros sofrem.

A narrativa de *Campo geral* tem como cenário um ambiente ermo e afastado, conhecido como Mutúm. Esse espaço geográfico, situado no meio do sertão de Minas Gerais, é caracterizado pela distância de outros locais habitados, o que lhe confere um isolamento plural: ali é difícil chegarem pessoas, notícias, educação, saúde. A própria abertura do texto busca fazer essa caracterização categórica, ao mesmo tempo em que também apresenta a geografia do local:

16 – É três vezes pai – disse Jacquemort. / Angel ficou surpreendido:/ – São trigêmeos?/ – Dois, e mais um isolado – precisou Jacquemort. – Saiu nitidamente depois, indício de forte personalidade”. (VIAN, 2011, p. 15. Nos trechos retirados da obra de Boris Vian, utilizamos a tradução de Luiza Neto Jorge, para o português de Portugal, nas notas de rodapé.)

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, *longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto*, no Mutúm. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trecho de matas, terra preta, pé de serra. (ROSA, 2016, p. 25, grifo nosso)

Chamamos a atenção à ênfase que o narrador faz em relação à localização remota do Mutúm, aproximando esse espaço de tantos outros que, por serem igualmente ermos, nem mesmo têm nome, ou ainda são completamente desconhecidos. Essa aproximação entre o espaço da narrativa e locais sem nome ou presença humana amplifica ainda mais a sensação de isolamento que é desenvolvida desde as primeiras linhas da narrativa.

Para além do isolamento desse espaço em relação aos outros, há um esforço em representá-lo também pela exuberância natural e pela vida pulsante de fauna e flora. A esse mesmo trecho de caracterização do isolamento, seguem-se considerações de Miguilim a respeito da beleza do lugar também por essa via: “nunca pôde se esquecer: alguém, que já estivera no Mutúm, tinha dito: — ‘É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...’” (ROSA, 2016, p. 25).

Nesse ponto, o narrador fornece uma visão positiva e bastante idílica do Mutúm. Segundo essa visão, o lugar é bonito justamente por ser retirado. Todavia, quando Miguilim vai contar para sua mãe o elogio que o lugar de morada deles recebeu, ele depara-se com outra interpretação dessas características apontadas pelo viajante. Para Nhanina, esses eram justamente os motivos para não gostar de morar ali:

Mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali. Queixava-se principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro, o ar ali era mais escuro; ou, mesmo na estiagem, qualquer dia de tardinha, na hora do sol entrar. — “Oê, ah, o triste recanto...” ela exclamava. (ROSA, 2016, p. 25)

Nesse ponto, entramos em contato com um aspecto fulcral para a narrativa toda: a mãe carrega consigo uma grande mágoa de viver isolada e, por isso, seu ponto de vista em relação ao Mutúm é sobretudo negativo e melancólico. Esse aspecto de melancolia na personagem Nhanina será ainda desenvolvido ao longo do texto. Todavia, chamamos agora a atenção para o reforço da ideia da solidão que o

isolamento geográfico da região causa, aliando-se à ideia de que o espaço está cercado por escuridão. No caso de Nhanina, esse reforço reflete ainda mais a falta de disposição e personalidade triste que apresenta ao logo da história. Quando o filho, muito alegre, vai lhe contar que um viajante comentou que o Mutúm era um lugar bonito, ela recebe esse relato com indiferença:

A mãe não lhe deu valor nenhum, mas mirou triste e apontou o morro; dizia: — "Estou sempre pensando que lá por detrás dele acontecem outras coisas, que o morro está tapando de mim, e que eu nunca hei de poder ver..." Era a primeira vez que a mãe falava com ele um assunto todo sério. No fundo de seu coração, ele não podia, porém, concordar, por mais que gostasse dela: e achava que o moço que tinha falado aquilo era que estava com a razão. Não porque ele mesmo Miguilim visse beleza no Mutúm — nem ele sabia distinguir o que era um lugar bonito e um lugar feio. Mas só pela maneira como o moço tinha falado: de longe, de leve, sem interesse nenhum; e pelo modo contrário de sua mãe — agravada de calundú e espalhando suspiros, lastimosa. No começo de tudo, tinha um erro — Miguilim conhecia, pouco entendendo. Entretanto, a mata, ali perto, quase preta, verde-escura, punha-lhe medo. (ROSA, 2016, p. 26)

Ressaltamos que esse aspecto é trazido ao leitor por intermédio do ponto de vista da mãe e não necessariamente de Miguilim. Retomando Aguiar (2018), a relação com o espaço em que se está, no caso desses dois personagens, é dada a partir do filtro de suas próprias experiências. O menino, cujo repertório ainda está se desenvolvendo e não possui conhecimento de outras localidades, é capaz de encontrar encanto no lugar que vive justamente por ser validado pelo olhar estrangeiro, de fora, trazido pela figura do viajante. Para Nhanina, sua situação familiar e afetiva de estar em um triângulo amoroso com o cunhado, somada à melancolia cotidiana, colabora para lembrá-la de que estar no Mutúm implicava não poder estar em outras partes, não poder experimentar a vida para além desse seu espaço restrito – de certa forma, o Mutúm representa, para ela, sua relação com seu esposo e com sua família, que parece ser menos de afeto e mais de uma espécie de abandono estoico. Por viver uma limitação social na qual o espaço permitido à mulher na sociedade rural, patriarcal e profundamente católica é pequeno, resguardados seus direitos a meramente exercer as funções de esposa e mãe, Nhanina se vê incapaz de sair e conhecer outros locais e pessoas, ou até mesmo uma vida minimamente diferente daquela que ela leva ali. A personagem sente-se prisioneira e, por isso, alterna entre a indiferença e a indolência.

Ao mesmo tempo em que nos fornece o ponto de vista materno, o narrador também agrega um pouco da visão de Miguilim a respeito do Mutúm. O menino prefere a visão do viajante sobre sua morada, mas também compartilha a impressão de sua mãe a respeito da sensação de estar rodeado por uma escuridão que também o perturba – nesse caso, da mata que circunda o espaço. Esse ponto de vista partilhado parece fortalecer a ideia de isolamentos múltiplos, uma vez que contribui para a impressão de que esses seres estão ilhados em meio à mata, em meio às veredas.

Ainda, de certa forma, o isolamento geográfico acaba sendo retratado não como um valor positivo ou negativo para o Mutúm, mas como uma característica que lhe é intrínseca e que, aos poucos, vai mostrando seu impacto sobre os seres que ali habitam. Por exemplo, nesse episódio, a relação entre mãe e filho e o espaço em que vivem está em foco e inicia a caracterização desses personagens, que irá se desenvolver ao longo da narrativa.

Dado esse contexto de profundo isolamento geográfico, vivendo solitária no Mutúm, a família Cessim Caz é uma pequena comunidade que se organiza para tentar suprir suas próprias necessidades, no que diz respeito à saúde, espiritualidade, educação e lazer. Eles vivem em um sistema fechado que apenas se abre para ocasionais viajantes e por um ou outro amigo ou prestador de serviço. Encerrado em si próprio, o microcosmos da família apoia-se sobre as figuras de autoridade do pai e da avó para assegurar seu funcionamento e continuidade em todos os âmbitos possíveis, o que só revela a profunda carência e isolamento aos quais essa família encontra-se relegada.

Como desdobramento e consequência do isolamento geográfico, podemos perceber diversas outras formas de isolamento de que a família Cessim Caz é alvo. Antes disso, no entanto, é interessante observar a situação de Liovaldo, irmão mais velho de Miguilim que, no início da narrativa, encontra-se afastado, pois optou por sair do Mutúm para seguir sua vida. Quando o narrador conta sobre os irmãos, declara: “Mas havia ainda um irmão, o mais velho de todos, Liovaldo, que não morava no Mutúm. Ninguém se lembrava mais de que ele fosse, de que feições” (ROSA, 2016, p. 29). Certamente, o tempo que transcorre tem o poder de enfraquecer a memória, mas, para além disso, a afirmação de que ninguém da casa lembrava-se da aparência, ou até mesmo de quem era Liovaldo, parece sugerir que sair do Mutúm é ostracizar-se também dos pensamentos e memórias dos que ficam, uma vez de que, para eles, só quem ainda faz parte dessa microssociedade existe. Essa relação a respeito

daquilo ou de quem está afastado talvez amplifique ainda mais a noção de isolamento dessa família, porque poucas coisas parecem existir com nitidez e definição para além do Mutúm.

Retornando à questão do isolamento múltiplo, é relevante também pensar na ausência de serviços e instituições que define a vida dos Cessim Caz. Eles não só estão longe de outras pessoas, mas também do governo, de assistência médica, de instituições educacionais ou religiosas. Dessa forma, essa pequena sociedade acaba criando mecanismos próprios de suprir essas necessidades: por exemplo, na ausência de uma igreja, capela, ou mesmo de uma comunidade católica, a autoridade religiosa é exercida pela avó Izidra, que ensina às crianças valores cristãos imbuídos de seu credo pessoal. Ela ocupa uma posição quase que sacerdotal e exerce controle sobre a crença dos demais. Assim, quando “Vovó Izidra tirava o terço, todos tinham de acompanhar. E ela ensinava alto que o demônio estava despassando nossa casa, rodeando, os homens já sabiam o sangue um do outro, a gente carecia de rezar sem esbarrar” (ROSA, 2016, p. 41). Percebemos, pois, que em questões de espiritualidade, a autoridade de Izidra era incontestável e aterradora. O poder religioso ecoa também na organização familiar, sendo que a avó ocupa a posição de “segunda em comando”, hierarquicamente abaixo apenas do pai. A própria mãe da família estava subordinada ao poder dessa avó, o que reverbera ainda mais o sentimento de solidão pelo qual a mãe passa e que apontamos previamente.

Ainda, a ausência da instituição religiosa formal também é suplantada por uma adaptação pessoal que Miguilim faz em sua própria fé, não sendo dele caso único, já que o restante da família também recorre a uma série de crenças populares. Por exemplo, o medo do escuro de Miguilim é explicado da seguinte forma: “Miguilim não gostava de pôr os olhos no escuro. Não queria deitar de costas, porque vem uma mulher assombrada, senta na barriga da gente. Se os pés restassem para fora da coberta, vinha mão de alma, fiosa, pegava o pé” (ROSA, 2016, p. 43). Mais do que medo simplório, as crenças em assombrações são capazes de moldar as ações do menino e de moldarem a forma com que percebe o mundo a sua volta.

Outra face do isolamento geográfico do Mutúm pode ser percebida também quando Miguilim torna-se mais velho e, devido a isso, a família percebe a necessidade de lhe dar alguma instrução. Porém, na inexistência de escolas por perto e na incapacidade financeira de enviarem Miguilim para uma instituição educacional, pensa-se em recorrer a seo Deográcias, uma espécie de sábio da região, que poderia

alfabetizar o menino. Esse personagem, inclusive, é referido, em diversos momentos, também como referência de saúde, uma vez que era ele quem fornecia remédios caseiros a diversos males e doenças. Nas palavras do próprio personagem, ao conversar com Berno: “o senhor agradeça, eu esteja vindo viver aqui nestas más brenhas, donde só se vê falta tudo, muita míngua, ninguém não olha p'ra este sertão dos pobres...” (ROSA, 2016, p. 47). Esse discurso reforça o isolamento e desamparo do poder público em que vive a família de Miguilim.

Deográcias não possuía nenhuma educação formal, não era professor, sequer médico, afinal ele apenas era a pessoa considerada pelos outros como a que mais sabia e que mais tinha conhecimento a respeito dessas questões, dado o isolamento da região. Ao ser questionada, a avó, cujas ideias religiosas por vezes se chocavam com a visão de Deográcias, responde: “Mais antes um que mal procede, mas que ensina pelo direito a regra dos usos!” (ROSA, 2016, p. 49), ou seja, ele era a única alternativa, naquele cenário, a quem poderiam recorrer tanto para instrução quanto para doenças.

O isolamento em que a família Cessim Caz vive é, portanto, plural e denso. Muito mais do que uma região retirada geograficamente, o Mutúm é um lugar de solidão e de poucas opções. A família reage a essa escassez da forma que consegue: elegendo entre os seus as representações e autoridades necessárias para suas vidas.

É verdade que o isolamento afeta mais alguns personagens do que os outros, já que, conforme vimos, Nhanina é apresentada logo no início como um ser solitário, melancólico e trágico, que se sente presa ao Mutúm e à sua vida. A solidão em Miguilim, por sua vez, vai sendo construída ao longo da narrativa e torna-se mais densa à medida que ele envelhece e entende mais a respeito do mundo e das pessoas. Essa solitude, reforçada pelos isolamentos múltiplos, será um fator incontornável para a constituição identitária do personagem e para a construção de sua forma de ver o mundo e compreender os outros.

2.2 “ORGULHOSAMENTE SÓS”

A abordagem da solidão e isolamento também se encontra presente e é uma das tónicas condutoras do romance *o nosso reino*. Situado em uma comunidade pesqueira assolada pela pobreza e que sofre os impactos diretos dos anos finais do

Estado Novo português, o romance apresenta a história de benjamim e sua trajetória até tornar-se, por falta de opção e por perda de todos os referenciais sociais e familiares que possuía, o homem mais triste do mundo. Nesse contexto, é notável a forma com que os isolamentos múltiplos – geográfico, econômico, político e afetivo – contribuem diretamente para a construção desse personagem.

Iniciando pela marcação do tempo da narrativa, podemos perceber uma grande sutileza e imprecisão, uma vez que ela é feita a partir de indícios, com raras marcas temporais definidas, sem que haja demarcação explícita do período em que se narra a história. Tampouco a passagem de tempo é delimitada de maneira clara. De forma similar ao que ocorre em *Campo Geral*, ao leitor cabe preencher esses vazios, por intermédio, em grande medida, com seu próprio repertório e imaginação. Todavia, as marcações temporais oferecidas pelo narrador de Mãe são menos diluídas no texto do que as de Rosa, ao passo que se fazem a partir de referências pontuais a momentos históricos da história recente de Portugal. O narrador roseano oferece marcas difusas mais conectadas ao contexto geral de sertão do que propriamente a uma janela temporal específica¹⁷. Essa indeterminação temporal, perceptível também em outras narrativas do autor, é considerada por Pereira e Holanda (2019, p. 181) como uma estratégia textual bastante refinada, uma vez que:

[...] os pouquíssimos marcadores temporais que, a priori, permitiriam identificar precisamente os diversos momentos de história que compõem o universo ficcional, esboçam a ideia da vida humana como um fluxo, o qual é enfatizado pela tematização da travessia, que enquanto não encerrada, encontra-se sempre em curso.

Talvez, o não ancorar a narrativa em uma época exata, fixa, sirva também à universalidade das obras, pois, não importa o momento de leitura, elas irão tratar de uma matéria humana atemporal, o que a torna sempre atual. Para além disso, é necessário considerar que, mesmo em momentos nos quais há oportunidade clara para que seja feita uma marcação temporal assertiva, ela é tangenciada, o que permite aproximações e conjecturas quanto ao período de tempo histórico em que se dá o

17 Apesar de reconhecermos que a marcação temporal em *Campo geral* é feita de forma difusa, consideramos de grande interesse uma triangulação entre as demais narrativas roseanas ambientadas no Mutúm, de forma a captar indícios (conversas, músicas, processos, alimentação, objetos) que permitam uma localização mais segura do tempo da narrativa.

texto. Por exemplo, ao contextualizar Mãitina, o narrador faz a seguinte observação: “Era tão velha, nem sabia que idade. Diziam que ela era negra fugida, debaixo de cativoiro, que acharam caída na enxurrada, num tempo em que Mamãe nem não era nascida.” (ROSA, 2016, p. 34), conectando a personagem à época da escravidão, que perdurou legalmente até 1889, o que leva à inferência de que Mãitina fugiu do cativoiro antes dessa data. Porém, essa escolha textual de utilizar a informação serve não meramente para situar o leitor no tempo, afinal, em que ano exato ela fugiu? Qual a idade quando ela escapou do cativoiro? Nada disso nos é apresentado e, sem essas informações, não há como o texto ter uma exatidão. Em termos temporais, de toda forma não importa para a caracterização da personagem, afinal o enfoque do trecho está na idade avançada da mulher, que demonstra traços de senilidade ao longo da narrativa. Em outras palavras, a marcação temporal não é central para a obra, mas há uma construção sutil que acompanha a narrativa, o que, portanto, não nos permite categorizar uma ausência completa de marcos que nos guiem quanto a passagem do tempo.

Já *o nosso reino*, por outro lado, explora a marcação temporal enquanto ferramenta narrativa por meio de poucos, porém significativos, eventos, como uma espécie de andaime sobre o qual se fundamenta toda a trajetória dos personagens, em suas histórias de desestabilização e ruína. Em suma, na obra de Mãe o tempo e sua marcação são intrínsecos ao texto, enquanto, em Rosa, tais elementos prescindem.

De certa forma, essa estratégia textual de Mãe valoriza as raras informações contextuais explícitas, já que, ao longo do enredo há a referência direta a dois eventos históricos portugueses de impacto global. O primeiro marco temporal nítido é a referência à Guerra de Libertação (1961-1974, também referida como Guerra Colonial), na qual Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, através de movimentos de libertação e independência, apoiados pelas políticas anticoloniais em plena ascensão no pós-guerra, opuseram-se belicamente à continuidade da ocupação portuguesa em seus territórios. A Guerra da Libertação é citada quando um dos moradores da aldeia, antigo soldado em Angola, retorna à casa paterna, causando alvoroço e novidade:

[...] quando o carlos chegou a dona tina trouxe-o à noitinha a visitar-nos. Comadre, veja o meu filho que veio da guerra. [...] na sala estivemos todos em redor de umas fotografias gastas que ele trouxera da guerra, eram imagens da galhofa entre os militares, imagens divertidas como se a guerra fosse divertida. (MÃE, 2008, p. 53)

No primeiro contato que temos com Carlos, o recorte feito dessa guerra – através de suas histórias e fotografias – é de uma África selvagem, exótica e pitoresca, capaz de fascinar e entreter com seus animais curiosos¹⁸. Ao longo da trajetória do rapaz, no entanto, os impactos psicológicos da guerra começam a tomar conta dele que, aos poucos, define, já que, de acordo com Benjamin, ele “viera louco da guerra, que a guerra fazia mal à cabeça das pessoas” (MÃE, 2008, p. 52). Nesse caso, a Guerra Colonial aparenta menos ser dado contextual relativo ao tempo da narrativa, do que modulador identitário do ex-soldado, já que seu breve futuro irá carregar marcas indelévels do conflito armado, ou em sua própria ponderação, “quando se vai à guerra, nunca de lá se sai”¹⁹ (MÃE, 2008, p. 100).

Chamamos a atenção a esse evento, uma vez que é necessário considerar que esse capítulo da história portuguesa precede e está diretamente relacionado ao enfraquecimento e conseqüente queda do Estado Novo, segundo marco histórico expresso no texto:

a professora Blandina recebeu-nos com brilho nos olhos, esperou que nos sentássemos e se fizesse silêncio, e explicou, ontem os senhores que dirigiam o país foram mandados embora, agora estão pessoas do povo a trabalhar para ver quem vai dirigi-lo, e o Manuel disse, é verdade, o meu pai contou-me isso à noite. estávamos em abril. eu encolhi os ombros, a germana acreditou que era uma coisa muito importante porque a mãe dela também lho tinha dito. acenei com a cabeça que sim e tive a certeza de que em minha casa ninguém me explicaria o que era aquilo, não agora, se a tia Cândida já não vivia conosco e era quem prestava mais atenção às coisas complicadas. e imaginei que o meu pai pertencesse aos maus, e o arrelho que lhe dera teria sido conhecimento de terem perdido as rédeas do país. ou então era só imaginação da minha cabeça (MÃE, 2008, p. 115-116).

A notícia da derrocada do salazarismo é recebida por Benjamin, via escola, sem grande alarde, quase como se o menino estivesse diante de algo desimportante.

18 Essa mesma representação da África ainda será feita outras vezes no romance, através de relatos de outros personagens. Nesses casos, os relatos são alimentados também por afirmações sobre liberdade de crença e de divindades diversas do deus monoteísta de Benjamin.

19 Segundo a LUSA, a partir de declaração do coronel Manuel Lopes Dias, presidente da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), a entidade possui “mais de 13 mil associados e alerta que está a aumentar o número de casos de stress pós traumático de guerra entre os ex-militares que cumpriram o Serviço Militar Obrigatório durante a Guerra Colonial (1961-1975). [...] Para o coronel, “muito combatentes vieram da guerra afetados psicologicamente e recorreram por moto próprio a apoios psiquiátricos e lá foram fazendo a sua vida, mas agora muitos deles decidiram requerer a qualificação de deficiente militar porque estão doentes com ‘stress de guerra’”. O coronel ainda qualifica o serviço militar como “sacrifício que lhes foi exigido na sua juventude” (Agência de Notícias de Portugal, 2019).

Há que se considerar que sua relação com o fato é filtrada primeiramente pelo prisma da infância e, depois, pelo isolamento da aldeia também no que se refere à consciência dos impactos do regime governamental.

Apesar desses dois fatos históricos terem desdobramentos relevantes em nosso universo, sobretudo em Portugal, dentro da narrativa, eles assumem, em um primeiro momento, um valor de trivía. O narrador-personagem se refere a eles sem ter consciência exata – ou mesmo aproximada – do que representam para si, para sua família ou comunidade. Naturalmente, benjamim é uma criança e não se pode esperar dele, ou de seus colegas de escola, uma compreensão profunda ou mesmo abrangente de relações políticas tão intrincadas como as do salazarismo; porém, chamamos a atenção para o papel que essa relação de desconhecimento do seu contexto histórico imediato parece desempenhar na narrativa. Consideramos aqui uma vila isolada, sobrevivendo prioritariamente às custas de uma atividade pesqueira que dá grandes demonstrações de decadência e de não ser autossuficiente.

O não saber se situar no seu próprio panorama político, ainda mais tão relevante quanto a queda de um Estado totalitário, demonstra profundas marcas de alienação e, nesse caso, de isolamento. Afinal, são poucos os adultos capazes de compreender a situação e menos ainda são aqueles dispostos a explicar às crianças. Como no caso da guerra em África, as informações que chegam são poucas, enviesadas e carregadas da interpretação daquele que leva as novidades e o isolamento geográfico, aqui, acarreta isolamento informacional. Todavia, se a informação não chega à vila, os efeitos advindos da revolução não se demoram. Em níveis mais profundos, o que esse contexto histórico representa vai, progressivamente, abalando os personagens, afetivamente e psicologicamente.

Essas duas datações são capazes de delimitar a narrativa em um intervalo de tempo específico, o que também possibilita certas conexões de causa e consequência entre o texto literário e o contexto nele apresentado. As referências à fome e miséria, por exemplo, ao se ampliarem à medida em que a narrativa se desenvolve, parecem apontar para os impactos sociais do Estado Novo. Sobre essa situação, João Paulo Avelãs Nunes (2010, p. 179), ao discutir a zona do Volfrâmio²⁰, descreve a rotina

20 A zona de extração do volfrâmio, em Portugal, correspondia aos distritos de Castelo Branco e Coimbra, Aveiro, Viseu e Guarda, Porto e Vila Real, Viana do Castelo, Braga e Bragança. Apesar de, nesse caso, Nunes (2010) tratar da atividade de mineração especificamente, pesamos ser de grande

alimentar do campesinato e operariado não-especializado português, em torno dos anos 40. Embora Nunes apresente especificidades do setor de mineração, sua descrição fornece uma representação bastante gráfica da pobreza nutricional que se alastrou sobretudo na zona rural portuguesa, durante o período pós-guerra:

Alimentavam-se 3 vezes por dia. Pela manhã, o almoço constava de broa e sardinha ou pão de mistura (trigo e centeio), queijo e azeitonas. No início da tarde, jantavam caldo de hortaliças e feijões (grão, arroz) com azeite ou banha, broa ou pão de mistura, batatas ou papas de milho com sardinha. À ceia comiam as sobras. Fora das épocas ou momentos festivos, o consumo de vinho, bacalhau ou porco, aves ou ovos era esporádico, encontrando-se condicionado, para além das 'posses de cada agregado familiar', pela 'liberalidade dos empregadores'. [...] atenuavam a fome consumindo vegetais habitualmente reservados 'ao vivo' (aos animais domésticos). (NUNES, 2010, p. 179)

Essa realidade da privação é retratada na narrativa, que também apresenta o escalonamento da decadência econômica e financeira da região. Dentro do relato de benjamim, há o reconhecimento da miséria que assola os habitantes de sua vila e a constatação de que a própria família, que outrora vivera confortavelmente, e fora considerada rica dentro do referencial do lugar.

[...] naquele tempo as fomes das pessoas eram grandes e tudo o que se trabalhava dava pouco dinheiro. a minha casa, que era a dos meus avós e dos meus pais, era uma das poucas casas com fartura. era uma casa de gente fina, como eu acreditava, fina era a minha avó, que nós sem ela só íamos empobrecendo cada vez mais. (MÃE, 2008, p. 90)

A avó, a quem retornaremos mais tarde, é apresentada por benjamim sobretudo como um ser organizador da estrutura familiar, desde as bases morais e religiosas, até a manutenção econômica da casa, cabendo a ela, por assim dizer, o gerenciamento da riqueza – mesmo que condicional – e da dignidade da família. Chamamos também a atenção para a pobreza estrutural da vila, que mesmo já presente, vai se intensificando implacavelmente e manifesta-se, sobretudo, a partir de fome e doenças psicológicas, justificando-se pela crença em um projeto divino – através da provação, sacrifício e martirização do corpo, capaz de justificar o

utilidade aproximar esse contexto ao dos pescadores na mesma época, pois se tratava de uma região subdesenvolvida economicamente e, prioritariamente composta pela força camponesa. Isso porque, a partir dessa relação, podemos compreender melhor o contexto de pobreza e de insegurança alimentar que rondava os trabalhadores braçais e suas famílias.

merecimento de uma vida pós-terrena recompensadora. Dessa maneira, os mecanismos da fé são mobilizados em prol da compreensão, resignação e, até mesmo de sua exaltação, diante desse contexto. Acrescido a isso, o profundo isolamento geográfico da região também reverbera o projeto político salazarista, presente no slogan do “orgulhosamente sós”²¹, baseado na

acentuação da ideia e do sentimento de isolamento da sociedade portuguesa (ligando-a preferencialmente ao mar e afastando-a dos povos próximos), negando-lhe o contacto com outras sociedades e com as mudanças nelas operadas, empolando valores mantidos por uma organização social característica do Antigo Regime e classificando como heréticas as iniciativas para a modificar “por dentro” (BAPTISTA, 1986, p. 192).

Nesse caso, o isolamento geográfico no texto literário reverbera também o projeto de isolamento da nação portuguesa da Europa e do restante do mundo, na criação de um Estado Novo autoritário adequado às especificidades nacionais, como estruturas geográfica e histórica portuguesas, não apenas com o intuito de forjar o nacionalismo, mas também por interesses políticos e diplomáticos do país ser visto como uma exceção, ou melhor, como autônomo politicamente dos outros países europeus em regimes totalitários, principalmente em suas decisões políticas, estratégicas e diplomáticas (TORGAL, 2009, p. 399).

Além disso, a peninsularidade do país reforçou a ideia de isolamento do restante da Europa, uma vez que o país faz fronteira apenas com a Espanha e, portanto, está distante geograficamente dos outros países europeus. A esse dado geográfico, juntou-se uma forte tradição ético-religiosa herdada da cristandade, que se tornou um dos principais baluartes do regime Salazarista. Dessa forma, esse regime estabeleceu-se em consonâncias e divergências com o fascismo, moldando uma ditadura “customizada”, capaz de cooptar o sistema de crenças da população portuguesa para seu próprio projeto de dominação, via cooperação da Igreja Católica. Esse projeto foi exposto desde a criação do Estado Novo, de maneira clara e

21 Chamo a atenção para o espelhamento que ocorre entre a aldeia onde ocorre a narrativa e os valores atribuídos à África, também aquilo que é estabelecido sobre o isolamento e abandono das colônias africanas parece aplicar-se perfeitamente ao lugarejo. Cito duas passagens em especial: “em angola tudo podia acontecer, porque os lugares eram ermos, esquecidos de tudo e de todos e deus não devia saber sequer que eles existiam” (MÃE, 2008, p. 54) e “como era cruel que deus não conhecesse toda a sua invenção” (MÃE, 2008, p. 54).

articulada, como a fala de Salazar, apresentada por Luís Reis Torgal (2009, p. 392) permite perceber:

Na entrevista dada a Antônio Ferro, em 1932, [Salazar] afirmou, falando da ditadura militar portuguesa: “A nossa ditadura aproxima-se, evidentemente, da ditadura fascista no reforço da autoridade, na guerra declarada a certos princípios da democracia, no seu caráter acentuadamente nacionalista, nas suas preocupações de ordem social. Afasta-se, nos seus processos de renovação. A ditadura fascista tende para um cesarismo pagão, para um Estado Novo que não conhece limitações de ordem jurídica ou moral, que marcha para o seu fim, sem encontrar embaraços ou obstáculos”.

Esse regime se reconhece, pois, enquanto ditadura nacionalista, antiliberalista e intervencionista, mas também – e nisso está sua principal diferenciação dos outros regimes fascistas – insiste em marcar sua faceta moralista, calcada em um discurso moral e ético cristãos. Acrescenta-se aí o posicionamento colonialista defendido pelo Estado Novo português, nas palavras de Torgal (2009, p. 399), “Salazar foi, assim, criando a ideia de que Portugal possuía o seu próprio ‘espírito’, o que explica, à distância, a sua famosa expressão ‘orgulhosamente sós’”.

Mãe, em sua releitura desse contexto histórico, irá dissecar, através do desenvolvimento de uma vila ficcional isolada em si mesma e fiel à obrigação tácita de manter-se socialmente correta e íntegra, indivíduos e relações moldadas e (de)formadas naquele momento histórico, dentro de suas trajetórias individuais que, muitas vezes causam uma pressão interna insuportável para que haja uma mudança no estado das coisas, privilegiando-se de seu distanciamento temporal e crítico, a partir de uma visão portuguesa contemporânea e pós-salazarista.

O antiliberalismo apregoado pelo Estado Novo irá, por sua vez, apoiar-se principalmente no moralismo intervencionista – guardadas as devidas proporções. Assim, o que se percebe é a presença do contexto histórico contemporâneo à narrativa através do reforço ao poder do isolamento político e geográfico da vila, que recebe impactos de sua época a partir do prisma da Igreja Católica, em sua presença ubíqua e indissociável do Estado Novo português.

Além dos momentos citados, outras passagens da narrativa também remetem ao contexto salazarista, em especial aquelas relacionadas a progressos ocorridos após a queda do regime autoritário. A primeira delas explora a liberdade sexual dos jovens, em uma marca clara de ruptura com o moralismo religioso sobre o qual o Salazarismo se fundamentou, fazendo, possivelmente uma referência à Revolução Sexual pós final dos anos 60:

nessa altura, depois do vinte e cinco de abril, muitas pessoas pensaram que as liberdades eram maiores, muito maiores, do que o esperado. por isso vi na ribanceira, não longe dos sacos de serapilheira que se empilhavam, o grupo de rapazes e raparigas a rirem-se muito e a tocarem-se. Faziam-no constantemente e fugiam uns dos outros para escaparem a algo a que não queriam escapar” (MÃE, 2008, p. 123).

A segunda passagem refere-se à possibilidade de retorno dos cidadãos portugueses oposicionistas exilados. Não tendo mais o fantasma da prisão política pairando sobre si, essas pessoas puderam, finalmente, retornar a suas famílias:

os tios de França eram dois, o tio João e o tio Saúl, mais velhos que a minha mãe e que a tia Cândida. estavam em França como se estivessem mortos, excepto quando foi da herança, era a opinião da minha tia. eu raramente me lembrava deles e era verdade que não vieram nem pelos funerais dos meus avós. mas tinha a ver com o vinte e cinco de abril, estavam proibidos de voltar e notava-se quando voltaram. (MÃE, 2008, p. 125).

Apesar da referência bastante transparente ao exílio político dos tios, sua própria família demonstra entender esse afastamento como uma desfeita, uma forma de ruptura proposital com a família, o que é reforçado pela sugestão de Cândida de que eles apenas se interessaram pela possibilidade de ganho financeiro, ignorando seus deveres familiares com os ritos fúnebres. A tia, apesar de ser representada por Benjamim como uma adulta informada, não conseguia em fazer a correlação entre a ausência dos irmãos e a situação política nacional.

Em *o nosso reino*, portanto, a presença desse fascismo ‘à portuguesa’ faz-se de forma velada, porém crível e apropriada para a realidade ribeirinha representada, lembrando que em comunidades afastadas, com pouco desenvolvimento de aparelhos políticos, a presença do autoritarismo do Estado Novo poderia ser vista de outras formas para além dos representantes diretos do governo. No caso da narrativa, esse desdobramento se faz através da presença autocrática do padre Filipe em suas demonstrações de violência (a qual iremos esmiuçar no capítulo 4), da autoridade da avó, da onipresença da religião em sua face mais repressora e também da autoridade violenta do pai. Essas forças frequentemente se chocam com Benjamim, isolando-o de outros seres e, até mesmo, de uma vida equilibrada. Essas implicações serão desenvolvidas a seguir.

2.3 O ISOLAMENTO PROFUNDO DO SER, OU QUANDO O DINHEIRO NÃO ESTÁ EM QUESTÃO

Clémentine e Angel vivem numa grande e bem equipada casa em um rincão francês, próximo de uma pequena cidade e de uma grande falésia. Sem fazer nenhuma referência a trabalho ou a como o casal obtém seu sustento, Boris Vian explora, em *L'arrache cœur*, uma família recém-formada pelo nascimento de três crianças – ou, como sempre se faz questão de ressaltar, pelos narradores ou pelos personagens adultos –, os gêmeos, Noël e Joël, mais Citroën.

Publicado pela primeira vez em 1953, o romance evolui sem que haja notas explícitas da presença do seu contexto de produção, ou mesmo de outras ocasiões históricas. Talvez, a renúncia a ancorar-se a um momento histórico específico amplifique ainda mais a sensação profunda de isolamento no qual essa família habita, uma vez que há uma decupagem entre esses seres e contextos – sejam eles sociais, históricos, políticos, científicos –, o que nos passa uma impressão de que, apesar de haver dados das mais várias ordens, os personagens não chegam a, de fato, fazer parte do mundo em que habitam.

No entanto, se há pouca ancoragem entre os personagens/enredo e contexto, há muito em generosidade, por parte do narrador, na descrição do ambiente, sobretudo no que diz respeito a elementos da natureza. Logo no início do texto, quando o personagem protagonista da história, o psicanalista Jacquemort, chega ao local onde a narrativa irá se desenvolver, a descrição do ambiente é feita da seguinte forma:

Le sentier longeait la falaise. Il était bordé de calamines en fleur et de brouillouses un peu passées dont les pétales noircis jonchaient le sol. Des insectes pointus avaient creusé le sol de mille petits trous ; sous les pieds, c'était comme de l'éponge morte de froid.²² (VIAN, 2013, p. 539)

Ao mesmo tempo que a ambientação contribui para a criação de uma sensação de se estar em um lugar pitoresco e idílico, ela também se orienta para a

²² “O carreiro abria-se ao longo da falésia. Era ladeado por calaminas em flor e nebulosas um tanto murchas cujas pérolas enegrecidas juncavam o chão, Insectos pontiagudos tinham enchido o chão de mil e um buraquinhos: debaixo dos pés, parecia uma esponja morta de frio”. (VIAN, 2011, p. 10)

criação de tensão. As flores de calaminas, uma espécie de planta da família das violáceas, cujo nome provém do mineral homônimo, acompanham o caminho que o personagem percorre, mas têm a exuberância viva de suas flores contrastada pelas pétalas murchas e enegrecidas de plantas chamadas nebulosas, ao mesmo tempo em que o próprio solo, corroído pela ação de insetos, traz a impressão táctil e lúgubre de esponjas mortas.

Essa descrição se constitui a uma só vez pelo estranho e pelo inusitado, que é ainda mais reforçado pela descrição da vegetação através da qual Jacquemort passa:

Le jardin s'accrochait partiellement à la falaise et des essences variées croissaient sur ses parties abruptes, accessibles à la rigueur, mais laissées le plus souvent à l'état de nature. Il y avait des calaios, dont le feuillage bleu-violet par-dessous, est vert tendre et nervuré de blanc à l'extérieur ; des ormaies sauvages, aux tiges filiformes, bossuées de nodosités monstrueuses, qui s'épanouissaient en fleurs sèches comme des meringues de sang, des touffes de rêviolle lustrée gris perle, de longues grappes de garillias crémeux accrochés aux basses branches des araucarias, des sirtes, des mayanges bleues, diverses espèces de béca-bunga, dont l'épais tapis vert abritait de petites grenouilles vives, des haies de cormarin, de cannaïs, de sensiaires, mille fleurs pétulantes ou modestes terrées dans des angles de roc, épandues en rideaux le long des murs du jardin, rampant au sol comme autant d'algues, jaillissant de partout, ou se glissant discrètes autour des barres métalliques de la grille. Plus haut, le jardin horizontal était divisé en pelouses nourries et fraîches, coupées de sentiers gravelés. Des arbres multiples crevaient le sol de leurs troncs rugueux.²³ (VIAN, 2013, p. 548-549)

Novamente, aqui, embora permeada por neologismos, como as plantas “calaios”, “rêviolle”, “garrilia”, ora termos não usuais, como “meringues de sang”, a tensão está lá: em meio ao esplendor natural de diversas espécies de plantas e flores que crescem em um jardim estruturado e gradeado, há referências contrastantes,

²³“Uma parte do jardim estendia-se pela falésia, e variadas essências cresciam nos sítios mais abruptos, acessíveis, bem vistas as coisas, mas, muitas vezes, deixados ao deus-dará. Eles eram calaios cuja folhagem, azul-violeta na parte de baixo, é de um verde tenro e nervado de branco do lado de fora; ele [elas?] eram olmas selvagens de caules filiformes, corcovadas de monstruosas nodosidades, que desabrochavam em flores secas como merengues sanguíneos, e tufo da sonhadora listrada de cinzento-pérola e de longos cachos de garilhas cremosas pendurados nos ramos baixos das araucárias, e sirtos, e maiangas azuis e várias espécies de becabunga cujo espesso tapete verde abrigava minúsculas rãs vivas, e sebes de cormarinho, de canaís, de sensiárias, mil e uma flores modestas ou petulantes, encafuadas nos recôncavos das rochas, espalhadas em cortinas ao longo dos muros do jardim, rastejando pelo chão como se fossem algas, brotando por toda a toda parte ou esgueirando-se, discretas, em volta dos varões do gradeamento. Mais acima, o jardim horizontal estava dividido em abundantes e frescos relvados, cortados por carreiros coberto de cascalho. Múltiplas árvores furavam o solo com seus rugosos troncos (VIAN, 2011, p. 19-20).

como a presença de flores secas semelhantes a merengues sanguíneos, as nodosidades monstruosas, ou até mesmo a descrição dos troncos das árvores furando o solo.

Naturalmente, em se tratando de um romance com raízes surrealistas, o estranho, o incomum não apenas participa organicamente da narrativa, como faz parte de sua construção. Nesse ponto, é necessário chamar a atenção ao tratamento com a linguagem inerente à poética de Boris Vian, uma vez que é justamente a linguagem que contribui para essa aura geral do insólito. Cécile Pajona, em sua tese, esclarece que:

Le terme « brouillouses » renvoie manifestement à une plante mais le lecteur ne peut trouver de quelle fleur il s'agit. Ici, une incertitude est maintenue : le texte a-t-il créé un nouveau référent ou désigne-t-il un référent connu, présenté de manière inédite ? Cette question ne trouve aucune réponse. Le terme calamines pose le même genre de question, malgré un fonctionnement différent. Ce terme (pour un lecteur cultivé) est le nom d'un minéral ici employé pour désigner une plante. Un nom existant est employé avec un détournement référentiel. Mais le lecteur peut être trompé s'il ne connaît pas le mot, parce qu'il peut penser que c'est vraiment une plante ou que c'est un mot inventé. On comprend alors que le texte vianesque joue sur la question de la référence et sur les allées et venues entre le monde de référence du lecteur et celui de la fiction.²⁴ (PAJONA, 2019, p. 32)

Da mesma forma que estabelece esse jogo de referenciais desde o início do texto, por intermédio da descrição botânica do ambiente, o narrador irá, progressivamente, aumentando a intensidade com que situações insólitas ocorrem. Nesse sentido, é notável como o espaço da cidade é pródigo, desde o primeiro contato, de situações que chocam e provocam o mais puro estranhamento, tanto em Jacquemort – que é o único personagem que transita da casa para a cidade – quanto no leitor. Nesse ponto, chamamos novamente a atenção para a forma com que a ambientação é feita, de forma que o elemento do insólito vai sendo incluído aos

24 “O termo “nebulosas” faz menção obviamente a uma planta, mas o leitor não consegue descobrir de qual flor se trata. Aqui, uma incerteza é mantida: o texto criou um novo referente, ou designa um referente conhecido, apresentado de maneira inédita? Essa pergunta não tem nenhuma resposta. O termo calaminas propõe o mesmo tipo de questão, embora tenha um funcionamento diferente. Esse termo (para um leitor erudito) é o nome de um mineral que está sendo empregado para designar uma planta. Um nome existente que é empregado com um desvio referencial. Mas o leitor pode ser enganado se ele não conhece a palavra, porque pode pensar que é uma planta de verdade, ou que é uma palavra inventada. Compreende-se, então, que o texto vianesco joga com a questão da referenciação e com as idas e vindas entre o mundo do referencial do leitor e daquele da ficção.” (PAJONA, 2019, p. 32. Tradução nossa)

poucos, até chegar ao ponto no qual uma situação completamente fora da realidade é descrita.

Na passagem a seguir, o narrador acompanha a segunda ida de Jacquemort até a cidade. O ambiente dominado pela vegetação cede espaço, aos poucos, para as casas dos habitantes, que contam com uma descrição minuciosa e bastante crível, até o momento em que aparece, de repente, um riacho sanguíneo e escatológico:

Jacquemort franchit la grille pour la seconde fois dans ce sens et reprit le chemin du village. À sa droite, le mur du jardin, puis le flanc de la falaise et la mer, très loin. À gauche, des champs cultivés, des arbres çà et là, des haies. Un puits qu'il n'avait pas remarqué le matin le surprit par son couronnement de pierre patinée et ses deux hautes colonnes de pierre entre lesquelles un boisseau de frêne supportait une chaîne rugueuse rouillée. L'eau du puits bouillottait dans le fond, couronnant la margelle d'un nuage vite effiloché par la carde bleue du ciel.

Les premières maisons lui apparurent, de loin, elles frappaient par leur rudesse. C'étaient des fermes en forme d'U, les branches de l'U dirigées vers la route. D'abord, il n'y en avait qu'une ou deux, à droite. Leur cour présentait l'habituelle disposition : carrée, un grand bassin au milieu, plein d'une eau noire peuplée d'écrevisses et de vibrouzes ; à main gauche, l'aile où logeaient le fermier et sa famille ; à droite et au fond, les étables et les écuries, réparties au premier étage, auxquelles le bétail accédait par une rampe assez raide. Leur soubassement de forts piliers encadrait des cuves où venaient s'accumuler, par gravité, le fumier et les merdes. Celles des étables qui n'étaient pas occupées abritaient la paille, le grain et les réserves de fourrage. Dans un réduit spécial, bien aménagé, on culbutait les filles de ferme. La cour elle-même était pavée de granit gris coupé de bandes bien entretenues de cette herbe cylindrique et spongieuse qui bordait aussi la route.

Jacquemort continuait d'avancer sans voir personne. Les fermes se firent plus nombreuses. Maintenant, il y en avait aussi à gauche et le chemin plus large obliquait de ce côté. Il se doubla soudain d'un ruisseau rouge dont la surface arrivait presque au ras du sol, sans une ride, sans un pli, et sur lequel flottaient des débris non identifiables, comme après la digestion. Il courait maintenant, çà et là, la rumeur peu explétive des maisons vides. Jacquemort tentait de scinder en parfums individualisés les bouffées complexes qui le frappaient au droit de chaque bâtiment.

Le ruisseau l'intriguait. D'abord, il n'y avait rien eu, puis, tout à coup, il coulait large, plein jusqu'au bord, comme sous une membrane tendue. De la couleur de la bave du crache-sang, rouge clair et opaque. Une gouache d'eau. Jacquemort ramassa un caillou et le jeta dedans. Il s'enfonça discrètement, sans éclabousser, comme dans un fleuve de duvet.

Le chemin s'épanouit en une place oblongue, rehaussée d'un terre-plein où des arbres alignés maintenaient une ombre tranquille. Bifide, la chaussée contournait le terre-plein. À droite, il y avait une certaine animation et Jacquemort se dirigea de ce côté-là.²⁵ (VIAN, 2013, p. 554-555)

25 “Jacquemort passou o portão pela segunda vez, naquele mesmo sentido, e retomou o caminho da aldeia. Tinha, à sua direita, o muro do jardim, a seguir a encosta da falésia e, lá muito ao longe, o mar. À esquerda, campos cultivados, árvore; aqui e acolá, sebes. Um poço, que lhe passara despercebido de manhã, surpreendeu-o com a sua coroa de pedra patinada e as suas duas altas colunas de pedra, entre as quais se via uma trace e freixo servindo de suporte a uma rugosa e ferrugenta corrente. A

Percebemos, nesse trecho, que Jacquemort, apesar dos elementos ao seu redor serem incomuns, demonstra uma curiosidade analítica, que o leva a investigar mais profundamente o riacho, atirando uma pedra em suas águas. No entanto, sua curiosidade e interação com o ambiente ficam apenas nisso, pois ele não toma qualquer outra atitude e tampouco insiste no experimento. Essa progressão também pode ser notada na forma com que Jacquemort se relaciona com o novo ambiente, que opera segundo regras que ele não compreende e de início não aceita. Ao longo de sua estadia, à medida em que vai permanecendo e pertencendo, parece começar a aceitar esse insólito e até mesmo o inaceitável. O que talvez explique como esse personagem, um psicanalista que chegou até o local com o intuito de exercer a profissão, age com complacência e impotência diante dos projetos de Clémentine de cercear seus filhos.

De forma ironicamente paradoxal, o psicanalista não se ocupa dos dois personagens mais problemáticos da trama, Angel e Clémentine, e, no que diz respeito

água do poço borbulhava lá no fundo, coroando o parapeito com um alo de névoa depressa esfiapado pela carda azul do céu.

Viu aparecer ao longe as primeiras casas, casas que impressionavam pelo seu aspecto rude. Eram quintas em formas de U, com as pernas do U viradas para a estrada. A princípio, havia apenas uma ou duas, à direita. o pátio apresentava a disposição do costume: quadrado, no meio um grande tanque cheio de água negra povoada de camarões e de vibruzes; mesmo ao alcance da sua mão esquerda, a ala habitada pelo caseiro e respectiva família; ao fundo, à direita, os estábulos e as cavalariças, divididas a altura do primeiro andar, ao qual o gado acedia por meio de uma rampa bastante inclinada. No piso térreo, sustentado por fortes pilares, dispunham-se os lavadouros onde iam acumular-se, mercê da gravidade, o estrume e as merdas. Os estábulos não ocupados abrigavam a palha, o grão e as reservas de forragem. Num recinto especial, bem arranjado, guarnecido com bolas de sarlipetes, eram derrubadas as moças da quinta. Quanto ao pátio propriamente dito, era pavimentado de granito cinzento cortado por faixas bem cuidadas daquela mesma erva cilíndrica e esponjosa que bordejava a estrada.

Jaquemort prosseguia no seu caminho sem ver viva alma. As quintas foram se tornando mais numerosas. Agora já também se viam quintas à esquerda, e o caminho, mais largo, obliquava para esse lado. De repente, o Carreiro desdobrou-se num ribeiro vermelho cuja superfície, sem a mínima ruga ou dobra, ficava quase revés ao chão, e à tona do qual flutuava uma série de porcarias não identificáveis, como depois de uma digestão. Corria agora, aqui e além, o rumor pouco explicativo das casas vazias. Jacquemort tentava cindir, em perfumes individualizados, as complexas baforadas que, ao passar em frente de cada edifício, chegavam até ele.

Aquele ribeiro intrigava-o. primeiro, nem se via, e, de um momento para o outro, deslizar a largo, cheio até as bordas, como que por debaixo de uma membrana estendida. Da cor da baba de um escarro de sangue, vermelho claro e opaco. Um guache de água. Jacquemort agarrou numa Pedra e atirou-a lá para dentro. A pedra desapareceu discretamente, sem salpicar, como se se tratasse de um rio de penas.

O caminho desabrochou num largo oblongo, no centro do qual se erguia um terreiro onde as árvores alinhadas proporcionavam uma sombra tranquila. Bífida, a calçada contornava o terreiro. À direita, havia uma certa animação e, portanto, foi para ali que Jacquemort se encaminhou". (VIAN, 2011, p. 25-26)

à educação e cuidado com os filhos desse casal, desempenha um papel puramente operacional e prático, como se fosse um assistente de Clémentine.

Além da construção do ambiente e de personagens e situações surreais, a passagem do tempo também pode ser tomada como um aspecto do insólito, uma vez que, progressivamente, a contagem dos dias vai se tornando confusa em um emaranhamento dos dias e meses. De certa forma, essa marcação temporal contribui, a sua maneira, para a intensificação da sensação de isolamento e, conseqüentemente, de perda de controle. Através da estratégia de marcar a passagem dos dias e meses através da anotação das datas, como uma espécie de cabeçalho, no início de alguns capítulos, o narrador constrói sutilmente uma ideia de perda de controle sobre o próprio tempo.

Se, no início da narrativa, temos a contagem de dias e de meses feita cronologicamente, tal qual um diário, ao longo da narrativa aparecem inconsistências relevantes, tanto na forma de marcação do tempo (às vezes, o dia da semana é referido, às vezes existem entradas múltiplas para um mesmo dia, às vezes o hiato temporal é enorme, chegando mesmo a um intervalo de quatro anos), quanto na forma de estipular os dias e de referenciar os meses – há meses com cem, trezentos dias. Como podemos notar na Tabela 1, a partir da segunda parte do livro, os meses começam a ser aglutinados em construções novas e isso não mudará até o final do livro:

Tabela 1 - Marcações temporais em VIAN, 2013

	Data	VIAN, 2013	Aglutinação temporal
Primeira parte	28 août	p. 540	-
	29 août	p.547	-
	30 août	p.560	-
	31 août	p.564	-
	Dimanche 2 septembre	p. 571	-
	2 septembre	p. 577	-
Segunda parte	Mardi 7 mai	p. 582	-
	8 mai	p. 589	-
	9 mars	p. 594	-
	24 mars	p. 597	-
	30 mars	p. 598	-
	16 avril	p. 599	-
	20 mai	p. 603	-

Terceira parte – 4 anos depois	13 juinet	p. 606	Juin + juillet (junho + julho)
	24 juinet	p. 608	
	27 juinet	p. 611	
	27 juinet plus tard	p. 614	
	27 juinet encore après	p. 616	
	39 juinet	p. 618	
	39 juinoût	p. 621	
	55 janvril	p. 624	Janvier + avril (janeiro + abril)
	59 janvril	p. 624	
	98 avroût	p. 629	Avril + août (abril + agosto)
	107 avroût	p. 631	
	135 avroût	p. 635	
	135 avroût	p. 642	
	136 avroût	p. 643	
	1 ^{er} juillet	p. 643	
	347 juillet	p. 645	
	348 juillet	p. 646	
	7 octobre	p. 650	Octobre + novembre (outubro + novembro)
	8 octobre	p. 654	
	27 octobre	p. 662	
28 octobre	p. 665		
28 octobre	p. 668		
67 novrier	p. 671	Novembre + février (novembro + fevereiro)	
79 déçars	p. 674	Décembre + mars (dezembro + março)	
80 déçars	p. 676		
12 marilet	p. 679	Mars + juillet (março + julho)	
14 marilet	p. 681		
15 marilet	p. 684		
16 marilet	p. 686		

Na passagem do tempo em *L'arrache cœur*, não há um rigor na anotação das datas, sequer há uma padronização nelas. Talvez as quatro primeiras entradas apontem para uma tentativa de organização cronológica por parte do narrador, que procura acompanhar todos os dias de seus personagens. Porém, a primeira lacuna não demora a acontecer, sendo que o dia 1º de setembro do primeiro ano foi omitido

e, após isso, não há nenhuma menção ao tempo decorrido entre setembro e maio, data da primeira entrada da segunda parte do livro.

A partir desse ponto, os meses passam a ser escritos de forma aglutinada, de maneira que é difícil perceber se há um padrão sendo seguido, ou uma intencionalidade clara por trás do jogo de palavras. Por exemplo, o mês de *juinet* é seguido por *juinoût*, o que pode ser entendido como o mês de junho, depois o de julho e, depois o de agosto. Porém, essa lógica não se aplica aos meses da terceira parte do livro, em que essa aglutinação apresenta-se mais dúbia pois, por exemplo, *juillembre* pode apontar tanto para *juillet* mais *septembre*, ou mais *novembre*. Parece que, nesse jogo, a única lógica mantida é a passagem cronológica dos meses. Segundo Pajona (2019, p. 55):

La distorsion des dates [...] tout en ayant une forme familière pour le lecteur, bouscule complètement ses repères. Si le roman s'inspire de la forme du journal, il en change les codes et crée ainsi une temporalité autre. Le début du changement des dates (au chapitre XII de la deuxième partie) correspond, selon nous, à l'accommodation de Jacquemort au village et à ses mœurs.²⁶

Dessa forma, em um primeiro momento, essa aglutinação nos nomes dos meses parece muito conectada a um simples jogo de palavras por blague, porém é possível inferir intencionalidade nessa marcação. Se tomarmos, assim como propõe Pajona (2019), o início desse fenômeno lexical como o momento em que o psicanalista passa a aceitar que sua permanência naquele ambiente contraditório e insólito não será tão passageira quanto imaginava no início de sua aventura, podemos tomá-lo como marca textual da resignação de Jacquemort e de sua aceitação a comungar da experiência que, até então, observava do lado de fora, com um olhar analítico.

Nesse ponto, Pajona (2019) também observa que a estrutura narrativa de *L'arrache cœur* é elaborada de forma a privilegiar a visão de Jacquemort e, assim, aproxima-se dele:

[...] tout en inscrivant l'œuvre dans le genre du journal, ils simulent un apport d'informations tout en déstabilisant les repères du lecteur. La marque des

26 A distorção de datas mesmo que estejam em um padrão familiar para o leitor, bagunça completamente seu repertório. Se o romance se inspira no formato do jornal, ele muda seus códigos e cria, assim, uma temporalidade diferente. O início da mudança das datas (no capítulo XII da segunda parte) corresponde, a nosso ver, à acomodação de Jacquemort à vila e a seus costumes. (PAJONA, 2019, p. 55. Tradução nossa)

dates entraînent le lecteur dans un monde où la temporalité est dérégulée et où les mois et le découpage de l'année ne correspondent pas à nos normes. De plus, la forme du journal laisse entendre l'importance du point de vue de Jacquemort dans le roman²⁷. (PAJONA, 2019, p. 55)

Nesse ponto, é necessário fazer aqui um adendo: apesar da estrutura do romance estar próxima ao gênero textual de um diário, não podemos afirmar que, de fato, trata-se desse tipo de texto. Mesmo que haja a narração dos dias e um foco especialmente interessado sobre as ações e pensamentos de Jacquemort, isso é feito em terceira pessoa, por um narrador onisciente que mergulha nos pensamentos de outros personagens, como a própria Clémentine. Então, é preciso levar em consideração a presença de um narrador que não participa da ação narrada e que, muitas vezes, é capaz de descrever acontecimentos nos quais Jacquemort não está envolvido e, até mesmo, de penetrar no íntimo dos outros personagens.

Além disso, também é relevante considerar que essa aparente displicência e confusão na marcação do tempo não se reflete no personagem do psicanalista, uma vez que ele é capaz de refletir com exatidão a quantidade de tempo que está na casa de Clémentine. Em 347 *juillembre* (VIAN, 2013, p. 645), ele fala consigo mesmo: “Déjà six ans, trois jours et deux heures que je suis venu m’enterrer dans ce sacré pays, se dit Jacquemort en contemplant son reflet dans ça glace.”²⁸

A título de curiosidade, partindo da reflexão de Jacquemort sobre sua estadia ali, o dia 347 *juillembre* corresponderia a, aproximadamente, o dia 31 de agosto dos seis anos após o personagem ter chegado à vila. Porém, essa marcação tradicional não é mais importante, visto que o mesmo Jacquemort concluirá: “Si je ne m’étais pas trouvé sur le chemin de la falaise, pensait-il. Le 28 août. Et maintenant, les mois sont devenus si drôles – à la campagne, le temps, plus ample, passe plus vite et sans repères”²⁹ (VIAN, 2013, p. 681), dando a entender que a questão principal para essa passagem do tempo enviesada seria o ambiente rural.

27 Inscrevendo a obra no gênero diário, simula-se uma oferta de informação ao mesmo tempo em que se desestabiliza o repertório do leitor. A marca das datas envia o leitor a um mundo no qual a temporalidade está desregrada e no qual os meses e a divisão do ano não correspondem aos nossos padrões. Além disso, a forma do diário sugere a importância do ponto de vista de Jacquemort no romance. (PAJONA, p. 55)

28 “Há precisamente seis anos, três dias e duas horas que me vim enterrar no diabo desta terra, disse para consigo Jacquemort, mirando seu reflexo no vidro” (VIAN, 2011, p. 131)

29 Se eu não tivesse metido pelo caminho da falésia, pensava ele. A 28 de Agosto. Os meses, agora, são tão engraçados – no campo, o tempo, mais amplo, passa mais depressa e sem deixar rasto”. (VIAN, 2011, p. 170)

De certa forma, Jacquemort parece ser o único personagem que se ocupa da passagem do tempo e que a percebe dessa forma tão peculiar. Os demais personagens, isolados em suas próprias jornadas, pouco se dão conta desse fenômeno e pouco se importam com a existência de seres para fora dos muros da mansão. Isolados da vila em que habitam, talvez por pura indiferença, buscando seres e serviços apenas quando há utilidade prática para eles: o padre que batiza os gêmeos e Citroën; o carpinteiro que constrói os berços para as crianças; o ferreiro que ensina a profissão a Citroën; os operários que constroem muros e gaiolas para contenção dos meninos.

Dessa forma, talvez seja possível pensar nessa família como seres que se isolam do mundo exterior, física e emocionalmente, e que, a cada passo dado no romance, rumam em direção a isolamentos mais plurais, tais como a partir da tensão entre a ideia de pertencimento, de individualidade, de função social dentro da família, de liberdade e de encarceramento, sendo que a necessidade de se isolar da sociedade e manter, assim, o foro íntimo protegido de ameaças e estímulos externos, fez com que a personagem materialize a metáfora do muro da vida privada (ARIÉS, 2022), construindo-o literalmente.

Talvez por isso, no final das contas, o grande isolamento, em *L'arrache cœur* acabe por ser justamente a alienação do outro, o isolamento que cada membro da família sofre em relação ao outro, conforme veremos mais profundamente ao tratar das relações familiares.

2.4 PODER, COERÇÃO E CONTROLE

Os isolamentos nos quais se encontram as famílias de Miguilim e de benjamim, reforçados pela ausência do poder público e de instituições sociais, parecem levar essas famílias a se organizarem em busca da autossuficiência. Como vimos, no caso dos Cessim Caz, a autoridade autocrática do pai é secundada pela avó Izidra – que se institui enquanto autoridade religiosa. De forma semelhante, é a vó de benjamim que exerce o poder religioso, porém, ao contrário dos Caz, ela também centraliza em si a autoridade sobre o funcionamento da família. A figura paterna nessa família de o *nosso reino* apenas irá buscar uma posição de poder sobre os demais quando a avó falece e deixa o poder vacante.

Em comparação, o caso da família de *L'arrache cœur* é diferente, pois a noção de sobrevivência é outra: essa família, sendo economicamente privilegiada, não precisa se preocupar com alimentação, moradia ou com qualquer outro item de subsistência, pois suas primeiras necessidades são completamente sanadas. O próprio isolamento físico, nesse contexto, não produz os mesmos efeitos das outras narrativas, uma vez que ele pode ser contornado pelo envio de um emissário até a vila para buscar o serviço ou assistência, caso necessários. A questão de sobrevivência, então, recai sobre o medo do imprevisto, o medo dos riscos e danos físicos que podem acontecer caso as crianças estejam em ambientes não controlados. A noção de sobrevivência aqui pode ser percebida como a crescente – e patológica – necessidade de Clémentine de proporcionar cuidado e integridade física aos filhos, sendo ela a única provedora e reguladora.

Dessa forma, as relações intrafamiliares que se operam nos seios dessas pequenas sociedades organizadas em prol de suas próprias sobrevivências é matéria riquíssima. Nessa luta pela sobrevivência familiar, notamos a recorrência do exercício do poder autocrático, do controle, da submissão e da violência, temas necessários para a compreensão da construção identitária dos personagens infantis analisados, uma vez que eles determinam e influenciam de modo direto em comportamentos e ações dessas crianças.

Antes de mais nada, no entanto, é importante que se diga que não temos, aqui, a pretensão de nos enveredar pelas teorias psicológicas e sociológicas, muito menos nos aprofundar no campo do behaviorismo³⁰, mas nos parece extremamente interessante e relevante observar a questão da constituição do poder e do controle para, posteriormente, encontrar, na teoria do contracontrole, emprestada do campo da Psicologia e a qual conceituaremos ao longo desse capítulo, caminhos para compreender a construção identitária tanto de Miguilim quanto de benjamim e dos gêmeos mais Citroën ao longo da narrativa – que ocorre em meio a um oceano de autoritarismo e exercício arbitrário do poder e do afeto ao quais esses personagens estão submetidos em seus ambientes familiares.

30 Reconhecemos o interesse e relevância de utilizar ferramentas multidisciplinares na análise literária, mas também reconhecemos nossas limitações no que diz respeito ao conhecimento aprofundado da área do behaviorismo. Por isso, entendemos a necessidade de buscar apoio em teorias psicológicas e sociológicas..

Iniciando esse caminho, procuramos compreender o que é “poder” e “dominação”, de acordo com o pensamento de Michel Foucault e Pierre Bourdieu. A partir disso, buscamos a suporte nas noções de controle e coerção apresentadas pontualmente pelo pensamento de Burrhus Frederic Skinner e do também behaviorista Murray Sidman.

Foucault não oferece uma definição fechada do que seria o poder, inclusive esse não era o foco de sua pesquisa, mas, através de seu pensamento, percebemos a capilaridade do poder e a forma com que sua constituição ocorre e se espalha nas mais diversas esferas da vida humana. No primeiro volume da *História da sexualidade*, Michel Foucault chama a atenção para a onipresença do poder:

o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E o poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autoprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados; é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 1979, pp. 88-89)

Assim, o sociólogo explica que *poder* não é algo cuja existência é concreta e palpável, mas como algo abstrato, complexo, multiforme e que está presente em todas as situações, mesmo naquelas que não envolvem as instituições que exercem poder de maneira explícita, como o poder público. O poder, então, envolve uma construção e um exercício contínuos e não se restringe a instituições oficiais, mas a todas as relações humanas. Foucault afirma, na entrevista intitulada *Sobre a prisão* (publicada pela primeira vez em 1975), presente no livro *Microfísica do poder*, que:

[...] quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana (FOUCAULT, 2021, p. 215)

Esse é um ponto nevrálgico para nossa análise, uma vez que o poder exercido pelos pais e avós dos romances aqui trabalhados, mesmo que seja algo posto, é também dinâmico e reafirmado por meio das ações desses indivíduos, que ecoam e reverberam tanto em ações quanto pensamentos dos familiares que se encontram debaixo desse poder.

Também é interessante pensar que o poder, enquanto construção, é fundamentado na repetição de situações e que, por isso, pode ser enfraquecido quando não há essa reiteração, fenômeno que pode ser verificado, por meio da relação entre construção e consolidação do poder, nas narrativas *Campo Geral*, *o nosso reino* e *L'arrache cœur*. Como explica a professora Lidia Natalia Dobrianskyj Weber,

o poder e o controle não estão apenas em suas instâncias finais, como o Estado, mas estão onipresentes nas relações humanas, manifestando-se em diversos níveis e de formas variadas, condicionando a atividade e existência dos homens em todos os momentos (WEBER, 1989, p. 29-30)

Ou seja, poder e o controle, que advém do seu exercício e manutenção, não são exclusivos de certas instituições, mas inerentes às diversas modalidades de relações humanas, manifestando-se de forma idiossincrática em cada uma delas. Aqui, parece natural pensar a família enquanto uma instituição na qual existe o exercício do poder por uns e a submissão por outros, em um jogo constante e iterativo, que pode assumir manifestações diversas (ora, não é porque há uma relação de poder entre pais e filhos que ela seja violenta, por exemplo). Nesse sentido, acaba sendo natural que aqueles

indivíduos dentro de uma sociedade que promovem a verdade são os mesmos que acabam por deter o poder. E quem tem o poder, tem o controle. E é essa minoria quem controla a maioria, que detém mecanismos coercitivos e quem valoriza os procedimentos e técnicas para a obtenção da sua verdade. (WEBER, 1989, p. 29)

Além disso, reforçamos que, quando Nhô Berno, vó Izidra, o pai e a avó de benjamim e Clémentine exercem o poder sobre os demais membros da família, eles o fazem de forma reiterada e – em alguns casos, escalonada – de forma a reforçar suas posições e formas de controle. Naturalmente, para que o estabelecimento e o reforço desse poder ocorram, é necessário que ele seja desempenhado de forma unilateral, com um público, ou até mesmo súditos, que aceitem – por opção ou por falta de opção – esse exercício. Lembrando ainda Foucault (2021, p. 284):

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação;

nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os.

Essa relação, embora dinâmica, naturalmente, não é “homogênea”. Considerando a argumentação da professora Lidia Weber, nesse ponto, é possível considerar que o poder é exercido por uma minoria que é a mesma que determina aquilo que será tomado como verdade pelos demais participantes desse grupo. Sob esse aspecto, a verdade pode ser compreendida como o recorte e interpretação da realidade que serão tomados como absolutos e inequívocos. Talvez também possamos incluir nesse conjunto a construção de valores e crenças que deverão ser considerados válidos e seguidos por aqueles que estão subjugados no sistema de poder – valores esses que compreendem a moralidade, ou seja, o senso do certo e do errado. Para que esse tipo possa ser exercido e não seja questionado ou enfrentado, o grupo dominante dispõe de ferramentas e métodos coercitivos, ou seja, caminhos violentos para a manutenção de tal forma de poder.

Pois, ao trazer essa discussão para a análise de *o nosso reino*, *Campo Geral* e *L'arrache cœur*, conseguimos identificar claramente a composição dos dois grupos: a minoria que exerce o poder e a maioria que é controlada por ele, além de ser possível reconhecer as ações de poder que são levadas a cabo, com o intuito de controle, coerção e adestramento dessa maioria que, em seu descontentamento, orbita entre a sujeição e as tentativas de contracontrole.

Na obra *o nosso reino*, ao lidar com o medo que sentia pelo empregado da casa, sr. Luís, benjamim considera que o assassinio desse homem poderia libertá-lo da sensação tenebrosa que tomava conta dele. Porém, através da confissão, o menino era obrigado a dividir todos os seus pensamentos com o padre e, naturalmente, não poderia abrir-se em relação a esses planos. Por isso, a estratégia da criança é de pular intermediários e se abrir diretamente com deus:

ao padre tínhamos de contar tudo, mas eu pedira a deus que me desonerasse dessa obrigação. expliquei-lhe que não era pecado esconder algo, se pedíssemos primeiro a deus que nos permitisse o segredo. confessava-me assim, já confessei, deus sabe e se ele quisesse muito que o senhor soubesse haveria de ter maneira de lho dizer. (MÃE, 2008, p. 26)

A lógica aplicada pelo menino Ihe parece coerente, mas simplesmente não se adequa à estrutura de poder sobre a qual é construída a Igreja Católica e seus mecanismos: não é possível 'atravessar' o papel de intermediário que a instituição desempenha. Dessa forma, o padre possivelmente encara essa barganha como uma forma de insurreição de benjamim contra o poder divino e institucional que exerce. Ainda, justamente por se julgar imbuído de tais poderes – e, portanto, jamais ser contestado –, acaba por reagir com violência e agredindo o menino:

quando o padre me bateu da primeira vez fiquei perplexo. fiquei uma pedra presa ao chão, os Joelhos a tremer como madeira tola a querer ferir o mármore, e calei-me. saí da igreja lento, sem chorar, a acreditar que o homem mais triste do mundo poderia trabalhar com ele e que a morte poderia ser uma coisa encomendada por uma pessoa para outra pessoa qualquer. eu morreria naquele dia, pensava eu, que um padre bater numa criança só podia ser trabalho da morte. (MÃE, 2008, p. 26)

Essa 'resposta do padre', um terrível episódio de violência coercitiva, representa uma grande ruptura para o menino, que via na autoridade alguém que deveria zelar pela integridade e bem-estar dos seus fiéis – um pensamento considerado por benjamim como perfeitamente lógico e razoável dada a sua visão de mundo até então. A partir daí, sua fé no padre e no poder exercido por ele começa a vacilar e a dar cada vez mais espaço à releitura idiossincrática que faz da sua própria fé e de sua relação com o transcendental. Desenvolveremos esse tema com mais profundidade no capítulo 4, dedicado às relações com Deus e religião.

A agressão física é claramente utilizada como instrumento de coerção. Porém, ao contrário do que se pode imaginar, não é necessário que haja violência para que ela exista, afinal a dominação e o controle são relações extremamente complexas e podem se manifestar das mais diversas formas. Como afirma Catani (1978, pp.8-9 apud WEBER, 1989, p. 30), "o fundamento de toda dominação, isto é, de toda obediência, é uma fé: fé no prestígio do que manda ou dos que mandam", ou seja, uma fé depositada nos dirigentes, em função do seu status e prestígio". Dessa forma, para que alguém seja dominado, esse primeiro precisa aceitar a posição de poder daquele que o domina. Em relação ao episódio com o padre filipe, benjamim passa a questionar a legitimidade do religioso no desempenho de sua função clerical e os desdobramentos dessa ruptura serão analisados posteriormente.

Porém, é importante levar em consideração o fato de não serem todas as relações de poder, mesmo quando abusivas, alvo de questionamento ou passarem

por esse ‘abalo’ na fé no dominador. O próprio Miguilim, mesmo sendo submetido diversas vezes por reações violentas e desproporcionais vindas de seu pai, não chega a, de fato, ter abalada a crença no poder exercido por Nhô Berno. Por exemplo, na ocasião em que o menino pensa a respeito do prazer que seu pai sente ao caçar tatus e outros animais, o pensamento que dispara no menino não é contra o pai, mas contra os adultos de maneira geral, cena essa que o remete a uma situação de trauma, na qual o pai ordena que a cadela mais querida por Miguilim seja levada embora. Esse pensamento leva-o a assumir o compromisso de não se tornar igual a esses adultos com quem convivia nem, tampouco, aliar-se a eles:

Miguilim inventava outra espécie de nôjo das pessoas grandes. Crescesse que crescesse, nunca havia de poder estimar aqueles, nem ser sincero companheiro. Aí, ele grande, os outros podiam mudar, para ser bons — mas, sempre, um dia eles tinham gostado de matar o tatú com judiação, e aprontado castigo, essas coisas todas, e mandado embora a Cuca Pingo-de Ouro, para lugar onde ela não ia reconhecer ninguém e já estava quase ceguinha. (ROSA, 2016, p. 60)

Nesse sentido, vislumbramos aquilo que Pierre Bourdieu chama de poder simbólico que é “[...] com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2000, p. 8). Bourdieu explica o poder simbólico como

um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. (BOURDIEU, 2000, p. 8)

Dessa forma, podemos pensar o poder simbólico como uma espécie de “acordo”, ou pacto, no que se diz respeito a pontos de vista, em que dominados e dominantes compartilham uma concepção da realidade que irá, justamente, validar esse poder. Esse tipo de poder, embora seja extremamente abstrato e impalpável, possui uma existência sobrepujante pois é reconhecido dentro da relação de dominância. Assim,

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder

simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. (BOURDIEU, 2000, p. 14-15)

Quando analisamos o poder exercido por Nhô Berno, pai de Miguilim, percebemos que este provém, principalmente, do fato dele ser o pai da família e que, portanto, é imbuído de um poder inerente a essa posição. Além disso, verificamos que o exercício desse poder é feito de forma violenta, ou seja, quando o pai não vê sua autoridade sendo obedecida, recorre a ameaças contra a integridade física de sua família e, em determinados momentos, passa a demonstrações de violência física e emocional. Desde o início da narrativa, fica transparente essa dinâmica: quando Miguilim chega de sua excursão e, no afã de agradar sua mãe com o comentário positivo de um viajante sobre o Mutúm, vai ter direto com ela, sem se atentar para os outros familiares, inclusive seu pai:

Com a aflição em que estivera, de poder depressa ficar só com a mãe, para lhe dar a notícia, Miguilim devia de ter procedido mal e desgostado o pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordoado arrependimento de perdão. De nada, que o pai se crescia, raivava: – “Este menino é um mal-agradecido. Passeou, passeou, todos os dias esteve fora de cá, foi no Sucurijú, e, quando retorna, parece que nem tem estima por mim, não quer saber da gente...” A mãe puniu por ele: - “Deixa de cisma, Béro. O menino está nervoso...” Mas o pai ainda ralhou mais, e, como no outro dia era de domingo, levou o bando dos irmãozinhos para pescaria no córrego; e Miguilim teve de ficar em casa, de castigo. (ROSA, 2016, p. 26-27)

Aqui, percebemos que a punição aplicada a Miguilim, embora não seja via violência física, ainda assim tem o objetivo de punir a criança, fisicamente afastando-a da convivência familiar por não ter cumprimentado o pai assim que chegou, ou seja, a ausência de uma deferência diante da figura de poder paterna precisa de uma punição, nem que seja via isolamento e privação de um prazer.

Sobre os efeitos da punição, é necessário recuperarmos o que Skinner entende por reforços, tomando como parâmetro a frequência do comportamento que ocorre após esses atos:

Primeiro definimos um reforçador positivo como qualquer estímulo que, quando apresentado, aumenta a frequência do comportamento ao qual é contingente. Definimos um reforçador negativo (um estímulo aversivo) como qualquer estímulo que, quando *retirado*, aumenta a frequência do comportamento. Ambos são reforçadores no sentido literal de reforçar ou aumentar a frequência de uma resposta. (SKINNER, 2003, p. 201-202)

Manipular esses reforçadores implica, necessariamente, uma tentativa de mudar o comportamento do Outro, seja para premiá-lo, seja para puni-lo, de forma que “o campo da punição se constitui pela retirada de um reforço positivo ou pela introdução de um reforço negativo” (SKINNER, 2003). Embora se trate de uma questão complexa, a equação é simples: a punição ocorre quando aquele que detém o poder decide retirar um reforço positivo, ou inserir um reforço negativo, com a intenção que o comportamento daquele que está sendo punido mude. Nessa dinâmica, o ponto chave justamente é o fato de o resultado esperado estar diretamente conectado com o comportamento do alvo da punição.

Esse medo específico é uma constante e, *Campo Geral*, pois ela apresenta-se de formas variadas, muitas das quais apontam para castigo com peso emocional e psicológico, mas que também alcançam a punição física. Dessa forma, percebemos que o poder exercido pelo pai se sustenta a partir do medo e do temor de punições arbitrárias, que podem, inclusive, pôr em risco a integridade física e emocional das crianças.

A psicologia comportamental entende que a punição pode ser mediada por fatores ambientais ou por outras pessoas. Quando essas últimas são os agentes punidores, ela torna-se “uma técnica poderosa de controle social” (SKINNER, 2003, p. 202). Dentro de uma família, a punição é geralmente exercida por aquele que detém o poder (seja econômico, moral, social, físico) sobre os outros membros, afinal é esse agente que tem meios para inserir ou retirar os reforçadores.

Após a cena de violência física contra Nhanina (a qual iremos aprofundar posteriormente) e, depois, contra Miguilim, Nhô Berno, sendo o agente punidor, decide colocar o menino de castigo – isolado e proibido de ter contato com os outros, ser alimentado ou, até mesmo, ter acesso a água, claramente um reforço negativo. Nesse momento, Miguilim considera:

Mas o pai não devia de dizer que um dia punha ele Miguilim de castigo pior, amarrado em árvore, na beirada do mato. Fizessem isso, ele morria da estrangulação do medo? Do mato de cima do morro, vinha onça. Como o pai podia imaginar judiação, querer amarrar um menino no escuro do mato? (ROSA, 2016, p. 33)

Percebemos, com isso, que o medo – o temor de algo pior – tem um peso enorme na dinâmica de poder e controle que Nhô Berno exerce contra os filhos, uma

vez que eles não são capazes de identificar e dimensionar até onde o pai seria capaz de ir para puni-los. Skinner (2003, p. 203) explica que: “Em geral se supõe que a punição tenha algum efeito permanente. Espera-se que alguma alteração no comportamento será observada no futuro, mesmo que não haja mais punição”, de forma que entre seus diversos subprodutos, a punição pode levar à intensificação do comportamento que visava extinguir. Poucas opções resultam daí, pois entra-se em um ciclo retroalimentado pela interação entre o comportamento inadequado e o reforçador administrado. O custo para o grupo social é, então, alto, uma vez que as reprimendas precisam ser contínuas e sistemáticas para conseguir suprimir por completo o comportamento inadequado do Outro.

O poder apoiado sobre o medo também se faz presente em *o nosso reino*. O pai de benjamim igualmente apresenta uma face violenta e punitiva, sendo que essa explode em momentos pontuais e que serão trabalhados posteriormente. De toda forma, é importante destacar que a existência da punição física sempre paira sobre benjamim e seus irmãos, sendo que o menino chega a declarar que seu irmão, “o manuel tinha a mão do pai muito perto do rabo, sempre a cair-lhe em cima a cada deslize, a cada ideia menos atenta” (MÃE, 2008, p. 113). Assim, a violência física, enquanto faceta direta do exercício do poder paterno, aparece sob essa aura onipresente tanto em *campo geral* quanto em *o nosso reino*, ou seja, claros reforçadores negativos para comportamentos tidos como inadequados das crianças pelos pais. A possibilidade constante desse tipo de punição acaba reforçando o poder que emana desses personagens, uma vez que ele é calcado sobre o medo dos meninos e sobre a certeza de que a punição chegará, revelando-se, assim, como uma das formas de exercício de controle sobre a família, que visa à mudança ou manutenção comportamental³¹. Portanto, de acordo com Skinner (2003, p. 198-199), isso fica evidente e reitera nossa análise quanto ao comportamento dos pais em relação aos seus filhos nas narrativas:

31 Reforçamos aqui a especificidade da punição em relação a outros tipos de violência, uma vez que ela é uma ação executada com fins de controle de um comportamento indesejado, para que ele seja extirpado ou, ao menos, minimizado. Nas palavras de Skinner (2003, p. 347): “Punição não deve ser confundida com restrição física ou uso de estimulação aversiva. Todas essas três formas de controle comumente estão à disposição do mesmo indivíduo em razão da natureza do poder de controle, mas confinar um homem a uma cela para evitar que se comporte de uma certa maneira ou para induzi-lo a comportar-se de uma outra, para que possa ser solto, não é o mesmo que confiná-lo para reduzir sua tendência a se comportar de uma maneira no futuro”.

A técnica de controle mais comum da vida moderna é a punição. O padrão é familiar: se alguém não se comporta como você quer, castigue-o; se uma criança tem mau comportamento, espanque-a; se o povo de um país não se comporta bem, bombardeie-o. Os sistemas legais e policiais baseiam-se em punições como multas, açoitamento, encarceramento e trabalhos forçados. O controle religioso é exercido através de penitências, ameaças de excomunhão e consignação ao fogo do inferno. A educação não abandonou inteiramente a palmatória. No contato pessoal diário controlamos através de censuras, admoestações, desaprovações ou expulsões. Em resumo, o grau em que usamos a punição como uma técnica de controle parece se limitar apenas ao grau em que podemos obter o poder necessário. Tudo isso é feito com a intenção de reduzir tendências de comportar de certa maneira. O reforço estabelece essas tendências: a punição destina-se a acabar com elas. (SKINNER, 2003, p. 198-199)

Enquanto em *o nosso reino* e em *Campo Geral* o poder paterno se faz presente através da violência física, o poder exercido por Clémentine sobre Angel e seus filhos é de ordem emocional e simbólica. Desde a gravidez, Clémentine havia expulsado Angel de casa o qual, indolentemente, aceitou nova condição e passou a habitar uma casa secundária. Após o nascimento das crianças, Clémentine agiu de forma reiterada para afastar Angel dos filhos, usando, para isso, choro, gritos e agressões verbais. Iremos aprofundar a caracterização dessa personagem nos próximos capítulos, buscando compreender seus comportamentos.

Quanto ao trato com os gêmeos e Citroën, Clémentine também lança mão de chantagem emocional – ameaçando chorar e ficar triste – e do controle corporal sistemático das crianças. Para justificar suas ações totalitárias, ela se baseia na maternidade enquanto um direito sobre os filhos. Em uma cena, na qual a mãe devaneia a respeito dos supostos riscos que as crianças enfrentam, seu pensamento se formula da seguinte maneira:

Les enfants appartiennent à leur mère. Puisqu'elles ont eu mal en les faisant, ils appartiennent à leur mère. Et pas à leur père. Et leurs mères les aiment, par conséquent, il faut qu'ils fassent ce qu'elles disent. Elles savent mieux qu'eux ce qu'il leur faut, ce qui est bon pour eux, ce qui fera qu'ils resteront des enfants le plus longtemps possible. Les pieds des Chinoises. Les Chinoises, on leur met les pieds dans des chaussures spéciales. Peut-être des bandelettes. Ou des petits étaux. Ou des moules d'acier. Mais en tout cas, on s'arrange pour que leurs pieds restent tout petits. On devrait faire la même chose avec les enfants entiers. Les empêcher de grandir. Ils sont bien mieux à cet âge-là. Ils n'ont pas de soucis. Ils n'ont pas de besoins. Ils n'ont

pas de mauvais désirs. Plus tard, ils vont pousser. Ils vont étendre leur domaine. Ils vont vouloir aller plus loin³². (VIAN, 2013, p. 633)

Esse raciocínio de Clémentine é construído baseando-se apenas no direito ao poder que ela sente merecer com base no sofrimento que sentiu ao gerar e parir os filhos. Aos poucos, ela vai desvelando que o seu cuidado com eles se baseia no medo de que cresçam e se afastem dela. Nessa lógica cerceadora, Clémentine justifica todas as ações que toma, posteriormente, para impedir que seus filhos saiam de perto de sua vigilância, como um cuidado extremo para o bem-estar físico dos garotos, mas, no fundo dessas ações está o exercício arbitrário do poder sobre os corpos dessas crianças, fundamentado na crença de que, por serem seus filhos, eles pertencem a ela.

Talvez seja possível abstrair das três narrativas analisadas aqui que o poder exercido pelos chefes da família aproxima-se, em vários sentidos, ao poder monárquico absoluto, uma vez que, nesses três casos, “diante da justiça do soberano, todas as vozes devem-se calar” (FOUCAULT, 2014, p. 39). Nenhum desses três focos de poder encontra adversário, dissonância forte ou é confrontado à altura e, ainda, são poderes instituídos através de um direito de nascença e que têm pouco risco de serem destituídos ou substituídos. Além disso, é preciso observar que há o exercício arbitrário da intensidade da punição, que, nesses casos analisados, adquire formas de vingança.

Ainda, as insurreições ao poder são tomadas como verdadeiros crimes de ‘lesa majestade’ e que, por isso, precisam ser não apenas punidos, mas também vingados. Retornando a Foucault (2014, p. 55), podemos pensar em um “[...] sistema punitivo, em que o soberano, de maneira direta ou indireta, exige, resolve e manda executar os castigos, na medida em que ele, através da lei, é atingido pelo crime”. (FOUCAULT, 2014, p. 55)

32 “Os filhos pertencem à mãe. Porque foi ela que sofreu para os fazer, por conseguinte é à mãe que eles pertencem. E não o pai. E como as mães os amam, eles têm de fazer o que elas disserem que eles devem fazer. Elas sabem melhor do que eles o que é preciso fazer, o que é bom para eles, aquilo que faz com que continuem crianças o maior tempo possível. Os pés das chinesas. Às chinesas, metem-lhes os pés nos sapatos especiais. Talvez em faixas. Ou pequenos tornos. Ou maltes de aço. Seja como for, lá conseguem que os pés fiquem pequeninos. Devia fazer-se o mesmo com as crianças inteiras: impedi-las de crescer. Estão muito melhor sempre com esta idade. Não têm problemas. Não têm carências. Não tem ruins apetites. Depois, começam a crescer. A aumentar o seu domínio. E querem ir sempre mais longe”. (VIAN, 2011, p. 116)

Adequando as escalas para o microcosmos familiar, a ofensa sentida pelos chefes das famílias das narrativas analisadas corresponde a um desafio a suas autoridades, um desrespeito, um desacato, um verdadeiro crime dentro do ambiente e equilíbrio familiar. Essa gravidade se dá, pois:

[...] não é só a atrocidade de um crime, é também a violência do desafio lançado ao soberano: é o que vai provocar da parte dele uma réplica que tem por função ir mais longe que essa atrocidade, dominá-la, vencê-la por um excesso que a anula. A atrocidade que paira sobre o suplício desempenha portanto um duplo papel: sendo princípio da comunicação do crime com a pena, ela é por outro lado a exasperação do castigo em relação ao crime. Realiza ao mesmo tempo a ostentação da verdade e do poder; é o ritual do inquérito que termina e da cerimônia onde triunfa o soberano. (FOUCAULT, 2014, p. 57)

Diante disso, a reação que o pai de benjamim, o pai de Miguilim e a própria Clémentine têm diante do desafio de seus filhos pode ser lida, em um primeiro momento, enquanto uma reação desproporcional causada por uma raiva cega, mas também age, invariavelmente, de forma a reequilibrar o poder e autoridade que exercem sobre suas famílias.

Ao tratar da questão do controle, Skinner, em seu livro *Sobre o behaviorismo* (1974), inicia defendendo a ideia de que essa ação é algo natural à vida e sobrevivências das espécies, argumentando “que um organismo deva agir para controlar o mundo a seu redor é uma característica da vida, tanto quanto a respiração ou a reprodução. Uma pessoa age sobre o meio e aquilo que obtém é essencial para a sua sobrevivência e para a sobrevivência da espécie” (SKINNER, 1974, p. 163). Sendo assim, a ideia de controle não é apresentada como uma forma de aversão, ou como uma ação negativa sobre os outros seres, mas como algo necessário para a própria manutenção da vida.

Já no livro *Coerção e suas implicações* (1989/2009), o behaviorista Murray Sidman apresenta uma visão análoga à de Skinner, utilizando, no entanto, a terminologia “coerção”, sendo essa uma subcategoria do controle, uma vez que, para o pesquisador, “o controle não precisa ser coercitivo” (SIDMAN, 2009, p. 47). Da mesma forma, Sidman chama a atenção para “o predomínio da coerção em nossas vidas” (SIDMAN, 2009, p. 35), como uma verdadeira condição natural e inerente não apenas aos seres humanos, mas a todos os seres vivos.

Nas linhas iniciais de seu livro, Sidman postula que

Nós vivemos em um mundo coercitivo, bombardeados por sinais de perigo e ameaças. [...] O significado comum de "comporte-se" é "faça o que eu quero que você faça". Coação, punição — ameaça de punição ou de perda ou verbalizações sobre o que temos de fazer para fugir de, ou evitar punição ou perda — é a técnica predominante para nos levar a "comportarmo-nos". (SIDMAN, 2009, p. 33-34)

Contudo, é importante que se ressalte que o controle, tanto para Skinner quanto para Sidman, é visto como “um fato da natureza”, algo que está intrinsecamente conectado às dinâmicas humanas e sociais (SIDMAN, 2009, p. 45):

Estamos acostumados a ser coagidos, forçados a fazer coisas que não estamos desejosos de fazer, obrigados a fazê-las em momentos mais convenientes para o esquema de alguma outra pessoa e compelidos a agir contra nossas próprias inclinações, de maneiras que consideramos não-naturais, difíceis ou mesmo desagradáveis (SIDMAN, 2009, p. 46)

Ou seja, ambos consideram que o exercício do poder e do controle que uns exercem sobre os outros faz parte do jogo social e nasce nas relações de forma orgânica. Naturalmente, isso não implica que seja uma dinâmica agradável para os envolvidos, mas apenas que é uma dinâmica absolutamente natural entre seres humanos.

Ainda, Skinner pontua que nem sempre o controle é exercido de maneira saudável ou equilibrada, sendo que sua disfunção representa um “controle poderoso e muitas vezes molesto [...] isto via de regra significa maneiras que são ou imediatamente adversativas para aqueles que sejam controlados ou os exploram a longo prazo” (SKINNER, 1974, p. 164). Em outras palavras, o psicólogo alerta para o fato de que o exercício desmedido do controle – que, para Sidman, seria a manifestação da coerção – é compreendido por aquele que o sofre de forma sistemática como uma condição aversiva.

Explicitando esse exercício de controle, Sidman afirma que “ameaças de punição, privação ou perda são práticas-padrão [...] estabelecem uma relação de dominação unidirecional” (SIDMAN, 2009, p. 41). Naturalmente, quem está sob o domínio desse tipo de controle admoestador buscará formas de evitá-lo, conforme o texto de Sidman nos elucida: “se pudermos, reagimos à coerção evitando ou fugindo daqueles que nos coagem” (SIDMAN, 2009, p. 34). Essas duas respostas – que posteriormente o autor nomeará de fuga e esquiva – são formas padrão dos seres lidarem com a coerção.

No entanto, não podemos incorrer no equívoco de considerar que apenas o Outro é capaz do controle coercitivo. Da mesma forma que estamos diariamente em contato com esse tipo de controle – seja de família, amigos, colegas e superiores de trabalho, parceiros afetivos –, também exercemos diariamente formas coercitivas sobre esses outros que permeiam nossas vidas:

Frequentemente coagidos à ação (ou inação), muitas vezes nos descobrimos também usando coerção para compelir outros a agir como queremos que façam. Ao controlar outras pessoas coercitivamente, privamos e magoamos ou ameaçamos privá-las e magoá-las quando fazem coisas que consideramos indesejáveis; paramos de privar, machucar e ameaçar somente quando elas agem diferentemente, fazendo o que consideramos aceitável. (SIDMAN, 2009, p. 62)

Quando a coerção assume a faceta da punição, os comportamentos engatilhados por ela podem ser mais intensos e, além disso, para Sidman, a “punição não precisa ser fisicamente dolorosa para incitar a agressão como um efeito colateral” (SIDMAN, 2009, p. 221). Sendo assim, uma punição pode causar uma espécie de ‘efeito dominó’ de agressividade, fazendo com que aquele que sofreu o castigo se torne agressivo em relação a outro ser, o qual não precisa ser, necessariamente, o autor do subjugamento original, porque “o sujeito reage com a agressão contra um indivíduo próximo, ainda que aquele indivíduo possa não ter sido de modo algum responsável pelo choque” (SIDMAN, 2009, p. 222), até podendo ser, inclusive, essa agressão direcionada a coisas inanimadas, como destruir ou quebrar um objeto que esteja perto de si.

Essa relação pode ser claramente percebida na passagem em que o pai de Miguilim o pune, mas, ao invés de optar pela violência física, ele opta pela agressão psicológica, ao libertar os passarinhos do filho e ao quebrar as gaiolas, privando o menino da convivência com os animais amados e recusando a posse de Miguilim sobre as aves:

Mais pai não bateu em Miguilim. O que ele fez foi sair, foi pegar as gaiolas, uma por uma, abrindo, soltando embora os passarinhos, os passarinhos de Miguilim, depois pisava nas gaiolas e espedaçava. Todo mundo calado. Miguilim não arredou do lugar. Pai tinha soltado os passarinhos todos, até o casazinho de tico-ticos-reis que Miguilim pegara sozinho, por ideia dele mesmo, com peneira, na porta-da-cozinha, uma vez. Miguilim ainda esperou para ver se Pai vinha contra ele recomeçado. Mas não veio. Então Miguilim saiu. Foi ao fundo da horta, onde tinha um brinquedo de rodinha-d’água – sentou o pé, rebentou. Foi no cajueiro onde estavam pendurados os alçapões de pegar passarinhos, e quebrou com todos. Depois veio, juntou os

brinquedos que tinha, todas as coisas guardadas [...] e jogou tudo fora, no terreiro. (ROSA, 2016, p. 112-113)

É importante notar que a reação do menino a esse acontecimento é extremamente violenta e simbólica. Enquanto o pai performa a destruição, Miguilim não reage, mas, assim que o pai cessa de agir, ele direciona sua agressividade para seus objetos pessoais, destruindo-os. O fato desses objetos serem brinquedos também é digno de nota, pois o evento ocorre justamente em um momento em que Miguilim não quer mais ser criança e sente a necessidade de tornar-se adulto. De toda forma, chamamos a atenção aqui para a forma com que Miguilim canaliza sua raiva do pai para uma série de objetos inanimados, porém, extremamente importantes para si, o que é, de certo modo, uma tentativa de resposta deturpada à violência original, a qual ele sofreu e, indiretamente, acaba por perpetuar a própria violência por ele sofrida, continuando o que o pai começou.

Ainda segundo Sidman, “punição e privação levam a agressão. Mas coerção induz mais do que apenas o ato agressivo em si mesmo. Depois de ser punido, um sujeito fará qualquer coisa que possa para ter acesso a outro sujeito que ele possa então atacar” (SIDMAN, 2009, p. 221). Ou seja, um ato de coerção não passa despercebido pela vítima que, muito menos, fica impassiva diante dele. Esse tipo de relação de poder tem desdobramentos que podem ser extremamente marcantes e dolorosos, como nesse episódio com Miguilim.

Uma outra resposta à coerção, que não a fuga, a esquivas ou a agressividade, é apresentada com o nome de contracontrole. Para Sidman, o contracontrole é uma espécie de efeito colateral dos mais proeminentes da coerção (SIDMAN, 2009, p. 224). Skinner explica o contracontrole como uma forma de ação de oposição direta ao controle sofrido:

Os que são assim controlados passam a agir. Escapam ao controlador – pondo-se fora de seu alcance, se for uma pessoa; desertando de um governo; apostasiando de uma religião; demitindo-se ou mandriando – ou então atacam a fim de enfraquecer ou destruir o poder controlador, como numa revolução, numa reforma, numa greve ou num protesto estudantil. Em outras palavras, eles se opõem ao controle com contracontrole. (SKINNER, 1974, p. 164)

Também, Sá (2016, p. 55-56) explica o contracontrole como

qualquer classe de respostas emitidas por indivíduos (isolados ou em grupo) que tenham o efeito de prevenir, eliminar ou atenuar as consequências aversivas e/ou exploratórias (a curto, médio ou longo prazo) produzidas para tais indivíduos por qualquer dada instância de controle social institucionalizada (legal ou consuetudinariamente) ou em vias de institucionalização.

Dessa forma, o contracontrole seria uma maneira de equilibrar as duas forças distintas, porém, ainda para Skinner, essas ações não resultariam em uma solução ideal (SKINNER, 1974, p. 164), muito possivelmente pois elas não representam, de fato, uma solução, mas sim um método paliativo do indivíduo que está sob controle de reagir a uma situação de autoritarismo. De toda a forma, conforme Sidman defende, “reconhecer a universalidade do controle, com seu amplo componente coercitivo, é o primeiro passo para o contracontrole efetivo” (SIDMAN, 2009, p. 229).

A exemplo disso, Skinner cita cinco campos em que o contracontrole não é o suficiente para equilibrar as ações de controle, ou compensá-las: custódia de crianças, de idosos, de prisioneiros e de pacientes psiquiátricos e de deficientes intelectuais. Segundo o teórico, “frequentemente se diz que as pessoas encarregadas dessa gente carecem de compaixão ou de sentido moral, mas o fato evidente é que não estão sujeitas a um contracontrole vigoroso” (SKINNER, 1974, p. 165). Nesse caso, as crianças e idosos não disporiam de força o suficiente para incidir em um contracontrole efetivo, enquanto os encarcerados estariam sujeitos à força policial e os outros dois grupos não conseguiriam organizar-se para agir eficazmente. Nesses casos, sobretudo quando envolve maus-tratos, o contracontrole, para Skinner, apenas seria eficaz quando exercido por meio de uma força exterior, ou seja, a intervenção de um terceiro.

A partir disso, as relações sociais das quais benjamim e de Miguilim fazem parte são elementos importantes para esta análise, bem como o fato de serem crianças e, portanto, encaixarem-se nessa categoria de desequilíbrio entre o controle sofrido e as formas possíveis de contracontrole – ora, em um ambiente de profunda dominância e autoritarismo arbitrário perpetrado pelas figuras do pai e espelhado no temor religioso infundido pelas avós, é natural que surjam tentativas de ‘resistência’ por parte dos dominados. No entanto, apontamos que a forma com que cada um dos personagens infantis lidará com isso e tentará exercer seu contracontrole irá, naturalmente, diferir.

Em um dos momentos mais violentos de *o nosso reino*, benjamim decide, junto com manuel, saltar do penhasco da louca suicida. Essa decisão, baseada ainda no

episódio em que benjamim é agredido pelo pároco da vila, é motivada pela compreensão das duas crianças de que nenhuma delas seria capaz de assassinar o padre filipe, livrando-se, assim, de sua presença opressiva e de seu exercício arbitrário e agressivo de poder. Com essa realização, benjamim se dá conta de que, para ser livre do controle exercido pelo padre, precisaria lançar-se do penhasco. O interessante aqui é que o menino não parece lidar com o projeto de suicídio como uma forma de morrer, afinal de contas, seu medo da morte foi uma constante até então na narrativa. Logo, o suicídio é interpretado como liberdade e garantia de encontro com Deus. Em suas palavras “domingo, antes da missa, iríamos ao rochedo da louca suicida e saltaríamos para os braços de deus, corajosamente” (MÃE, 2008, p. 34). Sendo assim, essa tentativa é, possivelmente, uma forma que benjamim encontrou para exercer seu contracontrole³³.

De fato, o desdobramento desse episódio é justamente uma validação do direito de benjamim estar vivo e que, por isso, representa ao menino tanto a vitória sobre o controle quanto uma possibilidade de se considerar livre:

durante aqueles dias a minha cabeça mudou em relação a muitas coisas, a primeira foi a convicção de que eu seria uma presa próxima para os oficiais da morte. afinal eu estava ali para ficar, porque poderiam ter-me aberto a porta do céu ou do inferno e não o fizeram, era ali que eu ficaria, como uma liberdade que me garantiram. estava livre. (MÃE, 2008, p. 39)

Sentindo-se validado dessa forma, o menino percebe que o medo da morte não faz mais sentido e que, portanto, não pode mais ser utilizado contra ele em tentativas de controle. Logo em seguida, ao conversar com manuel, benjamim declara:

e agora eu quero que sejas o primeiro a saber da resolução que tomei para combater todo o mal que existe, para lutar contra quem nos quiser magoar ou matar, eu decidi entregar-me a deus através da única maneira ao nosso alcance, até que dentro de mim só o que é bom se manifeste e eu seja bom também, eu vou ser santo. (MÃE, 2008, p. 40)

33 Recorrente na obra, a temática do suicídio é abordada em matizes diversos, porém parece apontar para uma necessidade de evasão desses personagens de situações compreendidas por eles como incontornáveis. A própria tentativa de benjamim, que inaugura o tema no livro, abre para a discussão de que o foco não é a morte em si, mas a cessação de uma profunda dor psicológica. Já ao tempo da narrativa, o suicídio era discutido na Europa como um direito de escolha do ser humano, também no sentido de recobrar o controle de sua vida (GUILLON, LEBONNIEC, 1982, p. 175-198).

Nesse momento, a criança declara sua resolução em “combater todo o mal que existe”, o que inclui também os seus próprios medos. Talvez seja possível interpretar essa nova decisão de benjamim também como um exercício de contracontrole, pois ele está determinado a não temer mais a morte, mas também a combater tudo aquilo que considera “o mal”, e que, portanto, causa medo, opressão e é capaz de ser usado para controlá-lo. Vale notar também que esse deus, ao qual ele irá se abandonar, é o seu deus pessoal, aquele mesmo deus com o qual negocia seu exercício de fé.

Por outro lado, Miguilim, em *Campo geral*, parece ter uma postura mais conformativa e, em momentos da narrativa, ele demonstra buscar se adaptar a situações incômodas para evitar punições. A passagem a seguir mostra um momento em que o menino tem esse comportamento reforçado pelo contexto:

a coisa mais difícil que tinha era a gente poder saber fazer tudo certo, para os outros não ralharem, não quererem castigar. De primeiro, Miguilim tinha medo dos bois, das vacas costeadas. Pai bramava, falava: — “Se um sendo medroso, por isso o gado te estranha, rês sabe quando um está com pavor, qualquer receiozinho, então capaz mesmo que até a mansa vira brava, com vontades de bater...” Pois isso, outra vez, Miguilim sabia que a gente não tivesse medo não tinha perigo, não se importou mais, andou logo por dentro da boiada, duma boiada chegada, poeira de boi. Daí, foi um susto, veio Pai, os vaqueiros vieram, com as varas, carregaram com ele Miguilim pra o alpendre, passavam muito ralho. (ROSA, 2016, p. 72-73)

Nessa situação, Miguilim procura mudar de postura ao perceber que seu medo foi punido com violência verbal pelo pai e, na tentativa de agradá-lo, passa por cima de seu próprio medo e aceita que não sentir ou demonstrar esse medo serviria como proteção. Porém, o menino é punido pela segunda vez, pois ao sentir-se seguro diante da boiada, acaba colocando-se em um risco verdadeiro de morte. A punição tripla termina quando, salvo da situação de perigo, o menino é repreendido pelo pai e demais vaqueiros. Esse episódio reforça ainda mais o medo das reses e a necessidade de adaptar-se para não enfrentar punição: “De em diante, Miguilim tudo temeu de atravessar um pasto, a tiro de qualquer rês, podia ser brava, podia ser mansa, essas coisas. Mas agora Miguilim queria merecer paz dos passados, se rir seco sem razão. Ele bebia um golinho de velhice” (ROSA, 2016, p. 73). Talvez o processo de ‘adultecer’ fosse percebido pelo menino como uma forma de agradar e conformar seu pai. Talvez, a relação de Miguilim com Deus também possa reforçar a estratégia do menino para evitar punição. Aqui também a criança busca se pôr de acordo com o que é esperado dela pelo puro medo de ser castigado: “Miguilim rezava,

sem falar alto. Deus vigiava tudo, com traição maior, Deus vaquejava os pequenos e os grandes!” (ROSA, 2016, p. 77).

Além disso, é importante reparar que Miguilim costumeiramente questiona a si mesmo e a suas decisões. Por isso, Dito, apesar de ser mais novo, tem uma importância tão absoluta na vida do rapaz, pois funciona como espécie de bússola moral e de consultor, sendo que Miguilim sente a necessidade de ser validado pelo irmão, cuja aprovação tem peso definitivo.

O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado. Até as coisas que ele pensava, precisava de contar ao Dito, para o Dito reproduzir, com aquela força séria, confirmada, para então ele acreditar mesmo que era verdade. De donde o Dito tirava aquilo? Dava até raiva, aquele juízo sisudo, o poder do Dito, de saber e entender, sem as necessidades. (ROSA, 2016, p. 80)

De certa forma, o medo e a incerteza que alimenta esse medo são traços definidores do caráter de Miguilim e, talvez por isso, o pouco contracontrole que o menino é capaz de exercer fica muito mais a cargo de fantasias que alimenta em sua cabeça do que em ações que pratica. Após a morte de Dito, o menino passa por um momento emocional absolutamente complexo, no qual seus sentimentos muitas vezes misturam-se e mudam abruptamente. Nesse momento, Miguilim experimenta, inclusive, raiva de toda sua família: “E ele mesmo achava que não gostava mais de ninguém, estirava uma raiva quieta de todos” (ROSA, 2016, p. 102).

Ao ser punido fisicamente por seu pai, pois ele havia batido em Liovaldo por este estar abusando fisicamente do Grivo, Miguilim enfrenta a situação sem lágrimas: “Não chorava, porque estava com um pensamento: quando ele crescesse, matava Pai. Estava pensando de que jeito era que ia matar Pai, e então começou até a rir” (ROSA, 2016, p. 109). Toda essa situação é extremamente interessante para pensarmos a ideia de contracontrole, pois o grande antagonista de Miguilim é a figura violenta e arbitrária do pai. Com a presença e influência de Dito, seu compasso moral, o menino evitava alimentar sentimentos ruins em relação à própria família, mas isso muda com a morte do irmão, o que resulta em Miguilim se ver sem a validação ou a orientação, o que é acrescida à imensa dor e inconformação por perdê-lo. Tudo isso se sedimenta e, quando explode na narrativa, não é contra o pai, mas contra outra figura opressora que Miguilim age em contracontrole. Para o pai, o menino reage

apenas internamente, por meio da criação de fantasias de violência, sem nunca as concretizar.

Algum tempo depois, ainda como desdobramento desse episódio, algo similar ocorre quando Miguilim parece desafiar o poder do pai ao não tomar a sua benção. O plano do menino era claro: “Já tinha resolvido: Pai ia bater, ele aguentava, não chorava, Pai batia até matar. Mas, na hora de morrer, ele rogava praga sentida. Aí Pai ia ver o que acontecia” (ROSA, 2016, p. 112). Possivelmente, a atitude primeira de Miguilim é também uma reação de contracontrole, mas, talvez pelo medo da punição – humana ou divina – ou pelo senso do respeito ao próximo, as reações de maior intensidade ficam somente no campo da imaginação.

Agora, de posse de todos esses trechos e do que já vimos sobre a ideia de controle, façamos um necessário retorno ao começo deste capítulo, quando evocamos o isolamento da família Cessim Caz e a relevância dessa separação geográfica do resto do mundo como elemento constitutivo do cerne familiar e de suas dinâmicas e meandros.

À luz disso, Sidman, em seu estudo, também ressalta o fator coercitivo que a natureza desempenha: “o ambiente físico ameaça nos esmagar com frio, calor, chuva, neve, enchente, terremoto e fogo” (SIDMAN, 2009, p. 36), uma situação que forçaria os seres vivos a lutar contra esse ambiente via estratégias protetivas, como a localização ou construção de abrigos, por exemplo. Assim, podemos vislumbrar que o ambiente em que vivem é também hostil e age sobre eles com força coercitiva, quase como uma outra instância alheia e primal a todas as outras, o que nos lança a conclusão de que a coerção não é uma mera escolha calcada em caprichos de poder, mas um sistema embrutecido, originário da própria natureza.

Retornando às primeiras linhas do texto, lembramos que elas são dedicadas a explicar ao leitor a situação de isolamento geográfico da família, que será referido ainda outras vezes durante a narrativa, servindo para construir a imagem de um rincão perdido no meio dos Campos Gerais. Somado a isso, o próprio imaginário territorial do garoto é restrito, sendo formado apenas pelos lugares onde porventura passou e por aqueles lugares imaginários e referenciados pelos adultos, tais quais os lugares de nascimento do pai e da mãe e até mesmo o mar. Apesar de haver descrições pormenorizadas da fauna e da flora do lugar, o Mutúm, quando comparado a outros lugares, é retratado de forma a acentuar a impressão de terra isolada:

Os lugares eram o Pau-Roxo, a fazenda grande dos Barboz, Paracatu, o lugar que não sabia para onde tinham levado a Cuca Pinguinho-de-Ouro, o Quartel-Geral-do-Abaeté, terra da mãe dele, o Buritis-do-Urucuia, terra do pai, e outros lugares mais que tinha: o Sucuriju, as fazendas e veredas por onde tinham passado... (ROSA, 2016, p. 43)

Ainda sobre a passagem inicial de *Campo Geral*, a opinião de Miguilim irá se alterar conforme a progressão da narrativa e embasada na reflexão de alguém que visitou o Mutúm e o achou belo. Se a criança inicialmente percebia-o como um lugar bom e bonito, sua percepção se alterará ao longo do texto, chegando ele a formular que “aquele lugar do Mutúm era triste, era feio. O morro, mato escuro, com todos os maus bichos esperando, para lá essas urubúguaias” (ROSA, 2016, p. 61), chamando a atenção, sobretudo, para os componentes aterrorizantes do local. O momento em que essa percepção ocorre é logo sucedido pelo adoecimento do rapaz. Todavia, o fascínio pelo ambiente retorna ao final da narrativa, quando o médico José Lourenço chega ao Mutúm e, percebendo que o menino é míope, empresta-lhe seus óculos:

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante. (ROSA, 2016, p. 120)

Esse momento, quando Miguilim consegue enxergar com definição o espaço e as pessoas, é arrebatador, pois sugere o resgate da relação com a família e o ambiente, ao mesmo tempo em que conduz para o final da narrativa, com Miguilim indo embora do Mutúm, com a promessa de uma vida melhor. O fenômeno é repetido logo adiante, quando Miguilim pede emprestado o par de óculos para, em sua despedida, poder ver com nitidez e assim gravar na memória esse espaço e seus habitantes.

E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutúm era bonito! Agora ele sabia. Olhou Mãitina, que gostava de o ver de óculos, batia palmas-de-mão e gritava: — “Cena, Corinta!...” Olhou o redondo de pedrinhas, debaixo do jenipapeiro. (ROSA, 2016, p. 122)

A despedida é feita como uma espécie de inspeção minuciosa, e, assim como na passagem anterior, mostra Miguilim se concentrando tanto no plano aberto quanto nos detalhes, procurando absorver tudo, em uma espécie de reconciliação com o espaço e com as pessoas, pois, afinal de contas, no turbilhão de emoções, violências e traumas, assim como amou, Miguilim também odiou sua família e sua casa e o espaço do Mutúm como um todo.

De certa forma, a narrativa é baseada em isolamentos (ainda trataremos em capítulos futuros dos aspectos emocionais e sociais). São poucas as marcas temporais para fora daquilo que ocorre no espaço da narrativa, assim como são poucas as marcas do mundo externo. Temos, assim, uma narrativa que poderia ocorrer em diversos momentos históricos – inclusive nos dias atuais – sem prejuízos para ela mesma, porque a ficção trata do microcosmos familiar que só será transpassado ao final da narrativa.

Em contrapartida, a narrativa de *o nosso reino* apresenta-se bem delimitada temporalmente, uma vez que faz referência à queda do salazarismo e à Guerra de libertação. Assim sendo, é interessante considerar a maneira com a qual as informações a respeito da situação política portuguesa chegam à vila de pescadores. A guerra, a princípio, assume uma faceta pitoresca, quando apresentada através das fotos trazidas por carlos, e, posteriormente, é representada como a causa do comportamento depressivo do rapaz. Ou seja, esse dado histórico é utilizado, na narrativa, para desenvolver dos personagens. Inclusive, a notícia da queda do regime totalitário, por sua vez, é dada pela professora blandina que procura explicar os seus jovens alunos a situação e as implicações, porém as crianças pouco entendem da situação e não dão muita atenção a isso.

Diferentemente de *Campo geral*, o livro *o nosso reino* utiliza o contexto histórico da narrativa dentro da construção de seus personagens, pois, quando evocados, esses eventos contribuem para a compreensão de seus comportamentos. Por exemplo, quando falamos de carlos, é impossível desvinculá-lo da guerra, pois essa tem um impacto profundo na representação do personagem, no que diz respeito, sobretudo, ao seu comportamento, afinal de contas, “[...] ele, sim, viera louco da guerra, que a guerra fazia mal à cabeça das pessoas, isso era o que se sabia perfeitamente” (MÃE, 2008, p. 52).

Além disso, a própria chegada dos tios que viviam na França ocorre apenas porque o salazarismo havia sido derrubado. Esses mesmos tios que não fizeram parte

da vida de benjamim e tampouco puderam estar presentes nos funerais de seus próprios pais, sendo que a família, apesar da situação política, considerava que a ausência era uma escolha deles e não uma impossibilidade:

mas tinha a ver com o vinte e cinco de abril, estavam proibidos de voltar e notava-se quando voltaram. olhavam para as ruas à procura daquilo que se mantinha do seu tempo, mas desviavam-se das coisas e das pessoas a desconfiarem até da sombra. (MÃE, 2008, p. 125)

Embora não explicita com termos objetivos, o trecho permite a inferência que saúl e joão são dois exilados políticos e que seu retorno à terra natal não apenas era proibido, como perigoso. O comportamento deles, notado pelo narrador-protagonista, de tentar reconhecer a vila de antes, de quando ainda moravam ali, denota saudade do passado e do lugar onde viviam e também uma vontade de se sentir parte novamente daquele espaço físico e social. Porém, esse movimento de busca parece ser constantemente interrompido pelo temor de serem flagrados, delatados, presos, tanto que fogem do olhar de outras pessoas, julgando-as perigosas – o que denota que apesar de ter caído, o regime de certa forma ainda perdurava no comportamento das pessoas.

Embora, comparativamente, o *nosso reino* apresente mais marcas temporais, que delimitam o contexto histórico da narrativa, o elemento do isolamento também é extremamente relevante. Apesar da conexão existente com o momento histórico, a vila, que “[...] era uma vila de deus, tínhamos a igreja, tínhamos o cemitério, e os milagres a abençoarem as nossas vidas” (MÃE, 2008, p. 56) opera de acordo com suas próprias regras, dando a impressão de que, ali, o tempo não passa realmente. Nas palavras da mãe de benjamim, já apresentando sinais de desequilíbrio emocional:

[...] embora seja verdade que parece chover mais e mais, já quase temos só inverno e a primavera na nossa vila não é diferente do outono que é igual ao inverno, e o pior é que a gente não se habitua, parece que temos o corpo feito para ter mais calor em volta, e está sempre tanto frio, não deixamos de ansiar, de querer, e procurar e lamentar para sofreremos muito, sempre mais, e não deixamos nada, parece que parámos num tempo e num lugar e não saímos dali agarrados a tudo sem largar, a ver as mesmas coisas e as mesmas pessoas e eu estou convencida de que não fico mais ali, vou-me embora [...] (MÃE, 2008, p. 130)

O isolamento, a percepção do tempo que não passa, a solidão dos personagens e sua sensação de não pertença – tal qual o exemplo dos tios evoca –

acabam por alimentar o final apocalíptico da família de benjamim e, principalmente, sua sentença de tornar-se o rapaz mais triste do mundo.

2.4.1 Em meio ao controle, narradores aliados

Para discutirmos *Campo Geral*, torna-se necessário também considerar sua estrutura narrativa, sobretudo no que diz respeito ao narrador, uma vez que é por meio do recorte narrativo que os fatos e eventos do texto são apresentados, sendo que ele contribui diretamente à ordenação dos pensamentos do próprio protagonista. Nesse sentido, *Campo geral* apresenta-se ao leitor como uma narrativa em terceira pessoa, que se apresenta focada sobre o personagem de Miguilim.

Retomando as primeiras linhas da narrativa, percebemos já de início a presença desse narrador, através de um adjunto adverbial de lugar: “Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe **daqui**, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutúm.” (ROSA, 2016, p. 25 grifo nosso). Para Aguiar (2018, p. 166): “Nesta descrição inicial evidencia-se um interessante detalhe da narração: a posição espacial ocupada pelo narrador, com seu lugar de enunciação marcado com o ‘aqui’, identifica-se com a posição ocupada pelo leitor letrado que acompanha a estória”. Efetivamente, ao utilizar essa construção linguística, o narrador situa-se espacialmente em relação aos fatos narrados e também ao leitor: o Mutúm é “lá”, o narrador está “aqui”, próximo de quem lê.

Essa marcação colabora para reforçar a distância e, portanto, isolamento do espaço da narrativa, mas também para reforçar a ideia de que o narrador olha essa história de fora, ou seja, oferece um olhar estrangeiro sobre os fatos narrados. Isso não quer dizer, de forma alguma, que exista uma imparcialidade na apresentação dos seres e eventos, pelo contrário, já que para além da função de observar e descrever, o narrador demonstra-se parcial, contribuindo para a expressão dos sentimentos e pensamentos de Miguilim ao leitor, tal qual uma espécie de ‘mediador’.

O pesquisador Wayne C. Booth, em seu livro *A retórica da ficção*, explica que

even among characters of equal moral, intellectual, or aesthetic worth, all authors inevitably take sides. A given work will be ‘about’ a character or set of

characters. It cannot possibly give equal emphasis to all, regardless of what its author believes about the desirability of fairness. (BOOTH, 1983, p. 78)³⁴

Dessa forma, parece que há uma tendência do narrador em privilegiar um personagem específico, que nesse caso é, claramente, Miguilim. Por meio da proximidade intrínseca entre os dois, há uma apresentação da história a partir da perspectiva do garoto. A essa aproximação intensa entre personagem e narrador, James Wood, em seu *Como funciona a ficção*, pondera que

Na mesma hora em que alguém conta uma história sobre um personagem, a narrativa parece querer se concentrar em volta daquele personagem, parece querer se fundir com ele, assumir seu modo de pensar e de falar. A onisciência de um romancista logo se torna algo como compartilhar segredos; isso se chama *estilo indireto livre*, expressão que possui diversos apelidos entre os romancistas – ‘terceira pessoa íntima’ ou ‘entrar no personagem’ (WOOD, 2017, p. 24)

Esse efeito, definido por Wood como *estilo indireto livre*, permite que o leitor compartilhe da perspectiva de Miguilim, em toda sua confusão e incompreensão de um mundo que se descortina a sua frente, sem, no entanto, limitar-se à visão infantil do protagonista. O narrador, por sua vez, contribui para a caracterização dos seres, dos ambientes e dos fatos narrados, com uma visão sobretudo poética, o que confere à narrativa camadas de complexidade.

Um exemplo dessa característica pode ser encontrado quando o narrador demonstra a abrangência da empatia de Miguilim, que anteriormente já foi evocada quando o menino lembra-se com dó de Joãozinho e Maria, do conto de fadas, e, em outras recorrências, manifesta-se voltada para animais que são caçados.

Em todo dia, também, arrastavam os bichos matados, por caça. O coelhinho tinha toca na borda-da-mata, saía só no escurecer, queria comer, queria brincar, sessépe, serelé, coelhinho da silva, remexendo com a boquinha de muitos jeitos, esticava pinotes e sentava a bundinha no chão, cismado, as orelhas dele estremeciam constantemente. Devia de ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá na beira do mato, onde eles moravam, sôzim. (ROSA, 2016, p. 122)

34 “mesmo entre personagens de valores moral, intelectual ou estético iguais, todos os autores, inevitavelmente, escolhem lados. Uma determinada obra será ‘sobre’ um personagem ou ‘sobre’ um conjunto de personagens. Não é possível dar a mesma ênfase a todos, não importa que seu autor creia ser desejável ou justo” (tradução nossa)

Nesse trecho, a poeticidade se faz presente através do uso dos diminutivos, da adivinhação das vontades do coelho, ligadas a funções vitais e também à necessidade de brincar, mas, principalmente, da suspeita de uma família que estaria esperando pelo animalzinho caçado e em sua solidão. Em seu artigo “O narrador epilírico de ‘Campo Geral’”, Ronaldes de Melo e Souza afirma que

A sintonia emocional do narrador com o protagonista infantil se traduz na dupla mediação da narrativa. Os eventos narrados são mediados pela consciência artística do narrador e pela experiência vital de Miguilim. Não se narra a história conflitiva da família [...] mas a estória vivenciada pelo menino Miguilim, que funciona como refletor dos acontecimentos. (SOUZA, 2006, p. 71)

Essa cumplicidade entre narrador e personagem, mais do que garantir o protagonismo a Miguilim, faz com que a narrativa se apresente a partir do ponto de vista do menino, levando em consideração seus pensamentos e reações a respeito dos fatos narrados. Dessa forma, “no decurso da narrativa, Miguilim se representa sempre como mediador principal dos eventos narrados” (SOUZA, 2006, p. 71), ou seja, o holofote mantém-se sempre sobre esse menino. Vale lembrar que a cenas de assassinato de Liovaldo e do suicídio do pai são suprimidas da narrativa, sendo apenas informadas a Miguilim, no momento em que começa a convalescer de sua doença. As grandes mudanças na sua estrutura familiar, então, não são narradas, mas informadas, pois acontecem fora de cena.

Naturalmente, a predileção por um personagem irá comprometer qualquer tentativa de uma narração meramente informativa, ou até mesmo de uma narração neutra que se atém aos fatos narrados e não à recepção desses fatos pelo personagem. Isso significa que, ao centralizar um personagem, o narrador afasta todos os outros do foco de interesse do leitor. Para Booth,

who cares? The novelist who chooses to tell *this* story cannot at the same time tell that *story*; in centering our interest, sympathy, or affection on one character, he inevitably excludes from our interest, sympathy or affection some other characters³⁵ (BOOTH, 1983, p. 78-79)

35 “Quem se importa? O novelista que escolhe contar essa história não pode, ao mesmo tempo, contar *aquele* história. Ao centralizar nosso interesse, simpatia ou afeição em um personagem, ele inevitavelmente exclui do nosso interesse, simpatia ou afeição alguns dos outros personagens” (tradução nossa).

Em *Campo geral*, o narrador guia o leitor a envolver-se emocionalmente com Miguilim desde o início da narrativa, uma vez que o episódio escolhido para abrir o texto é o de Miguilim retornando à casa, após uma viagem com tio Terêz, muito preocupado em levar à mãe a informação de que o Mutúm era belo, em uma tentativa de cuidar e animar Nhanina. (ROSA, 2016, 25-26). Os primeiros dados apresentados sobre esse menino de 8 anos são relativos ao seu afeto, ao cuidado que tem pelos seus, à forma injusta com que seu pai explode de raiva com ele. Naturalmente, essa construção inicial do personagem já demonstra não apenas a preferência do narrador por ele, mas também sugere uma estratégia de adesão ao mundo visto através dos olhos desse menino.

Esse efeito é notável na passagem em que Tio Terêz, após ter sido ostracizado de sua família, decide tentar contato com Nhanina, apesar de estar se expondo ao risco de ser assassinado pelo próprio irmão. Em uma 'tocaia', Tio Terêz aproxima-se de Miguilim e lhe pede que entregue uma carta à sua mãe. Esse episódio principia uma grande crise ética e moral no menino, à qual iremos dedicar atenção posteriormente neste capítulo, e é notável a forma com que o narrador se aproxima e, praticamente, funde-se ao ponto de vista de Miguilim ao transmitir ao leitor o profundo desconforto e dor sentidos pela criança. Por exemplo, na passagem em que Miguilim amarga a promessa de sigilo, o narrador demonstra explicitamente essa cumplicidade: “mas não podia contar nada a ninguém, nem ao Dito, para Tio Terêz tinha jurado. Nem ao Dito! Custava não ter o poder de dizer, chega desnorteava, até a cabeça da gente doía” (ROSA, 2016, p. 69)

Quando ocorre esse episódio, o leitor já está familiarizado com o caso de amor entre Terêz e Nhanina e, inclusive, conhece a profunda tristeza na qual ela vive, fruto de um casamento infeliz com um homem violento, além de saber que com Terêz ela talvez tivesse uma segunda chance de felicidade. Todavia, o narrador não se enfoca nos problemas dos personagens adultos, mas sim na crise ética e moral que a situação provoca em Miguilim. Dessa forma, o narrador parece direcionar, por meio das informações oferecidas, o ponto de vista do leitor para tomar o lado da criança, fazendo com empatizemos com Miguilim que, ainda muito pequeno, depara-se com um dilema ético e moral sobrepujante, tanto que sofre e adoce a partir dessa situação.

Esse “controle da simpatia”, ou melhor, da empatia (BOOTH, 1983, p. 274), incorre para que a narrativa, apesar de se apresentar em terceira pessoa, seja

invariavelmente parcial, pois temos acesso ao mundo através do filtro de Miguilim, de seus afetos, temores e sofrimentos e, por isso, não somos capazes de acessar as leituras de mundo daqueles que circundam o garoto. O narrador que, apesar disso, ainda assim dá conta do mundo para além dos olhos do garoto, gera uma complexidade narrativa, na qual, usando as palavras de Wood,

habitamos simultaneamente a onisciência e a parcialidade [...] ver através dos olhos de um personagem enquanto somos incentivados a ver mais do que ele mesmo consegue ver (uma não confiabilidade idêntica à do narrador não confiável de primeira pessoa) (WOOD, 2017, p. 25)

Assim, a parcialidade do narrador em *Campo geral* denota a busca por uma narrativa que partilhe o ponto de vista do menino, revelando o lirismo do seu olhar sobre o mundo e sobre os fatos de sua vida, amplificando a dor e a injustiça às quais está submetido, ao mesmo tempo em que abre espaço para criar uma relação empática entre leitor e personagem, convidando-o a emocionar-se junto com o garoto, pelo contato direto com suas próprias emoções. Esse convite faz transcender o olhar do leitor para além do que Miguilim vê, percebe e apreende, também estabelecendo por consequência esse narrador como uma espécie de aliado do garoto.

Em *o nosso reino*, o foco narrativo, por sua vez, é em primeira pessoa, ou seja, benjamim é o porta voz de sua própria história. Dessa forma, nós, enquanto leitores, temos apenas a versão dos fatos sob o olhar do menino, já que todas as experiências e acontecimentos nos chegam através do filtro e da interpretação dele, o que é uma estratégia mais explícita de influenciar o leitor a tomar o seu partido. Justamente por isso, ele também é o centro da narrativa, conduzindo a simpatia do leitor para recair preferencialmente sobre ele. Um exemplo disso é a seguinte passagem:

E nós éramos agora dois tristes como se dizia das pessoas abandonadas ou perdidas, mas exceptuavam-me, a mim coubera-me o conhecimento e a valentia, o que o fardo da santidade trazia enfim, diziam como se a tristeza me devesse ser menor. E era um fardo, como achava o manuel, porque não quero acreditar no que dizes e só desejo que seja loucura. (MÃE, 2008, p. 163)

Nesse trecho, apesar de benjamim estar falando de uma desdita compartilhada com manuel, ele se coloca no centro das atenções, declarando que, para ele, o sentimento era mais agudo, justificando isso com o peso de ser santo. A simpatia do leitor é manipulada para incidir sobre benjamim. Mas, é sempre necessário lembrar que benjamim conta a história a partir da sua perspectiva e interesses. Chamamos a

atenção aqui para o fato de que o mero relato em primeira pessoa é o suficiente para que se questione a legitimidade dos fatos narrados, pois trata-se de uma visão parcial, portanto, fragmentária da realidade narrativa. Nesse caso, é necessário considerar a fragilidade e porosidade que o relato ficcional em primeira pessoa pode apresentar.

Isso não quer dizer, no entanto, que as outras narrativas aqui analisadas gozam de imparcialidade do narrador. *Campo geral* tem um narrador de terceira pessoa e isso não significa neutralidade em relação aos personagens, pelo contrário. Assim como essa obra, *L'arrache cœur* também é contado em terceira pessoa, porém os traços de onisciência e onipresença do narrador fazem com que, embora seu foco esteja preferencialmente sobre personagens como Jacquemort e Clémentine, o leitor tenha acesso a eventos dos quais eles não participam. Por exemplo, quando os irmãos brincam sozinhos no jardim, invocando uma fada, ou aprendendo a voar, sem a presença de nenhum adulto, temos acesso aos diálogos e ações, o que demonstra que o narrador é capaz de acompanhar os acontecimentos da casa e da vila. Porém, diferente das duas outras obras analisadas, o narrador de *L'arrache cœur* não parece ter uma grande preocupação (ou mesmo interesse) pelos personagens infantis, dando mostras de predileção por Clémentine, ao lhe conferir voz ativa e espaço narrativo, penetrando em seus pensamentos e revelando-os ao leitor:

Plus d'arbres, pensait Clémentine. Plus d'arbres, une grille de qualité. Ce sont deux choses. Deux choses infimes, certes, mais riches de conséquences possibles. Un nombre considérable d'accidents de toute sorte se trouvent d'ores et déjà relégués au domaine de l'éventuel mort³⁶. (VIAN, 2013, p. 674)

Esse trecho, apenas um exemplo dentre inúmeros outros, constata a marcação de que se trata do pensamento da mulher. Ainda, o narrador também não filtra o fluxo de consciência pessimista e absurdo de Clémentine quando ela começa a pensar sobre os supostos riscos que seus filhos correm pelo simples fato de estarem vivos e em liberdade. Até mesmo Angel é apresentado com a abertura de pensamentos para o leitor. Assim, desnudam-se suas motivações para abandonar a família e até mesmo compreendê-lo. Todavia, quando apresenta os irmãos, esse mesmo narrador não

³⁶ “Acabaram-se as árvores, pensava Clémentine. Acabaram-se as árvores e fez-se um portão de categoria. já são duas coisas feitas. Duas coisas ínfimas, é certo, mas ricas de possíveis consequências. Um considerável número de acidentes de toda espécie ficou doravante relegado para o domínio da eventual morte”. (VIAN, p. 162)

possibilita que penetremos nos pensamentos das crianças, que são apenas revelados por meio de ações e de falas, não sendo, portanto, o mergulho em suas consciências uma preocupação narrativa. Relegar as crianças ao segundo plano reforça a posição delas, na narrativa, como seres secundários que não apenas são subordinados aos pais, mas que dependem deles para existirem, uma vez que pensar nelas como indivíduos seria atribuir identidade própria e explorar a separação entre elas e a mãe. Essa visão se coaduna com o projeto de Clémentine para os filhos, mas também se aproxima à visão da infância que perdurou durante séculos (e ainda hoje insiste em se fazer presente) de que a criança é um ser de segunda classe, sem complexidade e que, por isso, não é necessário se interessar por ela, pois ela não é capaz de agregar nada ao mundo adulto.

O narrador de *L'arrache cœur* lembra uma espécie de cronista do reino, uma figura que não participa dos eventos, mas mantém os seus registros de forma supostamente imparcial. Em verdade, ao evocarmos essa figura tão específica, relembremos que há, de fato, um privilégio narrativo e igual parcialidade, vista e percebida de modo mais direto em *Campo Geral* e *o nosso reino*: o enfoque na figura de soberanos, dos protagonistas que fazem a história, mas que não considera muito os subordinados – nesse caso, a dos dependentes, as crianças. De forma que os adultos têm posição de destaque e interesse do narrador sobre eles e sobre seus pensamentos. A estes personagens é dado lugar de destaque e oportunidade de desvelar suas personalidades intrincadas. Apesar de todas as complexidades que observamos nos gêmeos mais Citroën, em uma visão própria do contexto de produção do texto, o narrador se alinha ao pensamento de que, às crianças, o espaço será dado quando se tornarem interessantes. Antes disso, quem se importa?

3 A FAMÍLIA ENQUANTO TRAVA MORAL

No capítulo anterior, investigamos questões relativas ao isolamento e a como se desenvolvem as relações de poder e de controle, dentro dos vínculos familiares em *Campo geral*, *o nosso reino* e *L'arrache cœur*. No presente capítulo, abordamos um pouco mais profundamente essas questões, com o enfoque nos aspectos da organização de poder dentro das famílias, tendo em vista seus isolamentos múltiplos, bem como na constituição da autoridade dos genitores, em como é exercido o controle

a partir das noções de moral e de como essas são desenvolvidas e tensionadas dentro desses núcleos familiares.

3.1 UMA FAMÍLIA UNIDA PELO ISOLAMENTO

A narrativa de *Campo geral* centra-se no desenvolvimento de Miguilim em contraste e, também, em consonância com sua família. Da mesma forma, em *o nosso reino*, as relações familiares de benjamim ocupam um espaço de destaque, apresentando-se, inúmeras vezes, como o ponto nevrálgico da tensão e do sofrimento do protagonista. Em *L'arrache cœur*, apesar de Jacquemort ser o personagem central, as relações entre Clémentine e seus filhos ocupam a maior parte da obra. Para o estudo desses grupos familiares tão diversos, buscamos um horizonte no pensamento de Anthony Giddens (2001, p. 195), presente em seu livro *Sociologia*:

A vida familiar abrange virtualmente toda a gama de experiências emocionais, pois as relações familiares ou de parentesco fazem parte da existência de toda a gente. As relações familiares – entre marido e mulher, pais e filhos, irmãos e irmãs, ou entre parentes mais afastados – podem ser calorosas e gratificantes. Mas podem igualmente estar impregnadas das mais pronunciadas tensões que levam as pessoas ao desespero ou as enchem de um sentimento profundo de ansiedade e culpa.

O núcleo da família Cessim Caz era composto pelo pai Bernardo, ou siô Berno, e pela mãe Nhanina, que tiveram seis filhos: Liovaldo, o mais velho (inicialmente, na narrativa, esse personagem não morava no Mutúm, mas junto com o irmão da mãe, Osmundo), Maria Adrelina (Drelina), Maria Francisca (Chica), Miguilim, José Expedito (Dito) e Tomé de Jesus (Tomézinho). Agregados a esse núcleo, viviam na mesma casa o tio Terêz, irmão de Bernardo, e Izidra, uma tia avó tratada como avó. Além desses personagens com ligação consanguínea, viviam também no Mutúm as empregadas Rosa e Maria Pretinha, além de Mãitina, supostamente, uma escrava fugida que foi encontrada e passou a viver ali.

Como vimos, o isolamento social da família Cessim Caz contribuiu para que, dentro da própria família, surgissem as figuras de liderança e dominação. Estando longe de qualquer povoação e, portanto, de instituição religiosa formal, é vó Izidra que toma para si o papel de condutora espiritual da família, cabendo a ela a autoridade eclesiástica, função normalmente seria exercida por um padre exerceria em outros

contextos. Ainda, à falta de assistência médica qualificada, a autoridade sanitária está em Seo Deográcias, uma vez que “[...] seo Deográcias entendia de remédios, quando alguém estava doente ele vinha ver” (ROSA, 2016, p. 45). Quando falta escola e professor às crianças, fala-se sobre Nhanina assumir a função pedagógica – o que é negado pelo pai, uma vez que segundo ele, a esposa conhece as letras, mas não os números.

Assim, de carências e ausências, em um vácuo de poder público, a pequena sociedade familiar se estabelece e preenche esses lugares vazios. O pai, por sua vez, acumula à função de autoridade familiar, além da autoridade policial e coercitiva – alguns episódios exemplares nesse sentido são o assassinato de Luisaltino, por supostamente estar envolvido com Nhanina, e o seu próprio suicídio, após ter cometido o homicídio. A família adapta-se, em suas ignorâncias e suas sabedorias, à carência de autoridades, organizando-se em uma microssociedade hierarquizada, estruturada e autossuficiente – na medida do possível – a partir da figura de de Berno, provedor, legislador e executor. À Nhanina, é reservado o mero lugar de dona de casa, devendo cuidar da economia doméstica e dos filhos, curvada diante da autoridade abrangente do esposo. Dessa forma, temos aqui uma organização tradicional de família brasileira do século passado, uma vez que, neste tipo de

'família convencional' um dos adultos pode trabalhar fora de casa, enquanto o segundo toma conta da casa e das crianças. Em termos práticos, esta especialização dos papéis na família nuclear envolveu, por um lado, a atribuição ao marido do papel 'instrumental' de 'ganha-pão' e, por outro lado a aceitação, por parte da esposa, do papel emocional e 'afectivo' desempenhado no espaço doméstico (GIDDENS, 2001, p. 177).

Essa definição traçada por Giddens faz parte de uma exposição bastante didática a respeito das perspectivas de abordagem das famílias e essa, em específico, diz respeito à perspectiva funcionalista. Nas palavras do sociólogo,

A perspectiva funcionalista vê a sociedade como um conjunto de instituições sociais que desempenham funções específicas, assegurando a continuidade e o consenso do todo social. De acordo com esta perspectiva, a família desempenha funções importantes que contribuem para satisfazer as necessidades básicas da sociedade e para a reprodução da ordem social. (GIDDENS, 2001, p. 177).

Ou seja, essa perspectiva compreende que as famílias possuem papéis a desempenhar dentro de uma sociedade para garantir que essa tenha continuidade e

se mantenha em funcionamento pleno. Todavia, é importante ressaltar que essa visão familiar, atualmente, é considerada “inadequada e datada” (GIDDENS, 2001, p. 177), uma vez que não apenas desconsidera outras formas de família que não se identificam dentro desse esquema nuclear, com pai, mãe e filhos, mas ainda as classifica enquanto *desviantes*.

Como a narrativa de Guimarães Rosa situa-se na década de 50, é natural que retrate relações humanas e familiares de acordo com a ótica do momento histórico em que estão representadas. Em outras palavras, apesar de a visão funcionalista da família, hoje, não se adequar mais à nossa sociedade, para os estudiosos da década de 50, essa era uma forma absolutamente razoável de compreender o fenômeno familiar. Por isso, parece-nos útil pensarmos a família Cessim Caz a partir desse prisma, que também será adequado para pensarmos nas famílias das outras narrativas analisadas nesta pesquisa.

A recorrência a essa abordagem é ainda mais interessante, uma vez que ela pressupõe um consenso na divisão dos papéis do casal, sendo que a esposa supostamente aceitaria a função doméstica, uma vez que o esposo protagoniza a sobrevivência econômica da família. No entanto, o que transparece do personagem de Nhanina é uma coadjuvação no que diz respeito à liderança doméstica, uma vez que esse papel é, muitas vezes, exercido por Vó Izidra, além de demonstrar um certo afastamento emocional dos filhos – ela mesma parece sofrer de episódios depressivos – e, principalmente, afastamento emocional do esposo, ao mesmo tempo em que evade para uma relação extraconjugal com Terêz³⁷.

Naturalmente, a estrutura familiar brasileira inscrita no período histórico da narrativa está longe de ser homogênea. Rachel Soihet explica que, de acordo com as

37 Não fica clara, na narrativa, a motivação de Nhanina para se engajar em uma relação extraconjugal com Terêz. Pelos desdobramentos da história, compreende-se que ele sente amor por ela, porém, não é possível ter certeza de que o sentimento seja recíproco. Posteriormente, o texto sugere seu envolvimento com Luisaltino. Bassaneli (2004, p. 530) traz algumas hipóteses sustentadas nos anos 50 como motivações para a infidelidade feminina: “A infidelidade feminina não era um tema muito comum nas revistas dos anos 50. Como uma possibilidade remota, ela aparecia explicada, nunca justificada, principalmente pela facilidade de muitas mulheres de alimentar fantasias românticas ou deixarem-se seduzir por galãs irresponsáveis. Em segundo lugar, menos mencionado, vinha o motivo da decepção da esposa para com a vida matrimonial, a falta de carinho ou as infidelidades do marido” (BASSANELI, 2004, p. 530). Mas, dentro da materialidade linguística da narrativa, não parece ser possível uma definição categórica das motivações dessa personagem.

diferentes realidades sociais, sobretudo entre as classes menos abastadas, era comum que as famílias apresentassem diversas formas de organização:

A organização familiar dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós. Isso se devia não apenas às dificuldades econômicas, mas igualmente às normas e valores diversos, próprios da cultura popular. A implantação dos moldes da família burguesa entre os trabalhadores era encarada como essencial, visto que no regime capitalista que então se instaurava, com a supressão do escravismo, o custo de reprodução do trabalho era calculado considerando como certa a contribuição invisível, não remunerada, do trabalho doméstico das mulheres. (SOIHET, 2004, p. 304)

Em que pese a multiplicidade da estrutura familiar brasileira, como afirma Soihet, a expectativa sobre as mulheres mantém-se padronizada: mãe solo ou esposa, cabia à mulher o cuidado com a casa e com os filhos, o que é consequência do modelo familiar em vigor na época, nuclear e patriarcal, que utiliza o trabalho doméstico feminino como andaime e sustentáculo. A mulher é, inegavelmente, uma peça fundamental na estrutura familiar da época, porém sua existência é considerada como coadjuvante. De acordo com Carla Bassanelli:

Na família modelo dessa época [anos dourados], os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional. (BASSANELI, 2004, p. 510)

Apesar da pesquisadora referir-se ao estereótipo feminino preconizado nas revistas femininas dos anos 50, esse mesmo padrão pode ser verificado na expectativa que existe em relação ao comportamento de Nhanina. Ela cuida das crianças com zelo, porta-se de maneira resignada, introspectiva, não oferece resistência ou é geniosa, e, principalmente, é obediente ao esposo e à avó Izidra. Soihet explica que todos os aspectos psicológicos que constituem a mulher desse período eram tidos pela pseudociência em voga, a medicina social, como características básicas do gênero feminino:

As imposições da nova ordem tinham o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra. Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento (SOIHET, 2004, p. 304)

A compreensão pseudocientífica sobre o caráter feminino acaba justificando a imposição social e a expectativa familiar que se tinham sobre as mulheres. Uma mulher que não agisse dessa maneira era, por definição, uma anomalia. E, nesse sentido, ser uma mulher normal também significava ser uma esposa submissa e refreada em sua sexualidade. Vale lembrar que, dentro do ideal católico, marcadamente forte e presente na sociedade brasileira, as relações sexuais deveriam ser com intuito puramente reprodutivo, então, a liberdade sexual não era bem-vista nem com o próprio esposo.

É justamente nesse ponto que Nhanina se distancia do modelo de esposa da época. Seu caso extraconjugal com Terêz não fere apenas seu relacionamento com Berno, mas transgride a sacralidade religiosa do matrimônio, o equilíbrio social da família modelo e a autoridade de seu esposo. De acordo com Bassaneli (2004, p. 523):

A sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, a quem cabiam as decisões supremas, a última palavra. Logo abaixo vinha a autoridade da esposa. Era considerado importante que o casal conversasse e trocasse ideias, mas pertencia ao homem – de acordo com a natureza, Deus e o Estado – a direção da família. (BASSANELI, 2004, p. 523)

O que não é o caso desse contexto familiar, no qual vó Izidra exerce um poder que é subalterno ao de Berno, ao mesmo tempo em que vigia e coage seus parentes, apoiando-se, para isso, sobre a doutrina católica. Quando Miguilim pensa que padecerá de tuberculose, e, em sua fantasia, sobe numa árvore, acreditando – e dizendo – que irá para o céu e acaba caindo e se machucando, a avó Izidra se faz presente e declara que quem pensa que vai para o céu acaba indo para o inferno. Após esse caso, o narrador dá voz ao menino, categorizando que: “Vovó Izidra todos vigiava” (ROSA, 2016, p. 54). Essa afirmação ao mesmo tempo reafirma a postura

alerta da avó (que, muitas vezes esbarra na onipresença) e a sua assertividade em relação a questões da fé.

Sobre ela ser uma espécie de “segundo em comando” de Berno, há dois momentos icônicos. O primeiro ocorre quando expulsa e, portanto, ostraciza Tio Terêz, ao descobrir o caso dele com Nhanina:

Miguilim parava perto da porta, escutava. O que ela estava dizendo: estava mandando tio Terêz ir embora. Mas falava, com uma curta brabeza diferente, palavras raspadas. Forcejava que tio Terêz fosse embora, por nunca mais, na mesma da hora. Falava que por umas coisas assim é que há questão de brigas e mortes, desmanchando com as famílias. Tio Terêz nem não respondia nada. Como é que ela podia mandar tio Terêz embora, quando vinha aquela chuvada forte, a gente já pressentia até o derradeiro ameaço dela entrando no cheiro do ar?! Tio Terêz só perguntou: — “Posso nem dar adeus à Nhanina?...” Não, não podia, não. Vovó Izidra se endurecia de magreza, aquelas verrugas pretas na cara, com os compridos fios de pelo desenroscados, ela destoava na voz, no pescoço espichava parecendo uma porção de cordas, um pavor avermelhado. (ROSA, 2016, p. 36)

O narrador descreve, inclusive, uma espécie de transfiguração no porte da avó, que toma uma postura mais ameaçadora e dura, de forma que sua autoridade não chega nem a ser questionada por Terêz, inclusive quando ele pede para despedir-se de Nhanina. Naturalmente, nessa ocasião, seu poder foi exercido no intuito de evitar um embate entre os irmãos, que certamente seria violento – não podemos deixar de lembrar que Berno de fato mata Luisaltino no decorrer da narrativa.

Outro momento exemplar se dá na ocasião em que Miguilim apanha violentamente do pai. O comentário elaborado pelo narrador também dá conta da omissão das outras pessoas, sobretudo das adultas, diante da cena: “A mãe, no quarto, chorava mais forte, ela adoecia assim nessas ocasiões, pedia todo consolo. Ninguém tinha querido defender Miguilim. Nem Vovó Izidra.” (ROSA, 2016, p. 32). A mãe se enclausura no quarto, em pranto e em posição de vulnerabilidade, mas o que queremos chamar a atenção aqui é para a parte final da citação. Ninguém veio na defesa de Miguilim, mas escolheu-se ressaltar apenas uma das pessoas: Vovó Izidra. Nem ela, que exercia algum poder na casa – e provavelmente a única a poder de fato interceder pelo garoto, tomou uma atitude.

Além de guiar as rezas na casa, das quais ninguém podia escapar (ROSA, 2016, p. 41, já referido nesse texto), Izidra também agia para garantir que a fé da família não fosse conspurcada por entidades por ela não reconhecidas como benéficas, ou ainda mesmo distantes de sua prática católica, de acordo com os seus

próprios valores e crença. Observemos como isso se mostra com os objetos de crença de Mãitina, uma vez que Izidra invade o quarto ocupado por essa e, mesmo no escuro, encontra todos as imagens de devoção e as destrói, jogando-as no fogo:

Vovó Izidra, mesmo no escuro assim, avançava nos guardados, nos esconsos, em buracos na taipa, achava aqueles toquinhos de pau que Mãitina tinha escascado com a faca, eram os calunguinhas, Vovó Izidra trazava tudo no fogo, sem dó! —: eram santos-desgraçados, a gente nem não devia de consentir se Mãitina oferecesse aquilo para respeito de se beijar, bonecos do demo, cazumbos, a gente devia era de decuspir em riba. Mãitina depois tornava a compor outros. (ROSA, 2016, p. 52)

Esse ato de violência religiosa parece ser rotineiro entre elas, uma vez que o uso do pretérito imperfeito, nos verbos “achava”, “trouxava” e “tornava” permite inferir que essas ações eram recorrentes e, muito possivelmente, eram interpretadas por Izidra como um dever dela, para garantir que a casa ficasse a salvo de forças consideradas malévolas. Esse caso ajuda a percebermos de que forma a religião praticada pela avó tem precedência e legitimidade na casa dos Cessim Caz.

Aqui, vale ressaltar que a família é um espelho da sociedade, constituindo-se o primeiro contato do ser humano com o processo civilizatório:

A perspectiva funcionalista vê a sociedade como um conjunto de instituições sociais que desempenham funções específicas, assegurando a continuidade e o consenso do todo social. De acordo com essa perspectiva, a família desempenha funções importantes que contribuem para satisfazer as necessidades básicas da sociedade e para a reprodução da ordem social. (GIDDENS, 2001, p. 177)

Nessa perspectiva, as duas funções primordiais da família seriam 1. socialização primária e 2. estabilização da personalidade. De acordo com Giddens, a primeira dessas funções seria "o processo através do qual a criança apreende as normas culturais da sociedade onde nasce" (GIDDENS, 2001, p. 177). A segunda função é definida pelo "papel desempenhado pela família na assistência emocional aos membros adultos da família" (GIDDENS, 2001, p. 177). Dessa forma, Giddens, a partir do pensamento de Parsons e Bales (1976) e discorrendo sobre o ponto de vista funcionalista, define a importância central da família como desenvolvedora e mantenedora da personalidade de seus membros, o que entendemos como, em verdade, uma forma de subjugação e coerção, impostos por Berno e sacramentados por Izidra no núcleo Cessim Caz.

Um fenômeno muito parecido ocorre na dinâmica familiar da casa de benjamim, em *o nosso reino*. Porém, nesse caso, a avó assume o papel central no núcleo familiar e o pai só encontra uma brecha para o exercício de poder quando essa avó e avô morrem. Todavia, esse novo arranjo não parece condizer com o que seria socialmente desejável para um núcleo familiar da época, não se encaixando dentro da abordagem funcionalista, já que ela não volta a se organizar hierarquicamente sob um chefe.

Para pensarmos na constituição desse núcleo do qual faz parte benjamim, é importante retomarmos o contexto histórico do Estado Novo e sua forte ideologia de apoio à família tradicional, que deveria encontrar subsídios dentro da fé cristã e era a base do regime ditatorial. De acordo com os estudos de Baptista (1986, p. 191), à época havia o predomínio e preferência por uma “concepção única, homogênea e autoritária (sustentada na moral cristã e na tradição)”, ou seja, o modelo de família nuclear portuguesa reside na ideia de casamento monogâmico e presença de filhos, sendo todos geridos por uma figura centralizadora do poder, o patriarca.

O grande enfoque na estrutura e equilíbrio do núcleo familiar dessa época se justifica não apenas pelos preceitos tradicionais católicos romanos, mas também pelo poder de coesão que ela representa dentro do Estado Novo, que atribuía valor biológico e também de controle moral a essa instituição. A família, “agrupamento natural” por definição (BAPTISTA, 1986, p. 194), representa, nesse contexto de totalitarismo, uma sociedade estruturada – e submissa a uma figura de autoridade – em escala mínima, exercendo, assim, um papel insubstituível na fundamentação dessa sociedade. Além disso, através da procriação, seria possível garantir a continuação da raça e da ideologia dominante.

Através dessas conexões mais ou menos lógicas dentro de um governo de exceção, a conexão Religião-Família-Estado torna-se evidente, sendo que o **“Estado, ‘sociedade que dirige a Nação’, [...] tem o dever de proteger a Família pois é dela que depende a atividade fecunda, é ela a fonte de todas as virtudes morais e cívicas da raça, o que representaria para a Nação, uma forte garantia para seu engrandecimento”** (BAPTISTA, 1986, p. 194, grifos do autor).

O lar, nesse sentido, é visto como santuário, “fechado à maldade e às impurezas do mundo” (BAPTISTA, 1986, p. 198), capaz de proteger os indivíduos, ou de confortá-los em seu sofrimento, renúncia e penitência, dando espaço à resignação e à obediência de um projeto divino que inclui sacrifício – saber sofrer – como forma de purgar o pecado e alcançar a salvação. Esse

santuário, dentro da moral social e religiosa, é calcado na indissolubilidade do casamento, para que haja a manutenção da moral e prevenção da corrupção e decadência da sociedade.

Dessa forma, a configuração familiar de benjamim parece, desde seu início, ser um tanto enviesada dentro dessa concepção. De início, temos o contato com uma família matriarcal, gerida pela avó, mesmo que acamada e cada vez mais moribunda, representando, assim, a figura central poder: a casa é sua, assim como é seu o dinheiro que sustenta a família com certo conforto, todos sob o mesmo teto tradicional. Com o seu falecimento, sua posição centralizadora de decisões, de poder e renda é deixada vaga, já que seu esposo falece em seguida. Restam, assim, três adultos, em idade próxima, para se organizarem na nova realidade: a mãe, o pai e a tia de benjamim. Porém, enquanto a mãe inicia um processo de adoecimento psicológico, a tia cândida, celibatária ainda aos 43 anos, engaja-se em um romance fora do casamento e, por isso, pecaminoso sob os olhos de sua sociedade, com um viúvo, o senhor francisco, que, a respeito das funções esperadas do homem e da mulher no lar, oferece uma visão bastante elucidativa, concluída com o elogio ao matrimônio:

os homens fazem a vida mas as mulheres fazem os dias, é o que lhe digo. que os homens inventam as coisas, fabricam as coisas e trabalham, mas as mulheres preparam as refeições, as roupas, as camas, cuidam dos filhos, guardam o dinheiro, gerem a casa que é como quem gere um pequeno mundo. os homens gerem o mundo, que é como quem gere a vida. as mulheres têm os dias, e eu tenho os meus dias sem gestão, num pequeno caos que vou ajeitando, não imagina o quanto é difícil e triste. (MÃE, 2008, p. 64)

Essa declaração do personagem corrobora o fato de que era esperado e recomendado para a época, que o pai de benjamim ocupasse o poder vacante, uma vez que, dentro do Estado Novo português, “ao homem estão ligadas as ideias de liderança e chefia da família que são mediatizadas pela acção direta da mulher; é ele, à distância, que comanda as operações pela firmeza do seu caráter, o seu saber e sobretudo seu exemplo de trabalho e autoridade, devendo a mulher – sua companheira – com ele colaborar, sujeitando-se-lhe” (BAPTISTA, 1986, p. 207). Entretanto, o pai de benjamim parece inapto para desempenhar a função: não há referências, no texto, a uma profissão ou emprego, o que permite pressupor que esteja/seja desemprego, e sistematicamente, sua frustração aumenta, culminando em

cenas de brutalidade e punição física contra seu filho mais velho e sua esposa. Soma-se a isso seu vício crescente em álcool e posterior abandono do lar.

Nesse ínterim, a memória da avó ainda permanece constante na família, apesar dela não estar mais presente. Nas palavras de benjamim, “a minha avó era como um silêncio muito forte que os sugeria coisas ao ouvido” (MÃE, 2008, p. 32). Essa impressão do menino confirma a avó como autoridade máxima da casa, com sua morte marcando o início da desintegração da família e, conseqüentemente, da propriedade, numa clara ruína do poder.

No comparativo entre as obras aqui analisadas, talvez *L'arrache cœur* seja a mais dissonante no que diz respeito à constituição e organização familiar. Em primeiro lugar, a família é restrita apenas a Clémentine, Angel e os filhos, sem que haja nenhuma notícia de outros membros. Nesse contexto, o psiquiatra e psicanalista Jacquemort torna-se um agregado: ele recebe moradia e alimentação em troca de oferecer companhia a Angel e realizar alguns pequenos favores à Clémentine, sobretudo no que diz respeito a ser a ponte entre a família e os prestadores de serviço na vila próxima. Outro personagem que orbita em torno dessa estrutura é a empregada Culblanc, cuja esfera de ação limita-se ao trabalho doméstico e às relações sexuais com Jacquemort, a quem nega se deixar analisar. Dessa forma, apesar desses dois últimos personagens serem absolutamente importantes para a narrativa, de maneira geral – afinal de contas, Jacquemort é o protagonista da narrativa – eles ocupam uma posição de coadjuvantes no que diz respeito ao desenrolar da história, ao desenvolvimento das crianças e da relação entre elas e seus genitores. Por esse motivo, lidaremos com estes personagens apenas levando em consideração suas interações com o núcleo familiar de Clémentine.

Em segundo lugar, a família se organiza em torno dessa e de suas vontades, sendo que Angel, ao contrário dos pais em *o nosso reino* e *Campo geral*, em nenhum momento reivindica poder ou controle sobre a família, sendo, inclusive, alienado do convívio com os filhos.

3.2 A AUTORIDADE PATERNA

A família, enquanto instituição social, também sedia relações de poder e, portanto, de coerção. Nas palavras de Sidman, a

Coerção familiar começa cedo. Assim que os bebês começam a mover-se por conta própria, a “mexer” nas coisas, adultos recorrem à restrição e punição para estabelecer limites. Não é difícil encontrar pais que raramente falam com suas crianças exceto para admoestar, corrigir ou criticar. Mesmo quando bebês, somos expostos ao modelo coercitivo: aprendemos rapidamente que a coerção é o modo-padrão para fazer com que os outros façam o que queremos. Isso não acontece porque somos cruéis ou maus por natureza ou porque queremos inculcar essas qualidades em nossos filhos, mas porque não conhecemos alternativas efetivas (SIDMAN, 2009, p. 42)

A família, imbuída do papel de ensinar às crianças princípios básicos de civilidade, pratica a coerção como forma de corrigir e ensinar comportamentos. Porém, em alguns casos, essa coerção exercida torna-se disfuncional, ou seja, para além da forma de ensinamento da prática social, e pode assumir a forma de violência, seja física ou emocional.

Nesse aspecto, trazemos à tona dois personagens que são catalisadores dessa face violenta da coerção em *Campo geral* e em *o nosso reino*: o pai de Miguilim e o pai de benjamim. No caso de *L'arrache cœur*, embora presente, a coerção é praticada pela mãe através de atos mais sutis de violência, sem cenas de punição física. Porém, o cerceamento dos filhos passa pelo controle dos corpos feito de forma muito específica. Por esse motivo, começaremos abordando os pais de *Campo geral* e *o nosso reino*, para então partirmos para análise das ações de Clémentine.

Primeiramente, é importante ter em mente que o período que vai dos anos 30 até a década de 70, e que, portanto, compreende o contexto das duas narrativas, já foi designado, a nível sociológico, por vezes como o período do “pai ausente”. (GIDDENS, 2001, p. 188). De acordo com Giddens (2001, p. 188), “o pai era o principal ganha-pão da família e, conseqüentemente, estava fora de casa durante o dia inteiro, só estando com os filhos à noite e aos fins-de-semana”. Assim, a sua responsabilidade girava em torno de prover a subsistência da família.

No caso de Nhô Berno, essa situação de provedor e de guia moral o coloca em posição de constante tensão. Em determinado momento da narrativa, em que Miguilim recorda os procedimentos para apear um bezerro, surge a lembrança das explosões de raiva do pai quando algo dava errado e o animal morria ao invés de ser pego:

Como o pai ficava furioso: até quase chorava de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo nem tirar para sustento de comida da família. Não tinha posse nem para retelhar a casa velha, estragada por mão desses todos ventos e chuvas, nem recurso para mandar fazer uma bôa cerca de

réguas, era só cerca de achas e paus pontudos, perigosa para a criação. Que não podia arranjar um garrote com algum bom sangue casteado, era só contentar com o Rio-Negro, touro do demônio, sem raça nenhuma quase. Em tanto nem conseguia remediar com qualquer zebú ordinário, touro cancréje, que é gado bravo, miúdo ruim leiteiro, de chifres grandes, mas sempre é zebú mesmo, cor queimada, parecendo com o guzerate: — “Zebú que veio no meio dos outros, mas não teve aceitação...” — que era o que queria o vaqueiro Salúz. Dava vergonha no coração da gente, o que o pai assim falava. Que de pobres iam morrer de fome — não podia vender as filhas e os filhos... Pudesse, crescesse um poucado mais, ele Miguilim queria ajudar, trabalhar também. Mas, muito em antes queria trabalhar, mais do que todos, e não morrer, como quem sabe ia ser, e ninguém não sabia. (ROSA, 2016, p. 57)

Em sua explosão verborrágica, Berno deixa clara sua frustração por ser arrendatário da terra onde vive e por não possuir meios de sair da pobreza em que se encontra, muito menos de ser proprietário de um lugar seu. Esse tipo de demonstração de revolta, ao mesmo tempo em que vexa Miguilim, embute nele uma vontade de ajudar, de ser útil para o trabalho do campo e, portanto, de participar do sustento de sua família.

Apesar das demonstrações de violência e autocracia (as quais discutiremos posteriormente), esse personagem ainda mostra uma face cuidadosa e preocupada com os filhos e com a família. Quando Miguilim adocece, seu pai demonstra cuidado e consternação:

Pai chorava, estramontado, demordia de morder os beiços. Miguilim sorriu. Pai chorou mais forte: — “Nem Deus não pode achar isto justo direito, de adoecer meus filhinhos todos um depois do outro, parece que é a gente só quem tem de purgar padecer!” Pai gritava uma braveza toda, mas por amôr dele, Miguilim. (ROSA, 2016, p. 26)

Essa demonstração, no entanto, é carregada de raiva e de desespero. Afinal de contas, ele já havia perdido Dito para o tétano e, agora, estava na iminência de ver outro filho seu falecer. De certa forma, a relação de Berno com seus filhos e esposa é bastante ambivalente e alterna do cuidado à violência ao longo de toda a narrativa, criando uma constante sensação de tensão e medo:

Com a aflição em que estivera, de poder depressa ficar só com a mãe, para lhe dar a notícia, Miguilim devia de ter procedido mal e desgostado o pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordoado arrependimento de perdão. De nada, que o pai se crescia, raivava (ROSA, 2016, p. 26)

O afeto de Berno é, de certa forma, condicional, e varia de acordo com a aceitação do comportamento dos filhos. Porém, para Miguilim, essa mudança no afeto

paterno parecia arbitrária, forçando o menino a estar em constante vigilância. Retornaremos a essa tenção ao longo deste capítulo. Todavia, antes de nos aprofundarmos nessas relações, queremos chamar a atenção para o fato de que o estar presente não é a dimensão ou medida mais relevante para essa dinâmica familiar, pois de acordo com Giddens (2001, p. 190)

Alguns estudiosos sugerem que a questão central não é a de saber se o pai está ou não presente, mas se está comprometido com a vida familiar e com a paternidade. Por outras palavras, a configuração do lar pode não ser tão importante quanto a qualidade do afecto, atenção e suporte que as crianças recebem dos membros da família.

Não podemos julgar Berno pela quantidade de tempo passado fora, trabalhando na lavoura e com a criação, mas podemos analisar o personagem a partir da forma com que ele se relaciona com sua família, na intrincada dinâmica de amor e punição oferecida por ele aos seus, até porque as menores demonstrações de afeto ou de desaprovação causam efeitos consideráveis no menino. De acordo com Skinner (2003, p. 332),

Os estímulos sociais são importantes para aqueles aos quais o reforço social é importante. O vendedor, o galanteador, humorista, o sedutor, a criança que anseia pelo favor dos pais, o “carreirista” avançando de um nível social a outro, o político ambicioso – todos têm grande probabilidade de serem afetados por propriedades sutis do comportamento humano, associados com o favor ou a desaprovação, que são desapercibidas por muitas pessoas. (SKINNER, 2003, p. 332)

Na busca pela aprovação e afeto paterno, Miguilim é sensível aos menores indícios de aprovação, reprovação ou afeição fornecidos pelo pai, por mais que Berno não os perceba da mesma forma, ou sequer imagine o resultado que poderão ter.

Nesse mesmo sentido, o pai de benjamim também pode ser observado de acordo com a qualidade de sua relação com sua família. No caso desse personagem, no entanto, a dimensão do trabalho e do sustento da família não fica clara. Há uma menção sobre o pai não estar em casa, por estar trabalhando e, posteriormente, isso reaparece em um desejo de benjamim:

assim que fiquei sozinho cheguei-me à janela protegido da chuva incessante. sentia vontade de ver o meu pai voltar, metido no seu sobretudo comprido, como se viesse do trabalho e estivesse feliz, e beijasse a minha mãe à entrada para nos pormos todos à mesa a jantar. (MÃE, 2008, p. 114)

Essa passagem parece ser uma das raras em que há menção a afeto vindo do pai. Nesse momento descrito por benjamim, a menção à felicidade paterna é construída no trecho sobre hipóteses, por meio da expressão “como se”, seguida dos verbos no condicional, o que abre para a interpretação de que ou esse passado é longínquo (desde o seu início, a narrativa não chegou a nos mostrar ocasiões como essa), ou ele simplesmente não ocorreu e está meramente no campo do desejo do garoto.

De toda forma, nas duas narrativas, o pai parece assumir o papel da figura punitiva máxima, revoltada e incontornável, arbitrária e cega pela raiva de não se ver respeitada como acha justo. Essa nova roupagem da função paterna mostra-se em plena força na passagem em que benjamim é punido desproporcionalmente³⁸ por voltar para casa sujo de lama:

parecíamos dois miúdos malcomportados. e já contávamos com o raspanete à chegada. mas nunca com uma tareia, com um arreio bruto que me marcaria as pernas para sempre. dizia o meu pai, se nesta casa não há respeito eu vou tratar disso. falava não só de mim, e quase nem de mim era, era a minha tia cândida a ter coisas com o senhor francisco, e a memória dos avós como estaria manchada, que veriam eles lá de cima. a apertar os meus braços, quase partindo-os, e a chicotear-me as pernas e o rabo, eu via a minha tia de costas voltadas para o senhor francisco, a dizer-lhe que sim, que poderia pôr dentro dela o pénis, onde quisesse e as vezes que quisesse. e por isso eu estava debaixo daquele ataque. [...] que nesta casa acabaram-se as faltas de respeito, todos vamos cumprir com a decência. mas de todos quem estava debaixo de fogo era eu, porque sujo de lama não eram modos de chegar a casa. (MÃE, 2008, p. 84-85)

Fica claro, na passagem, que a punição recebida – e que criaria marcas perpétuas nas pernas de benjamim –, não era endereçada ao menino, mas ao comportamento considerado imoral e maculoso da tia, embora fosse benjamim que apanhava, talvez por ser criança, talvez por estar sob mando direto do pai. De toda a forma, salta aos olhos a motivação do pai ao descontrolar-se em seus atos: sua revolta

38 A desproporcionalidade e violência da cena é marcada nessa passagem e recuperada pelo narrador posteriormente. Todavia, ela é apenas uma das referências à punição física (e a maior sofrida por benjamim), que se constrói como uma constante na vida infantil. As três crianças de maior relevo no romance (benjamim, manuel e germana) são submetidos frequentemente a esse tipo de castigo: “o manuel tinha a mão do pai muito perto do rabo, sempre a cair-lhe em cima a cada deslize, a cada ideia menos atenta” (MÃE, 2008, p. 113); “nunca mo disse abertamente, que lhe batiam em casa, quantas vezes mexia pouco os braços ou tinha cores na cara, e caminhava pior do que eu magoado pelo meu pai quando foi do milagre”. (MÃE, 2008, p. 128)

por não se sentir respeitado como a figura de chefe e sua tentativa para reivindicar à força esse respeito, inclusive por intermédio do medo.

Uma cena absolutamente similar ocorre em *Campo geral*, quando Berno agride brutalmente Miguilim, que tentava proteger a mãe. Assim como o que ocorreu com benjamim, a agressão inicialmente não era voltada para o menino, mas também foi uma explosão diante de um evento libidinoso que conspurca diretamente a honra do pai: a traição da esposa. Com medo da mãe ser ferida, Miguilim intervém, abraçando-a. Isso é o suficiente para que a ira do pai seja despejada no garoto:

— Não, não... Não pode bater em Mamãe, não pode...
Miguilim brotou em choros. Chorava alto. De repente, rompeu para a casa. Dito não o conseguia segurar.
Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pode falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava aJoêlhada encostada na mesa, as mãos tapando o rosto. Com ela se abraçou. Mas dali já o arrancava o pai, batendo nele, bramando. Miguilim nem gritava, só procurava proteger a cara e as orelhas; o pai tirava o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, que ardiavam, doíam como queimaduras quantas, Miguilim sapateando. Quando pôde respirar, estava posto sentado no tamborete, de castigo. E tremia, inteirinho o corpo. O pai pegara o chapéu e saíra. (ROSA, 2016, p. 32)

Miguilim sente-se profundamente sozinho nesse momento. Ninguém veio ao seu socorro. Sua mãe foi chorar no quarto, sua avó novamente não interveio e foi rezar sozinha, seus irmãos, acostumados com a dinâmica de violência, apenas saíram do caminho (ROSA, 2016, p. 32). Infelizmente, o comportamento do pai nessa situação, além de não de ser novidade, é perfeitamente compreendido, defendido e esperado pela sociedade da época. Conforme explica Bassaneli (2004, p. 530):

Como a honra de um marido dependia em grande parte do comportamento de sua esposa, o castigo violento ou até mesmo o chamado crime passionnal contra a mulher, real ou supostamente, infiel eram comumente perdoados pelas autoridades da lei. Para os homens, ser chamado de *cornio manso* – marido traído que não reage com violência – era considerado uma grande humilhação. (BASSANELI, 2004, p. 530. Grifos da autora)

Se crimes de honra obtinham perdão judicial e social, agressões físicas e psicológicas internas ao foro doméstico nem ao menos chegavam ao conhecimento público. Infelizmente, o comportamento de Berno não é isolado e tampouco circunscrito ao contexto imediato, mas é verificável enquanto fenômeno histórico e social:

O homem pobre, por suas condições de vida, estava longe de poder assumir o papel de mantenedor da família previsto pela ideologia dominante, tampouco o papel de dominador, típico desses padrões. Ele sofria a influência dos referidos padrões culturais e, na medida em que sua prática de vida revelava uma situação bem diversa em termos de resistência de sua companheira a seus laivos de tirania, era acometido de insegurança. A violência surgia, assim, de sua incapacidade de exercer o poder irrestrito sobre a mulher, sendo antes uma demonstração de fraqueza e impotência do que de força e poder. (SOIHET, 2004, p. 310)

Como uma tentativa extrema, desesperada e, provavelmente, impensada de reafirmar seu poder e sua honra diante da sociedade familiar, Berno agride a esposa. A agressão sofrida por Miguilim é, de certa forma, colateral ao espetáculo da reabilitação de honra do marido traído. Talvez o silêncio dos outros, para além do medo de também sofrer a represálias, também fosse uma forma de entender que o que estava acontecendo era concernente apenas a Berno e Nhanina, e à dinâmica de casal da época – o velho ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. E, nesse caso, pouca diferença faria se os Cessim Caz fossem uma família urbana. Não é à toa que, contemporaneamente, Maria da Penha e Bernardo Boldrini dão nome a leis de proteção à mulher e à criança as quais, para esses indivíduos, vieram tarde demais.

Em um paralelo com o *nosso* reino, a honra ferida do pai também gera agressão. Nesse caso, não se trata diretamente de um caso de traição conjugal, mas de uma ofensa moral que causa humilhação pública à família, a qual o pai de benjamim crê chefiar. O alvo da fúria também não é diretamente a ofensora, mas um terceiro que teve a infelicidade de ser o estopim para a liberação da raiva contida desse pai. Somando-se tudo isso, percebemos como as duas situações de agressão física são próximas e possivelmente têm o mesmo fundamento social.

Na análise do poder exercido por esses dois pais, podemos encontrar uma série de pontos que os aproxima do poder soberano de um rei. Naturalmente, não pretendemos aqui afirmar que esse poder paterno equivale diretamente ao poder monárquico, mas é possível observar que algumas dinâmicas de poder exercido no seio dessas famílias, em alguma medida, aproximam-se da forma com que um soberano autoritário faz a manutenção do seu poder. Foucault, quando aborda esse tipo de estratégia, em *Vigiar e punir*, discute longamente sobre a questão do suplício, que seria uma forma mais de vingança do poder do Estado contra quem o desafia, do que de punição, uma vez que se trata de uma forma de manifestação desse poder (FOUCAULT, 2014, p. 49). Sobre isso, o filósofo francês afirma:

Uma pena, para ser um suplício, deve obedecer a três critérios principais: em primeiro lugar, produzir uma certa quantidade de sofrimento que se possa, se não medir exatamente, ao menos apreciar, comparar e hierarquizar [...]. O suplício repousa na arte quantitativa do sofrimento. Mas não é só: esta produção é regulada. O suplício faz correlacionar o tipo de ferimento físico, a qualidade, a intensidade, o tempo dos sofrimentos com a gravidade do crime, a pessoa do criminoso, o nível social de suas vítimas. (FOUCAULT, 2014, p. 36-37)

O suplício, enquanto forma de manutenção do poder de um soberano, ocorre de forma sistemática e pragmática, com objetivos claros e não como uma forma impensada e impulsiva de responder a uma infração, de forma que, segundo Foucault (2014, p. 36-37), “o suplício é uma técnica e não deve ser equiparado aos extremos de uma raiva sem lei”. Quando observamos as cenas de punição física imputadas sobre benjamim e Miguilim, o componente da raiva está presente, pois estão dentro de um contexto fortemente emocional para todos os envolvidos.

Contudo, para além da forma e momento dessas punições – que, no caso desses meninos, ocorrem reiteradas vezes – é necessário levar em consideração o objetivo e a consequência das agressões. Claramente, a raiva desmedida está presente, dada a intensidade da punição, mas a relação de causalidade entre as agressões e a manutenção e reafirmação do poder paterno é latente. Em ambos os casos, o gatilho das agressões físicas pode ser definido pelo fato de os meninos terem, mesmo que involuntariamente através de suas ações, desafiado o poder desses pais, e esses se sentirem ameaçados, consciente ou inconscientemente, em suas posições soberanas.

Então, a punição que ocorre, nesses dois casos, também se configura como uma espécie de ritual político, dentro do microcosmos da sociedade familiar, na tentativa de reafirmação do poder absoluto desses pais diante de suas famílias. Inclusive, a presença de um público que veja as consequências de uma ofensa deste nível é essencial para que a mensagem de autoafirmação do soberano seja transmitida:

Nas cerimônias do suplício, o personagem principal é o povo, cuja presença real e imediata é requerida para sua realização. Um suplício que tivesse sido conhecido, mas cujo desenrolar houvesse sido secreto, não teria sentido. Procurava-se dar o exemplo não só suscitando a consciência de que a menor infração corria sério risco de punição; mas provocando um efeito de terror pelo espetáculo do poder tripudiando sobre o culpado (FOUCAULT, 2014, p. 58).

Sem dúvidas, as cenas de violência física contra benjamim e Miguilim não podem ser equiparadas à espetacularização do sofrimento alheio, que era acompanhada como um verdadeiro entretenimento gratuito. Afinal de contas, o silêncio que recai sobre o restante dos presentes na cena é grandiloquente o suficiente para que possamos perceber o domínio que a violência tem sobre toda a dinâmica familiar e a forma com que, efetivamente, o poder é resgatado pelos pais-soberanos. Nesse sentido, podemos, inclusive, inferir que mesmo essa inércia dos outros seres é, de certa forma, uma ação e uma participação, pois:

As pessoas não só têm que saber, mas também ver com seus próprios olhos. Porque é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantias da punição, e porque até certo ponto devem tomar parte nela. (FOUCAULT, 2014, p. 59)

Dessa forma, testemunhar é tomar parte, porquanto é através desse testemunho que o castigo realiza sua função. Não se trata apenas de vingança, ou de uma resposta incomensurável e injusta para a ação insubordinada de uma criança, é um momento de grande potencial didático-expositivo: a punição física aguarda todos os insurgentes, todos aqueles que decidirem falar contra o pai, agir contra o pai. Por isso, calar-se, nesses casos, é tão significativo, uma vez que o silêncio representa aceitar e contribuir para a consolidação do poder paterno. Ainda nas palavras de Foucault (2014, p. 37),

o suplício, mesmo se tem como função “purgar” o crime, não reconcilia; traça em torno, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar; a memória dos homens, em todo caso, guardará a lembrança da exposição, da roda, da tortura ou do sofrimento devidamente constatados.

Miguilim e benjamim levarão no corpo os sinais e lembranças da agressão sofrida, enquanto os demais levarão a memória das imagens e sons, para que nenhum deles se esqueça quem é a fonte do poder familiar e para que todos aprendam que o comportamento desses meninos não é adequado diante da figura paterna. Nos dois casos, para além da explosão de raiva, também há um projeto punitivo que visa a minimizar afrontas posteriores. O comportamento violento dos homens, na tentativa de reafirmação de seus pequenos poderes, também pode ser compreendido por meio do prisma social:

[...] a tais homens, desprovidos de poder e de autoridade no espaço público – no trabalho e na política –, seria assegurado o exercício no espaço privado, ou seja, na casa e sobre a família. Nesse sentido, qualquer ameaça à sua autoridade na família lhes provocava forte reação, pois perdiam os substitutos compensatórios para sua falta de poder no espaço mais amplo (SOIHET, 2004, p. 310)

Ora, se todo o poder dos pais de Miguilim e benjamim é de foro familiar, a atitude dos meninos, por menor que possa parecer, os atinge profundamente em seus valores patriarcais e masculinos e, portanto, não podem ser ignorados, pois não punir os meninos poderia fazer toda a tênue estrutura familiar colapsar. De toda forma, nas narrativas, o poder foi resguardado, sendo que a violência experimentada fisicamente por benjamim é sofrida emocionalmente por todos que participam da cena:

os meus irmãos eram muito miúdos, o justino tinha quatro anos e o paulinho tinha quase seis. vieram erguer-me tontos de medo, já o meu pai longe dali e a minha mãe desmaiada no chão. com as dores senti que morreria, ainda tão grande era o turbilhão de golpes pelo simples toque na minha pele. (MÃE, 2008, p. 85)

A conclusão do rapaz, ao narrar a cena, marca o poder de ruptura que a agressão causou: “tinha sido como que assassinado pelo meu próprio pai” (MÃE, 2008, p. 86). A partir desse ponto, benjamim não é mais capaz de alimentar afeto pelo pai. Afina de contas, “o suplício tem então uma função jurídico-política. É um cerimonial para reconstituir a soberania lesada por um instante. Ele a restaura manifestando-a em todo o seu brilho” (FOUCAULT, 2014, p. 50). E, se estamos falando aqui de um poder autocrático, arbitrário e caprichoso, o terreno do afeto fica naturalmente minado. O que está em jogo nessas situações não parece ser da ordem do afeto, mas da ordem da obediência e do medo. De acordo com Foucault, sobre o uso de suplícios,

Na realidade, entretanto, o que até então sustentara essa prática dos suplícios não era a economia do exemplo, no sentido em que isso será entendido na época dos ideólogos (de que a representação da pena é mais importante do que o interesse pelo crime), mas a política do medo: tornar sensível a todos, sobre o corpo do criminoso, a presença encolerizada do soberano. **O suplício não restabelecia a justiça; reativava o poder.** [...] Suas crueldades, sua ostentação, a violência corporal, o jogo desmesurado de forças, o cerimonial cuidadoso, enfim todo o seu aparato se engrenava no funcionamento político da penalidade. (FOUCAULT, 2014, p. 50, grifos nossos)

Portanto, há que se observar que o que está em jogo, nas situações de abuso físico que esses meninos sofrem, além da purgação da ofensa, é o exercício intenso do poder como forma de garantir sua continuidade. Inclusive, se pensarmos que os pais agem como soberanos de suas microssociedades, a desobediência filial está muito próxima de um crime lesa majestade.

No caso da agressão sofrida por Miguilim, no entanto, justamente por não ser atípica, ela serve como reforço ao medo que nutre pelo pai. Mas, notadamente, esse episódio de violência física parece ser menos traumático do que a violência psicológica causada por Berno, ao doar a Cuca Pingo-deOuro, que, inclusive, tira do menino a vontade de se tornar adulto:

Miguilim inventava outra espécie de nôjo das pessoas grandes. Crescesse que crescesse, nunca havia de poder estimar aqueles, nem ser sincero companheiro. Aí, ele grande, os outros podiam mudar, para ser bons — mas, sempre, um dia eles tinham gostado de matar o tatú com judiação, e aprontado castigo, essas coisas todas, e mandado embora a Cuca Pingo-deOuro, para lugar onde ela não ia reconhecer ninguém e já estava quase ceguinha. (ROSA, 2016, p. 60)

Também é possível compreender esse fenômeno pela ótica da empatia e alteridade, uma vez que a grande preocupação de Miguilim não é pela perda sofrida, mas pela segurança e bem-estar da Cuca Pingo-deOuro, pois ela estaria sozinha e perdida em um ambiente novo, com pessoas novas e sem conseguir enxergar. Voltaremos a esse aspecto da personalidade de Miguilim no capítulo 5, dedicado à identidade. Mas, talvez por ferir psicologicamente a criança justamente naquilo que é mais querido para ela, essa punição adquire tons sinistros de desproporcionalidade, ainda mais pelo motivo ser desconhecido. Nesse sentido, não é injustificado inferir que esse fato tenha ocorrido como uma forma de reafirmação de poder de Berno sobre os seres e pessoas que estão abaixo de si. Continuando o paralelo entre o poder parental e o de um soberano, é importante considerar que

O suplício tem então uma função jurídico-política. É um cerimonial para reconstituir a soberania lesada por um instante. Ele a restaura manifestando-a em todo o seu brilho. [...]. Sua finalidade é menos de estabelecer um equilíbrio que de fazer funcionar, até um extremo, a dissimetria entre o súdito que ousou violar a lei e o soberano todopoderoso que faz valer sua força. Se a reparação do dano privado ocasionado pelo delito deve ser bem proporcionada, se a sentença deve ser justa, a execução da pena é feita para dar não o espetáculo da medida, mas do desequilíbrio e do excesso; deve haver, nessa liturgia da pena, uma afirmação enfática do poder e de sua superioridade intrínseca. E esta superioridade não é simplesmente a do

direito, mas a da força física do soberano que se abate sobre o corpo de seu adversário e o domina: atacando a lei, o infrator lesa a própria pessoa do príncipe: ela — ou pelo menos aqueles a quem ele delegou sua força — se apodera do corpo do condenado para mostrá-lo marcado, vencido, quebrado. A cerimônia punitiva é “aterrorizante”. (FOUCAULT, 2014, p. 50-51)

Dentro da lógica monárquica, ferir a lei equivale a ofender diretamente a figura do soberano, talvez seja possível transpormos esse raciocínio para a operacionalização das famílias de benjamim e Miguilim. Se os pais agem como guardiões absolutos, como aqueles que legislam, reinam e decidem sobre a família, ir contra suas resoluções e vontades, significa, necessariamente, uma ofensa ao poder que exercem. Dessa forma, a punição que os meninos recebem parece ser uma espécie de vingança dos pais contra a ousadia dos filhos em atentarem contra a ordem instituída.

Retornando a *Campo geral*, ao longo da narrativa percebemos a alternância de afetos e tensões no que diz respeito aos sentimentos de Miguilim por sua família. Por exemplo, enquanto o garoto ajuda a tirar as roupas do varal, para protegê-las da chuva, ele age com cuidado e ternura pelos seus irmãos, pensando também sobre a pobreza em que vivem: “Miguilim ajudava a recolher a roupa — não podiam esquecer nenhuma peçazinha ali fora... — ele tinha pena daquelas roupinhas pobres, as calças do Dito, vestidinho de Drelina...” (ROSA, 2016, p. 37). No entanto, pouco tempo depois, quando Miguilim é castigado pelo pai por ter rasgado suas calças e forçado a ficar nu enquanto a mãe as costurava, sentindo que ninguém se compadece dele, sobrevém a raiva por todos, inclusive por seu irmão preferido e confidente, Dito:

Ah, não fosse pecado, e aí ele havia de ter uma raiva enorme, de Pai, deles todos, raiva mesmo de ódio, ele estava com razão. Pudesse, capaz de ter uma raiva assim até do Dito! Mas por que era que o Dito semelhava essa sensatez — ninguém não botava o Dito de castigo, o Dito fazia tudo sabido, e falava com as pessoas grandes sempre justo, com uma firmeza, o Dito em culpa aí mesmo era que ninguém não pegava. (ROSA, 2016, p. 56)

Em uma torrente de pensamentos que orbitam em torno do sentimento de injustiça pela punição vexatória, Miguilim volta-se contra todos e percebe a proteção que Dito recebe, o que o enraivece ainda mais. Todavia, esse sentimento intenso não demora a se dissipar. Posteriormente, quando pensa sobre os cuidados que recebe de sua família, sobretudo de vó Izidra, Miguilim considera que

Vovó Izidra não era ruim, todos não eram ruins, faziam ele comer bastante, para fortalecer, para não emagrecer héctico, de manhãzinha prato fundo com

mingau-de-fubá, dentro misturavam leite, pedacinhos de queijo, que derretiam, logo, depois comia gemada de ovo, enjoada, toda noite Vovó Izidra quentava para ele leite com açúcar, com umas folhinhas verdes de hortelã, era tão gostoso... (ROSA, 2016, p. 62)

Embora os afetos sejam oscilantes, é importante notar que eles estão atrelados a uma causalidade e apresentam uma intensidade profunda e explosiva, refletindo justamente a intensidade emocional experienciada no seio familiar. Mais relevante que essa alternância de opiniões e sentimentos por seus familiares, é a constatação de Miguilim de não conhecer sua própria família. Quando precisa de cuidados médicos e recebe de Seo Deográcias apenas remédios naturais, que julga fracos, o menino reflete sobre sua família:

Agora pensava uma raiva dos irmãos, dos parentes — não era raiva bem, era um desconhecer deles, um desgosto. Não calava raiva do Dito, nem do Tomêzinho, nem da Chica e de Drelina, quando vinham perto, quando estava vendo, estimava sempre uns e outros. Mas, quando ficava imaginando sozinho assim, aquele dissabor deles todos ele pensava. Ah, então, quem devia de adoecer, e morrer, em vez, por que é que não era, não ele, Miguilim, nem nenhum dos irmãozinhos, mas aquele mano Liovaldo, que estava distante dali, nem se sabia dele quase notícia, nem nele não se pensava?" (ROSA, 2016, p. 50)

Desses personagens citados, todos irmãos, apenas Liovaldo não tem contato com a família e, por isso, é desconhecido, quase um estrangeiro aos Cessin Caz. Por isso mesmo, no pensamento infantil de Miguilim, é o irmão afastado que deveria sofrer.

Se Miguilim alterna seus afetos de acordo com as situações em que ele se vê exposto, de forma que ora ama sua família, ora odeia, por sua vez, os desdobramentos da violência sofrida por benjamim representam uma ruptura no núcleo familiar e alimentarão a tragicidade dos personagens em seus desfechos igualmente trágicos. Vale lembrar que a violência, nesse caso, amplifica-se à medida em que o autoritarismo punitivo do pai é somado ao desenvolvimento do alcoolismo,

meu pai entrou e, para mim vindo do nada, espancou a minha mãe e saiu. sem palavras, como se fosse um ladrão desconhecido [...] pensei também que um homem bater numa mulher era algo porco, o mais porco dos actos, porque vinha da covardia e mostrava o espírito demente de quem achava na violência uma força aceitável. e pensei no meu pai a roncar pelos campos fora, mordido de estupidez, sem nunca mais perceber o caminho de volta, tornado bicho, odioso, nunca mais o meu pai, nunca mais um homem, apenas uma desgraça pelas opções erradas que tomara. faltou-me o meu pai. faltou-me muito o meu pai. (MÃE, 2008, p. 114-115)

A rotina doméstica fica, a partir desse momento, para sempre desestruturada. Os pais e benjamim, cada vez mais infelizes e apartados em suas solidões, têm na continuidade do laço do matrimônio a manutenção de uma penitência indizível. Embora o menino tente mediar a situação, os alheamentos apenas se dilatam e proliferam entre pai e mãe, pai e filhos, mãe e filhos, pai consigo mesmo, mãe consigo mesma:

falei com o meu pai e foi pior. a partir do dia em que a noite não veio ele passou a beber. ficava fora de casa muito tempo, voltava quando já só caía na cama sem dizer nem fazer nada. a tristeza na nossa casa passou a ser tremenda, mas a minha mãe limitou-se a seguir com a sua rotina doméstica como se agora fôssemos assim. (MÃE, 2008, p. 89)

benjamim tenta exercer sua recém-descoberta santidade, tornando-se útil aos outros. Assim, ele toma para si a responsabilidade de resgatar seu pai, após a brutalidade sofrida. Todavia, esse contato parece não ser bem recebido e, como resposta, o afastamento do pai é acentuado por conta de seu comportamento derivativo e alcóolatra. Esse movimento abductor é descrito da seguinte forma: “e o meu pai entristecia, eu sabia que aquilo era o meu pai a entristecer e a abandonar-me” (MÃE, 2008, p. 89).

Dentro do afirmado por benjamim, a violência contra ele e sua mãe torna-se física e, sobretudo, gigantesca, justamente por causa dessa desestabilização. A doença da mãe também toma corpo a partir dessa ruptura. É uma geração de seres – pai, mãe, tia – que são obrigados a manter a imagem social, a estrutura familiar clara, mas que não têm capacidade emocional o suficiente para aturar a rigidez e tortura que é manter essa aparência. Quando a força de coesão cessa, esses seres ficam, naturalmente, à deriva.

Isso não significa que, na época da avó, a família fosse perfeita moralmente, longe disso, mas, havia um elemento tácito de coesão, que, possivelmente, incapacitava seus integrantes a se comportarem de forma abertamente escandalosa, fazendo com que os comportamentos reprováveis ocorressem na surdina. Evocamos aqui o caso extraconjugal que o avô manteve com a empregada da família, dona ermelinda, triplamente pecaminoso, pois além de ser um rompimento da fidelidade matrimonial, ocorre dentro da propriedade da avó e é uma relação de abuso de poder, visto que a empregada era submetida a uma relação não solicitada. No entanto, esse

caso só visto com horror para benjamim, sendo ou ignorado, ou recalcado, pelos outros familiares.

O que parece levar todos ao trágico fim também é a forma com que expectativas e construções sociais tolhem os indivíduos e os obrigam a entrarem em moldes em que não cabem. A família prosperava e era estável sob o regime da avó, porque ela representava a tradição (a sociedade da aldeia ainda respeitava a família, por ter sido abastada). Após sua morte, sem uma figura de liderança definida na casa, os outros tendem a abandonar seus deveres sociais e privilegiar seus próprios desejos. Ainda, o casamento dos pais de benjamim foi arranjado (o que é afirmado pelo rapaz em seu relato posteriormente), o que dá a entender que a inércia que une o casal é constituída sobre o temor que a avó desperta.

A própria degradação da casa sem manutenção mostra, em definitivo, aquilo que já se anunciava: não há retorno possível. benjamim constata que “a casa estava para não ser nossa e em volta tudo envelhecia, que era apodrecer porque nunca se recuperaria e estava ali para ser acabada para sempre (MÃE, 2018, p. 149). A ideia de corrosão absoluta é reforçada pelo uso de termos abrangentes e totalizantes: o pronome indefinido “tudo” e os advérbios “nunca”, “sempre” e, posteriormente, na concretização da ruína da casa, literal e metafórica. Na visão apocalíptica, benjamim prevê a morte dos irmãos através do desmoronamento da velha casa da família, “caindo podre” (MÃE, 2008, p. 153) sobre eles. Como benjamim não acredita ter poder sobre o que viu nesse dia, a profecia se cumpre e os irmãos, crianças de 4 e 6 anos, são soterrados pelos históricos vergalhões, telhas, tijolos da velha casa.

Basicamente, os mais velhos da família protagonista de *o nosso reino*, a avó e o avô, ao falecerem ainda no início da narrativa, prenunciam a desintegração de sua herança financeira e moral. Quando seus herdeiros sucumbem, cessa com eles a permanência e memória de uma geração mais antiga, capaz de centralizar o poder na família. A eles, sucede uma geração instável econômica, moral, emocional e religiosamente: o pai, desmoralizado, pende para o alcoolismo – vício e falha moral condenável socialmente – e a violência até se desapegar tanto de sua família, que a deserta; a mãe, isolada em si mesma, enfrenta depressão e desvario motivadas pela culpa da concepção maculada de benjamim, culminando em um suicídio pintado com tintas míticas; cândida, conspurcada duplamente pela idade avançada e por perder a virgindade fora do casamento, vê o filho, fruto desse consórcio, minguar até a morte de ambos. saúl e joão, regressados da França são tão afastados de sua origem, que

não se encaixam na terra natal, nem pelos costumes, nem pela língua de preferência. Todos estão fora de seus lugares, físicos ou simbólicos.

Esses herdeiros constituem uma geração que não consegue depender de si mesma, e que, por sua vez, também não terá frutos perenes. Os irmãos de benjamim morrem muito cedo, esmagados literal e metaforicamente pela casa onde nasceram que, podre e mal-cuidada, não consegue sustentar-se por mais tempo. benjamim, por sua vez, condena-se e é condenado à solidão, ao silêncio e ao esquecimento, enquanto seus amigos de infância se distanciam em direção a suas próprias vidas. A trajetória da casa e da família, permeada de relações ambíguas de afeto e poder, aponta para a fragmentação final desses indivíduos que ficaram à deriva quando o poder instituído pela avó cessou de existir. Aqui, novamente, voltamos para o tema da instituição familiar no Estado Novo português.

O próprio poder público, na Constituição de 1933, explicitava o valor imputado à família, bem como interpretava essa instituição como o núcleo mínimo – e indivisível – do Estado. No artigo 11º dessa Constituição, lê-se: “o estado assegura a construção e defesa da família, como fonte de conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação, da disciplina e harmonia social, e como fundamento de toda a ordem política pela sua agregação e representação na freguesia e no município” (PORTUGAL, 1933). Tendo em vista o constructo legal, Mãe subverte esse valor através da pulverização das relações de poder e enfraquecimento do vínculo familiar, de forma que a família fragilizada e rompida espelha essa decadência no macro universo de poder. Assim, o enfraquecimento e estiolamento de um representa enfraquecimento e estiolamento do outro.

Pensando em termos da psicologia comportamental, debatidos no capítulo anterior, talvez seja possível analisar essa relação causa-consequência por meio do conceito de extinção operante, definido da seguinte forma: “Quando o reforço já não estiver sendo dado, a resposta torna-se menos e menos frequente [...]” (SKINNER, 2003, p. 76). Levando em consideração que a conduta social da família de benjamim é um comportamento construído ao longo de sua vida e reforçado continuamente pela avó materna, por meio de instrumentos coercitivos, a ausência dessa avó implica, necessariamente, na interrupção dos reforços, fazendo com que não haja mais uma consequência – declarada ou tácita – do comportamento considerado inadequado. Afinal de contas, como explica Skinner (2003, p. 76), “Em geral, quando nos empenhamos em comportamentos que ‘não compensam’ encontramos-nos menos

inclinados a comportamentos semelhantes do futuro”. Sem a avó ditando regras e costumes, não há mais a necessidade de manter-se as normativas e, assim, as personalidades tolhidas por aqueles que exercem o poder podem, enfim, emergir.

No caso de *Campo geral*, a família de Miguilim parece ter reencontrado um ponto de equilíbrio após a morte do pai e a extinção dos reforços negativos e violentos. Já, em *o nosso reino*, a desestabilização da perda do referencial é tamanha, que o afloramento das personalidades silenciadas se torna um problema.

Se a autoridade paterna é uma constante em *Campo Geral* e *o nosso reino*, em *L'arrache cœur*, ela inexistente. Angel, desde o princípio da narrativa, até o momento em que abandona de vez a casa e a família, é apresentado como um homem apático, pai ausente e alienado, subjugado pela vontade imperiosa de sua esposa. Quando as crianças nascem, com auxílio de Jacquemort, o psiquiatra vai ter com Angel, que espera do lado de fora: “– Comment va-t-elle ? demanda Angel./ – Elle va bien, dit Jacquemort. Vous la verrez un peu plus tard./ – Elle est très montée contre moi, dit Angel. Elle m’a enrhumé.”³⁹ (VIAN, 2013, p. 543-544)

Logo de início, fica muito claro para o leitor que a relação entre Angel e Clémentine não é pacífica e que a esposa nutre pelo marido um profundo desdém, carregado de impaciência, tanto que decidiu trancá-lo em um quarto, durante o final da gravidez, para não ter que conviver com ele. Esse episódio consegue sumarizar muito bem tanto a passividade comiserada de Angel, que simplesmente aceita ser mantido refém, como a autoridade despótica e rancorosa que Clémentine exerce, sem que haja resistência a suas ações (além de sua tendência pelo encarceramento). O primeiro encontro do casal no puerpério, após o período de enclausuramento de Angel e do parto de Clémentine, é marcado pela animosidade dela, que deixa transparecer um grande rancor contra o esposo, por tê-la engravidado e, portanto, ser o responsável – de acordo com o seu ponto de vista – pelo sofrimento físico advindo do parto triplo:

Clémentine ne bougeait pas. Elle reposait toute plate, les yeux au plafond. Deux des bougres étaient à sa droite, le troisième à sa gauche. La nurse avait rangé la pièce. Du soleil coulait sans bruit sur le rebord de la fenêtre ouverte.

³⁹ “– Como ela está? – perguntou Angel./ – Está bem – disse Jacquemort. – Pode ir vê-la daqui a pouco./ – Está muito danada comigo – disse Angel. – Fechou-me aqui”. (VIAN, 2011, p. 15)

– Il faudra les sevrer demain, dit Jacquemort. Elle ne peut pas en nourrir deux plus un, ensuite ça ira plus vite et tertio elle gardera une jolie poitrine. Clémentine s'agita, tourna la tête de leur côté. Elle ouvrit deux yeux durs et parla :

– Je les nourrirai moi-même, dit-elle. Tous les trois. Et ça ne m'abîmera pas la poitrine. Et tant mieux si ça l'abîme. De toute façon, je n'ai plus le désir de plaire à personne.

Angel s'approcha et voulut lui caresser la main. Elle se dégagea.

– Ça suffit, dit-elle. Je n'ai pas envie de recommencer maintenant.

– Écoute, murmura Angel.

– Va-t'en, dit-elle, d'un ton fatigué. Je ne veux pas te voir en ce moment. Ça m'a fait trop mal.

– Tu ne te sens pas mieux ? demanda Angel. Regarde... Ton ventre qui t'ennuyait tant. Tu n'en as plus.

– Et avec le drap que vous portez, dit Jacquemort, quand vous vous relèverez, vous n'aurez pas une trace.

Clémentine fit un gros effort et se redressa à demi. Elle parla d'une voix basse et sifflante :

– Je devrais me sentir mieux, hein ?... comme ça... juste après..., avec mon ventre déchiré... et mon dos qui me fait mal... et les os de mon bassin tordus et douloureux, et mes yeux pleins de veinules rouges..., je devrais me récupérer, être bien sage, me refaire une jolie silhouette bien plate, une jolie poitrine bien ferme..., pour que toi ou un autre vous veniez m'écraser et me jeter votre ordure, et que ça recommence, que j'aie mal, que je sois lourde, que je saigne...

D'un geste violent, elle glissa son bras sous les couvertures et arracha le drap qui lui bandait le corps. Angel esquissa un geste.

– N'avance pas ! dit-elle d'une voix si haineuse que son mari s'immobilisa, muet. Allez-vous-en ! dit-elle. Tous les deux ! Toi parce que tu m'as fait ça et vous parce que vous m'avez vue comme ça. Allez !... Filez !

Jacquemort se dirigea vers la porte, suivi d'Angel. Comme celui-ci venait de s'engager dans le passage, il reçut sur la nuque le drap roulé en boule que sa femme venait de lancer. Il trébucha et son front heurta le chambranle. La porte se referma sur lui.⁴⁰ (VIAN, 2013, p. 545-46)

40 “Clémentine nem se mexia. Descansava, deitada de costas, de olhos pregados no tecto. Tinha dois dos rebentos à sua direita e o terceiro à esquerda. A ama arrumara o quarto. O sol escoava-se silenciosamente pelo parapeito da janela aberta./ – Amanhã temos que os desmamar – disse Jacquemort. – Ela não pode alimentar dois, mais um; depois as coisas vão mais depressa assim, e, em terceiro lugar, continuará um belo peito./ Clémentine mexeu-se e virou a cabeça para eles. Abriu dois olhos cheios de dureza e falou:/ – Quem vai alimentá-los sou eu – disse ela. – Aos três. e não me vão dar nada cabo do peito. E se assim for, tanto melhor. De qualquer modo, não é intenção minha agradar a quem quer que seja./ Angel aproximou-se e procurou fazer-lhe uma festa na mão. Ela libertou-se./ – Já basta o que basta – disse ela. – Não me apetece recomeçar já./ – Mas ouve – murmurou Angel./ – Desaparece – disse ela, com ar de cansaço. – Não me apetece ver-te neste momento. Sofri demais/ – Não te sentes melhor? – perguntou Angel. – Olha... a barriga que tanto te chateava, desapareceu./ – E com o lençol que tem à volta – disse Jacquemort – quando se puser de pé não vai ter barriga nenhuma./ Clémentine fez um grande esforço e soergueu-se. Falou num tom de voz baixo e sibilante:/ – Com que então já devia sentir-me melhor, hein?... Assim, sem mais nem menos... logo a seguir... com a barriga neste estado... e as costas a doerem-me... e os ossos da bacia todos torcidos e doridos, e os olhos injectados de veiazinhas vermelhas... devia então recuperar, portar-me com juízo, ficar outra vez com um bonito perfil adegalçado, um bonito peito bem rijo... para tu ou outro qualquer se virem pôr em cima de mim, encherem-me da vossa porcária, e para tudo recomeçar, para eu ter dores, para eu ficar pesadona, para eu me desfazer em sangue.../ Num gesto violento, meteu o braço por debaixo dos cobertores e arrancou o lençol que lhe envolvia o corpo. Angel esboçou um gesto./ – Não te aproximes! – disse ela, numa voz tão cheia de ódio que o marido se deteve, mudo e imóvel. – Vão-se embora daqui! – disse ela. – Os dois! Tu, por que foste tu que me fizeste isto, e o senhor porque me viu neste estado. Vamos!... desapareçam!/ Jacquemort dirigiu-se para a porta, seguido de Angel. Este, já mesmo

Nesse trecho, fica claro o descompasso que há entre as visões de mundo de Clémentine e de Angel (as quais se aproximam, nesse caso, das de Jacquemort), pois enquanto os dois homens buscam levantar-lhe os ânimos, falando de coisas frívolas, ela reforça a dor e sofrimento aos quais foi submetida e dá mostras claras de que reaproximar-se de Angel, ou de qualquer outro homem, não é possível. Além disso, essa passagem também colabora para a construção da imagem de Clémentine enquanto mãe determinada e imperiosa, com toques de violência: sua vontade será feita e ninguém poderá se interpor, pois, para ela, trata-se de um direito natural alcançado através do sofrimento impingido pelo esposo, que, por isso, teria perdido seus direitos na relação familiar.

Angel, por sua vez, não parece estar disposto a enfrentar a esposa e tomar uma parte do poder para si. Ao longo da narrativa, o desinteresse pelos filhos progride até chegar ao paroxismo de Angel simplesmente abandonar a casa e a família, partindo num barco. Essa inércia em relação à paternidade já aparece desde a primeira vez que lhe perguntam a respeito:

Maintenant, ils descendaient l'escalier de carreaux rouges qui tremblait sous leurs pas. La maison était bâtie en force de grosses poutres noires et de murs chaulés. Jacquemort cherchait quelque chose à dire.

– Ça ira mieux tout à l'heure..., proposa-t-il.

– Mmm..., répondit Angel.

– Vous en avez gros sur la patate ? suggéra le psychiatre.

– Non, dit Angel. J'ai été enfermé deux mois. C'est ça.

Il s'efforça de rire.

– Ça me fait drôle de me retrouver libre.

– Qu'est-ce que vous avez fait pendant ces deux mois ? demanda Jacquemort.

– Rien, dit Angel.

Ils traversaient un grand hall carrelé, comme l'escalier, de grès rouge. Il y avait peu de meubles ; une table massive de bois clair, un buffet bas du même arbre et, aux murs, deux ou trois peintures blanches, très belles. Des chaises assorties. Angel s'arrêta près du buffet.

– Vous boirez bien quelque chose ? dit-il.

– Volontiers, dit Jacquemort.

Angel servit deux verres de ploustchnik fait à la maison.

– Fameux ! apprécia Jacquemort.

Comme l'autre ne répondait pas, il ajouta :

– Dans l'ensemble, ça vous fait quel effet d'être père ?

à saída, apanhou na cabeça com o lençol feito numa bola que a mulher lhe atirou. Desequilíbrio-se e bateu com a testa na ombreira da porta, que se fechou nas suas costas". (VIAN, 2011, p. 16-17)

– C'est pas marrant, dit Angel.⁴¹ (VIAN, 2013, p. 547)

Parece-nos que, a qualquer momento da narrativa, a questão feita por Jacquemort poderia ser respondida da mesma forma, uma vez que Angel nunca irá conseguir, de fato, exercer a paternidade. Ele é um pai reticente, que não ocupa sua posição, não exerce sua função dentro do sistema familiar e, mais que isso, permite-se ficar à margem desse sistema. Contudo, essa lacuna só ocorre porque ambos, Clémentine e Angel, permitem que ela se estabeleça, mesmo que logo após o parto, Angel tenha feito esforços para participar da vida da esposa e dos filhos, sendo barrado pela esposa.

Il s'arrêta sur le seuil. Jacquemort, derrière lui, attendait.

– Tu veux bien que je vienne ? demanda Angel.

– Entre, dit Clémentine.

Elle le regarda, ni amie, ni ennemie. Il restait debout, sans oser s'asseoir sur le lit, de peur de la déranger.

– Je ne peux plus guère me fier à toi, dit-elle. Une femme ne peut plus se fier aux hommes à partir du moment où un homme lui a fait des enfants. Et particulièrement pas à celui-là.

– Ma Clémentine, dit Angel, tu as eu bien mal.

Elle secoua la tête. Elle ne voulait pas se laisser plaindre.

– Je me lèverai demain, dit-elle. Dans six mois, il faut qu'ils sachent marcher. Dans un an, ils liront.

– Tu vas mieux, dit Angel. Je te retrouve.

– Ce n'était pas une maladie, dit-elle. C'est fini maintenant. Et ça ne recommencera plus. Dimanche, il faut qu'ils soient baptisés. Ils s'appelleront Joël, Noël et Citroën. C'est décidé.

– Joël et Noël, dit Angel, ce n'est pas bien joli. Tu avais encore Azraël, Nathanaël et même Ariel. Ou Prünel.

– Tu n'y changeras rien, dit Clémentine, la voix précise. Joël et Noël pour les jumeaux. Citroën pour le troisième. ⁴²(VIAN, 2013, p. 552-553)

41 “Desciam, agora, as escadas de tijoleira que estremeciam sob os seus pés. A casa parecia feita à matroca, com grandes traves escuras e paredes caiadas. Jacquemort esforçava-se por arranjar um assunto de conversa./ – Daqui a bocado já as coisas vão melhor... – aventurou ele./ – Hum.... – respondeu Angel./ – Sente-se muito em baixo? – perguntou o psiquiatra./ – Não – disse Angel. – Estive fechado durante dois meses. É só isso./ Fez um esforço para rir./ – É giro, sentir-me novamente em liberdade./ – Que fez durante estes dois meses? – perguntou Jacquemort./ – Nada – disse Angel./ Atravessavam um amplo vestíbulo revestido de tijoleira, como as escadas. Havia poucos móveis; uma pesada mesa de castanho, um aparador baixo saído da mesma árvore e, nas paredes, dois ou três quadros brancos, muito bonitos. Cadeiras a condizer. Angel deteve-se junto do aparador./ – Não quer beber qualquer coisa? – disse ele./ – Com muito gosto – disse Jacquemort./ Angel serviu dois copos de *plustochnik* de fabrico caseiro./ – Bestial! – apreciou Jacquemort./ Como o outro não desse resposta, acrescentou:/ – Mas afinal de contas, que sensação lhe dá ser pai?/ – Não é lá muito divertido – disse Angel”. (VIAN, 2011, p. 17-18)

42 “Estacou à entrada. Jacquemort, atrás dele, esperava./ – Posso entrar? Perguntou Angel./ – Entra – disse Clémentine./ Olhou para ele com um olhar de nem muitos nem poucos amigos. Ele deixou-se ficar de pé, sem se atrever a sentar-se na cama, com medo de a incomodar./ – Nunca mais posso confiar em ti – disse ela. – Uma mulher não pode voltar a fiar-se nos homens a partir do momento em

Essa conversa entre Clémentine e Angel é pródiga de indícios das relações entre os familiares e dos eventos que estão por vir na narrativa. Em primeiro lugar, Angel demonstra um temor muito grande de incomodar Clémentine. Ele pergunta se pode entrar no quarto e se mantém em pé, para não a atrapalhar ao se sentar na cama. Essa simples abertura de capítulo demonstra quem exerce poder sobre quem nessa relação. Logo em seguida, Clémentine revela seu pensamento sobre confiança: após a gravidez, não se pode confiar em homem algum, muito menos naquele que, segundo ela, fez-lhe mal, através do sofrimento da gravidez, parto, puerpério e maternidade como um todo. Essa fala demonstra mais nitidamente o rancor que ela desenvolveu e irá continuar sentindo por Angel, anunciando o inevitável esfacelamento do relacionamento entre os dois.

Porém, apesar de constantemente falar sobre essa dor, Clémentine se nega a ser alvo da piedade e pesar dos outros, por isso, ela se faz forte e imperativa: ela abandonará o leito no dia seguinte, finalizando, assim, seu período de convalescência. Mas, mais que isso, esse momento também demonstra a forma com que ela irá lidar com os filhos: incisiva e implacavelmente, já que os recém-nascidos terão seis meses para aprender a andar e um ano para aprender a ler. Podemos perceber aqui que, para além do desenvolvimento infantil natural, o que regulamentará e organizará a vida dessas crianças será a vontade de sua mãe. A expectativa de Clémentine para os filhos é posta e é inexorável.

Esse delineamento alcança mais força quando, na sequência, ao reforçar a Angel que a gravidez não foi uma doença e que os filhos seriam batizados em breve, Clémentine informa os nomes que escolheu para as crianças, determinando que: “C’est décidé.” (VIAN, 2013, p. 553), “está decidido”. Ela não apenas não pediu a opinião de Angel, como não a quer e, mais que isso, rechaça-a.

que um homem lhe fez um filho. E então neste nem se fala! – Minha Clémentine – disse Angel –, eu sei que sofreste muito./ Ela abanou a cabeça. Não queria que a lastimassem./ – Amanhã já me levanto – disse ela. – Dentro de seis meses têm de saber andar. Dentro de um ano hão-de saber ler./ – Já estás melhor – disse Angel. – Estou a reconhecer-te./ – Isto não era nenhuma doença – disse ela. – Está tudo acabado. E nunca mais há-de recomeçar. Domingo tem que ser o baptizado. Vão chamar-se Joël, Noël e Citroën. Já está decidido/ – Joël e Noël não é lá muito bonito – disse Angel. – Tinha ainda Azraël, Natanaël e até mesmo Ariel. Ou Prunël./ – Não mudas coisa nenhuma – disse Clémentine, incisiva. – Joël e Noël para os gémeos. Citroën para o terceiro”. (VIAN, 2011, p. 23-24)

Nesse contexto, ao mesmo tempo em que Clémentine expande as margens de seu poder sobre a família e vai, progressivamente, abdicando de sua identidade enquanto mulher para assumir, unicamente, papel de mãe, Angel se permite cair, apaticamente, no ostracismo de sua família, renunciando sua atuação enquanto pai. No trecho a seguir, temos o momento em que Clémentine expulsa Angel do seu convívio:

Angel était étendu auprès de Clémentine. Dans le lit triple, les trois enfants dormaient sans rêves avec de petits reniflements inquiets. Elle ne dormait pas. Il le savait. Depuis une heure, ils étaient là, l'un près de l'autre, dans l'obscurité.

Il changea de place, cherchant un coin frais. Dans ce geste, sa jambe vint au contact de celle de Clémentine. Elle eut un sursaut et alluma brusquement la lumière. Angel, un peu somnolent, s'accouda sur l'oreiller pour la regarder.

– Qu'est-ce qu'il y a ? demanda-t-il. Tu n'es pas bien ?

Elle s'assit et secoua la tête.

– Je ne peux plus, dit-elle.

– Tu ne peux plus quoi ?

– Je ne peux plus te supporter. Je ne peux plus dormir près de toi. Jamais je ne pourrai plus dormir si j'ai l'idée qu'à chaque instant tu vas me toucher. M'approcher. Quand je sens les poils de tes jambes effleurer seulement les miennes, je deviens folle. Je hurlerais.

Elle avait une voix tendue, frémissante, pleine de cris rentrés.

– Va dormir ailleurs, dit-elle. Aie pitié de moi. Laisse-moi.

– Tu ne m'aimes plus ? demanda Angel bêtement.

Elle le regarda.

– Je ne peux plus te toucher, dit-elle, et encore. Je pourrais. Mais je ne peux pas imaginer que tu me touches, fût-ce un instant. C'est horrible.

– Tu es folle ? proposa Angel.

– Je ne suis pas folle. Tout contact physique avec toi me fait horreur. Je t'aime bien... C'est-à-dire, je voudrais que tu sois heureux... mais pas comme ça... Ça me coûte trop. Pas à ce prix-là.

– Mais, dit Angel, je ne voulais rien te faire. Je changeais de position et je t'ai effleurée. Ne te mets pas dans cet état-là.

– Je ne suis dans aucun état, dit-elle. C'est mon état normal, maintenant. Couche dans ta chambre !... Je t'en prie Angel. Aie pitié de moi.

– Tu n'es pas bien, murmura-t-il en hochant la tête.

Il lui passa la main sur l'épaule. Elle frémit mais le laissa faire. Il l'embrassa doucement sur la tempe et se leva.

– Je vais chez moi, mon chou, dit-il. Ne t'inquiète pas...

– Écoute, dit-elle encore, je... je ne veux pas... je ne sais pas comment te le dire... je ne veux plus... et ne crois pas que je voudrai jamais de nouveau... Tâche de te trouver une autre femme. Je ne suis pas jalouse.

– Tu ne m'aimes plus..., dit tristement Angel.

– Plus comme ça, dit-elle.

Il sortit. Elle restait assise à sa place et regardait à côté d'elle le creux qu'avait fait Angel en bas de son oreiller. Il dormait toujours tout en bas de l'oreiller.

Un des enfants s'agita dans son sommeil. Attentive elle écouta. Le bébé se rendormit. Levant la main, elle éteignit la lumière. Maintenant, elle avait tout

le lit pour elle et jamais plus un homme ne la toucherait.⁴³ (VIAN, 2013, p. 579-580)

A partir desse momento, o pai vai se afastando cada vez mais das relações familiares, ao passo que ela intensifica ainda mais a cisão entre sua identidade de mulher e sua identidade de mãe. Como discutiremos posteriormente, para essa personagem, os dois papéis são mutuamente exclusivos. Ou ela se permite ser uma mulher, incluindo aí o exercício de sua sexualidade, ou ela ocupa a posição de mãe: não há meio termo.

Enquanto isso, a relação entre Angel e as crianças se esgarça. Ele não se sente parte da família e, portanto, não se sente necessário, útil ou mesmo importante para seus filhos. Aos poucos, vamos descobrindo que o sentimento nutrido pelo pai em relação aos gêmeos e Citroën é balizado pelo rancor de ser preterido:

Les trois enfants, près de là, jouaient avec le tas de sciure et de copeaux qui encombrait un coin de l'atelier. Leur développement avait été étrangement rapide ; ils marchaient maintenant tous les trois, avec leurs petits sabots de fer ; seuls les pieds de Citroën saignaient encore un peu le soir, mais Joël et Noël, plus rustiques, résistaient et leur peau se cornait.

43 “Angel estava estendido ao pé de Clémentine. Na sua tripla cama, dormiam as três crianças um soninho descansado, cortado de pequenas inquietas fungadelas. Ela não dormia. E ele bem o sabia. Há uma hora que ali estavam, um ao lado do outro, no escuro./ Ele mudou de lugar, à procura de um canto fresco. Nesse gesto, a sua perna entrou em contacto com a perna de Clémentine, que teve um sobressalto e acendeu a luz de repente. Angel, um tanto ensonado, soergueu-se na almofada para a ver melhor./ – O que é que se passa? – perguntou ele. – Não te sentes bem?/ Ela sentou-se e abanou a cabeça./ – Já não posso mais – disse ela./ – O quer que não pode mais?/ – Já não posso mais suportar-te. Já não posso mais dormir ao pé de ti. E nunca mais irei conseguir dormir, se estiver sempre com a ideia de que me vais tocar. Ou chegar-te a mim. Basta apenas sentir os pêlos das tuas pernas aflorarem as minhas, para ficar como louca. Com vontade de berrar./ Estava com uma voz tensa, fremente, cheia de gritos amordaçados./ – Vai dormir para outro lado – disse ela. – Tem pena de mim. Deixa-me./ – Já não gostas de mim? – perguntou Angel, estupidamente./ Ela olhou para ele./ – Não sou capaz de te tocar – disse ela – e se fosse só isso! Capaz, sou. O que não posso pensar, um instante que seja, que tu me vais tocar. É horrível./ – Estás doida? – alvitrou Angel./ – Não, não estou doida. Horrora-me todo e qualquer contacto físico contigo. Gosto de ti... isto é, gostaria que fosse feliz... mas não deste modo... É-me demasiado custoso. Por este preço, não./ – Mas – diz Angel –, eu não queria fazer-te nada. Toquei-te ao leve, ao mudar de posição. Não fiques assim nesse estado./ – Não estão em estado nenhum – disse ela. – Será este o meu estado normal, daqui em diante. Vai dormir para o teu quarto!... Por favor, Angel. Tem dó de mim./ – Tu não estás bem – murmurou ele, meneando a cabeça./ Passou-lhe o braço por cima dos ombros. Ela estremeceu, mas deixou. Ele beijou-a ao de leve na testa levantou-se./ – Irei para o meu quarto, queridinha – disse ele. – Não te preocupes mais.../ – Ouve – disse ela ainda – eu... eu não quero... não sei como hei-de dizer... eu não quero mais... e acho que nunca mais vou querer... Tenta encontrar outra mulher. Não tenho ciúmes./ – Já não gostas de mim... – disse Angel, muito triste./ – Já não gosto assim dessa maneira – disse ela./ Ele saiu. E ela ficou sentada onde estava, a olhar para a cova que Angel deixara, um pouco mais abaixo da almofada. Dormia sempre fora da almofada./ Uma das crianças mexeu-se, a meio do sono. Atenta, pôs-se à escuta. O bebé voltou a adormecer. Erguendo a mão, apagou a luz. Agora já tinha a cama toda para si e nunca mais um homem haveria de lhe tocar”. (VIAN, 2011, p. 53-54)

Angel s'étonnait ; il était l'heure et la bonne n'arrivait pas. Il fallait pourtant que les enfants goûtent. Il se rappela soudain que la bonne était de sortie. Avec un soupir, il regarda sa montre. En vérité, Clémentine oubliait de plus en plus rarement de leur donner à manger, et lorsqu'il lui faisait le moindre reproche, elle répondait, insolente, avec une espèce de sûreté haïssable et presque justifiée. Angel se trouvait gêné de voir que les enfants le regardaient alors presque ironiquement et se rangeaient aux côtés de leur mère.

Il les observa et rencontra l'œil noir de Citroën qui le troubla. Avec un peu de colère, il se dit qu'ils n'avaient que ce qu'ils méritaient. Lui-même ne demandait pas mieux que de les flatter, de les embrasser, mais ne se trouvait jamais sollicité.

Ils aiment qu'on les brime, pensa-t-il plein de rancune.⁴⁴ (VIAN, 2013, p. 599)

Essa cena é muito relevante, pois ocorre enquanto Angel está trabalhando na construção de um barco – que o levará embora para sempre – e os meninos brincam nas proximidades. Incomodado pelo atraso de Clémentine no preparo do lanche dos filhos, Angel decide, ele mesmo, tomar conta da situação. O que podemos perceber desse evento, em linhas gerais, é que ele tem uma noção dos deveres parentais, como alimentar os filhos e cuidar para que não se machuquem no terreno, mas também entende essas funções como limitadas a determinadas ações – ele pode levar as crianças para o lanche⁴⁵, mas acha um absurdo a esposa não ter deixado a comida pronta.

44“Ali perto, brincavam os três garotos com as serraduras e as aparas que atravancavam um canto da oficina. Tinham-se desenvolvido com estranha rapidez; agora, já os três sabiam andar, nos seus pequenos tamancos de ferro; só os pés de Citroën é que sangravam ainda um pouco, ao chegar à noite, mas Joël e Noël, mais rústicos, resistiam bem e iam ganhando uma pele córnea./ Angel estava admirado; já eram horas, e a criada sem aparecer. Mas os miúdos é que não podiam passar sem comer. Nisto, lembrou-se que era o dia de saída da criada. Consultou o relógio, com um suspiro. Clémentine, realmente, cada vez se esquecia mais de lhes dar de comer, e à mínima repreensão dele, já ela tinha resposta pronta, uma resposta insolente, dada com uma espécie de segurança odiosa e por assim dizer justificada. Angel aborrecia-se por ver que as crianças olhavam, nessas alturas, para ele, com um olhar levemente irónico e se iam postar ao lado da mãe./ Pôs-se a olhar para eles, e deu com os olhos pretos de Citroën, que o perturbaram. Pensou para consigo, um tanto irritado, que afinal tinham aquilo que mereciam. Ele, por seu lado, bem gostaria de lhes fazer festas, de os beijar, mas eles nunca os solicitavam./ Gostam é que lhes ralhem, pensou ele, cheio de rancor”. (VIAN, 2011, p. 78)

45 É flagrante, nesse ponto, a toada tradicionalista de que, em uma família nuclear, caberia à mãe o cuidado com os filhos, sanando suas necessidades, e que o pai não precisaria ter nenhum envolvimento com isso. Afinal de contas, Angel até se dispõe a ir à cozinha, buscar o lanche dos filhos, mas sua frustração aumenta por não encontrar nada preparado. Porém, não parece central, em *L'arrache cœur*, a problemática do machismo e o peso do patriarcado por trás desse arranjo familiar. O que, naturalmente, não fecha o texto para essa discussão, uma vez que o patriarcado é uma verdade dolorosamente presente em nossa sociedade, e a literatura sendo um espelho da realidade, é impossível que a narrativa não esteja embebida das visões de mundo de sua época. No entanto, nossa análise, neste momento, não se deterá nesse aspecto.

Além disso, também é visível como ele sofre com a censura tácita que seus filhos lhe relegam, através de olhares de reprovação, da preferência e da agremiação com a mãe e, até mesmo, pelo fato deles, naturalmente devido à forma com que são cuidados, dependerem mais da ajuda e presença de Clémentine, do que de Angel.

Ao isolar o esposo de seu convívio, Clémentine parece contribuir para reforçar a sensação de não pertencimento de Angel à sua família, resultando em um pai alienado de suas funções parentais e da relação afetiva com os filhos. Mas, esse personagem não é de todo estulto de suas obrigações paternas. Ele considera que precisaria ser mais presente e desempenhar um papel com maior protagonismo, tanto que reconhece o tamanho de sua própria inépcia para ser pai. Dando continuidade a essa mesma cena do lanche, Angel, quando descobre onde Clémentine está, vai até ela, furioso, para resolver a questão:

Il écarta Jacquemort et passa furieux. L'autre le suivait. Angel voulait traduire en colère le dégoût de sa propre incompétence vis-à-vis de ses gosses, c'était visible, mais Jacquemort évita de le souligner. Angel préparait une phrase blessante. Il s'emportait rarement, et toujours à cause des enfants. Il aurait dû s'en occuper plus. Il était énervé. Son cœur battait. Elle se moquait du monde.⁴⁶ (VIAN, 2013, p. 600)

Nessa passagem fica claro que Angel se reconhece enquanto pai incompetente e sabe que deveria participar mais na vida das crianças. Por isso, ele tenta confrontar Clémentine. Mas, com o tempo, essa determinação arrefece e ele simplesmente desiste da família. Tendo construído um barco artesanalmente, Angel decide embarcar nele e partir da casa, abandonando Clémentine e as crianças.

Quando fala de sua partida iminente a Jacquemort, Angel revela essa indiferença em relação aos filhos:

– Ce n'est rien. Je n'ai rien à en dire. Les femmes et les hommes ne vivent pas sur le même plan. Mais je ne regrette rien.
– Ni vos enfants ?
– Heureusement, dit Angel, je ne les connais pas encore. Je n'aurai pas de peine.

46 “Afastou Jacquemort para o lado e passou, furioso. O outro foi atrás dele. Angel pretendia traduzir em cólera o mal-estar que lhe causava a sua incompetência em relação aos garotos; isso era evidente, mas Jacquemort evitou chamar-lhe a atenção./ Angel já tinha uma frase cortante na ponta da língua. era raro exaltar se, e quando se exaltava era sempre por causa das crianças. Tinha de passar a dar-lhes um pouco mais de atenção. tinha o coração aos pulos. Ela estava a gozar com as pessoas”. (VIAN, 2011, p. 79)

- Vous leur manquerez, assura le psychiatre.
- Je sais, dit Angel. Mais on a toujours quelque chose qui vous manque. Autant que ce soit quelque chose d'important.
- Les enfants élevés sans père..., commença Jacquemort.
- Écoutez, dit Angel. Il n'y a pas à revenir là-dessus. Je m'en vais, je m'en vais. C'est tout.⁴⁷ (VIAN, 2013, p. 609)

Naturalmente, a decisão desse personagem é reforçada pelo ódio que desenvolveu contra Clémentine, de forma que ele se explica ao psiquiatra da seguinte forma: “Mais vous voyez, je m'en vais quand même. On ne reste pas parce qu'on aime certaines personnes ; on s'en va parce qu'on en déteste d'autres. Il n'y a que le moche qui vous fasse agir. On est lâches”⁴⁸ (VIAN, 2013, p. 619). Essa fala nos faz perceber que, possivelmente, o esfacelamento do relacionamento com Clémentine foi o que impactou irreversivelmente qualquer possibilidade de envolvimento emocional e afetivo com os meninos.

Angel, assim, termina por se desonerar de qualquer responsabilidade sobre os filhos, afinal de contas, a paternidade não o agradou e ele não gosta de crianças. Preferindo evitar discussões, impasses, confrontos, ele decide abandonar a família, certo de que Clémentine bastará para criar, educar e se ocupar dos filhos, afinal ele detesta crianças em geral: “Tout va bien, dit-il. Je peux partir. D'ailleurs, je préfère qu'elle les élève toute seule. Je ne serais sûrement pas d'accord et je déteste les discussions. [...] Je vais vous avouer une chose : j'ai horreur des enfants. Au revoir, mon vieux”⁴⁹ (VIAN, 2013, p. 620). Com essa fala, Angel sela seu destino e se isenta de todo e qualquer acontecimento posterior envolvendo as crianças.

47 “– Não foi nada. Nada o que tenho a dizer dela. Homens e mulheres vivem em planos diferentes. também não tenho pena de nada./ – Nem dos seus filhos?/ – Felizmente para mim – disse Angel – ainda não os conheço. Assim, não me metem pena./ Mas vai fazer-lhes falta – asseverou o psiquiatra./ – Bem sei – disse Angel. – O que vale é que temos sempre falta de qualquer coisa. Nesse caso, que seja, ao menos, qualquer coisa de importante./ – As crianças criadas sem pai... – principiou Jacquemort./ – Ouça lá – disse Angel. – É inútil voltar à mesma. vou-me embora e vou-me embora mesmo. E não há mais nada a dizer”. (VIAN, 2011, p. 88-89)

48 “– Bom, eu também – disse Angel. – Mas, apesar disso, vou-me embora, está você a ver? Um tipo não pode ficar num sítio só por gostar de certas pessoas; se se vai embora, é porque detesta outras. Só o que não presta é que nos faz mexer. Somos uns cobardes”. (VIAN, 2011, p. 100)

49 “– Está tudo em ordem – disse ele. – Já me posso ir embora. Aliás, prefiro que seja ela a educá-los sozinha. Certamente não estaria de acordo comigo, e eu detesto discussões. [...] vou confessar-lhe uma coisa: as crianças horrorizam-me. Adeus, meu velho”. (VIAN, 2011, p. 100-101)

Tanto *Campo Geral* quanto *o nosso reino* e *L'arrache cœur* são narrativas que trabalham profundamente com situações familiares complexas e perpassadas por tensões e afetos contraditórios, representando hipertroficamente situações reais. Nos três casos, percebemos que é justamente graças às suas famílias, em relações e tensões, que as trajetórias identitárias de Miguilim e benjamim são construídas e que as identidades dos gêmeos mais Citroën começam a ser delineadas. Esses ambientes, embora distantes no tempo e no espaço, mostram realidades de poucos contentamentos e alegrias, além de inúmeras tensões, violências e dores. E é justamente por isso que os personagens crianças analisados aqui experimentam a complexa relação familiar que, como explica Giddens:

A intensidade emocional e a intimidade pessoal características da vida familiar. Os laços familiares estão normalmente impregnados de emoções fortes, que misturam frequentemente amor e ódio. As desavenças que ocorrem no contexto doméstico podem libertar antagonismos que não seriam sentidos da mesma forma noutros contextos (GIDDENS, 2001, p. 197).

A partir dessa experiência, que oscila entre amor e ódio, dependência e busca de independência, acompanhamos Miguilim, benjamim, Noël, Joël e Citroën iniciarem sua constituição enquanto indivíduos. Os dois primeiros buscam se orientar em um contexto de profunda perda e necessidade de reconstrução, enquanto os três últimos procuram individualidade em um universo aplainado pelo desejo da mãe. De toda forma, essas cinco crianças buscam navegar em seus contextos de forma a construir identidades.

3.3 CLÉMENTINE, UM TÓPICO À PARTE

O primeiro contato que o leitor tem com Clémentine é no mínimo marcante. Como em uma espécie de contraste paralelístico com o ambiente pitoresco descrito no capítulo I, são os gritos desesperados da parturiente que atraem Jacquemort para a casa situada após a falésia. A cena com a qual ele se depara é de uma crueza aguda, pois Clémentine está no meio do trabalho de parto que irá resultar no nascimento de três crianças.

Entramos, aqui, em uma nova camada de complexidade em nossa análise, pois, em *Campo geral* e *o nosso reino*, as figuras de poder foram constituídas em bases patriarcais. A dinâmica familiar em *L'arrache cœur* age como contraponto para

as demais narrativas, pois ela é centrada na figura materna, que se constitui, histórica e socialmente, de forma diversa da do pai. A filósofa Elisabeth Badinter (1985, p. 25), em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, explica que:

A mãe, no sentido habitual da palavra (isto é, a mulher casada que tem filhos legítimos), é uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho.

Tratamos aqui também de uma peça familiar complexa e polivalente, porém de constituição específica e diversa. A primeira cena do livro é essencial para a construção da personagem de Clémentine, pois estão ali elementos que serão desenvolvidos e intensificados ao longo da narrativa, principiando pelo fato de que nós, leitores, em nenhum momento teremos acesso a essa personagem antes da maternidade: a sua apresentação se faz, significativamente, no momento em que dá à luz aos filhos, e as demais referências a momentos anteriores estão conectados ao período de gravidez, o que reforça sua condição de mãe e esposa, mas diz muito pouco a sua dimensão individual.

Em um primeiro momento dentro da construção narrativa, enxergamos essa personagem através do ponto de vista de seu esposo. Ele está isolado, em seu quarto, escutando a esposa gemer de dor, sem poder tomar parte do evento do nascimento dos filhos. Nesse ponto também é marcante a alienação parental que Clémentine impõe a Angel, o qual, por sua vez, aceita sem grandes resistências a ausência diante do nascimento dos filhos. Em uma descrição que, por seu exagero, beira o cômico, Angel pondera que, apesar de ouvir os gritos da esposa, não pode lhe oferecer ajuda, uma vez que ela, munida de um revólver, havia expulsado o esposo do quarto:

Seul dans sa chambre, Angel s'étonnait de ne pas souffrir. Il entendait sa femme gémir à côté, mais ne pouvait aller lui tenir les mains parce qu'elle le menaçait de son revolver. Elle préférait crier sans personne, car elle haïssait son gros ventre et ne voulait pas qu'on la vît dans cet état. Depuis deux mois, Angel restait seul en attendant que tout fût terminé ; il méditait sur des sujets infimes. Il tournait aussi en rond assez souvent, ayant appris par des reportages que les prisonniers tournent comme des bêtes, mais quelles ? Il dormait et tâchait de dormir en pensant aux fesses de sa femme, car, vu le ventre, il préférait penser à elle de dos. Une nuit sur deux, il se réveillait en

sursaut. Le mal, en général, était fait et cela n'avait rien de satisfaisant.⁵⁰
(VIAN, 2013, p. 540)

Para além do autoritarismo perceptível de Clémentine e de sua predisposição à ameaça e à violência, esse trecho também revela a passividade e aceitação de Angel em relação ao isolamento outorgado pela esposa, uma vez que ele já estava há dois meses apenas esperando que a gravidez – nada satisfatória, diga-se de passagem – acabasse.

Do outro lado, a experiência do parto também é traumática e terrível pra Clémentine, cuja “douleur **la violait.**” (VIAN, 2013, p. 542, grifos nossos), ou seja, “a dor violava-a” (VIAN, 2011, p. 12), em uma metáfora que aproxima o parir a uma das formas mais graves e violentas de agressão contra a mulher: o estupro. Esse, porém, é apenas o primeiro trecho em que a maternidade será vista sob essa aura de agressividade e dor. Nas palavras de Clémentine:

– Ils vont sortir, dit la mère avec un rire dur. Ils vont sortir et me faire mal et ce sera seulement le commencement.
Le lit commençait à geindre. La mère haletait dans le silence, et la voix reprit :
– Il y aura des années, des années, et chaque heure, chaque seconde sera peut-être le but, et toute cette douleur n'aura servi qu'à cela et à me faire mal pour tout le temps.⁵¹ (VIAN, 2013, p. 543)

Para ela, o sofrimento da maternidade apenas começa com a gravidez e o parto, uma vez que, após esse momento, seus filhos trarão sofrimento contínuo e ininterrupto, com o único propósito de lhe fazer mal. Essa concepção demonstra já o início de uma visão que conecta a maternidade ao martírio e que será amplamente explorada pela personagem na narrativa.

50 “Sozinho no quarto, Angel admirava se de nada sofrer. Ouvia, ao lado, a mulher gemer, mas não podia ir apertar lhe as mãos porque ela o ameaçava com o revólver. Preferia gritar sem ninguém ao pé, pois odiava a sua enorme barriga e não queria que a visse naquele estado. Ia para dois meses que Angel ali estava sozinho, a espera que aquilo terminasse; meditava em ínfimos assuntos. Também andava frequentemente à roda, e por ter lido, em reportagens, que os prisioneiros andavam à roda, como animais. Mas que animais seriam? Dormia e tentava dormir, a pensar nela de costas. Noite sim, noite não, acordava em sobressalto. O mal, em geral, já estava feito, e não era mesmo nada satisfatório”. (VIAN, 2011, p. 11)

51 “– Vão sair – disse a mãe, com um riso sarcástico. – Vão sair e fazer a me doer, e isto é só o começo./ A cama pôs-se a gemer. A mãe arquejava, no meio do silêncio, e a voz prosseguiu:/ – Hão-de passar-se anos e mais anos, e a cada hora, cada minuto, cada segundo serão talvez o fim, e todas estas dores só serviram para isso, para de me fazerem sofrer o tempo todo”. (VIAN, 2011, p. 13-14)

Retornando ao parto, esse momento é, de forma muito gráfica, aproximado a uma seção de tortura, de trabalho extremo e desfigurador, beirando o animalesco:

La mère, maintenant, hurlait à se lacérer la gorge. Les yeux du psychiatre s'accoutumaient à la lueur émanée du miroir. Il vit la femme gisante, le corps arqué, s'efforcer de tous ses membres. Elle poussa de longs cris successifs, et la voix retentissait aux oreilles de Jacquemort comme un voile de brume aigre et collante. Et subitement, entre le dièdre des jambes levées, parurent, l'une après l'autre, deux taches plus claires. Il devina les gestes de la nurse, qui s'arrachait à sa terreur pour saisir les deux enfants, qu'elle roula dans du linge.

– Encore un, dit-il pour lui.

La mère, torturée, semblait près d'abandonner. Jacquemort se mit debout. Comme le troisième bébé arrivait, il le saisit adroitement, aida la femme. Brisée, elle retomba. La nuit se déchirait sans bruit, la lumière entrait dans la chambre, et la femme reposait, sa tête tournée sur le côté. De grands cernes marquaient son visage abîmé par le travail. Jacquemort s'épongea le front et le cou, s'étonna d'entendre les bruits du jardin, dehors. La nurse achevait d'envelopper le dernier bébé, qu'elle coucha près des deux autres, sur le lit. Elle alla jusqu'à l'armoire, à qui elle prit un drap qu'elle déploya dans la longueur.⁵² (VIAN, 2013, p. 544)

Inegavelmente, o momento do parto de Clémentine é, para ela, uma experiência terrível e intensa, que prenuncia os sofrimentos que irá enfrentar enquanto mãe. Somando-se a isso, há ainda a desfiguração física que percebe sofrer durante todo esse processo:

Soulagée, parfaitement abrutié, elle passa ses deux mains sur son ventre plat et mou. Ses seins gonflés pesaient. **Elle eut pour son corps un regret, un remords, une honte**, et oublia le drap rejeté la veille. Ses doigts parcoururent le contour de son cou, de ses épaules, l'enflure **anormale** de sa poitrine. Elle avait un peu trop chaud, la fièvre, sans doute.⁵³ (VIAN, 2013, p. 547-48, grifos nossos)

52 “A mãe, agora, soltava berros de dilacerar a garganta. Os olhos do psiquiatra iam-se acostumando a claridade que emanava do espelho. Viu a mulher prostrada, de corpo arqueado, empenhar-se com todos os seus membros. Soltava longos e repetidos gritos, e aquela voz retinia nos ouvidos de Jacquemort como um véu de bruma acre e pegajosa. E, de súbito, entre o diedro das pernas levantadas, apareceram, uma após outra, duas manchas mais claras. Pressentiu os gestos da ama, que despertava do seu terror para agarrar nas duas crianças, as quais enrolou em panos./ – Falta um – disse ele para consigo./ A mãe, torturada, parecia prestes a desistir. Jacquemort pôs-se de pé. Como aparecesse o terceiro bebê, agarrou nele como devia ser, ajudando a mulher. Ela, alquebrada, deixou-se cair para trás. Já a noite se rasgava em silêncio; no quarto penetrava a luz, e a mulher repousava, com a cabeça virada para o lado. Fundas olheiras marcavam-lhe o rosto desfeito pelo trabalho. Jacquemort enxugou a testa e o pescoço espantou-se de ouvir, lá fora, os barulhos do jardim. A ama acabava de aconchegar o último bebê, que deitou em cima da cama, ao pé dos outros dois. Foi até o armário, de onde tirou um lenço que desdobrou a todo o comprido”. (VIAN, 2011, p. 14)

53 “Aliviada, mas completamente amorfa, passou as duas mãos pelo ventre achatado e mole. Os seios tumefactos pesavam-lhe. Sentiu, pelo corpo, uma enorme pena, um remorso, uma vergonha, e esqueceu o lençol que na véspera rejeitara. Percorreu com os dedos o contorno do pescoço, os ombros o inchaço anormal dos peitos. Sentia bastante calor, estava certamente com febre”. (VIAN, 2011, p. 18)

Ao lidar com a percepção de seu próprio corpo, os termos associados são absolutamente negativos: “*regret*” (“arrependimento”), “*remords*” (“remorso”) indicam pesar em relação à modificação que a gravidez fez em seu físico, mas, mais intenso, o substantivo “*honte*” (“vergonha”) pressupõe o sentimento de humilhação, defectividade, de sentir que seu corpo estava feio, deformado. Esse momento marca, para essa mãe, o início um percurso identitário extremamente complexo. Como observamos anteriormente, desde os meses finais da gravidez, Clémentine descobriu sua repulsa por Angel, obrigando-o a ficar confinado em um quarto, sem o direito de sair. Após o nascimento dos filhos, essa repulsa reaparece e reafirma-se enquanto repugnância pelo contato físico do marido, quando os dois, dormindo na mesma cama, encostam-se acidentalmente (VIAN, 2013, p. 579-580). Nesse momento, apesar de Clémentine afirmar que ainda ama Angel, também reconhece que é incapaz de conviver maritalmente com ele e que, por isso, era melhor viverem em separação de corpos.

Assim que se livra da presença incômoda do marido, Clémentine inicia uma nova jornada, bastante inusitada. Para se entreter, ela começa a fazer caminhadas e escaladas pela região, sobretudo em direção à falésia. Em uma dessas incursões, ela descobre sentir prazer sexual no contato contra a rocha que escalava: “Clémentine rejeta sa tête en arrière, regarde l’angle et ronronna doucement de plaisir. Elle était mouillée entre les jambes.”⁵⁴ (VIAN, 2013, p. 583). Esse episódio inaugura um momento na vida de Clémentine em que ela começa a se focar em sua sexualidade, através da masturbação. Seu foco, dessa forma, distancia-se dos filhos e passa a incidir sobre si mesma e sobre seu desejo sexual, num momento de volta à individualidade – aqui, o simbolismo da masturbação reside justamente na ideia do ato ter como origem e fim o próprio indivíduo.

No entanto, a intensidade com que busca apaziguar sua pulsão sexual começa a prejudicar a vida dos filhos, pois começa a negligenciar suas obrigações – autoimpostas –, sobretudo relacionadas à alimentação das crianças. Inclusive, o evento em que Angel toma a ação de oferecer comida aos gêmeos mais Citroën é

54 “Clémentine inclinando a cabeça para trás, olhou para aquele ângulo e ronronou de prazer. Estava toda molhada entre-pernas”. (VIAN, 2011, p. 60)

significativo, pois Clémentine não só havia negligenciado o cuidado, como parece estar se masturbando na sala de jantar:

Il pousse vivement la porte et resta sur place. Étendue sur la table de la salle à manger, Clémentine, le pantalon baissé jusqu'aux genoux, haletait et s'agitait, possédée. Ses mains, à ses côtés, se contractaient convulsivement. Sur le vernis de la table, ses reins ondulaient, se trémoussaient et ses jambes s'entrouvraient tandis qu'une légère plainte s'échappait de ses lèvres. Angel resta là un instant, stupide, et se mit à reculer. Son visage s'empourpra peu à peu. Il referma la porte et d'un pas rapide regagna le jardin.⁵⁵ (VIAN, 2013, p. 600-601)

Voltando um pouco na cronologia dos eventos narrados, observamos que Clémentine, notadamente, passa por uma situação de tensão entre aquilo que acredita ser necessário realizar enquanto mãe e encontrar um espaço para si mesma. Na narrativa, essa tensão aparece reiteradas vezes em torno do tema alimentação: inicialmente, quando Jacquemort sugere que os recém-nascidos sejam desmamados logo após seu nascimento, Clémentine determina categoricamente que ela mesma amamentaria todos os filhos. Essa resolução diz muito sobre a personagem, pois indica a forma com que ela irá, consistente e imperativamente, tomar decisões sobre todos os aspectos da vida dos filhos, bem como demonstra que, para ela, mais vale a sua vontade no exercício daquilo que acha correto, do que seus próprios limites corporais ou ainda a recomendação médica.

O mesmo tema da alimentação reaparece no enredo, ainda em um momento anterior à cena do êxtase na sala de jantar:

Clémentine regagna sa chambre. Elle se déshabilla, se frictionna à l'eau de Cologne, lava la plaie contuse qu'elle avait à la figure et s'étendit sur le dos, par terre, pour faire sa gymnastique. Elle la fit, et passa du sol à son lit. **Cette fois, elle serait à l'heure pour la tétée.** Ça ne vaut rien, pour les bébés, d'attendre comme ça. Les bébés, ça doit manger juste quand il faut, **le reste ne compte pas.**⁵⁶ (VIAN, 2013, p. 587)

55 “Deu um empurrão à porta e deixou-se ficar onde estava. Estendida em cima da mesa da casa de jantar, com as calças para baixo, por altura dos Joelhos, Clémentine, possuía, arfava e agitava-se. As mãos, uma de cada lado, contraíam-se convulsivamente. Os rins ondulavam, saracoteavam-se, sobre a mesa envernizada, e as pernas entreabriam-se, ao mesmo tempo que por entre os lábios um débil queixume se lhe escapava. Angel ficou uns momentos ali especado, com ar de parvo, até que começou a recuar. A pouco e pouco, ruborizaram-se-lhes as faces. Fechou a porta e, em passos rápidos, chegou ao jardim”. (VIAN, 2011, p. 79)

56 “Clémentine voltou para o quarto. Despiu-se, friccionou-se com água de colónia, lavou a contusão que tinha na cara e estendeu-se no chão de costas, pronta para a sua ginástica./ Uma vez feita

Nesse trecho, o compromisso é elaborado no pensamento de Clémentine, pois ela já havia falhado outras vezes e, desta vez, ela se mostra determinada a retomar o controle. Afinal de contas, "*Le reste ne compte pas*" (VIAN, 2013, p. 587), o resto não importa, pois a prioridade deve ser a satisfação das necessidades básicas de seus filhos e todo o resto deve se acomodar em torno disso. Porém, a tensão entre o que Clémentine é e o que ser mãe significa para ela segue existindo. Depois da cena em que é flagrada se masturbando, Angel tenta interferir, o que, basicamente, é interpretado como uma ofensa terrível ao seu poder, por expor que ela não é suficiente para sanar todas as carências e urgências dos filhos. A ação do pai, ao tentar ajudar e cuidar das crianças, é interpretada como uma violação do suposto direito materno absoluto de Clémentine:

Angel avait repris le rivoir et s'occupait de l'autre bord. Il appliquait le tas du côté interne lorsque Clémentine parut, rouge d'avoir été si vite. En la voyant, les jumeaux poussèrent un glapisement joyeux et Citroën s'approcha d'elle et lui prit la main. Angel leva les yeux, enregistra le tout et se contracta.

– Qui leur a donné à goûter ? dit-elle.

– Moi, répondit sèchement Angel.

Quelque chose dans son ton la surprit.

– Et de quel droit ?

– Assez ! dit Angel brutal.

– Je te demande de quel droit tu as fait goûter ces enfants, dont il est entendu que tu n'as pas à t'occuper ?

Avant qu'elle ait eu le temps de refermer la bouche, les gifles arrivèrent à toute volée. Elle chancela sous le choc. Angel, blanc comme un drap, tremblait de rage.

– Assez ! gronda-t-il.

Il parut se calmer, tandis qu'elle portait une main hésitante à sa joue.

– Je regrette, dit-il enfin. Mais tu vas trop loin.

Les enfants se mirent à crier et Citroën se baissa et ramassa un clou. S'approchant d'Angel, il le lui planta dans la jambe, de toutes ses petites forces. Angel ne bougeait pas. Clémentine se mit à rire, d'un rire sanglotant.

– Assez, répéta Angel, tendu.

Elle s'arrêta.

– En fait, continua-t-il, je ne regrette pas. Je regrette de ne pas avoir tapé plus fort.

Clémentine hocha la tête et partit. Les trois enfants la suivirent. De temps en temps, Citroën se retournait et lançait à son père un regard noir. Angel restait songeur. Il projeta la scène qui venait de se dérouler et remua, gêné ; puis il revit en esprit sa femme étendue sur la table de la salle à manger et la rougeur mobile gagna ses tempes et son front. Il savait qu'il ne rentrerait plus chez lui. Il y avait assez de sciure et de copeaux dans le hangar pour qu'on puisse y

ginástica, passou do chão para cima da cama. Desta vez havia de chegar a horas para a mamada. É prejudicial para os bebés esperar daquela maneira. Os bebés devem comer quando deve ser, e o resto que se lixe". (VIAN, 2011, p. 64)

dormir à l'aise et les nuits étaient tièdes. Il sentait une légère démangeaison à la jambe gauche. Il se pencha et en retira le clou, une fine pointe dorée ; sur son pantalon de treillis verdâtre, il y avait une tache brune, de la grandeur d'une punaise. Ça faisait rire. Pauvres larves.⁵⁷ (VIAN, 2013, p. 602-603)

Esse trecho é absolutamente importante dentro da narrativa, pois representa diversas rupturas e confluências, enquanto prenuncia e fundamenta o desenvolvimento daquilo que virá a seguir. Inicialmente, esse imbróglio ocorre sob a concepção de direito: Clémentine julga ser ultrajada por Angel em seu direito materno de prover às crianças. O interessante aqui é que a discussão ocorre sobre algo que não deveria ser polêmico, pois, se uma criança tem fome, qualquer adulto deve dar-lhe de comer e isso não é uma obrigação única da mãe, muito menos um direito exclusivo dela. Aliás, dentro dessa sequência de eventos é no mínimo bizarro pensar a mitigação de uma necessidade básica de uma criança, que não é capaz de resolver por si só a questão, ser posta não como um dever parental, ou dos adultos próximos, mas como um direito materno, no sentido de que é um privilégio, uma prerrogativa exclusiva de Clémentine.

Todavia, é exatamente isso em que Clémentine crê, por isso que se ira e vai tomar satisfações de Angel, tanto que repete a expressão “de quel droit?” (VIAN, 2013, p. 602), “com que direito?”, quando inquire o esposo. Para ela, a atuação dele

57 “Angel, com o martelo de rebitar de novo em punho, ocupava se agora da outra borda. Estava a aplicar a bigorna pelo lado de dentro, quando ele apareceu Clémentine, vermelha por ter vindo tão depressa. Os gémeos, mal a avistaram, soltaram um latido de alegria e Citroën, aproximando-se, agarrou-lhe na mão. Angel levantou os olhos, registrou toda a cena e contraiu-se. / – Quem é que lhes deu de lanchar? – disse ela./ – Eu – respondeu Angel secamente./ Houve algo na maneira como ele disse aquilo que a surpreendeu./ – E com que direito?/ – Basta! – disse Angel, à bruta./ – Pergunto-te com que direito é que deu de lanchar a estas crianças, se já está assente que não tens nada de tratar delas?/ Antes mesmo dela ter tempo de fechar a boca, já as bofetadas lhe choviam em cima. Cambaleou, com o choque. Angel, branco como a cal, tremia de raiva./ – Acabou-se! – resmungou ele./ Pareceu ficar mais calmo, enquanto ela se limitava a levar à face uma mão hesitante./ – Lamento muito – acabou ele por dizer. – Mas tu excedes-te./ As crianças desataram num berreiro e Citroën agachou se e apanhou um prego. Aproximando-se de Angel, enterrou-lhe na perna, com todas as suas fracas forças. Angel não buliu. Clémentine desatou a rir-se, num riso soluçante./ – Acabou-se – repetiu Angel, ainda debaixo de tensão./ Ela parou./ – Para dizer a verdade – continuou ele – não lamento coisa nenhuma. Lamento é não te ter chegado com mais força./ Clémentine abanou a cabeça e foi-se embora. Os três miúdos foram atrás dela. Citroën voltava-se de vez em quando para trás e lançava ao pai um olhar de meter medo. Angel ficara a sonhar. Projectou na tela do pensamento a cena que acabava de se desenrolar e sentiu-se pouco à vontade; depois, voltou lhe à lembrança a mulher estendida em cima da mesa da casa de jantar e um rubor móvel invadiu lhe as têmporas e a testa. Sabia que nunca mais voltaria a entrar em casa. no armazém, havia suficientes serradura e suficientes aparas para lhe poder dormir à vontade e, além disso, as noites estavam amenas. Sentia uma ligeira comichão na perna esquerda. Curvou-se e arrancou o prego, de ponta fina e doirada; nas calças de serapilheira esverdeada via-se uma mancha castanha, do tamanho de um percevejo. Até dava vontade de rir. Pobres larvas”. (VIAN, 2011, p. 81-82)

enquanto pai já estava posta e deveria ser nula, portanto, o fato dele intervir em algo relativo aos filhos representava uma quebra daquilo que havia sido estabelecido e, portanto, uma infração – ou, quem sabe, um crime – que fere sua autoridade soberana.

O que ela, no entanto, não esperava era que Angel fosse reagir e, em uma ação que pode ser interpretada como contracontrole, agredi-la fisicamente. Esse evento marca a ruptura última entre os dois. A partir daí, Angel não volta a entrar em sua casa, isolando-se e alienando-se completamente de seus filhos, os quais, por adesão, escolhem o lado da mãe. Nesse sentido, a ação de Citroën é retumbante: enquanto seus irmãos choram, ele age. Contra a agressão sofrida pela mãe, ele usa todas as suas forças na tentativa de vingar-se do pai, “apunhalando-lhe” com um prego. Antiteticamente, toda a força de Citroën não é capaz de ferir o pai, de forma que, tudo o que era gravidade para esse menino, é banalizado por Angel, que quase se esquece do ferimento, para ele risível, por não sentir seu impacto.

Doravante, é como se Angel tivesse rompido os últimos laços que o prendiam ali. E, para Clémentine, sua identidade finalmente é unificada. De agora em diante, ela é apenas mãe:

Jacquemort désertait la maison depuis qu’Angel avait décidé de vivre sur son chantier. Il ne se sentait guère à l’aise en présence de Clémentine. **Elle était trop mère, sur un plan trop différent.** Non qu’il y vît aucun mal, car il ne mentait pas en s’affirmant vide et en impliquant, de ce fait, qu’il n’avait guère la notion des valeurs éthiques. Mais ça le gênait physiquement.⁵⁸ (VIAN, 2013, p. 603-604, grifos nossos)

Através da percepção de Jacquemort e do incômodo que ele sente em presença de Clémentine temos a sumarização da questão: “Elle était trop mère” (VIAN, 2013, p. 603), “Era demasiado mãe”. E é essa mãe em demasia, em toda sua intensidade e neuroses, que passamos a acompanhar. O tema da alimentação retorna, escalonando a radicalidade assumida por ela: “Clémentine avait faim. Elle ne mangeait plus guère

58 “Jacquemort não parava em casa, desde que Angel decidira viver no seu estaleiro. Sentia-se muito pouco à vontade na presença de Clémentine. Era demasiado mãe, a um nível por demais diferente do que ele concebia. Não é que ele visse algum mal nisso, porque, realmente, não estava a mentir quando se afirmava um ser vazio, e isso implicava que não tinha a mínima noção dos valores éticos. Mas fisicamente incomodava-o”. (VIAN, 2011, p. 82-83)

au repas de midi pendant lequel elle s'occupait de gaver ses trois" ⁵⁹ (VIAN, 2013, p. 629). A mãe tem fome, mas negligencia suas próprias necessidades, em um movimento de autoanulação, para garantir que as carências dos filhos sejam supridas. O foco de Clémentine, assim, desloca-se para apenas incidir sobre as crianças, enquanto ela se exclui completamente.

No entanto, o radicalismo dessa personagem só faz aumentar. Não apenas passando a privar-se de comida – come apenas o necessário para sobreviver –, mas alimentando-se, deliberadamente, de restos podres, em uma ação que é autoimpositiva e autopunitiva, mas que também gera prazer:

Elle prenait son temps, savourait les minutes à passer. Elle portait la clé de l'armoire accrochée à sa ceinture par une légère tresse de cuir. Elle la regarda et la glissa dans la serrure. Dans l'armoire, ça sentait mauvais. Ça sentait la charogne, très exactement. Il y avait une boîte à chaussures en carton d'où venait l'odeur. Clémentine la saisit et flaira. Dans la boîte, sur une soucoupe, un reste de bifteck achevait de se putréfier. Une pourriture propre, sans mouches et sans asticots. Simplement, il devenait vert et il puait. Affreusement. Elle passa son doigt sur le bifteck, tâta. Cela céda facilement. Elle sentit son doigt. **Assez pourri.** Délicatement, elle saisit le bifteck entre le pouce et l'index et elle mordit avec soin, faisant attention d'en détacher une bouchée bien nette. C'était facile, c'était tendre. Elle mâchait avec **lenteur, percevant autant la consistance un peu savonneuse de la chair faisandée**, qui lui faisait une sensation acide derrière les joues, que le parfum puissant s'exhalant de la boîte. Elle en mangea la moitié et le remit dans la boîte qu'elle repoussa à son emplacement primitif. Il y avait à côté un triangle de fromage à peu près dans le même état, totalement abandonné à son assiette. Elle y trempa son doigt, le lécha, ceci à plusieurs reprises. **À regret, elle referma l'armoire** et passa dans le cabinet de toilette où elle se lava les mains. Puis elle s'étendit sur son lit. **Cette fois, elle ne vomirait pas. Elle le savait. Maintenant elle conserverait tout. Il suffisait d'avoir assez faim. Elle y prendrait garde.** De toute façon, **le principe devait triompher : les meilleurs morceaux pour les enfants** ; elle rit en pensant au début, elle se contentait de manger les rogatons, de finir les gras des côtelettes et du jambon dans leur assiette et de venir à bout des tartines détrempées de lait qui traînaient autour des bols du petit déjeuner. **Mais ça, n'importe qui peut le faire. Toutes les mères. C'est courant.** Les épluchures de pêches, ça avait été plus difficile déjà. À cause de la sensation de velours sur la langue. Cependant, les épluchures de pêches, c'est également peu de chose ; d'ailleurs bien des gens les mangent avec leur chair. Mais elle seule laissait pourrir tous ces rebuts. **Les enfants méritaient bien ce sacrifice** – et plus c'était affreux, plus cela sentait mauvais, plus elle avait l'impression de **consolider son amour pour eux, de le confirmer**, comme si des tourments qu'elle s'infligeait de la sorte pouvait naître quelque chose de plus pur et de

59 "Clémentine sentia fome. Já deixara de comer, ao meio-dia, ocupada como estava a empanturrar os três". (VIAN, 2011, p. 113)

plus vrai – il fallait racheter tous ces retards, il fallait racheter chaque minute pensée sans eux.⁶⁰ (VIAN, 2013, p. 630, grifos nossos.)

Com um reforço sinestésico bastante apurado, essa cena não se furta de detalhes para descrever o horror da situação que é, inclusive, reconhecido por Clémentine. Ela parece ter plena consciência de que faz algo abjeto – afinal de contas, a comida apodrecida é guardada em seu quarto, dentro de um guarda-roupas trancado à chave, que ela mantém junto a si sempre. Seu ritual de purgação é feito de forma privada e solitária, sem ninguém para testemunhar, porque, para ela, basta experimentar o momento e ter consciência do que está fazendo.

Queremos também chamar a atenção para alguns pontos específicos do trecho que são absolutamente reveladores e ajudam na compreensão dessa atitude que beira a insanidade. Em primeiro lugar, é importante discutirmos a motivação de Clémentine para levá-la a essa atitude que representa um verdadeiro risco sanitário: ela acredita que, para ser uma boa mãe, não basta cuidar dos filhos e agir para mantê-los saudáveis e seguros, pois isso qualquer pessoa pode fazer. Para ela, suas necessidades e desejos precisam ser solapados e que ela sofra tormentos

60 “Estava com todos os vagues a saborear os minutos que passavam. Trazia a chave do guarda-fato presa à cintura por uma adalgada trança de cabedal. Olhou para a chave enfiou-a na fechadura. Dentro do guarda-fato cheirava mal. Cheirava a cadáver, para sermos mais precisos. Havia uma caixa de sapatos, de cartão, e era dali que o cheiro vinha. Clémentine agarrou nela e cheirou. Dentro da caixa havia um pires e, em cima, um resto de bife quase putrefacto. Porém, de um podre aseado, sem moscas nem varejas. Verde, simplesmente, e mal cheiroso. um cheiro horrível. Passou o dedo pelo bife, tateou. Cedia facilmente. Cheirou o dedo. Bastante podre. Agarrou com todo o cuidado no bife entre o indicador e o polegar e deu uma dentada, procurando ficar com um bocado na boca bem separado do resto, o que se tornava fácil, dado que era tenro. Mastigava devagar, saboreando não só a consistência um tanto saponácea da carne em vias de decomposição que lhe causava uma sensação de acidez no interior das bochechas, como também o perfume forte que se exalava da caixa. Comeu metade e tornou a colocar o resto na caixa, que voltou ao seu primitivo lugar. Ao lado, havia um triângulo de queijo pouco mais ou menos no mesmo estado, totalmente abandonado no prato onde estava. Nele mergulhou Clémentine o dedo, que lambeu; isto por várias vezes. Muito a custo, fechou o guarda-fato e passou à casa de banho, onde lavou as mãos. A seguir, estendeu-se em cima da cama. Desta vez se não havia de vomitar. tinha a certeza. A partir de agora, guardaria tudo. Bastava ter muita fome. Iria prestar atenção. Fosse como fosse, o seu lema tinha de sair triunfante: sempre o melhor bocado para os pequenos; e riu-se, ao lembrar-se dos primeiros tempos, quando se contentava em comer os sobejos, em acabar com a gordura das costeletas e do fiambre que eles deixavam no prato, em devorar as fatias de pão encharcadas de leite que ficavam esquecidas a roda da chávenas do pequeno-almoço. Mas isso, qualquer pessoa o faria. Não haveria mãe que o não fizesse, é normal. A casca dos pêssegos já tinha sido mais difícil. Por causa daquela sensação de veludo na língua. Mas, também a casca dos pêssegos pouco ou nada é; aliás, a imensa gente que costuma comê-la juntamente com o fruto. Mas ela era a única deixar apodrecer todos esses restos. As crianças bem mereciam esse sacrifício – e quanto mais horrível aquilo era, quanto mais mal cheirava, mais ela sentia consolidar-se o seu amor por eles, confirmar-se, realmente, como se dos tormentos que assim se infligia pudesse brotar algo de mais puro, de mais verdadeiro – precisava de se resgatar do seu atraso, precisava de se resgatar por cada minuto passado sem ter o sentido posto neles”. (VIAN, 2011, p. 113-114)

inigualáveis, para se redimir de negligências passadas (o que justifica que a punição seja em torno da alimentação, por estas terem sido de ordem alimentar), em que seus filhos não foram o centro de seus pensamentos e ações. Nesse sentido, quanto pior a punição, ou seja, pior e mais ignóbil o alimento que ingere, mais ela consegue provar o amor pelos filhos, mais ela pode sentir-se perdoada.

Nesse ponto, chamamos a atenção para o elemento de premeditação que o autossacrifício de Clémentine demanda. Quando ela pega a caixa com o bife podre, ela considera que o alimento está “*assez pourri*” (VIAN, 2013, p. 630), ou seja, “podre o suficiente”, o que sugere que há um preparo prévio dela, que seleciona um alimento ainda fresco, ou ao menos conservado, e o guarda em seu quarto até o momento propício, em que ele alcança a putrefação certa para que a autopunição seja eficaz. Também envolve planejamento manter-se com tamanha fome que o corpo não rejeita o alimento pútrido: “*Il suffisait d’avoir assez faim. Elle y prendrait garde*” (VIAN, 2013, p. 630, grifos nossos.), pois “bastava ter fome o suficiente. Ela iria certificar-se disso”, de estar faminta.

Clémentine acredita estar fazendo esse sacrifício pelas crianças, como se a maternidade exigisse o ato, porém, diga-se de passagem, a condição socioeconômica da família nunca foi um problema e a segurança alimentar dos filhos nunca esteve em risco, tornando esse sacrifício desnecessário. No entanto, se formos analisar o regozijo que ela tem nessa ação, talvez esse automartírio seja, na verdade, uma forma de obter prazer sem culpa, pois a justificativa reside no bem-estar de seus filhos. De forma mais enviesada ainda, para ela não eram suficientes os sacrifícios usuais da maternidade, uma vez que, por serem usuais, fazê-los não iria distingui-la de todas as outras mães. Para ela, comer os restos deixados pelas crianças não era o suficiente, ela precisava fazer algo que, de tão absurdo e desnecessário, é único, inédito, verdadeiramente *sui generis*, pois, por via dessa ação, ela poderia purgar a culpa que sentia, de ter colocado a si mesmo como prioridade. Possivelmente, Clémentine sentia que precisava sofrer as formas mais pesadas de privação, para tornar-se digna da maternidade.

Contudo, tal ação não envolve apenas preparo, mas também determinação e reiteração: “*Cette fois, elle ne vomirait pas. Elle le savait. Maintenant elle conserverait tout.*” (VIAN, 2013, p. 630, grifos nossos), pois, dessa vez, “ela não iria vomitar. Ela sabia disso. Agora, ela iria conservar tudo”. Esse trecho pressupõe a existência de outras vezes em que ela haveria feito procedimento similar e não teria logrado

sucesso, ou seja, seu corpo teria rechaçado a comida podre ingerida, mostrando que isso não era uma necessidade, mas um condicionamento pelo qual vinha trabalhando reiteradamente.

O trecho nos permite também reiterar o fato de que Clémentine sente prazer em realizar algo tão horrendo, pois ela come com *“lenteur, percevant autant la consistance un peu savonneuse de la chair faisandée”* (VIAN, 2013, p. 630). A forma com que ela come ultrapassa a ingestão de nutrientes por necessidade fisiológica, pois ela o faz com lentidão, saboreando o alimento podre, percebendo as nuances de textura e consistência, em uma verdadeira fruição desse momento, tanto que, quando termina *“À regret, elle referma l’armoire”*, ou seja, ela custa a fechar o armário e terminar seu pequeno ritual. Nesse ponto, é importante enfatizar que o prazer sentido não está conectado à alimentação – tanto que o corpo de Clémentine costuma rejeitar a comida -, mas está diretamente conectado ao fato de ela estar se privando e se punindo, em um suplício contínuo, programado e sistemático.

Tendo voltado suas atenções e esforços, e, basicamente, toda sua existência para os filhos, Clémentine, começa, com o tempo, a desenvolver uma paranoia sobre a fragilidade física das crianças. Ela começa a acreditar que os filhos estão sempre sob perigos infundáveis e, por isso, precisam ser vigiados e resguardados de tudo. Assim, ela passa a fantasiar perigos, riscos, acidentes, mascarando sua paranoia atrás do amor profundo que diz sentir por eles:

Et vous, qu'est-ce que vous devenez. On ne vous voit plus aux repas. Ni à midi, ni le soir.
 – Je mange dans ma chambre, dit Clémentine avec un contentement dans la voix.
 – Ah ! bon, dit Jacquemort.
 Il examina la silhouette de la jeune femme.
 – Ça n’a pas l’air de mal vous réussir, dit-il simplement.
 – Je ne mange plus que ce que je dois, dit Clémentine.
 Jacquemort cherchait désespérément à entretenir la conversation.
 – Et le moral est bon ? demanda-t-il platement.
 – Je ne peux pas dire. Oui et non.
 – Qu'est-ce qui ne va pas ?
 – À la vérité, expliqua-t-elle, j’ai peur.
 – Peur de quoi ?
 – J’ai peur pour mes enfants. En permanence. Il peut leur arriver n’importe quoi. Et je me le représente. Oh ! les choses les plus simples ; je ne me mets pas martel en tête pour des impossibilités ou des idées folles ; non, mais la liste stricte de ce qui pourrait survenir suffit à m’affoler. Et je ne peux pas m’empêcher d’y penser. Naturellement, je ne compte même pas ce qu’ils risquent en dehors du jardin ; par bonheur, ils n’ont pas, jusqu’ici, eu l’idée d’en sortir. Mais j’évite pour l’instant d’aller jusque-là parce que ça me donne le vertige.

– Mais ils ne risquent rien, dit Jacquemort. Les enfants savent plus ou moins consciemment ce qui est bon pour eux et ils ne se mettent guère souvent en mauvaise posture.
 – Croyez-vous ?
 – J'en suis sûr, dit Jacquemort. Sans quoi nous ne serions pas là, ni vous ni moi.
 – C'est un peu vrai, dit Clémentine. Mais ce sont des enfants si différents des autres.
 – Oui, oui, dit Jacquemort.
 – Et je les aime tant. Je crois que je les aime tellement que j'ai pensé à tout ce qui pouvait leur arriver dans cette maison et ce jardin et je n'en dors plus. Vous ne pouvez pas imaginer quelle quantité d'accidents ça fait. Comprenez quelle épreuve c'est pour une mère qui aime ses enfants comme je les aime. Mais il y a tant de choses à faire dans une maison et je ne peux pas être tout le temps sur leur dos à les surveiller.⁶¹ (VIAN, 2013, p. 646-647)

Essa preocupação de Clémentine irá se intensificar uma potência tão radical, que encontrará no encarceramento dos corpos a solução para a segurança dos filhos, como analisaremos no capítulo sobre identidade.

Mas, nesse interim, em que discutimos Angel e Clémentine, onde se encaixam Joël, Noël e Citroën? Como eles reagem aos pais, em suas neuroses e negligências? Em primeiro lugar, essas crianças crescem e se desenvolvem a despeito dos pais e, nesse caso, explorando o contracontrole – o que também será analisado posteriormente. Mas, sobre Clémentine e seu comportamento de “mãe demais”, a seguinte passagem, na qual os irmãos se encontram no limiar entre o portão e o mundo exterior, é bastante elucidativa:

61 “E você, o que é que tem feito? Já nem sequer aparece à hora da refeição. Nem ao meio-dia, nem à noite./ – Tomo as refeições no meu quarto – disse Clémentine, numa voz um tanto álcara./ – Ah, bem! – disse Jacquemort./ Estudou o perfil da mulher./ – Tem ar se dar bem com isso – disse-lhe ele, simplesmente./ – Só como que é preciso – disse Clémentine./ Jacquemort tentava desesperadamente prolongar a conversa./ – E o moral, vai bem? – perguntou ele, sem graça nenhuma./ – Não sei que lhe diga. Sim e não./ – O que é que lhe corre mal?/ – Para dizer a verdade – explicou ela – sinto medo./ – Medo de quê?/ – Sinto medo pelos meus filhos. A todo o momento. Pode acontecer-lhes toda uma série de coisas. E eu então fico a matutar nisso. Oh! As coisas mais simples; não quebro cabeça com ideias extravagantes ou impossíveis! Não! Mas só o que é estritamente susceptível de lhes acontecer chega para me pôr como louca. E não consigo deixar de pensar nisso. É Claro que já nem sequer conto os riscos que poderiam correr para lá dos muros do jardim; felizmente que, até hoje, ainda não se lembraram de sair daqui. Eu é que, por agora, evito fazer demasiadas suposições porque isso me dá vertigens./ – Mas eles não correm o mínimo risco – disse Jacquemort. – As crianças têm mais ou menos a consciência do que é bom ou mau para elas e só raramente ficam em maus lençóis./ – Acha que sim?/ – Tenho a certeza – disse Jacquemort. – Se assim não fosse, nem nós podíamos estar agora aqui os dois./ – Há uma certa verdade no que diz – disse Clémentine. – Mas eles são umas crianças tão diferentes das outras./ – Pois são, pois são – disse Jacquemort./ – E eu gosto tanto deles. Tenho a impressão de que gosto tanto deles que já me passou pela cabeça tudo quanto lhes poderia acontecer dentro desta casa ou lá fora, no jardim, isso tira-me o sono por completo. Nem faz uma ideia da série de acidentes que pode haver. Imagine, agora, que martírio isso não é, para uma mãe que gosta dos filhos como eu gosto. Mas numa casa sempre tanta coisa a fazer que eu não posso passar todo o tempo em cima deles, a vigiá-los”. (VIAN, 2011, p. 132-133)

- Viens regarder, dit Citroën à Joël.
- Il avait le premier réagi aux bruits qui s'élevaient en provenance de la grille.
- Ça m'ennuie de venir, dit Joël. Maman ne sera pas contente, et elle pleurera encore.
- Citroën essaya de l'ébranler.
- Tu ne risques rien, dit-il.
- Si. Quand elle pleure, dit Joël, elle vous embrasse avec la figure mouillée. C'est dégoûtant. C'est chaud.
- Moi, ça m'est égal, dit Noël.
- De toute façon, qu'est-ce qu'elle fera ? dit Citroën :
- Je ne veux pas lui faire de peine, dit Joël.
- Ça ne lui fait pas de peine, dit Citroën, ça l'amuse de pleurer et de nous prendre dans ses bras, et de nous embrasser.⁶² (VIAN, 2013, p. 671)

Quando Clémentine é contrariada pelos filhos, ela confia no choro diante deles como a melhor estratégia de controlá-los. Porém, as percepções das crianças demonstram como o poder que ela julga exercer, na verdade, é irrisório: Noël não se importa com o choro, para ele, tanto faz. Joël, por sua vez, sente tanta repulsa por esse comportamento, que tem a predisposição a obedecer. Citroën, o dissonante, interpreta o choro de Clémentine como uma forma dela obter prazer, pois sugere que a mãe gosta muito de chorar, abraçá-los e beijá-los na sequência. Por isso, para ele, Clémentine parece se divertir com essa dinâmica.

O escalonamento do exercício do controle por Clémentine sobre os filhos desagua no isolamento forçado dessas crianças, gradualmente ampliado com estratégias da própria mãe para alienar seus filhos do contato com o mundo externo aos muros de sua casa – e, posteriormente, do contato com o próprio exterior da casa, culminando na destruição do jardim e na criação de gaiolas para prender os filhos. Assim, nesse caso, o isolamento, ao invés de criar uma coesão familiar, funciona como catalisador de sua ruína.

3.4 A MORAL FAMILIAR

62 “– Vem cá ver – disse Citroën para Joël./ Fora o primeiro a dar-se conta do barulho que faziam ao pé do portão./ – Chateia-me ir – disse Joël. – A mamã não vai gostar, e depois vai começar com a choraminguice./ Citroën tentou demovê-lo./ – Não perdes nada com isso – disse ele./ – Pois não! Quando ela chora – disse Joël –, beija-nos com a cara toda molhada. Mete nojo. É quente/ – A mim tanto se me dá – disse Noël./ – De qualquer modo, o que é que ela pode te fazer? – de Citroën./ – Não quero causar-lhe desgostos – disse Joël./ – Não lhe causas desgosto nenhum – disse Citroën. – Ela até se diverte a chorar, e abraçar-nos, e a beijar-nos”. (VIAN, 2011, p. 158-159)

Em nossa análise dos textos *o nosso reino* e *Campo geral*, já trouxemos, algumas vezes, à tona a temática de Deus e da religião católica, chamando a atenção para o poder coercitivo dessa, quando aplicada aos valores familiares e à noção de certo e errado dentro da educação dos protagonistas crianças. Neste momento, vamos aprofundar a questão da moralidade e da forma com que ela é arraigada em uma noção religiosa e que, por isso, funciona como instrumento coercitivo contra personagens que não figuras de poder dentro da família.

Nesse ponto, nossa análise irá se voltar apenas para *Campo geral* e *o nosso reino*, sendo que *L'arrache cœur* não será discutido neste momento, uma vez que a incidência da religião católica e da presença de Deus na vida de Joël, Noël e Citroën resume-se apenas ao batizado, que ocorre nos dias após o nascimento. Depois disso, não há interação de religião ou moral religiosa na construção identitária das crianças. A visão da religião, como veremos posteriormente, fica a cargo das conversas entre Jacquemort e o cura da vila, não sendo presente na vida dos meninos.

De acordo com Sidman (2009, p. 63),

Supostamente nosso sentido de certo e errado, isto é, nossa consciência é, realmente, somente um sentido de errado: ela se desenvolve inicialmente, diretamente do controle coercitivo.

Como as várias liberdades que significam a ausência de formas relacionadas de coerção, “certo” pode ser definido somente em contraste com “errado”

Sob essa perspectiva, compreender o certo e o errado é, nada mais, do que aceitar coercitivamente que certas coisas são erradas e que, portanto, aquilo que não é errado é, necessariamente, o certo. Retomando uma passagem do pesquisador, que já abordamos previamente, a coerção faz parte, naturalmente, da educação familiar oferecida às crianças que, internalizam a noção daquilo que é errado – normalmente sob ameaças das sanções mais diversas. Em se tratando dos dois textos literários aqui analisados, essa educação familiar tem uma forte raiz católica, cuja fonte principal são as avós – no caso de *o nosso reino*, a figura do padre filipe também é extremamente relevante para essa reafirmação da moral cristã. Em *Campo geral*, a diversidade religiosa é apresentada através da fé de Mãitina, com seus ídolos esculpidos em madeira e seus rituais, constituindo-se como aquilo que é desconhecido, incômodo e causa temor, não parecendo que a personagem se constitui como referência religiosa em seu entorno.

Nesse sentido, iniciamos a discussão sobre *o nosso reino* e o contexto que retrata, no qual toda a sociedade em torno de benjamim está sob o domínio do Estado Novo e de seu discurso repressor. Os estudos de Luís A. Vicente Baptista (1986, p. 192), sobre a propaganda moral veiculada em cartilhas, manuais, reportagens da época do Estado Novo português, apontam como alvo dessas construções discursivas, sobretudo, a população da classe baixa e demais classes empobrecidas: ou seja,

a mensagem discursiva é, primordialmente, dirigida às classes de inferior condição social e económica pretendendo: a) servir os grupos sociais dominantes, tendo em vista o convencimento dos subordinados da imutabilidade da sua condição; b) cobrir a maior parte da população, a quem esta condição identifica.

Essa relação faz-se presente no romance de Hugo Mãe, pois, apesar da família de benjamim vir, de acordo com o próprio rapaz, de um passado recente de alto nível na sociedade do lugar, há que se relativizar o que pode significar riqueza em um ambiente de pouco desenvolvimento econômico e social, sem se esquecer também de que toda a narrativa trabalha com as cenas de empobrecimento severo da família, incluindo momentos em que seus integrantes chegam a passar fome. Nas palavras do próprio narrador, sua avó era “não muito rica, mas rica, como nós nunca haveríamos de ser após a sua morte. e foi a comer, rica e limpa, que tombou [morta]” (MÃE, 2008, p. 31).

Pensando no poder exercido pela igreja católica, é interessante investigar a religiosidade que paira sobre a vila de pescadores, também em sua fusão com o Estado, sobretudo na forma do discurso moral, ético e tradicionalista, ou seja, apresentando pontos basais de ambas as instituições. Na narrativa de Mãe, a religião apresenta-se como a força capaz de manter a estabilidade e normalidade da cidade, desde a repetição do rito dominical, até suas implicações no foro mais íntimo dos indivíduos, amplificando, de certa forma, a presença também onipresente do Estado.

Logo de início, ainda na porção inicial do primeiro capítulo, ao descrever o cotidiano da família, benjamim evoca a tradição familiar do domingo, dia santo para o catolicismo:

aos domingos, quando descíamos para a missa e o caminho até ao centro da vila se enchia de vizinhos, parecíamos todos felizes. parávamos para comprar bolos na mercearia, podíamos ver os amigos da escola vestidos a rigor, como

nós, e havia sempre um a parecer ridículo, embelezado com toques quase florais das mães tão zelosas. víamos e ouvíamos muito, atendendo à eucaristia em silêncio temendo os olhos de deus. aos domingos, através das pequenas dádivas, subíamos ao senhor para nos purificarmos e esperarçar de vida. (MÃE, 2008, p. 19)

Embora se perceba no trecho um breve indício de desequilíbrio na estrutura familiar, através do verbo “parecer”, ele constrói, na superfície, uma cena amena, de encontros sociais e de manutenção da esperança através da repetição de uma rotina familiar e social calcada no ritual sacro.

No entanto, os personagens se relacionam com o catolicismo não da forma submissa e resignada comum e esperada na época, mas personalizada e às vezes até mesmo utilitarista e negociável, logo, adaptada, de forma que temos vislumbres de um deus pessoal e acessível, moldado pelo personagem à sua imagem e semelhança. Inclusive, o próprio pároco da vila, padre filipe, ao submeter benjamim à agressão física, por não validar adaptação do sacramento da confissão proposta pelo menino, passa a representar literalmente o poder autocrático e punitivo. Além disso, chamamos a atenção para a ausência de referências ao poder público na narrativa, seja via estrutura de governo, ou mesmo de força policial ou militar na vila – as referências a soldados e guerras são exclusivas para situações no além-mar, longínquas e encerradas, como Guerra Colonial, apresentada anteriormente. A abordagem dada a carlos, o único soldado presente no texto, é feita pelo viés humanizador, que expõe a situação de estresse pós-traumático e depressão que enfrenta como espólio de guerra, e não enquanto representante da organização militar em exercício de poder.

Tendo em vista essas relações, é válido investigar a forma com que a emulação do discurso da moral e tradição cristãs se fazem presentes e determinam e moldam as ações e comportamentos dos personagens do romance, voltando o olhar também para a própria construção familiar de benjamim, no que reverbera (ou não) o padrão moral e ético desejável para a época. É através da resignação pela mística da santidade e sua validação via martírio que benjamim parece organizar o próprio pensamento para enfrentar o momento histórico-político de penúria e de mortes sequenciais advindas da fome e adoecimento dos corpos e mentes. Dentro de sua ponderação, benjamim considera o sofrimento como uma contrapartida natural e aceitável da perfeição espiritual: “quanto maior a santidade maior o sofrimento, a cada dia perdíamos tudo, pessoas e coisas desapareciam de nós” (MÃE, 2008, p. 141).

Somado a isso, está o desenvolvimento do lugar-comum moral e cívico da estrutura familiar (BAPTISTA, 1986) na narrativa, através da fragmentação dos indivíduos e conseqüente ruptura de relações afetivas, agindo e desintegrando estruturas familiares. Então, impulsionado pela ruptura familiar, benjamim experiencia uma crise de fé que também será identitária.

A conexão entre família e religião pode ser clarificada com a da argumentação de que **“seria através dos deveres e dos benefícios da vida familiar que o indivíduo ficaria preparado para a salvação eterna” (BAPTISTA, 1986 p.197). Além disso, do ponto de vista do poder político, a perpetuação da espécie significa, conseqüentemente, a perpetuação da tradição e valores da nação, uma vez que é prerrogativa da instituição familiar a formação e educação dos filhos.** Daí a necessidade de um modelo unificado e estável de família “assente no estabelecimento duma hierarquia, duma autoridade duma fidelidade perfeitamente regulamentadas e incontestáveis” (BAPTISTA, 1986, p. 197).

Essa representação ocorre de forma explícita quando benjamim evoca a situação de três mulheres com quem convive: sua mãe, sua tia e dona hortênsia, espécie de enfermeira da vila, que havia sido abandonada pelo esposo. Para o menino, ela:

era uma mulher muito nova, que pena que estivesse sozinha, e era de lei que estaria livre. ou não, a minha mãe achava que não, que haveria de estar casada mesmo que abandonada pelo marido. injusto, que se juntasse então. em grande pecado, perguntava irada, por deus, meu deus, as coisas que você diz, comadre tina, juntar-se em pecado seria vender a alma ao diabo, que tonta seria cedendo assim aos prazeres da carne. não se tratava de carne, todos sabíamos disso, e a minha mãe só pensaria o contrário porque esperou até tarde mas encontrou, encontrou um homem solteiro e trabalhador que, por algum motivo, esperou o quanto ela esperou. mas isso não acontecia a todas, e o seu sofrimento em tantos anos de solidão e virgindade não justificaria um exemplo para todas as outras mulheres. eu queria dizer que a tia cândida ainda ia ser feliz, mas a tia cândida teve de esperar até ao dia seguinte para saber disso. (MÃE, 2008, p. 63-64)⁶³

Esse trecho apresenta uma conversa entre as mães de benjamim e manuel, representado, de maneira fragmentada na mistura de vozes, um discurso que não

63 O discurso indireto livre no trecho pode ser uma indicação da confusão de vozes e juízos de valores feitos a respeito dessas três mulheres, que incidem sobre a apreensão que o narrador-personagem tem da situação. Tratarei das instâncias narrativas apresentadas posteriormente.

reconhece a possibilidade de felicidade para uma mulher se não for através e dentro do casamento. O divórcio e as segundas núpcias, mesmo em caso de abandono, não parecem ser opções dentro da rígida estrutura da família tradicional, mas a espera e a castidade são pontuadas como sacrifícios dignos de premiação para a mulher que os sofre.

Em *o nosso reino*, as relações de poder são construídas de forma dúbia, pois mesmo que haja medo e temor em relação às figuras totalitárias, existe também a relação de respeito, afetividade e a sensação de falta profunda que a ausência desses personagens causa a benjamim também são constantes no contexto familiar. Mas, se para o Estado Novo português a instituição familiar é a sua própria representação miniaturizada, em um núcleo mínimo no qual relações de poder são fomentadas por um coeso discurso social, talvez a presença elevada das imagens de Cristo (para oito moradores, há nove imagens) e o destaque dado ao Cristo enquanto símbolo censor, representem, de certa forma, a onipresença não da figura espiritual-religiosa, mas sim da própria Igreja Católica nos lares portugueses da época. Se as notícias sobre os eventos políticos são abstrações distantes para benjamim, a religião o acompanha dia e noite, dentro e fora de si mesmo, o molda e confunde e, mais que isso, fomenta temor e medo. Inclusa nesse pacote, também está a ideiação do sacrifício como forma de salvação da alma, de garantia de uma felicidade póstuma inigualável. Essa naturalização justificará, posteriormente, que benjamim suporte todo o peso que sua suposta santidade exerce sobre ele.

Embora o Estado Novo português não seja visível explicitamente na obra⁶⁴ e sejam poucas as vezes que há referência a acontecimentos ligados a esse período, o isolamento plural da aldeia permeia o imaginário dos habitantes no que diz respeito à moral e aos bons costumes. Além disso, a presença da igreja católica, seja através do autoritário e violento padre filipe, ou da presença constante e intimidadora das imagens de Cristo na casa de benjamim, contribui para que se possa ouvir os ecos do salazarismo e de sua aliança extremamente coesa com a Igreja Católica.

64 lembro aqui a ausência de outros porta-vozes do Estado dentro da narrativa, bem como não há referência a policiais, prefeito, governador, militares, fora os personagens que lutaram em guerras fora do país, já que esses oficiais tornam-se desnecessários em uma sociedade cuja coesão é forçada pelo discurso, pelo medo do pecado e da punição a nível espiritual

A compreensão do poder religioso como um braço forte do Estado também pode ser sustentada através do texto da Concordata de 1940, na qual se desenvolve uma analogia entre membros a serviço da Igreja Católica e oficiais de estado. Por exemplo, o artigo 11º garante aos oficiais católicos proteção do Estado do mesmo nível e abrangência que gozam as autoridades públicas, da mesma forma que aqueles também são passíveis de punição por abuso de poder (artigo 15º). Esses dados ajudam a compreender como que, dentro do Estado Novo, as barreiras limítrofes entre as duas instituições eram, no mínimo, porosas e, em grande medida, complacentes. Não por acaso, o 2º artigo desse texto de lei deixa clara a carta branca garantida ao poder eclesiástico: “é garantido à Igreja Católica o livre exercício da sua autoridade: na esfera da sua competência, tem a faculdade de exercer os actos do seu poder de ordem e jurisdição sem qualquer impedimento” (PORTUGAL, 1940). Assim, Deus, Pátria e Família imiscuem-se homoganeamente e agem, dentro da narrativa de Mãe, como uma força reguladora, ou gerenciadora, da situação de opressão e jugo sobre os personagens do texto.

Todavia, quando consideramos *Campo Geral*, não podemos relacionar a presença do Estado dessa mesma forma, principalmente porque, como apresentamos, há um imenso vácuo de poder público no Mutúm. Assim, a família possui uma espécie de legislação interna, orientada em torno da crença cristã. Por exemplo, quando vó Izidra manda Tio Terêz embora, ela intervém para que não ocorra uma desgraça quando Berno voltar para a casa. Para fazer isso e como forma de justificar sua ação, ela se baseia na histórica de Caim e Abel, comparando Terêz ao fratricida bíblico:

Ah, tio Terêz devia de ir embora, de ligeiro, ligeiro, se não o Pai já devia estar voltando por causa da chuva, podia sair homem morto daquela casa, Vovó Izidra xingava tio Terêz de “Caim” que matou Abel, Miguilim tremia receando os desatinos das pessoas grandes, tio Terêz podia correr, sair escondido, pela porta da cozinha... Que fosse como se já tivesse ido há muito tempo... Levava um punhado de comida, pegava a carossa de palha-de-buriti, para se agasalhar de tanta chuva, mas devia de ir, tudo era aquele perigo enorme... (ROSA, 2016, p. 36)

Embora Izidra demonstre compaixão, fornecendo alimento e até mesmo um veículo para Terêz, ela compreende que a traição desse equivale a um assassinato e que, por isso, é necessário o ostracismo e, mais ainda, a interdição de despedir-se de sua amada. A conexão com a moralidade cristã pode ser notada no desdobramento

desse mesmo evento, quando uma grande tempestade cai sobre o Mutúm, assustando todos os moradores:

De repente, deu estrondo. Que o vento quebrou galho do jenipapeiro do curral, e jogou perto de casa. Todo o mundo levou susto. Quando foi o trovão! Trovejou enorme, uma porção de vezes, a gente tapava os ouvidos, fechava os olhos. Aí o Dito se abraçou com Miguilim. O Dito não tremia, malmente estava mais sério. — "Por causa de Mamãe, Papai e tio Terêz, Papai-do-Céu está com raiva de nós de surpresa..." — ele foi falou. (ROSA, 2016, p. 38)

A percepção de Dito é que toda a família está sendo punida por Deus devido ao ocorrido entre seus pais e o tio. Não fica claro se o menino mais novo sabe as reais circunstâncias que levaram à fuga do tio, mas percebemos sua capacidade de compreender que, através da cena de violência contra a mãe e contra Miguilim e, depois, com a expulsão do tio pela avó, algo errado havia acontecido e ferido os princípios divinos, indo contra o que o menino entende como a vontade de Deus. Por isso, ele acredita que a punição veio em forma de tempestade.

Mais adiante, na narrativa, o episódio em que o tio Terêz demanda a Miguilim entregar uma carta à Nhanina é exemplar para analisarmos a tensão gerada pelo menino não conseguir distinguir o que seria certo e errado em uma situação complexa, que envolve pessoas pelas quais ele sentia um imenso carinho, ou seja, sua mãe e seu tio, mas também seu pai, a quem ele mais do que respeitava, temia. Além disso, a situação se complexifica ainda mais quando o menino coloca na mesma equação a questão religiosa, uma vez que é ela que pauta o senso daquilo que seria o certo a se fazer. Afinal de contas, para o menino, fazer algo errado equivale diretamente a pecar. Em suas elocubrações, Miguilim busca encontrar uma solução e chega até mesmo a cogitar mentir para o pai, como forma de postergar a decisão que, mais cedo ou mais tarde, teria que tomar de entregar ou não a carta:

Custava não ter o poder de dizer, chega desnorreava, até a cabeça da gente doía. Mas não podia entregar o bilhete à Mãe, nem passar palavra a ela, aquilo não podia, era pecado, era judiação com o Pai, nem não estava correto. Alguém podia matar alguém, sair briga medonha, Vovó Izidra tinha agourado aquelas coisas, aJoêlhada diante do oratório — do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado. Não falava. Rasgava o bilhete, jogava os pedacinhos dentro do rego, rasgava miúdo. E Tio Terêz? Ele tinha prometido ao Tio Terêz, então não podia rasgar. Podia estar escrito coisa importante exata, no bilhete, o bilhete não era dele. E Tio Terêz estava esperando lá, no outro dia, saindo de detrás das árvores. Tio Terêz tinha falado feito numa estória: — "... amigos de todo guerrear, Miguilim, e de não sujeitar as armas?!..." Então, então, não ia, no outro dia, não ia levar a comida do Pai na roça, falava que estava doente, não ia... (ROSA, 2016, p. 69)

O grande embate, para ele, é o fato de saber que havia prometido ao tio Terêz – e que promessas devem ser levadas a sério –, mas de também saber que esse ato significava trair o pai. Por conta desse conflito entre obrigações morais, não conseguindo definir sozinho o certo e o errado – afinal, uma situação difícil como essa precisa ser relativizada –, Miguilim decide buscar a opinião dos seus familiares sobre como ele poderia fazer essa distinção: “— ‘Dito, como é que a gente sabe certo como não deve de fazer alguma coisa, mesmo os outros não estando vendo?’ ‘— A gente sabe, pronto.’ (ROSA, 2016, p. 71). O mais interessante dessa conversa com Dito não é a resposta da criança mais nova, mas a preocupação de Miguilim sobre fazer o certo sem haver um público, ou sem haver quem pudesse validar, justamente o que o garoto procura.

A resposta de Dito, por parecer simplista, não satisfaz, já que Miguilim continua sem saber o que fazer. Por isso, ele segue com a enquete: “— ‘Rosa, quando é que a gente sabe que uma coisa que vai não fazer é malfeito?’ ‘— É quando o diabo está por perto. Quando o diabo está perto, a gente sente cheiro de outras flores...’” (ROSA, 2016, p. 71). Nessa conversa, Rosa evoca o medo do demônio como forma de compreensão do que é errado, deixando aberta a inferência de que o diferente (‘outras flores’) é considerado errado e pecaminoso. A opinião de Nhanina, por sua vez, faz apologia à culpa como consequência de sentir prazer: “— Mãe, o que a gente faz, se é mal, se é bem, ver quando é que a gente sabe?’ ‘— Ah, meu filhinho, tudo o que a gente acha muito bom mesmo fazer, se gosta demais, então já pode saber que é malfeito...’” (ROSA, 2016, p. 71). Através das respostas de Rosa e da mãe, percebemos como a construção da concepção de certo e de errado orbita em torno de questões ligadas à moral religiosa: o que é prazeroso é errado e aquilo que é errado atrai a presença do demônio, ou seja, a punição.

Nessa sua pesquisa, Miguilim descarta a única visão da questão que não aborda um viés negativo, nem atribui culpa, qualificando-a como troça:

Mas o Dito, de ouvir, ouvir, já se invocava. “— Escuta, Miguilim, esbarra de estar perguntando, vão pensar você furtou qualquer trem de Pai.” “— Bestagem. O cão que eu furtei algum!” “— Olha: pois agora que eu sei, Miguilim. Tudo quanto há, antes de se fazer, às vezes é malfeito; mas depois que está feito e a gente fez, aí tudo é bem-feito...” O Dito, porque não era com ele. Fosse com ele, desse jeito não caçoava.” (ROSA, 2016, p. 72)

Dito, preocupado que o irmão se envolvesse em problemas com o pai, dá um conselho que se afasta da visão de todos os adultos que foram inquiridos. Para ele, a culpa e o medo envolvem todos os atos que são considerados errados. Porém, na fala de Dito, transparece a concepção de que não importa se algo é ruim ou bom, depois de feito, não há remediação e que, portanto, o ato deve ser aceito e considerado bem-feito, abrangendo nesse pensamento ações que não foram feitas ainda. Talvez, justamente, por essa visão se afastar tanto da moral cristã e por não dar a Miguilim uma orientação concreta do que fazer, esse entende que o irmão estava brincando com ele e não de fato oferecendo uma ajuda concreta.

Por fim, essa situação de tensão vai aumentando cada vez mais a angústia do menino, de modo que ele passa a considerar mentir para o tio – o que o deixa ainda mais aflito, pois a mentira também é considerada um pecado. Miguilim decide, por fim, devolver o bilhete. Porém, enquanto segue o caminho no qual encontrará Terêz, o medo de Deus e da punição divina atinge o ápice: “Miguilim rezava, sem falar alto. Deus vigiava tudo, com traição maior, Deus vaquejava os pequenos e os grandes!” (ROSA, 2016, p. 77). Ao contrário do que o menino esperava, o tio o perdoa e o consola com palavras doces: “Miguilim, Miguilim, não chora, não te importa, você é um menino bom, menino direito, você é meu amigo!” (ROSA, 2016, p. 77).

Esse desfecho causa um grande alívio no menino: “Miguilim andava aligeirado, desesfogueado, não carecia mais de pensar!”, porém todo o processo pelo qual teve de passar gerou uma agonia profunda, de forma que significou um passo em direção ao adultecimento: “Ele bebia um golinho de velhice.” (ROSA, 2016, p. 73). Retornaremos a isso no capítulo em que discutiremos a construção identitária do personagem.

4 TRÊS FACES DE DEUS: O DEUS COERCITIVO, O DEUS PESSOAL E O LUXO DE UM DEUS

Ao longo desta análise, já abordamos a notável presença da religião católica em *Campo geral* e em *o nosso reino*, principalmente porque ela é capaz de penetrar e moldar as relações entre os personagens e, no caso dos protagonistas crianças, influenciar em suas autopercepções e em suas ações⁶⁵. Por esse motivo, neste capítulo, investigaremos mais profundamente de que forma, para além da religião, a crença em Deus influencia ações e pensamentos de benjamim e de Miguilim e como essas duas crianças percebem, na negociação direta com sua crença, interstícios em que são capazes de encontrar conciliação entre eles mesmos e Deus.

Em *L'arrache cœur*, no entanto, a presença de Deus é relegada a segundo plano, aparecendo muito mais como mote de discussão entre o psiquiatra Jaquemort e o padre da vila do que como uma presença capaz de influenciar a vida dos personagens. Na própria criação dos gêmeos mais Citroën, Deus e a religião católica aparecem unicamente no momento do batismo, como um ritual proforma sem significado. No entanto, a postura de autoanulação de Clémentine em relação aos filhos, talvez possa ser compreendida pelo prisma do catolicismo e do martírio atrelado à maternidade.

4.1 A FÉ COERCITIVA DAS AVÓS

É impossível dissociarmos as avós em *Campo Geral* e *o nosso reino* do papel que representam dentro da manutenção da fé e, por conseguinte, da moral de suas famílias, sendo imperativo discutir a religião que professam, além de seu efeito nas relações familiares. De acordo com Giddens (2001, p. 537),

⁶⁵ Reconhecemos que há diferenças importantes entre o catolicismo manifestado nas duas narrativas. É notável como o catolicismo português do Estado Novo difere do catolicismo sincrético brasileiro, tanto em sua prática quanto nas liberalidades adotadas por seus fiéis nestes textos. Em que pese o interesse e relevância da comparação entre essas duas formas de catolicismo, seu cotejo se afasta do escopo da presente pesquisa. Assim pontuamos como um tema de interesse para futuras pesquisas.

Nas sociedades tradicionais, a religião desempenha geralmente um papel central na vida social. Os símbolos religiosos e os rituais estão muitas vezes integrados na cultura material e artística da sociedade – na música, na pintura ou na escultura, na dança, na arte de contar histórias e na literatura. Nas culturas pequenas, não existe propriamente um clero profissionalizado, mas há sempre certos indivíduos que se especializam no conhecimento das práticas religiosas (muitas vezes, mágicas).

Dentro de *o nosso reino*, a religião é peça central dos eventos narrados, pois faz parte da constituição do personagem central e influencia diretamente em sua visão de mundo. Já em *Campo geral* a religião pode não ser um fio condutor de mesma intensidade, mas a presença da fé permeia as relações e acontecimentos intrinsecamente. Podemos confirmar, então, que à luz do descrito por Giddens, a religião nessas pequenas sociedades ficcionais é um elemento central e centralizante. Para além disso, como o próprio sociólogo aponta, é natural que, na ausência de clero institucionalizado, esse espaço vacante seja ocupado por alguém considerado pelos demais como um entendido nos mistérios da fé.

Também é de se esperar que essa dinâmica religiosa precise ser aceita e apoiada pela microssociedade em que se insere, uma vez que ela precisa de adeptos para se legitimar e, assim, ser exercida. Émile Durkheim, em *Les formes élémentaires de la vie religieuse*⁶⁶, compreende a religião enquanto uma forma social que se organiza e se fortalece justamente em harmonia com a sociedade na qual nasceu. Para o sociólogo, “*C'est que la société ne peut faire sentir son influence qui si elle est un acte, et elle n'est en acte que si les individus qui la composent sont ensembles et agissent en commun*”⁶⁷ (DURKHEIM, 1912, p. 598), ou seja, a religião, para ter continuidade, depende de sua atuação e relevância na sociedade, pois precisa ser continuamente professada e acionada e, mais que isso, é necessário ainda que os indivíduos subscritos nessa crença atuem de forma consonante com ela.

É justamente esse movimento de manutenção da crença religiosa – e ritos instituídos – que alimenta a relação entre indivíduos e religião em *o nosso reino* e *Campo geral*. Todavia, isso não ocorre sem um custo, pois a cada questionamento ou

66 Por questão de acesso durante o período de isolamento social, devido à COVID-19, e buscando maior fidelidade às ideias do sociólogo, preferimos trabalhar com o texto de Durkheim em sua língua original.

67 “É que a sociedade só pode fazer sentir sua influência através da ação, e ela só está em ação se os indivíduos que a compõem estão juntos e agem em comum”. (DURKHEIM, 1912, p. 598. Tradução nossa)

insurgência contra o sistema religioso posto, levados a cabo por benjamim ou por Miguilim, a resposta obtida se não é violenta fisicamente, é dotada de algum outro tipo de agressividade, o que ultrapassa a mera dimensão de crença, uma vez que está indissociavelmente conectada à manutenção do *status quo* e da soberania do poder dentro dessas pequenas sociedades.

Não podemos nos esquecer, portanto, que “*Les forces religieuses sont donc des forces humaines, des forces morales*”⁶⁸ (DURKHEIM, 1912, p. 599). Ou seja, quando discutimos religião em nossa análise, também discutimos aspectos de moralidade e, sobretudo, de exercício de poder na organização social dos indivíduos das famílias representadas na obra. Nesse ponto, é necessário fazer um adendo, a partir do pensamento de Durkheim (1912, p. 605):

En montrant dans la religion une chose essentiellement sociale, nous n’entendons nullement dire qu’elle se borne à traduire, en une autre langage, les formes matérielles de la société et ses nécessités vitales immédiates.⁶⁹ (DURKHEIM, 1912, p. 605)

Sociedade e religião não podem ser vistas como sinônimos, ou equivalentes perfeitos. A sociedade organiza a religião, com base nas suas necessidades que são, muitas vezes, de sobrevivência, como o convalhecimento de uma doença grave, por exemplo. Mas isso não significa a religião se limitar a responder às urgências humanas e sociais, sendo que uma nova crença não surgiria com base apenas nisso. Em outras palavras, a complexidade do vínculo entre sociedade e religião vai além e, por isso mesmo, olhamos para a customização das crenças e a forma com que Miguilim e benjamim remodelam a crença religiosa convencional de suas famílias como forma de compreender o mundo e localizar, dentro dessa religião pessoal, respostas a seus anseios individuais.

De acordo com Durkheim (1912, p. 295-296):

D’une manière générale, il n’est pas d’être qu’une société a tout ce qu’il faut pour éveiller dans les esprits, par la seule action qu’elle exerce sur eux, la sensation du divin ; car elle est à ses membres c’est que un dieu est à ses fidèles. Un dieu, en effet, c’est d’abord un être qui l’homme se représente, par

68 “As forças religiosas são, portanto, forças humanas, forças morais”. (DURKHEIM, 1912, p. 599. Tradução nossa)

69 “Ao mostrar na religião algo de essencialmente social, não queremos, de forma alguma, dizer que ela se limita a traduzir para outra linguagem formas materiais da sociedade e suas necessidades vitais imediatas”. (DURKHEIM, 1912, p. 605. Tradução nossa)

certaines côtés, comme supérieur à soi-même et dont il croit dépendre. Qu'il s'agisse d'une personnalité consciente, comme Zeus ou Jahveh, ou bien des forces abstraites comme celles qui sont en jeu dans le totémisme, le fidèle, dans un cas comme dans l'autre, s'est cru tenu à des certaines manières d'agir qui lui sont imposées par la nature du principe sacré avec lequel il se sent en commerce. Or la société, elle aussi, entretient en nous la sensation d'une perpétuelle dépendance. Parce qu'elle a une nature qui lui est propre, différente de notre nature d'individu, elle poursuit des fins qui lui sont également spéciales ; mais, comme elle ne peut les attendre que par notre intermédiaire, elle réclame impérieusement notre concours. Elle exige que, oublieux de nos intérêts, nous nous faisons ses serviteurs et elle nous astreint à toutes sortes de gênes, des privations et de sacrifices sans lesquels la vie sociale serait impossible. C'est ainsi qu'à chaque instant nous sommes obligés de nous soumettre à des règles de conduite et de pensée que nous n'avons ni faites ni voulues, et qui même sont parfois contraire à nos penchants et à nos instincts les plus fondamentaux.⁷⁰

Nesse momento da argumentação, Durkheim aborda a questão da sociedade, para seus indivíduos e em sentido amplo, ser similar a um deus dentro de uma religião, isso porque estar em sociedade gera uma dependência do indivíduo, afinal, queremos e precisamos pertencer a algo, a alguma instituição, a algum grupo. Mas isso também demanda que esse mesmo indivíduo se adeque à vida em comunidade, sendo que necessário aceitar ser cerceado e se submeter a regras de moral e de conduta, pagando o preço de ter sua individualidade tolhida. Nesse sentido, a religião também atua como forma de controle dos fiéis, por meio de seus vários códigos morais e éticos.

Nesse ponto, poder, sociedade e religião são quase três faces de uma única realidade. Como em *Campo geral e o nosso reino* as famílias se configuram enquanto sociedades, nas quais o poder é exercido com rigor e arbitrariedade, o discurso e prática religiosa são fortalecidos e justificados diretamente.

70 De forma geral, não há dúvidas de que uma sociedade tenha tudo o que é necessário para despertar nos espíritos, unicamente pela ação que ela exerce sobre eles, a sensação do Divino, pois ela é para os seus membros aquilo que um deus é para os seus fiéis. Um deus, de fato, é antes de tudo um ser no qual o homem representa, em certos aspectos, como o superior a si mesmo e de quem acredita depender. Seja uma personalidade consciente, como Zeus ou Javé, ou forças abstratas como aquelas que fazem parte do totémismo, o fiel, em ambos os casos, acredita estar preso a certas maneiras de agir que lhes são impostas pela natureza do princípio sagrado com o qual ele faz transações. Mas, a sociedade também mantém em nós o sentimento de uma dependência perpétua. Por ter uma natureza própria, diferente da nossa natureza de indivíduos, ela persegue fins que lhe são igualmente especiais. Mas, como ela não pode consegui-los sem a nossa intermediação, ela exige imperiosamente a nossa assistência. Ela exige que, esquecendo dos nossos interesses, nós nos tornemos seus servidores e ela nos força todo tipo de inconveniências, privações e sacrifícios, sem os quais a vida em sociedade seria impossível. É assim que, a todo momento, nós somos obrigados a nos submeter às regras de conduta e de pensamento que nós nem criamos nem desejamos e que, às vezes, até são contrárias às nossas inclinações e aos nossos instintos mais fundamentais. (DURKHEIM, 1912, p. 295-296. Tradução nossa)

No primeiro capítulo de *o nosso reino*, a avó é apresentada já em seu leito de morte, junto de uma imagem de Cristo, situada em seu quarto, pela qual a senhora nutria profunda devoção e mantinha, de maneira místico-transcendental, uma relação de cumplicidade e posse. Todavia, é notável a forma com que benjamim compreende essa imagem sacra: ele não admite que ela represente Cristo como um todo. Para o menino, a figura dá conta apenas uma parte e não do todo de Cristo. Assim, benjamim cria a compreensão de que as representações de Cristo podem ser múltiplas e, especificamente, o de sua avó, por lhe causar medo, seria um Cristo interdito e “medonho” (MÃE, 2008, P. 23), mau e punitivo: o completo oposto do Cristo benevolente da doutrina católica do Novo Testamento, que perdoa e, acima de tudo, acolhe.

Para benjamim, esse Cristo presente no quarto da avó é ambíguo e aterrorizante. Isso não apenas pela aparência da imagem – morto e mutilado, esse Jesus não parece prometer a ressurreição gloriosa –, mas também pela presença opressiva de sua onipresença e, decorrente, constante vigilância. No relato, benjamim analisa esse medo, revelando que a imagem

me assustava, por ser polêmico, diferente, como um Cristo ranhoso, ovelha negra, mau. e, se conservava o poder da onipresença e podia ler pensamentos, perseguia-me, e sempre que eu queria dizer uma mentira ou fazer uma asneira ele via-me, não o bom Cristo, mas aquele, o mau, o proibido e exclusivo da minha avó. era por viver temendo os olhos de deus, como disse, e ter ali um óculo apontado aos pormenores, criando nitidez nos mais ínfimos defeitos. (MÃE, 2008, p. 30-31)

Ao mesmo tempo em que agia como um tipo de censor para o menino, a imagem também incomodava pela aliança com a figura soberana de poder familiar. Para os habitantes da casa, era como se ele fosse capaz de revelar os segredos e delatá-los ao poder constituído pela avó, fazendo com que não fosse de todo confiável: a mãe aconselha ao menino que “se rezares ao Cristo da tua avó não lhe contes tudo, porque depois ele conta-lhe a ela” (MÃE, 2008, p. 30). Obviamente, a dicotomia entre os possíveis Cristos – o bíblico e o da família de benjamim – é percebida com estranheza pelo garoto, que não compreende essa relação: “como era estranho, se todos os Cristos eram o mesmo, porque haveria aquele de ter um ar tão distinto e agressivo” (MÃE, 2008, p. 32).

Por sua vez, a avó também corrobora com essa situação incomodamente dúbia. Na ocasião em que sua filha cândida faz menção de rezar para o seu Cristo,

ela reage negativamente, com estardalhaço, “impedindo-a de rezar àquele Cristo, o seu Cristo. este é meu, não lhe vais pedir nada que eu não queira, sai daqui. se era ridículo, sim, qualquer Cristo é de todos, mas o que lhe dizia era isso, se queres compra um, este paguei-o eu, comprado para mim, é para lhe rezar eu, não tu” (MÃE, 2008, p. 44). Fica nítida aqui a relação de posse e de exercício de controle que há entre imagem e sua proprietária. Resumindo essa relação em três palavras do próprio benjamim, era “como se conspirassem” (MÃE, 2008, p. 44). Essa relação indica e reitera a aura de constante vigilância e de insegurança dentro da própria casa, como se os seus moradores estivessem sempre a ponto de terem seus segredos descobertos, delatados e conseqüentemente serem punidos.

Como essa imagem perturbadora de Cristo – uma espécie de manifestação de uma religiosidade personalizada – era exclusiva da avó, denota-se aqui o paroxismo dessa relação tão íntima ser realçado na cena em que a senhora é enterrada junto da imagem. Na narração de benjamim: “no funeral puseram o cristo dentro do caixão. ficou abraçada a ele, como a uma companhia ou ligação para uma viagem que ia fazer” (MÃE, 2008, p. 32). Ora, se a avó representa o poder autoritário instituído no seio familiar (como uma representação em menor escala do Estado), e o Cristo por sua vez é a representação da Igreja Católica, há aqui uma metáfora que indica a forte ligação entre poder constituído e Igreja, sendo reiterada a ideia de que essa conexão se faz diretamente a partir da face amedrontadora e totalitária da instituição religiosa.

Retomando o pensamento de Giddens abordado no início do capítulo anterior, a vida familiar é naturalmente construída por uma sequência de tensões. Então, as mesmas relações que ora são agradáveis e gratificantes, ora podem gerar um desconforto tão grande que acarretam culpa e arrependimento. Dessa forma, em *o nosso reino*, a situação do jogo de poder encabeçado pela avó não implica, de forma alguma, em ausência de afeto entre os familiares, tanto que o menino demonstrava gostar dela, mas esse sentimento alternava-se com uma constante sensação de vigilância e, por conseguinte, de temor, insegurança, medo e também de paranoia. Da mesma forma, o controle exercido pela avó em *Campo geral* não impede que haja afeição na família. No caso de Izidra, esse cuidado é às escondidas: “quando via que pensava que ele estava bem dormindo, ela beijava a testa dele, dizia bem baixinho: – “Meu filhinho, meu filho, Deus hoje te abençoou...” (ROSA, 2016, p. 44).

Tudo isso é amplificado pela presença de outras oito imagens de Cristo pela casa, reverberando a sensação de vigilância e onipresença de um poder censor.

Como uma espécie de rede onipresente do que poderíamos chamar até de “espiões”, as imagens ressaltam a pequenez e impotência dos habitantes da casa ante à influência da avó. Ao relatar a experiência de dona ermelinda, a empregada doméstica da casa, benjamim descreve a sensação da mulher diante das imagens da seguinte forma: “havia uma condenação nisto tudo. sentia-se vigiada por deus, expiando os seus pecados, tão pobre que sempre fora, tão pouco instruída, achava-se pecadora apenas por existir” (MÃE, 2008, p. 41-42).

Enquanto em *o nosso reino* a religião católica é apresentada, em grande medida, a partir de sua face repressora, em *Campo geral* ela exerce função de elemento coesivo para a família Cessin Caz. Mais do que orientação moral e espiritual, é através das explicações de cunho religioso que a realidade é apreendida, assim como é a doutrina religiosa que ordena e mantém unidos os integrantes da família, além de também orientar as relações humanas e familiares. A religião católica se apresenta nas duas obras como uma verdade com valor absoluto, mas que pode ser moldável e negociável de acordo com as circunstâncias e, especialmente, de acordo com o sujeito que deseja adaptá-la às suas necessidades.

Da mesma forma como a personagem lusa, vó Izidra também exerce seu papel de forma autoritária, agindo como censora e reguladora das relações familiares. O ápice desse exercício ocorre quando a avó expulsa o tio Terêz do Mutúm (ROSA, 2016, p. 36), conforme já discutimos no capítulo anterior. A relação entre cuidado e cerceamento confunde-se na prática religiosa, sendo que, ao mesmo tempo em que cuidava dos seus, vó Izidra também exercia uma vigilância que poderia desdobrar-se em punição.

Ao relatar o caso de seo Soande (ROSA, 2016, p. 54), o narrador evoca a história do homem que, julgando morrer e ingressar no paraíso, joga-se do alto de uma árvore, mas o que nos chama a atenção nessa passagem é o juízo de valor emitido pela avó a respeito do sucedido ao homem, de forma que, para ela, o resultado da façanha – machucados graves – teria sido adequado à petulância. A conclusão dessa passagem, na voz do narrador, contribui na figuração dessa avó onipresente e implacável, em trecho já citado anteriormente: “Vovó Izidra todos vigiava” (ROSA, 2016, p. 54), fundindo cuidado e controle às características da personagem.

Inclusive, a suposta onipresença da avó ecoa, de certa forma, na característica do próprio Deus católico, já que o termo “vigiar” é atribuído a Divindade, comparativamente com a vigilância exercida por um vaqueiro, que deve manter-se

constante e implacável e, quando falha em ser preventivo, precisa mostrar-se punitivo: “Miguilim rezava, sem falar alto. Deus vigiava tudo, com traição maior, Deus vaquejava os pequenos e os grandes!” (ROSA, 2016, p. 77).

Tal qual uma suma-sacerdotisa, cabia à avó o papel de autoridade religiosa, com a função de observar o respeito às práticas religiosas pelos membros da família. Esse poder é exercido através da criação do medo e do temor a Deus como instrumento de coerção dos familiares, sobretudo das crianças: “vovó Izidra tirava o terço, todos tinham de acompanhar. E ela ensinava alto que o demônio estava despassando nossa casa, rodeando, os homens já sabiam o sangue um do outro, a gente carecia de rezar sem esbarrar” (ROSA, 2016, p. 41).

Essas duas avós, embora distantes temporal, espacial e culturalmente, representam apenas forças de coerção e de patrulha moral, mas também agem como importantes agentes de coesão social das famílias. Não por acaso, em *o nosso reino*, a morte da avó marca o começo da (plural) ruína familiar: econômica, moral e de coesão. Sua morte prenuncia a desintegração de sua herança – a própria casa familiar literalmente rui após o falecimento, e os herdeiros têm fins trágicos: quando esses herdeiros sucumbem, junto perece com eles a permanência e memória de uma geração mais antiga.

Durkheim (1912) explica o respeito obtido por indivíduos em posição de poder dentro da sociedade como sendo o mesmo fenômeno que embasa o respeito dentro da religião, de forma que acatar o poder dentro da sociedade é um ato similar à prática religiosa, gerando inclusive uma confusão ou até mesmo eventual sobreposição entre esses poderes. Isso pode ser visto com muita clareza na dinâmica de relacionamento das famílias de *o nosso reino* e de *Campo Geral*, afinal não é por acaso que as avós, exercendo o poder religioso, encontram o seu duplo na orientação religiosa da família. Nas palavras do sociólogo:

D'ailleurs, la simple différence qu'inspirent les hommes investis des hautes fonctions sociales ne pas d'une autre nature que le respect religieux. Elle s'est traduit par les mêmes mouvements : on se tient à distance d'un haut personnage ; on ne l'aborde qu'avec précautions ; pour s'entretenir avec lui, on emploie une autre langage et d'autres gestes que ceux qu'ils servent avec les commun des mortels. Le sentiment que l'on éprouve dans ces circonstances est si proche parent du sentiment religieux qui bien des peuples les ont confondus. Pour expliquer la considération dont jouissent les princes, les nobles, les chefs politiques, on leur a attribué un caractère sacré. [...] Il est clair pourtant que sa situation lui vient uniquement de l'importance que l'opinion lui prête. C'est donc que les pouvoirs moral qui confèrent l'opinion et celui dont sont investis les êtres sacrés on au fond une même origine et

sont faits de mêmes éléments. C'est ce qui explique quand même mot puisse servir à désigner l'un et l'autre⁷¹. (DURKHEIM, 1912, p. 394-405)

Essas duas famílias potencialmente acabem por retroalimentar mutuamente o poder social e o poder religioso, uma vez que a esse é usado para consolidar o posição de líder, quecuja manutenção se deve em boa parte ao código moral religioso sob o qual as famílias operam. Em suma, Izidra e Berno fazem parte da mesma moeda poder-religião, enquanto a avó de benjamim desempenha as duas funções concomitantemente.

4.2 CRENÇAS NEGOCIADAS

Apesar de ter como objetivo o controle total, a fé coercitiva das duas avós não é o suficiente para assegurar o domínio sobre a ação dos familiares, pois eles também adaptam conforme a necessidade suas noções de certo e errado. Retomando a discussão proposta por Giddens, é importante perceber que religiões em culturas tradicionais como as de Miguilim e benjamim têm papel polivalente e, por isso, extrapolam a esfera espiritual:

[...] nas pequenas culturas tradicionais quase todos os aspectos da vida são permeados pela religião. As cerimónias religiosas tanto originam novas ideias e categorias de pensamento como reafirmam os valores existentes. Na verdade, condicionam o modo de pensar dos indivíduos nas culturas tradicionais. (GIDDENS, 2001, p. 541)

Quando falamos de crenças e de customização dessas crenças, estamos falando também de visão de mundo, de sistema de valores e de prática social, sendo necessário investigarmos com mais cuidado de que forma a religião e a fé são

71 “Além disso, a simples diferença que inspiram os homens investidos de altas funções sociais não tem outra natureza que o respeito religioso. Expressa-se pelos mesmos movimentos: ficamos longe de um personagem, superior apenas o abordamos com cautela, para termos com ele, utilizamos outra linguagem e outros gestos que não os usados com os simples mortais. O sentimento que experimentamos nessas circunstâncias é tão próximo do sentimento religioso que a povos que os confundiram, para explicar o respeito do qual gozam os príncipes, os nobres, os chefes políticos, atribuímos a eles um caráter sagrado. [...] no entanto, é claro que essa situação advém unicamente da importância que lhes conferimos. Isso porque os poderes morais que conferem o status e dos quais são investidos os seres sagrados tem, no fundo, a mesma origem e são constituídos pelos mesmos elementos, o que explica que uma mesma palavra possa servir para designar um ou outro”. (DURKHEIM, 1912, p. 394-405. Tradução nossa)

figuradas nessas obras. Outro aspecto a se considerar é o papel que a crença religiosa tem para esses personagens que, dentro das diversas carências e isolamentos plurais, parecem encontrar na fé uma forma de enfrentar as agruras de suas realidades sociais, econômicas e emocionais.

Retornando ao pensamento de Durkheim (1912, p. 299)

[...] un dieu, ce n'est pas seulement une autorité dont nous dépendons ; c'est aussi une force sur laquelle s'appuie notre force. L'homme qui a obéi à son dieu et qui, pour cette raison, croit l'avoir avec soi, aborde le monde avec confiance et avec les sentiments d'une énergie accrue. – De même, l'action sociale ne se borne pas à réclamer de nous des sacrifices, des privations et des efforts. Car la force collective ne nous est pas tout entière extérieure ; elle ne nous meut pas toute du dehors ; mais, puisque la société ne peut exister que dans les consciences individuelles et par elles, il faut bien qu'elle pénètre et s'organise en nous ; elle devient ainsi partie intégrante de notre être et, par cela même, elle l'élève et le grandit.⁷²

Além do potencial empoderador que a religião oferece, ao sugerir que estar dentro da crença implica ter igualmente apoio e defesa divinos, há também aí a geração e manutenção do sentimento de pertença. De acordo com Durkheim, a força social, assim como a religiosa, ao mesmo tempo que é externa ao indivíduo, necessita dele para existir e, por isso, também requer regras e homogeneização de sua prática. Quando esses dois meninos buscam negociar suas crenças diretamente com seu deus, acabam por, de certa forma, contestar uma série de poderes e autoridades que são intrínsecas umas às outras, entrelaçando-se como facetas de uma mesma realidade.

Talvez, adaptar a própria crença seja uma forma que as personagens encontrem para melhor satisfazerem suas necessidades morais e espirituais, ou até mesmo, para se sentirem pertencentes aos sistemas sociais que as rodeiam. Durkheim (1912) explica que a pessoa que crê e vive dentro de um sistema religioso

72 “Mas, um deus não é apenas uma autoridade da qual nós dependemos, é também uma força sobre a qual a nossa força se baseia. O homem que obedece ao seu deus e que, por essa razão, crê tê-lo ao seu lado, encara o mundo com confiança e com o sentimento de uma energia acrescida. – Da mesma forma, a ação social não se limita a demandar de nós sacrifícios, privações esforços. Isso pois, a força coletiva não é inteiramente exterior a nós, ela não nos move completamente de forma exterior. Mas, uma vez que a sociedade apenas pode existir nas consciências individuais e por causa delas, é necessário que ela penetre e se organize dentro de nós. Ela torna-se, assim, parte integrante do nosso ser e por isso mesmo ela nos eleva e o amplia”. (DURKHEIM, 1912, p. 299. Tradução nossa)

se sente reafirmada em suas ações, pois acredita que tem um suporte transcendental para elas:

Mais les croyants, les hommes qui, vivant de la vie religieuse, ont la sensation directe de ce qui la constitue, objectent à cette manière de voir qu'elle ne répond pas à leur expérience journalière. Ils sentent, en effet, que la vraie fonction de la religion n'est pas de nous faire penser, d'enrichir notre connaissance, d'ajouter aux représentations que nous devons à la science des représentations d'une autre origine et d'un autre caractère, mais de nous faire agir, de nous aider à vivre. Le fidèle qui a communiqué avec son dieu n'est pas seulement un homme qui voit des vérités nouvelles que l'incroyant ignore ; c'est un homme qui peut davantage. Il sent en lui plus de force soit pour supporter les difficultés de l'existence soit pour les vaincre. Il est comme élevé au-dessus des misères humaines parce qu'il est élevé au-dessus de sa condition d'homme ; il se croit sauvé du mal, sous quelque forme, d'ailleurs, qu'il conçoive le mal.⁷³ (DURKHEIM, 1912, p. 595)

Essa sensação de elevação perante as pessoas comuns é experimentada por benjamim quando o menino passa a acreditar que é santo. Ainda remetendo ao pensamento de Durkheim, a questão da religião nessas duas narrativas parece ser vista como algo essencial para a vida desses indivíduos, sem a qual toda a estrutura social e familiar desmoronaria. Vale lembrar também que o poder exercido, quando falamos de religião, é muito menos físico e tangível, e muito mais psicológico e abstrato:

Mais en réalité, l'empire qu'elle exerce sur les consciences tient beaucoup moins à la suprématie physique donc elle a les privilèges qu'à l'autorité morale dont elle est investie. Si nous déferons à ses ordres, ce n'est pas simplement parce qu'elle est armée d'une manière à triompher de nos résistances ; c'est, avant tout, parce qu'elle est l'objet d'un véritable respect.⁷⁴ (DURKHEIM, 1912, p. 296)

73 “Mas, os crentes, os homens que, vivendo uma vida religiosa, têm a sensação direta daquilo que a constitui, negam se dessa maneira aceitar que ela não responde a sua experiência cotidiana. Eles sentem, de fato, que é verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, e que ser nosso conhecimento, de acrescentar as representações que temos graças às ciências outra origem e outro caráter, mais de nos fazer agir, de nos ajudar a viver. O fiel que comungou com seu deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o incrédulo ignora, ele é um homem que pode fazer mais. Ele sente que tem mais força seja para suportar as dificuldades da existência seja para lhes vencer. é como se ele se elevasse sobre as misérias humanas porque ele se elevou acima da sua condição de homem. ele se crê salvo do mal, sob qualquer forma que ele possa conceber o mal”. (DURKHEIM, 1912, p. 595. Tradução nossa)

74 “Mas, na realidade, ela impera sobre as consciências muito menos pela supremacia física, a qual ela tem o privilégio, do que pela autoridade moral com a qual ela é investida. Se desafiamos as suas ordens, não é simplesmente porque ela está investida de uma forma de triunfar sobre as nossas resistências, mas porque, antes de tudo, porque ela é objeto de um respeito verdadeiro”. (DURKHEIM, 1912, p. 296. Tradução nossa)

E esse poder se fundamenta no respeito à autoridade moral, pois, sem ele, a própria autoridade perde a força, afinal, lembremos que benjamim deixa de ter respeito por seu pai após ter sido violentamente agredido por ele: quando o medo de apanhar se concretiza na surra levada e esse mesmo temor desaparece, junto dele vai o respeito pela figura paterna e, tão logo exista esse respeito, mesmo que seja pelo medo –o poder se mantém. É apenas após ser sofrer a violência que benjamim se liberta da figura paterna.

Em seu livro *As etapas do pensamento sociológico*, Raymond Aron debate o pensamento de Durkheim e propõe que “todos os deuses do passado não foram senão a transformação da própria sociedade” (ARON, 1999, p. 311). Ou seja, os deuses nos quais uma sociedade acredita e cuja crença alimenta são o reflexo de si mesma e servem a funções bastante específicas, na mitigação de suas necessidades e carências. Sob esse ponto de vista:

Descobrimo a realidade profunda de todas as religiões, a ciência não recria uma religião, mas dá confiança na capacidade que têm as sociedades de produzir em cada época os deuses de que necessitam: “Os interesses religiosos não passam da forma simbólica de interesses sociais e morais”. (ARON, 1999, p. 311)

Em outras palavras, existe uma correlação entre sociedade (ou comunidade) e a religião professada por ela, uma vez que uma reflete e ecoa a outra. A sociedade é responsável pela formulação, organização, manutenção, mas também pela modificação das crenças e isso ocorre de acordo com as motivações contextuais que essa mesma sociedade enfrenta. Quando uma forte tempestade cai sobre o Mutúm, a família rapidamente se organiza, sob o comando de Izidra, para lidar com a situação com as armas que tem, a religião:

— "P'ra rezar, todos!" — Drelina chamava. Chica e Tomezinho estavam escondidos, debaixo da cama. Agora não faltava nenhum, acerto de reunidos, de Joêlhos, diante do oratório. Até a mãe. Vovó Izidra acendia a vela benta, queimava ramos bentos, agora ali dentro era mais forte. Santa Bárbara e São Jerônimo salvavam de qualquer perigo de desordem, o Magnificat era que se rezava! Miguilim soprava um cisco da roupa de Rosa. Era carrapicho? Os vaqueiros, quando voltavam de vaquejar boiadas por ruins matos, rente que esses tinham espinhos e carrapichos até nos ombros do gibão. O Dito sabia aJoêlhar melhor? De dentro, para enfeitar os santos do oratório, tinha um colarzinho de ovos de nhambu e pássaro-preto enfiados com linha, era entremeado, doutro e dum — um de nhambu; um de pássaro-preto, depois outro de nhambu, outro de pássaro-preto...; o pássaro-preto era azulclaro se descorando para verde, o de nhambu era uma cor-de-chocolate clareado...
Se o povo todo se ajuntasse, rezando com essa força, desse medo,

então a tempestade num átimo não esbarrava? Miguilim soprava seus dedos, doce estava, num azado de consolo, grande, grande. (ROSA, 2016, p. 39. Grifos nossos.)

O interesse da família, motivado pela necessidade de que a casa resistisse à tempestade e que todos que estavam fora voltassem a salvo, desencadeia uma série de atitudes baseadas na religião, de forma a obter intervenção divina no momento de crise. Nesse cenário, é preciso ornamentar as imagens e exibir comportamentos exemplares (Dito precisou ser corrigido na sua forma de se ajoelhar), tudo com o intuito muito claro de obter o resultado desejado.

Além disso, há que se considerar que “A sociedade favorece também o surgimento de crenças, porque os indivíduos vivem em comunhão uns com os outros e, na efervescência da festa, adquirem a capacidade de criar o divino” (ARON, 1999, p. 318), uma vez que “a sociedade tem em si mesma algo de sagrado” (ARON, 1999, p. 317). Se esse raciocínio é válido para entender sociedades em seus sistemas de crenças religiosas, talvez também seja possível observar o mesmo movimento nas famílias de *o nosso reino* e *Campo geral*, que, conforme vimos previamente, são simulacros de sociedade, onde o isolamento geográfico favorece diretamente para a adaptação da crença e, ao mesmo tempo, nessa criação do divino, manifestada seja por um Cristo próprio, seja pelas concepções infantis sobre as relação com o divino.

Extrapolando um pouco mais, se o fenômeno é possível em microsociedades, por que ele também não seria possível a um nível individual? A respeito disso, o pensamento de Durkheim mais uma vez pode nos orientar. Segundo o sociólogo, nos cultos individuais:

[...] les forces religieuses auxquelles ils s'adressent ne sont que des forces individualisés des forces collectives. Ainsi, alors même que la religion semble tenir tout entière dans le for intérieur de l'individu, c'est encore dans la société qui se trouve la source vive à laquelle elle s'alimente.⁷⁵ (DURKHEIM, 1912, p. 607)

Dessa forma, parece haver uma retroalimentação da crença que orbita entre indivíduo e sociedade: um indivíduo baseia sua prática idiossincrática, ou pessoal,

75“ [...] as forças religiosas às quais se dirigem não passam de individualização de forças coletivas. Assim, embora a religião pareça estar inteiramente no interior do indivíduo, ainda é na sociedade que encontra a fonte viva da qual ela se alimenta”. (DURKHEIM, 1912, p. 607. Tradução nossa)

sobre uma prática religiosa social e é justamente esse o caso de benjamim e de Miguilim quando ambos buscam, dentro dos seus sistemas de crenças, formas de burlar certas necessidades – como a confissão formal com o padre filipe, no caso de benjamim – e criar novos ritos, buscando a compreensão do mundo tangível através da religião.

Assim, é interessante analisarmos um pouco as crenças da família Cessim Caz, uma vez que elas são profundamente sincréticas a partir de elementos da cultura popular, além de acomodarem também as necessidades de seus integrantes. Um momento bastante importante em que esse fenômeno pode ser notado é quando ocorre a tempestade logo após o Tio Terêz ter sido expulso do Mutúm. Para Dito, a explicação do fenômeno natural aterrorizante era, naturalmente, a consequência das ações dos adultos: porque a mãe e tio Terêz traíram o pai, Deus teria se enraivecido e, por isso, estaria respondendo a esse pecado através de uma punição: o temporal assustador (ROSA, 2016, p. 38). Dentro desse raciocínio, a contrapartida oferecida pela família para apaziguar Deus e, conseqüentemente, a tempestade, encontra-se na esfera da religiosidade. Às orações, somam-se velas, queima de ramos bentos, cuidado com os ornamentos dos santos.

— "P'ra rezar, todos!" — Drelina chamava. Chica e Tomezinho estavam escondidos, debaixo da cama. Agora não faltava nenhum, acerto de reunidos, de Joêlhos, diante do oratório. Até a mãe. Vovó Izidra acendia a vela benta, queimava ramos bentos, agora ali dentro era mais forte. Santa Bárbara e São Jerônimo salvavam de qualquer perigo de desordem, o Magnificat era que se rezava! [...] O Dito sabia aJoêlhar melhor? De dentro, para enfeitar os santos do oratório, tinha um colarzinho de ovos de nhambu e pássaro-preto enfiados com linha, era entremeado, doutro e dum — um de nhambu; um de pássaro-preto, depois outro de nhambu, outro de pássaro-preto...; o pássaro-preto era azulclaro se descorando para verde, o de nhambu era uma cor-de-chocolate clareado... Se o povo todo se ajuntasse, rezando com essa força, desse medo, então a tempestade num átimo não esbarrava? Miguilim soprava seus dedos, doce estava, num azado de consolo, grande, grande. (ROSA, 2016, p. 39)

As crenças populares dessa família, conectadas diretamente com o exercício da religião, exercem funções múltiplas até mesmo oferecendo explicações para a necessidade de hábitos de higiene, como por exemplo a passagem a seguir, na qual Dito repreende Miguilim: “— ‘Miguilim, você hoje não tirou calça.’ — Amola não, Dito. Tou cansado.’ Mas antes tinha carecido de lavar os pés: quem vai se deitar em estado sujo, urubú vem leva. Também, tudo que se fazia transtornava preceito” (ROSA, 2016, p. 74). O comentário final, no qual o narrador medeia o pensamento de Miguilim, revela

a constância com que as explicações de cunho sobrenatural eram evocadas para dar conta de fenômenos corriqueiros.

Por exemplo, quando Miguilim, temendo a morte, acredita que a altura de uma das árvores da propriedade é um mal agouro que sinaliza a morte de alguém da família, o faz com base em sua crença pessoal, fundamentada pelo diagnóstico provido por Deográcias:

Mas por que não cortavam aquela árvore de pé-de-flôr, de detrás da casa, que seo Deográcias tinha falado? Se não cortassem, era tanto perigo, de agouro, ela crescia solerte, de repente uma noite despassava mais alta do que o telhado, então alguém da família tinha de morrer, então era que ele Miguilim morria. (ROSA, 2016, p. 57)

Assim, o que há de religião tradicional se mescla com a crença popular, de forma que uma se evanesce na outra sem que haja uma linha clara entre elas, ou mesmo questionamento de seu estatuto de verdade: “contavam que esse seo Deográcias estava excomungado, porque um dia ele tinha ficado agachado dentro da igreja.” (ROSA, 2016, p. 45), ou seja, todas as explicações podem ser válidas, desde que sejam aceitas por aqueles que detêm algum poder.

Nesse contexto, todos os rituais provindos das crenças populares eram imbuídos da mais profunda seriedade e urgência, pois eram vistos como imprescindíveis: “a Chica também estava esperando: tinha tirado amolecido mais um dentinho de diante, quando estiasse careciam de jogar o dente no telhado, para ela, dizendo: — ‘*Mourão, Mourão, toma este dente mau, me dá um dente são!...*’” (ROSA, 2016, p. 81, grifos do autor).

A certeza e a fé na veracidade das crenças populares não são questionadas, pois adquirem o status de verdade absoluta: “Miguilim não gostava de pôr os olhos no escuro. Não queria deitar de costas, porque vem uma mulher assombrada, senta na barriga da gente. Se os pés restassem para fora da coberta, vinha mão de alma, fria, pegava o pé” (ROSA, 2016, p. 43).

Talvez o ápice desse sincretismo entre o catolicismo e as crenças populares seja evidenciado na passagem que Miguilim se lembra de quando foi atacado por um peru. A solução encontrada pelos adultos para salvarem o menino reside no sacrifício ritualístico de um tatu, um ser vivo, para que o sangue dele banhasse o menino, transferindo sua vitalidade para o doente:

Depois, era só uma confusão, ele carregado, a mãe chorando: — "Acabaram com o meu filho!..." — e Miguilim não podia enxergar, uma coisa quente e peguenta escorria-lhe da testa, tapando-lhe os olhos. Mas a lembrança se misturava com outra, de uma vez em que ele estava nú, dentro da bacia, e seu pai, sua mãe, Vovó Izidra e Vó Benvinda em volta; o pai mandava: — "Traz o trem..." Traziam o tatu, que guinchava, e com a faca matavam o tatu, para o sangue escorrer por cima do corpo dele para dentro da bacia. — "Foi de verdade, Mamãe?" — ele indagava, muito tempo depois; e a mãe confirmava: dizia que ele tinha estado muito fraco, saído de doença, e que o banho no sangue vivo do tatu fora para ele poder vingar. (ROSA, 2016, p. 27-28)

A explicação oferecida pela mãe nada tem de mística ou transcendental. Parece ser uma conclusão natural e simples para o ato do sacrifício: ele foi feito para que Miguilim pudesse sobreviver e vencer a fraqueza. Percebe-se, ao longo da narrativa, que esse aspecto ritualístico da religião está profundamente conectado à necessidade de intervenção em situações de crise. Os Cessim Caz, vivendo isolados e em meio à pobreza, não têm meios e recursos para buscar ajuda especializada, restando apenas rituais e "simpatias": utilizar rituais é um lenitivo para sua condição de impotência e vulnerabilidade social.

Da mesma forma com que ocorre em *o nosso reino*, a customização da religião pela família de Miguilim é algo costumaz e que não representa prejuízo em termos de objetivos ou resultados. Exemplo disso é a subversão da promessa planejada por Miguilim, que alterna a ordem de causa e consequência costumeiras, ou seja, primeiro se pede uma intervenção divina e, após isso, vem o agradecimento, ou pagamento da promessa. Para Dito, seria possível fazer o caminho inverso, de forma a obter uma espécie de crédito divino:

O Dito tinha falado que em vez d'a gente só fazer promessa aos santos quando se estava em algum aperto, para cumprir o pagamento dela depois que tivesse sido atendido, ele achava que a gente podia fazer promessa e cumprir, antes, e mesmo nem não precisava d'a gente saber para que ia servir o pagamento dessa promessa, que assim se estava fazendo... Mas a gente marcava e cumpria, e alguma coisa boa acontecia, ou alguma coisa ruim que estava para vir não vinha! (ROSA, 2016, p. 107)

Miguilim utiliza essa versão proposta por Dito, porque ela consegue se acomodar em sua realidade e, ao ter a certeza de que obterá a graça pedida – nesse caso, ir embora do Mutúm –, o menino se enche de alegria e, principalmente, de esperança:

Miguilim pensava. Primeiro precisava de se lembrar bem de todas as coisas que o Dito ensinara. Daquele jeito de que se podia fazer promessa. Dali a mais dias, havia de começar a cumprir em adiantado uma promessa, promessa sem assunto, conforme o Dito tinha adivinhado. Promessa de rezar três terços, todo dia. Mais pesada ainda: um mês inteiro não ia comer doce nenhum, nem fruta, nem rapadura. Nem tomar café... Só de se resolver, Miguilim parava feliz. (ROSA, 2016, p. 114)

Naturalmente essa não é uma prática nem de perto canônica do catolicismo. Inclusive, de acordo com o catecismo da Igreja Católica:

2101. Em muitas circunstâncias, o cristão chamado a fazer *promessas* a Deus. O Batismo e a Confirmação, o Matrimônio e a Ordenação comportam sempre promessas. Por devoção pessoal, o cristão pode também prometer a Deus tal ou tal acto, uma oração, uma esmola, uma peregrinação, etc. A fidelidade às promessas feitas a Deus é uma manifestação do respeito devido à majestade divina e do amor para com o Deus fiel.

Portanto, existe a promessa, que é vista como um compromisso firmado entre o fiel e Deus, porém em nenhum momento há a promessa, ou mesmo a previsão de uma contrapartida por parte da divindade. Pensando sobre esse aspecto, tampouco a prática da promessa está, de fato, prevista dentro do catolicismo. Subversão da prática canônica por subversão da prática canônica, a família Cessim Caz opta por aquela que se acomoda a suas necessidades e, sobretudo, em suas possibilidades físicas e econômicas.

Em *o nosso reino*, também percebemos a fé e a prática religiosa serem moldadas de acordo com as necessidades e visões particulares dos personagens. Em uma conversa entre benjamim e a professora blandina, ela revela sua forma de interpretar a realidade que, naquele ponto da narrativa, equilibra-se sobre uma linha tênue:

benjamim, deus são as coisas todas, e em todas elas nos escuta. Deus és tu. Não sou eu. Se fosse, queria que todas as pessoas morressem de imediato com a garantia de entrarem no paraíso. Porque esta vida é só pecado, espera e incerteza. (MÃE, 2008, p. 166)

Na visão da professora, a vida em si não valia a pena devido a suas tensões e desconforto. Para ela, melhor seria se todos morressem e fossem para o paraíso, no intuito de terem uma existência plena, coisa impossível no plano terreno. Essa percepção se choca diretamente com a de que os seres humanos precisam viver entre

pecado e provações para serem dignos de salvação que, inclusive, é o grande incômodo de benjamim:

claro que temi sempre que [o homem mais triste do mundo] viesse por mim. por isso media os meus actos, temia a deus, qualquer erro poderia abrir-me as portas do inferno, que a minha convicção era a de que ficar vivo muito tempo significava merecer, longe de saber que as crianças eram anjos e pertenciam a paraíso por direito. eu estava como uma seta apontada ao inferno, eram os medos [...] e eu continuava naquela corda como um funâmbulo, com a sensação de que a cada passo haveria de tombar à boca do inferno (MÃE, 2008, p. 20)

O comportamento de benjamim, em relação à morte, que também pode ser verificado de forma semelhante em Miguilim, remete a afirmação de Sidman (2009, p. 234), de que “A morte é o coercedor último”, uma vez que: “[...] a inevitabilidade da morte controla muito de nossa conduta. A certeza de deixar este mundo nos engaja em ritual espiritualmente orientado, sob o controle da religião institucionalizada [...]” (SINDMAN, 2009, p. 234)

Para o menino, o temor constante da morte e, por consequência, de ir para o inferno, não apenas o aterrorizava, como também balizava suas ações, fazendo com que ele estivesse constantemente em uma situação de tensão pois, em sua percepção, a qualquer momento poderia pisar em falso e incorrer em falha ou pecado. Aparentemente, para ele não existe a possibilidade de ser perdoado – ainda que o perdão seja um dos fundamentos da doutrina cristã.

Outro ponto de destaque da narrativa ocorre quando da derrocada do salazarismo, pois ela marca também a queda de outros interditos morais, fomentados pela aliada mais forte do Estado, a Igreja Católica. O marco da libertação faz-se, na narrativa, através do afrouxamento das inibições sexuais relativas à castidade. Na narração de benjamim,

nessa altura, depois do vinte e cinco de abril, muitas pessoas pensaram que as liberdades eram maiores, muito maiores, do que o esperado. por isso vi na ribanceira, não longe dos sacos de serapilheira que se empilhavam, o grupo de rapazes e raparigas a rirem-se muito e a tocarem-se. Faziam-no constantemente e fugiam uns dos outros para escaparem a algo a que não queriam escapar (MÃE, 2008, p. 123)

Não por acaso os grupos de adolescentes em atos eróticos ocupam o mesmo espaço dos sacos de serapilheira depositados à porta de benjamim, que guardam dentro de si uma enorme quantidade de objetos sacros e ritualísticos destinados ao

culto e a pedidos de intercessão divina. A exploração da sexualidade parece sobrepor-se, dessa forma, à repressão católica e, inclusive, é a partir dessa cena que a sexualidade de benjamim faz-se notar, através de uma poluição perturbadora para o rapaz que, até então, não havia demonstrado marcas de pubescência. Ele conta: “regressei a casa e pus a mão entre as pernas, retirei-a húmida, a cheirar mal, fazendo o sinal da cruz com ela, aJoelhando-me que o sinal da cruz feito com a mão suja pelo sexo seria pecado mortal” (MÃE, 2008, p. 123). O trecho parece focar não na descoberta da sexualidade, mas sim no estado de contradição e sofrimento emocional que benjamim enfrenta quando se depara com essa situação fisiológica natural⁷⁶.

A tensão entre pecado e perdão é uma das linhas guias do texto literário e será fundamental na discussão da construção identitária de benjamim, dentro do que o menino entende por dever sacro. A relação entre os habitantes da vila e a Igreja pode ser condensada em apenas uma fala de carlos: “estaremos sempre assim, a pecar e a pedir perdão, porque tudo em nós é imperfeito e incompleto” (MÃE, 2008, p. 99).

Outra visão muito interessante de personalização da religião é o posicionamento que manuel emite quando os dois meninos conversam a respeito de assassinar o homem mais triste do mundo: “o manuel achava que deveríamos rezar, então, para que deus o matasse segundo o nosso pedido” (MÃE, 2008, p. 22). Esse trecho revela a concepção de que seria possível encomendar favores de Deus, uma vez que se orasse pedindo isso. Aqui, evocamos novamente a forma com que Dito aconselha Miguilim a conseguir o que precisa, utilizando um procedimento muito parecido. No caso de benjamim e manuel, no entanto, os meninos pensam em pedir a morte de alguém como forma de responder e agir sobre o medo paralisante que sentiam e, embora isso os aterrorizar profundamente. Nas palavras de benjamim, “eu continuava a rezar, a jurar a deus que só o faríamos para livrar o mundo da morte, seríamos por ele até ao fim” (MÃE, 2008, p. 27), ou seja, dentro da crença pessoal de benjamim, quem ele julgava um veículo da morte poderia ser morto pois isso implicaria em um mundo livre da morte, conforme os desejos de Deus.

⁷⁶ A narrativa não demorará mais que isso no desenvolvimento sexual do garoto, o que talvez reforce, com seu recurso pontual, as amarras morais que a religião firmou sobre ele.

Após a tentativa frustrada de suicídio, benjamim retorna com uma nova concepção de fé e do que ele deveria fazer para influenciar os outros a obterem a salvação: “minha teoria era clara, devemos ser bons, manuel, teremos um amor infinito por todas as pessoas, e as pessoas saberão o que é um amor infinito e tombarão de paixão umas pelas outras até salvarem as suas almas” (MÃE, 2008, p. 49). Posteriormente, essa mesma crença trará frustração, pois: “é que na vila não me ocorre ninguém a que eu possa ser útil, e preciso ser útil para cumprir os meus votos cristãos” (MÃE, 2008, p. 83).

Nesse ponto, podemos perceber a forma com que benjamim encara as questões de fé e sobretudo do exercício de sua fé de acordo com sua própria percepção de mundo e daquilo que ele, e mais ninguém, precisa fazer para garantir a salvação desse mundo: o seu lugar social, talvez sua própria pertença, depende da função religiosa dentro da comunidade na qual estava inserido. Esse fenômeno é observável tanto quando desejava assassinar o padre filipe, o homem mais triste do mundo, e até mesmo o antigo empregado dos seus avós, o seu luis, por acreditar que eles eram “oficiais da morte” (MÃE, 2008, p. 39) e planejavam matar todos da vila, até quando o menino muda bruscamente de abordagem e decide que é através da difusão do amor e do serviço que conseguirá levar a salvação ao vilarejo. Lembremos também que o menino negociou diretamente com deus, rogando-lhe que o desobrigasse de se confessar com o padre filipe, em uma nítida demonstração de manipulação da prática católica de sua crença particular.

Assim como benjamim, Miguilim também sente uma conexão pessoal que permite certas negociações com deus. Quando o menino sente que vai morrer, trata diretamente com a divindade, envolvendo prazos e ações, a seu ver, foi aprovado ao final:

“Repensava aquele pensamento, de muitas maneiras amarguras. Era um pensamento enorme, aí Miguilim tinha de rodear de todos os lados, em beira dele. E isso era, era! Ele tinha de morrer? Para pensar, se carecia de agarrar coragem — debaixo da exata ideia, coraçãozinho dele anoitecia. Tinha de morrer? Quem sabia, só? Então — ele rezava pedindo: combinava com Deus, um prazo que marcavam... Três dias. De dentro daqueles três dias, ele podia morrer, se fosse para ser, se Deus quisesse. Se não, passados os três dias, aí então ele não morria mais, nem ficava doente com perigo, mas sarava! Enfim que Miguilim respirava forte, no mil de um minuto, se coçando das ferroadas dos mosquitos, alegre quase. Mas, nem nisso, mau! — maior susto o salteava: três dias era curto demais, doíam de assim tão perto, ele mesmo achava que não aguentava... Então, então, dez. Dez dias, bom, como valesse de ser, dava espaço de, amanhã, principiar uma novena. Dez dias. Ele queria, lealdoso. Deus aprovava.” (P 54-55)

Para os protagonistas crianças, essa fé, que pode ser negociada e que se adapta, é um dado de extrema relevância, uma vez que influencia diretamente na forma com que se comportam e interagem com os outros. No caso especificamente de benjamim, sua relação com a fé será um fator indissolúvel em sua construção identitária. Já, para Miguilim, seu credo irá se amalgamar com diversas outras tensões em sua identidade. Retornaremos a esse assunto no capítulo sobre identidade.

4.3 DEUS É UM LUXO

Em termos de aproximação com Deus, o livro *L'arrache cœur* também é dissonante dos dois outros analisados, uma vez que a visão principal da divindade e da religião veiculada na narrativa é de que Deus não se interessa por aquilo que é comezinho, pela vida e necessidades diárias: ele não responde às carências humanas, acima de tudo é algo suntuoso, magnífico e opulento. Dessa forma, o espaço disponível para o fortalecimento da religião enquanto elemento constituinte da identidade dos trigêmeos da narrativa é praticamente nula, visto que a religiosidade não ocupa um lugar de destaque no enredo de Boris Vian.

Todavia, isso não significa que o tema não seja abordado no texto, pelo contrário: o fato de a religião assumir um posicionamento absolutamente secundário reforça o mote central de sua discussão, pois, para o próprio sacerdote da aldeia, Deus não é uma necessidade básica dos indivíduos, mas sim um luxo, posição diametralmente oposta daquela assumida pela religião em *o nosso reino* e *Campo geral*. Talvez por isso, o tema apareça na narrativa através das pequenas participações do padre no enredo, sendo mais aprofundado durante as conversas que trava com Jacquemort.

Quanto a Joël, Noël e Citroën, a religião e Deus aparecem somente no início de suas vidas, logo após o nascimento, quando Clémentine determina que serão batizados no domingo seguinte, sem que a cena apareça na narrativa. A educação religiosa não tem espaço nessa dinâmica familiar e, de forma geral, até mesmo a educação como um todo das crianças é bastante negligenciada, sendo que uma das poucas referências feitas a isso é o desejo da mãe de que Citroën seja ensinado pelo ferreiro da aldeia.

Por esse motivo, nosso olhar sobre a religião em *L'arrache cœur* abordar a concepção de Deus enquanto um luxo, a partir das interações de Jacquemort com o

padre. Sobre Clémentine, é relevante lembrarmos o seu desenvolvimento na trama como uma personagem que se abnega ao buscar o martírio do corpo como forma de purgar seus erros, em uma aproximação do suplício de Cristo, além da lógica cristã de santificação por meio do sofrimento.

Iniciemos, portanto, com Jacquemort, psiquiatra, psicanalista e ateu declarado. O primeiro contato desse personagem com o sacerdote da aldeia é marcado pelo momento em que vai até a cidade, justamente para acertar os detalhes do batizado dos gêmeos mais Citroën. Ao chegar à igreja, a missa está acabando, então aguarda para conversar com o sacerdote, que o convida para o serviço de domingo:

- Venez à la messe dimanche, dit le curé. Je vous dirai l’heure.
- Mais je ne vais jamais à la messe..., protesta Jacquemort.
- Raison de plus, dit le curé. Ça vous distraira. Au moins il y aura quelqu’un à qui ce que je dis paraîtra nouveau.
- Je suis contre la religion, dit Jacquemort. Sans perdre de vue qu’elle peut être utile dans les campagnes.
- Le curé ricana.
- Utile !... La religion est un luxe, dit-il. Ce sont ces brutes qui veulent en faire quelque chose d’utile.
- Il se redressa fièrement et se mit à arpenter la pièce d’un pas agité et claudicant.
- Mais je refuse, dit-il d’un ton tranchant. Ma religion restera un luxe !
- Ce que je voulais souligner, expliqua Jacquemort, c’est qu’à la campagne un curé peut avoir son mot à dire. Diriger les grossiers esprits des paysans, leur faire mettre le doigt sur les erreurs qu’ils commettent, leur ouvrir les yeux sur le danger d’une vie trop terrestre, jouer un rôle de frein vis-à-vis des mauvais instincts... Je ne sais si vous êtes au courant d’une chose qui se passe dans ce village... Je... hum... je viens d’arriver et je ne voudrais ni me poser en juge ni vous choquer par ma réaction vis-à-vis d’une chose qui vous semble sans doute naturelle depuis le temps qu’elle existe... heu... un curé, par exemple, flétrit le vol du haut de sa chaire et condamne les rapports sexuels trop hâtifs des jeunes gens afin d’éviter que le désordre et la luxure ne dominent son district.
- Sa cure..., rectifia le sacristain.
- Sa cure..., dit Jacquemort. Où en étais-je ?
- Je l’ignore, trancha le curé.
- Enfin quoi, dit Jacquemort, se décidant, cette foire aux vieux. C’est insensé !
- Vous vivez dans le siècle ! s’exclama le curé. Cette foire aux vieux ? Peu m’importe la foire aux vieux, Monsieur ! Ces hommes souffrent... et ceux qui souffrent sur terre gagnent leur part de paradis. Les souffrances elles-mêmes ne sont pas inutiles, d’ailleurs, mais en réalité seuls les ressorts de cette souffrance m’importent. Ma gêne vient de ce qu’ils ne souffrent pas en Dieu, Monsieur. Ce sont des brutes. Je vous le disais tout à l’heure. La religion est un moyen pour eux. Des brutes matérielles...⁷⁷ (VIAN, 2013, p. 569)

77 “– Venha à missa no domingo – disse o padre. – Só então lhe confirmarei a hora./ – Mas eu nunca vou à missa... – protestou Jacquemort./ – Mais uma razão – disse o padre. – Assim, pode distrair-se. Ao menos, sempre haverá alguém que achará alguma novidade nas minhas palavras./ – Sou contra a

Ao conversar com o padre, Jacquemort revela sua concepção de religião de forma bastante condescende: ele é contra as práticas religiosas, porém considera que elas tenham utilidade no campo, onde as pessoas, de acordo com o psiquiatra, poderiam precisar de seu caráter educativo. E é justamente contra essa questão da utilidade que o padre da aldeia se insurge já que, para ele, a religião não é *commodity* e Deus não é prestador de serviços, que atende a pedidos ordinários, interferindo na vida cotidiana dos homens, mas um “inutilitário”, perfeitamente prescindível. Quando o psiquiatra indaga a respeito da feira dos velhos – literalmente uma feira em que idosos da aldeia são leiloados e que Jacquemort achou horrendo e cruel –, o padre simplesmente não se importa, pois ele e seu deus estão interessados apenas no inefável, não no mundano. Inclusive, nesse trecho fica clara a questão do sofrimento pelo ponto de vista do sacerdote: a situação é bem-vinda e útil quando ocorre por motivos religiosos.

Posteriormente no texto, o padre professa mais uma vez sobre sua concepção de Deus ser um luxo, vociferando enfaticamente contra as preocupações mundanas e imediatas dos aldeões, uma vez que isso envergonharia Deus, sendo a divindade comparável a uma miríade de coisas absolutamente belas e extremamente valiosas, como joias excepcionais, porém completamente inúteis no sentido de

religião – disse Jacquemort. – Sem, contudo, perder de vista que no campo poderá ter a sua utilidade./ O padre deu uma gargalhada./ – Utilidade!... A religião é um luxo – disse ele. – Estas bestas é que querem que ela tenha alguma utilidade./ Empertigou-se, com altivez, e pôs-se a andar para cá e para lá, num passo apressado e claudicante./ – Mas eu recuso-me a isso – disse ele, em tom peremptório. – A minha religião há-se continuar a ser um luxo!/ – O que eu queria acentuar – explicou Jacquemort – é que no campo um padre ainda pode ter alguma coisa para dizer. Dirigir o espírito tacanho dos camponeses, levá-los a aperceberem-se dos erros cometidos, abrir-lhes os olhos para o perigo que representa uma vida demasiado terrena, refrear-lhes os maus instintos... Não sei se o senhor estará ao corrente de uma coisa que se passa, nessa aldeia... Eu... hum... acabo de chegar e não gostaria de tomar uma posição de juiz, nem de chocar com a minha reacção perante algo que é o senhor possivelmente parecerá natural, dado que isso se verifica há tantos e tantos anos... hum... por exemplo, é costume um padre marcar com ferrete e condenar, do alto do púlpito, as relações sexuais demasiado prematuras dos jovens, a fim de evitar que a desordem a luxúria domine o seu distrito./ – A sua paróquia... – rectificou o sacristão./ – A sua paróquia... – disse Jacquemort – Onde é que eu ia?/ – Não sei – cortou o padre./ – Enfim, vejamos – disse Jacquemort, acabando por se decidir. – Refiro-me à feira dos velhos! É uma coisa sem pés nem cabeça!/ – Mas são coisas do nosso tempo! – exclamou o padre. – A feira dos velhos? Pouco me importa a mim a feira dos velhos, caro senhor! Esses homens sofrem... e todos aqueles que cá na terra sofrem ganham o seu quinhão de paraíso. Aliás, o próprio sofrimento não é totalmente inútil, mas, na realidade, só os móveis desse sofrimento me importunam. O meu mal-estar deve-se ao facto de eles não sofrerem em Deus, caro senhor. São umas bestas. Já há pouco lho afirmei. A religião, para eles, não passa de um meio. São umas bestas, presas à matéria”. (VIAN, 2011, p. 42-43)

empregabilidade cotidiana e tangível, como podemos notar na passagem a seguir ocorrida durante uma homilia:

Les morceaux filaient au milieu du vacarme et se frayaient violemment un chemin par l'intervalle qui marquait les deux moitiés du rideau. Un coup plus heureux que les autres ébranla la tringle qui le supportait. Dans le haut-parleur, on entendait le curé vociférer.

– Vous n'avez pas le droit ! Le Dieu de luxe méprise vos façons misérables, vos chaussettes sales, vos caleçons tachés de jaune, vos cols noirs et le tartre de vos dents. Dieu refuse le paradis aux sauces maigres, aux coqs mal garnis, aux haridelles efflanquées, Dieu est un grand cygne d'argent, Dieu est un œil de saphir dans un triangle étincelant, un œil de diamant au fond d'un pot de chambre d'or, Dieu c'est la volupté des carats, les grands mystères platinés, les cent mille bagues des courtisanes de Malampia, Dieu, c'est un cierge éternel, porté par un évêque de velours, Dieu vit dans le métal précieux, les perles liquides, le mercure bouillant, le cristal et l'éther. Dieu vous regarde, bouseux, et il a honte de vous...⁷⁸ (VIAN, 2013, p. 638)

Essa concepção já havia aparecido com força e ardor durante outro culto, no qual o sacerdote, pregando a respeito da opulência supérflua que constituía esse Deus, simplesmente se nega a tentar ajudar o povo da aldeia a resolver uma questão prática, urgente e potencialmente catastrófica. A vila implora para que ele intervenha diante de Deus pedindo por chuva, em prol das colheitas e dos animais :

– Gens du village ! dit le curé. Vous me demandez de la pluie, vous n'en aurez point. Vous êtes venus aujourd'hui arrogants et fiers comme des leghorns, confiants dans votre vie charnelle. Vous êtes venus en quémandeurs insolents exiger ce que vous ne méritez point. Il ne pleuvra pas. Le sainfoin, Dieu s'en moque ! Courbez vos corps, courbez vos têtes, humiliez vos âmes et je vous donnerai la parole de Dieu. Mais ne comptez pas sur une goutte d'eau. C'est une église, ici, et pas un arrosoir !

Il y eut un murmure de protestation dans la foule. Jacquemort trouvait que le curé parlait bien.

– De la pluie ! répéta l'homme monté sur un banc.

Après la tempête sonore de la voix du curé, son cri parut dérisoire, et les assistants, conscients d'une infériorité temporaire, se turent.

78 “Os pedaços de madeira voavam pelo ar, no meio daquela grande balbúrdia, abrindo violentamente o caminho através do intervalo demarcado pelas duas metades da cortina. Uma pancada, mais feliz do que as outras, fez tremer o varão que prendia a cortina. No altifalante, ouvia-se o padre vociferar./ – Não têm esse direito! O Deus de luxo despreza os vossos miseráveis gestos, as vossas peúgas sujas, as vossas cuecas manchadas de amarelo os vossos colarinhos negros e o tártaro dos vossos dentes. Deus recusa o Paraíso aos molhos pouco gordos, aos galos magrizelas, aos cavalicoques esqueléticos. Deus é um grande cisne de prata, Deus é um olho de Safira dentro de um triângulo resplandecente, um olho de Diamante no fundo de um penico da oiro, Deus, é a volúpia dos quilates, os grandes mistérios platinados, os cem mil anéis das cortesãs de Malampia, Deus vive no metal precioso, nas pérolas líquidas, no mercúrio fervente, no cristal do éter. Deus está a ver-vos, seus bardamerdas, e envergonha-se de vocês”. (VIAN, 2011, p. 122-123)

– Vous prétendez croire en Dieu ! tonitrua le curé, parce que vous venez à l’église le dimanche, parce que vous traitez durement vos pareils, parce que vous ignorez la honte et parce que votre conscience ne vous tourmente pas... Lorsque le curé prononça le mot honte, des protestations jaillirent çà et là, se nourrissent d’échos, s’enflèrent en un long hurlement. Les hommes trépignaient sur place, les poings crispés. Les femmes, muettes, pinçaient la bouche et regardaient le curé d’un œil mauvais. Jacquemort commençait à perdre pied. Le tumulte s’apaisant, le curé reprit la parole.

– **Que m’importent vos champs ! Que m’importent vos bêtes et vos enfants !** hurla-t-il. **Vous vivez une vie matérielle et sordide. Vous ignorez le luxe !...** Ce luxe, je vous l’offre : je vous offre Dieu... Mais Dieu n’aime pas la pluie... Dieu n’aime pas le sainfoin. Dieu se soucie peu de vos plates-bandes et de vos plates aventures. Dieu, c’est un coussin de brocart d’or, c’est un diamant serti dans le soleil, c’est un précieux décor ciselé dans l’amour, c’est Auteuil, Passy, les soutanes de soie, les chaussettes brodées, les colliers et les bagues, l’inutile, le merveilleux, les ostensoirs électriques... Il ne pleuvra pas !

– Qu’il pleuve ! hurla l’orateur, soutenu cette fois par la foule qui se mit à tonner comme un ciel d’orage.

– Retournez à vos fermes ! mugit la voix multiple du curé. Retournez à vos fermes ! **Dieu, c’est la volupté du superflu. Vous ne songez qu’au nécessaire.** Vous êtes des hommes perdus pour lui.

Le voisin de Jacquemort l’écarta brusquement et, prenant son élan, projeta une lourde pierre dans la direction de la chaire. Mais déjà les volets de chêne se refermaient en claquant et la voix du prêtre continua, tandis que le pavé venait percuter avec un bruit sourd les panneaux massifs.

– Il ne pleuvra pas ! **Dieu n’est pas utilitaire.** Dieu est un cadeau de fête, un don gratuit, un lingot de platine, une image artistique, une friandise légère. **Dieu est en plus.** Il n’est ni pour ni contre. **C’est du rabiote !⁷⁹** (VIAN, 2013, p. 573. Grifos nossos.)

79 “– Povo desta aldeia! – disse o padre. – Pedis-me chuva, pois não a tereis. Viestes hoje, altivos e arrogantes como leghornes, confiantes na vossa vida carnal. Viestes, como insolentes pedinchões, exigir o que não mereceis. Não, não choverá. Para o vosso sanfeno, está-se Deus nas tintas! Curvai o corpo, curvai a fronte, o milhar e a vossa alma e eu dar-vos-ei a palavra de Deus. Mas não contem com uma só gota de água. Isto aqui é uma igreja, e não um chuveiro! Perpassou pela multidão o murmúrio de protesto. Jacquemort achava que o padre falava bem./ – Venha chuva – repetiu o homem empoleirado no banco./ Depois da sonora tempestade da voz do padre, o seu grito pareceu irrisório, e a assistência, consciente da sua inferioridade temporária, calou-se./ – Pretendeis crer em Deus – tonitruou o padre – só porque vindes à igreja aos domingos, porque tratais com dureza o vosso semelhante, porque ignorais o que seja a vergonha, porque a vossa consciência vos não atormenta.../ Mal o padre pronuncia a palavra “vergonha”, levantaram-se protestos daqui e acolá, a que outros fizeram eco, acabando por rebentar todos num grito arrastado./ Os homens, de punhos crispados, contorciam-se nos seus lugares. As mulheres, mudas, apertavam os lábios e olhavam para o padre com um olhar pérfido. Jacquemort começava a perder o pé. Quando o tumulto se acalmou, o padre retomou a palavra./ – Que me importam a mim os vossos campos! Que me importam os vossos animais e os vossos filhos! – berrou ele. – Viveis, todos vós, uma vida material e sórdida. Ignorais o que seja o luxo!... Esse luxo, ofereço-vos-lo eu: ofereço-vos Deus... mas Deus não gosta da chuva... Deus não gosta do sanfeno. Deus não quer saber do nosso chão, nem das vossas chãs aventuras. Deus, é uma almofada de brocado de oiro, é um diamante engastado no Sol, é um precioso cenário cinzelado em amor, é Auteuil, é Passy, é a sotainas de seda, as peúgas bordadas, os colares e os anéis, o inútil, o maravilhoso, as custódias eléctricas... Não, não choverá! – Queremos chuva – berrou o orador, desta vez sustentado pela multidão, que desatou a trovejar como um céu tempestuoso./ – Voltem para as vossas quintas! – mugiu a múltipla voz do padre. – Voltem para as vossas quintas! Deus é a volúpia do supérfluo e vós só pensais no necessário. Aos olhos dele, sois os indivíduos perdidos./ O vizinho de Jacquemort afastou-o de repente para o lado e, reunindo todas as suas forças, atirou um pedregulho em direcção ao púlpito. Mas já os postigos de carvalho se fechavam com os trépido e a voz do padre continuou a ouvir-se, enquanto as lajes do chão iam percutir, com fragor, nos maciços painéis./ – Não

Comprovamos nesse excerto que o parecer do padre é incompatível com a necessidade do povo, afinal eles imploram por uma intervenção divina, mas esse não compactua com essa concepção utilitária de Deus, afinal, Deus é um luxo inútil, no sentido de não tem uma utilidade objetiva e não pode ser utilizado como um mero realizador de desejos. Em contrário: é algo incrivelmente belo, desejável, sem ser mundano.

Essa visão também se choca radicalmente com a crença construída em o *nosso reino e Campo geral*, que trabalha com a construção de Deus enquanto basicamente um “gênio da lâmpada”, ou seja, como uma entidade que possui poderes sobrenaturais e que poderia dispor deles em livre demanda. Definitivamente, esse não é o Deus que o padre da aldeia professa e defende – mas, convenhamos, era exatamente o tipo de deidade de que essa aldeia necessitava para suprir suas necessidades terrenas imediatas, quase de um modo *ex machina*.

Saindo do contexto da vila, é posto que na família de Clémentine não há espaço para religião: nem para se aderir, tampouco para se negar. À exceção do momento do batizado – que talvez possa ser compreendido como um ritual social *pro forma* e sem implicações para a vida das crianças – não há outro espaço na narrativa em que haja relacionamento entre Clémentine e Deus, ou entre as crianças e a divindade. No entanto, é possível que a vacância de poder divino na casa de Clémentine seja ocupada por ela mesma, à medida em que assume asceta e se encaminha para o martírio. Retomando as próprias palavras do sacerdote da aldeia: “[...] *ceux qui souffrent sur terre gagnent leur part de paradis. Les souffrances elles-mêmes ne sont pas inutiles, d’ailleurs [...]*”⁸⁰ (VIAN, 2013, p. 569). Isso, pois, “*S’il y est une croyance qui passe pour être spéciale aux religions les plus récentes et les plus idéalistes, c’est celle qui est attribué à la douleur un pouvoir sanctifiant*”⁸¹ (DURKHEIM, 1912, p. 450), ou seja, a dor tem poder santificador.

há-de chover! Deus não é um ser utilitário. Deus é um presente festivo, um dom gratuito, uma barra de platina, uma imagem artística, uma guloseima requintada. Deus está a mais. Deus não é por, nem contra. Deus é um extra!” (VIAN, 2011, p. 46-47)

80 “[...] todos aqueles que cá na terra sofrem ganham o seu quinhão de paraíso. Aliás, o próprio sofrimento não é totalmente inútil [...]” (VIAN, 2011, p. 42-43)

81 “Se há uma crença especial para as religiões mais recentes e mais idealistas é a de que é atribuído à dor um poder santificador”. (DURKHEIM, 1912, p. 450. Tradução nossa)

Muito possivelmente, Clémentine não pleiteia o reconhecimento no pós-vida, ou ainda santidade. Para ela, o autossacrifício parece trazer o ganho do prazer em saber, de acordo com ela mesma, que é uma boa mãe, que sua abnegação é imensa e admirável, o que a diferenciaria de todas as outras mães. No entanto, o reconhecimento vem, como podemos perceber em uma conversa entre Jacquemort e o padre:

- Que devenez-vous ? demanda-t-il.
 - Ça va bien, dit Jacquemort. J'étais venu au village chercher les ouvriers. Il y a encore quelques travaux à faire à la maison.
 - Toujours pour la raison ? demanda le curé.
 - Toujours, dit Jacquemort. L'idée qu'il pourrait leur arriver quelque chose la rend folle.
 - Mais elle serait également folle d'avoir l'idée qu'il ne peut rien leur arriver, observa le curé.
 - Fort juste, dit Jacquemort. C'est pourquoi j'ai jugé au début qu'elle s'exagérât le danger. Mais j'avoue que cette frénésie de protection m'inspire maintenant un certain respect.
 - Quel amour admirable ! dit le curé. Ce luxe de précautions ! Se rendent-ils compte au moins de ce qu'elle fait pour eux ?
- Jacquemort ne répondit pas tout de suite. Cet aspect du problème lui avait échappé. Il hésita :
- Ça, je ne sais pas...
 - Cette femme est une sainte, dit le curé. Et cependant, elle ne vient jamais à la messe. Allez donc expliquer ça.
 - C'est inexplicable, dit Jacquemort. De fait, ça n'a aucun rapport, convenez-en. C'est là l'explication.
 - J'en conviens, dit le curé, j'en conviens.⁸² (VIAN, 2013, p. 678)

Retomando Durkheim (1912, p. 444), "*Les résultats de ces interdits multiplipes est de déterminer chez l'initié un changement d'état radical. [...] Il acquis un caractère*

82 “– O que é que tem feito – perguntou ele./ – Vai-se andando – disse Jacquemort. – Vim até aqui à aldeia contratar alguns operários. Ainda temos, lá em casa, mais umas obras a fazer./ – Sempre devido ao mesmo? – perguntou o padre./ – Sempre – disse Jacquemort. – A ideia de que lhes pode acontecer qualquer coisa põe-a fora de si./ – Mas também fora de se ficar a ela com a ideia de que já nada lhes poderá acontecer – observou o padre./ – Tem imensa razão – disse Jacquemort. – Foi por isso que eu, a princípio, achei que ela exagerava os perigos. Mas confesso que este frenesim de proteção já me começa a inspirar um certo respeito./ – Que admirável amor! – disse o padre. – Que luxo de precauções! Aperceber-se-ão eles, ao menos, de tudo quanto ela faz pelo seu bem?/ Jacquemort demorou um certo tempo a responder. Esse aspecto da questão havia-lhe escapado até aí. Hesitou:/ – Isso, não sei.../ – Essa mulher é uma santa – disse o padre. – E, no entanto, nunca vem à missa. Vamos lá explicar isto./ – É inexplicável – disse Jacquemort. – Mas, realmente, convenhamos que não existe a mínima relação entre uma coisa e outra. Só poderá ser esta a explicação./ – Convenhamos que sim – disse o padre. – Sim, convenhamos que sim”. (VIAN, 2011, p. 166-167)

*sacré*⁸³, ou seja, a sequência de auto sacrifícios feitos por Clémentine a alça a um patamar novo, pois a imbuem de uma aura sagrada, uma vez que

Les douleurs qu'elles [as práticas ascéticas] s'imposent ne sont donc pas de cruautés arbitraires et stériles ; c'est une école nécessaire où l'homme se forme et se trempe, où il acquiert les qualités de désintéressement et d'endurance sans lequel il n'y a pas de religion.⁸⁴ (DURKHEIM, 1912, p. 451-452)

O interessante aqui é que o sacrifício e o automartírio existem a despeito de um Deus qualquer que seja. Clémentine parece buscar a sua própria fruição e encontra um prazer mais duradouro e que não vem carregado da culpa que havia antes – afinal, quando o prazer alcançado era de cunho sexual, ele ocorria com o custo de negligenciar os filhos acarretando, conseqüentemente, remorso. Nessa nova “economia” do prazer, Clémentine é capaz de apaziguar sua culpa ao mesmo tempo que se regozija, uma vez que ela se convence de que o suplício autoimposto é em prol dos filhos. É uma conciliação de interesses perfeita e, por isso, reafirmadora:

Mais l'ascétisme ne sert pas seulement à des fins religieuses. Ici comme ailleurs, les intérêts religieux ne sont que les formes politiques d'intérêts sociaux et moraux. Les êtres idéaux auxquels s'adressent les cultes ne sont pas les seuls à réclamer de leurs serviteurs un certain mépris de la douleur : la société, elle aussi, n'est possible qu'à ce prix. Tout en exaltant les forces de l'homme, elle est souvent rude aux individus ; elle exige nécessairement d'eux de perpétuels sacrifices ; elle fait sans cesse violence à nos appétits naturels, précisément parce qu'elle nous élève au-dessus de nous-mêmes. Pour que nous puissions remplir nos devoirs envers elle, il faut donc qu'il nous soyons dressés à violenter parfois nos instincts, à remonter, quand il faut, le pente de la nature. Ainsi, il y a un ascétisme qui, inrent à toute vie sociale, est destinée à survivre à toute les mythologies et à tous les dogmes ; il fait parti intégrant de toute culture humaine.⁸⁵ (DURKHEIM, 1912, p. 453)

83 “Os resultados dessas múltiplas proibições é determinar no iniciado uma mudança de estado radical. [...] Ele adquire um caráter sagrado” (DURKHEIM, 1912, p. 444. Tradução nossa)

84 “As dores que elas [as práticas ascéticas] se impõem não são, no entanto, práticas arbitrarias e estereis. São uma escola necessária, na qual o homem se forma e se embebe, na qual adquire as qualidades de desinteresse e perseveram, sem as quais não há religião.” (DURKHEIM, 1912, p. 451-452. Tradução nossa)

85 “Mas, o ascetismo não serve apenas a propósitos religiosos. Aqui, como em outros lugares, os interesses religiosos não passam de formas políticas de interesses sociais e morais. Os se eles ideais aos quais os cultos se endereçam não são os únicos a exigir que os seus servidores tenham um certo desprezo pela dor: a sociedade também apenas é possível a esse preço. ao exaltar as forças do homem, muitas vezes ela é rude com os indivíduos, ela necessariamente exige deles sacrifícios perpétuos, sem cessar, ela violenta os nossos apetites naturais, precisamente porque ela nos eleva acima de nós mesmos. Para que possamos cumprir os nossos deveres para com ela, é necessário que nós sejamos treinados para violentar os nossos instintos às vezes, para escalar, quando necessário, as encostas da natureza. Assim, existe um ascetismo que, sendo inerente a toda a vida social, está

De toda forma, Clémentine goza do poder supremo que a maternidade lhe confere, pois ela crê que o sofrimento da gestação e do parto lhe deferem autoridade máxima sobre os filhos e suas vidas e, por isso, ninguém ousa questioná-la em suas ações e arbitrariedades. Ao menos, essa é a explicação que Angel, quando ainda habitava na casa, oferece:

- Je viens de voir votre femme, dit Jacquemort, qui voulait le distraire un peu de lui-même. Les gosses poussent diablement. Citroën se tient debout.
- Pauvre chou, dit Angel. À son âge..., ça va lui mettre les jambes de travers.
- Mais non, dit Jacquemort. S’il se tient debout, c’est que ses jambes suffisent à le porter.
- Laissons faire la nature..., murmura Angel.
- Votre femme m’envoie chercher le maréchal-ferrant, dit Jacquemort. Vous ne craignez pas qu’elle les élève un peu brutalement.
- Je ne peux rien dire, dit Angel. Elle a souffert et pas moi. Ça lui donne des droits.
- Je conteste, dit Jacquemort, qu’une chose aussi inutile que la souffrance puisse donner des droits quels qu’ils soient, à qui que ce soit, sur quoi que ce soit.
- Elle les traite vraiment mal ? demanda Angel, sans relever le propos.
- Non, dit Jacquemort. Elle est plus dure pour elle-même. Mais ce n’est pas non plus une raison. Tout ça, c’est mauvaise foi et compagnie.
- Je crois qu’elle les aime, dit Angel.
- Heu... oui..., répondit Jacquemort.
- Angel se tut. Il n’était pas bien, cela se voyait.
- Vous devriez chercher un dérivatif, dit Jacquemort. Faites du bateau.
- Je n’ai pas de bateau..., répondit Angel.
- Faites un bateau.
- C’est une idée, grogna l’autre.
- Jacquemort se tut et se leva.
- Je vais chercher le maréchal-ferrant, dit-il. Puisqu’elle y tient.
- Allez-y demain, suggéra Angel. Laissez encore un jour à ce pauvre chou.
- Jacquemort hocha la tête.
- Je ne sais pas, dit-il. Si vous êtes contre, dites-le donc ?
- Je suis en état d’infériorité, dit Angel. Et puis, je crois qu’elle a raison. C’est elle la mère.⁸⁶ (VIAN, 2013, p. 588-589)

destinado a sobreviver a todas as mitologias e todos os dogmas, é parte integrante de qualquer cultura humana”. (DURKHEIM, 1912, p. 453. Tradução nossa)

86 “– Estive agora com sua mulher – disse Jacquemort, que queria distraí-lo um pouco da sua pessoa. – Os miúdos crescem a olhos vistos. o Citroën já se aguenta de pé./ – Pobrezinho – disse Angel. – Com aquela idade... vai ficar com as pernas tortas./ – Não senhor – disse Jacquemort. – Se se aguenta de pé, é porque as pernas têm força suficiente para isso./ – Deixemos obrar a Natureza... – murmurou Angel./ – A sua mulher mandou-me ao ferrador [ferreiro] – disse Jacquemort. – Não lhe parece que ela está a educá-los demasiado à bruta?/ – Eu é que não posso dizer nada – disse Angel. – Quem sofreu foi ela, e não eu. Isso confere-lhe direitos./ – Pois eu contesto – disse Jacquemort. – que uma coisa tão inútil como o sofrimento possa conferir direitos a quem quer que seja, sejam eles que direitos forem, e sobre o que quer que seja./ – É verdade que ela os trata mal? – perguntou Angel, sem querer entrar em discussões./ – Não – disse Jacquemort. – É muito mais severa para consigo própria. O que também

“Ela é a mãe”. Aqui, percebemos a atribuição de poder feito pelo sacrifício e pela dor, mesmo que contra a vontade. Clémentine toma o poder soberano, ditatorial, para si mesma e, usando desse poder, irá exercer a maternidade de forma radical e totalitária, conforme analisaremos com mais profundidade no capítulo seguinte.

não é uma razão. No fundo, tudo aquilo é má fé e companhia limitada./ – A mim parece-me que ela gosta deles – disse Angel./ – Hum... sim... – respondeu Jacquemort./ Angel calou-se. Via-se que não estava em forma. [...] Jacquemort calou-se e pôs-se de pé./ – Vou à procura do ferrador – disse ele. – Já que ela assim o quer./ – Vá amanhã – sugeriu Angel. – Dê mais um dia ao pobrezinho./ Jacquemort abanou a cabeça./ – Já não sei – disse ele. – Se você está contra, por que não lho diz?/ – Sinto-me em inferioridade – disse Angel. – No fundo, acho que ela tem razão. Quem é a mãe é ela”. (VIAN, 2011, p. 65-66).

5 UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

A narrativas *Campo geral*, *o nosso reino*, *L'arrache cœur* apresentam personagens infantis que se encontram em meio a contextos desafiadores: seja de privação econômica e/ou afetiva, de exposição contínua a formas plurais de violência real ou simbólica, seja de temor religioso ou coerção física. Esses contextos agem como complicadores que afetam o desenvolvimento das crianças representadas, cada qual à sua maneira. Ao longo dos capítulos passados, buscamos entender os contextos de isolamento, a forma com que a constituição familiar se reflete na dinâmica dos personagens, qual o papel da religião – e de seus porta-vozes – dentro dessas narrativas, na tentativa de compreensão do funcionamento da dinâmica poder-família-religião/estado.

Neste momento da análise, parece ser adequado voltarmos o nosso olhar para os personagens infantis. Apesar da diferença na função narrativa, esses cinco meninos, a fim de compreender quem são e quem é permitido que sejam, desenvolvem uma trajetória identitária a partir do esforço de navegar em meio ao poder autocrático familiar. Por isso, neste capítulo, buscaremos compreender como ocorre a construção identitária das cinco crianças – benjamim e Miguilim, Noël, Joël mais Citroën – em meio a contextos adversos para seu desenvolvimento enquanto indivíduos dotados de convicções e de necessidades que ultrapassam o constructo familiar.

Primeiramente, pensemos a respeito da ideia de identidade. Em seu artigo *Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière* (2009), Patrick Charadeau esclarece que :

l'identité est ce qui permet au sujet de prendre conscience de son existence qui se constitue à travers la prise de conscience de son corps (un être-là dans l'espace et le temps), de son savoir (ses connaissances sur le monde), de ses jugements (ses croyances), de ses actions (son pouvoir de faire). L'identité va donc de pair avec la prise de conscience de soi.⁸⁷ (CHARADEAU, 2009)

87 A identidade é aquilo que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência que se constitui através da tomada de consciência de seu corpo (um ser dentro do espaço e do tempo), de seu saber (seus conhecimentos de mundo), dos seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (se poder de fazer). A identidade anda, então, ao lado com a tomada de consciência de si mesmo. (CHARADEAU, 2009. Tradução nossa)

Em outras palavras, a construção identitária está intrinsecamente conectada com o movimento de autoconhecimento que cada um de nós desenvolve ao longo de sua própria vida. Descobrir quem somos, como somos e agimos e, por fim, como respondemos ao mundo ao nosso redor é, portanto, também construir e afirmar a própria identidade. Todavia, esse processo não é nem simples, rápido e muito menos definitivo ou mesmo estanque. Nesse sentido, chegamos em um dos pontos centrais para a discussão da identidade: ela é uma construção constante e ininterrupta.

Além disso, é necessário considerar que o processo de tomada de consciência de nossa própria identidade ocorre através do reconhecimento do outro em sua complexidade. Assim, podemos perceber que a construção identitária se baseia no princípio de alteridade, que pode ser sintetizado da seguinte forma:

Ce n'est qu'en percevant l'autre comme différent que peut naître la conscience identitaire. La perception de la différence de l'autre constitue d'abord la preuve de sa propre identité qui devient alors un : "être ce que n'est pas l'autre". Dès lors, la conscience de soi existe à proportion de la conscience que l'on a de l'existence de l'autre. Plus cette conscience de l'autre est forte, plus fortement se construit la conscience identitaire de soi.⁸⁸
(CHARADEAU, 2009)

Ou seja, um indivíduo, ao longo do processo de construção – ou reconstrução – identitária, precisa do outro para compreender a si mesmo, afinal, o quanto esse outro é diferente? O quanto esse outro é semelhante? O quanto de si um sujeito percebe nesse outro? Todas essas questões são relevantes na busca por descobrirmos quem nós somos e, uma vez considerado o papel do outro, o contexto em que estamos inseridos e como ele condiciona ações e relações também é capaz de influenciar o processo, que é idiossincrático e ocorre através da interação entre indivíduos e meio. Ainda, é necessário também pensarmos na forma com que esses indivíduos são representados em suas microssociedades e, por isso, é necessário considerarmos a questão da infância.

Historicamente, a noção da criança e seu universo foi construída a partir da necessidade e relevância que os infantes tinham para o desenvolvimento da

88 É apenas percebendo o outro como diferente que a consciência identitária pode nascer. a percepção da diferença do outro constitui, antes de mais nada, a prova da sua própria identidade que se torna, então, "alguém que o outro não é". Em consequência disso, a consciência de si mesmo existe na mesma proporção que existe a consciência do outro. Quanto mais a consciência do outro é forte, mais fortemente se constrói a consciência identitária de si mesmo. (CHARADEAU, 2009. Tradução nossa)

sociedade de cada período⁸⁹. De acordo com Ariès (2022, p. 21), “Só se saía da infância ao sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos de dependência”, o que para a época representava o momento em que os filhos poderiam se responsabilizar por si mesmos, deixando de ser um fardo econômico para seus pais.

Ainda, Badinter (1985) e Ariès (2022) indicam uma mudança substancial na condição da criança a partir de 1760, marcada principalmente pelo lançamento do livro *Émile*, de Rousseau, em 1762, que se tornou um marco para a sociedade ocidental da época, no que diz respeito à compreensão da maternidade e do status da criança na família, inaugurando o sentimento daquilo que é chamado “família moderna”. Essa mudança se deu, historicamente, por uma necessidade social de aumento populacional, visando aumentar contingente humano para produção, colonização ou serviço militar. Devido ao grande índice de mortalidade na primeira infância, as mulheres, que estavam acostumadas a enviar os filhos para amas de leite, precisaram ser convencidas de retomar a criação dos próprios filhos, abandonando o recurso às amas de leite, para que as crianças na primeira infância tivessem mais chances de sobrevivência. Esse momento histórico marca o reconhecimento da maternidade, pelo menos sob o ponto de vista discursivo, como sendo uma tarefa nobre e necessária para a manutenção da sociedade.

Anteriormente ao século XVIII, a criança ocupava posição de pouca ou nenhuma importância na família, sendo, inclusive, vista como um estorvo ou como um ser maléfico, pois seria fruto e estandarte do pecado original de seus pais. A reflexão oferecida pela filosofia não é mais auspiciosa do que a religiosa:

Segundo Descartes, a infância é antes de mais nada fraqueza do espírito, período da vida em que a faculdade de conhecer, o entendimento, está sob a total dependência do corpo. A criança não tem outros pensamentos senão as impressões suscitadas pelo corpo. O feto já pensa, mas esse pensamento não passa de um magma de ideias confusas. Desprovida de discernimento e de crítica, a alma infantil se deixa guiar pelas sensações de prazer e de dor: está condenada ao erro perpétuo. (BADINTER, 1985, p. 61-62)

89 Considerando o escopo e cronograma dessa pesquisa, não entraremos no mérito de traçar um panorama da história da infância. Sobre esse assunto, ver os estudos de Badinter (1985) e Ariès (2022), que são referência na compreensão da experiência da infância ocidental pelo viés histórico-social.

Então, por muito tempo, tornar-se adulto nada mais foi do que vencer e superar a infância, o período das trevas do pensamento e da submissão do corpo aos desejos e instintos irracionais. Não raro era evocada a concepção de que a criança é uma espécie de boneca, sem vontades, desejos, paixões ou pecados, como se fossem autômatos, máquinas moldáveis e configuráveis de acordo com a necessidade social e familiar, o que Badinter (1985) classifica como sendo uma marca da insignificância da criança para a época. Parece natural que diante da insignificância infantil respondasse com a indiferença materna:

A frieza dos pais, e da mãe em particular, serviria inconscientemente de couraça sentimental contra os grandes riscos de ver desaparecer o objeto de sua ternura. Em outras palavras: valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois. Essa atitude teria sido a expressão perfeitamente normal do instinto de vida dos pais. (BADINTER, 1985, p. 84)

É inegável que a história tanto da criança quanto da maternidade estejam diretamente entrelaçadas, tendo em vista as trocas constantes dentro das complexas dinâmicas familiares e sociais. Não se trata aqui de categorizar as famílias enquanto medievais, modernas, ou qualquer outro rótulo que seja, mas sim compreender como essas estruturas históricas e sociais perduram e se imiscuem como heranças culturais e que, por isso, estão presentes ainda hoje no que contemporaneamente experienciamos como sentimento de família e sentimento de infância. A ideia de que a família é uma unidade essencial para a prosperidade dos indivíduos e, portanto, da sociedade, é de tal forma incutida no imaginário ocidental, que família é entendida como um sentimento, como um valor, como uma parte fundamental da identidade dos sujeitos.

5.1 O MENINO MAIS TRISTE DO MUNDO

Em *o nosso reino*, é importante considerarmos a ideia da ambivalência – por exemplo, entre pecado e perdão, culpa e graça, religião e espiritualidade – como sendo, possivelmente, a característica que melhor se aproxima da concepção de religião desenvolvida nessa narrativa, bem como um forte elemento dentro da constituição identitária de seus personagens. Ao mesmo tempo que benjamim busca justificar sua existência através do serviço à fé católica, ele também sente a culpa esmagadora dos pecados que comete, incluindo nesse rol o pecado original de sua

concepção. O inferno, na vida do personagem, por ser uma ameaça constante e real, condiciona seu estar no mundo:

claro que temi sempre que viesse por mim. por isso media os meus actos, temia a deus, qualquer erro poderia abrir-me as portas do inferno, que a minha convicção era a de que ficar vivo muito tempo significava merecer, longe de saber que as crianças eram anjos e pertenciam ao paraíso por direito. eu estava como uma seta apontada ao inferno, eram os medos [...] e eu continuava naquela corda como um funâmbulo, com a sensação de que a cada passo haveria de tombar à boca do inferno (MÃE, 2008, p. 20)

Mesmo que já tenhamos abordado anteriormente esse trecho, ao analisarmos o aspecto do poder coercitivo sob o ponto de vista da fé de benjamim, essa metáfora do equilibrista teimando contra uma força elementar e irresistível para conseguir manter-se no caminho canaliza o sentimento de incômodo e terror diante do pecado – elemento intrínseco à natureza humana e de sua conseqüente punição. Não raro, as ações do menino serão balizadas principalmente por esse medo.

Esse pensamento que aterroriza benjamim não é por acaso: a noção que somos fruto do pecado original é uma herança agostiniana, da filosofia medieval, a qual apregoava que “Logo que nasce, a criança é símbolo da força do mal, um ser imperfeito esmagado pelo peso do pecado original.” (BADINTER, 1985, p. 55), como se a criança herdasse os pecados dos pais, de forma que o comportamento infantil e o instinto de sobrevivência são interpretados também como pecados. Obviamente, tal visão é falha em compreender os diferentes estágios da vida humana, afinal trata-se de uma filosofia ultrapassada, embora entendamos que, de algum modo, ela ainda possa sobreviver, indiretamente, em tempos atuais.

A sociedade que crê na hereditariedade do pecado original, como é o caso da de benjamim, está condenada a crer também que “A infância não somente não tem nenhum valor, nem especificidade, como é o indício de nossa corrupção, o que nos condena e do que devemos nos livrar” (BADINTER, 1985, p. 56). Isso implicaria, dentro desse sistema, na preferência por uma educação austera, sóbria e comedida, sem fartura de alimento ou de expressões de afeto, pois do contrário, o tratamento com as crianças poderia ser considerado pecaminoso. Embora esteja discutindo o pensamento medieval a respeito da infância, o que aponta Badinter (1985, p. 56) pode ser utilizado para entendermos melhor a relação da família de benjamim (sobretudo na figura da avó e do pai) com ele próprio: “A conseqüência de tal teoria será,

certamente, uma educação totalmente repressiva e contrária aos desejos da criança.” (BADINTER, 1985, p. 56), ou seja, as atitudes das figuras de autoridade estão diretamente atreladas a uma visão de mundo que entendia a educação infantil pautada na ideia da repressão e de moldar a criança conforme as boas regras e normais sociais.

Sob o ponto de vista religioso, punir o corpo representa manter esse corpo longe do pecado ou da reincidência do pecado:

Em nome dos postulados agostinianos, a boa amizade pelo filho não pode ser tolerante. Deve ser uma atitude rigorosa que jamais perde de vista que a finalidade da educação é salvar a alma do Pecado. Semelhante à ideologia platônica, a pedagogia do século XVII pretende atribuir um papel importante ao castigo redentor: para salvar uma alma, não hesitemos em castigar o corpo. (BADINTER, 1985, p. 59)

Novamente, apontamos para a ideia de ambivalência, que traz uma nova face para compreendermos como a religião e o próprio exercício de fé do menino contribuem para sua formação identitária. Assim como sua avó possuía um cristo particular, o menino igualmente copia essa prática, lidando com a fé de acordo com suas necessidades pessoais e seus entendimentos, ainda infantis, do mundo. Com naturalidade, dentro de seu entendimento, o rapaz considera que

ao padre tínhamos de contar tudo, mas eu pedira a deus que me desonerasse dessa obrigação. expliquei-lhe que não era pecado esconder algo, se pedíssemos primeiro a deus que nos permitisse o segredo. confessava-me assim, já confessei, deus sabe e se ele quisesse muito que o senhor soubesse haveria de ter maneira de lho dizer. (MÃE, 2008, p. 26)

Naturalmente, esse salto lógico e insubordinado não agrada ao padre filipe que o pune fisicamente, com um tapa no rosto (MÃE, 2008, p. 26). Confuso, chocado e ressentido, benjamim incorpora a agressão advinda de um padre como um paradoxo dentro da religião, evento que desencadeia uma crise de fé capaz a levá-lo a extremos comportamentais. O primeiro deles é uma tentativa de suicídio⁹⁰ (MÃE, 2008, p. 35),

⁹⁰ Recorrente na obra, a temática do suicídio é abordada em matizes diversos, porém parece apontar para uma necessidade de evasão desses personagens de situações compreendidas por eles como incontornáveis. A própria tentativa de benjamim, que inaugura o tema no livro, abre para a discussão de que o foco não é a morte em si, mas a cessação de uma profunda dor psicológica. Já ao tempo da narrativa, o suicídio era discutido na Europa, como um direito de escolha do ser humano, também no sentido de recobrar o controle de sua vida (GUILLON, LEBONNIEC, 1982, p. 175-198).

em que o menino se joga do penhasco da louca suicida, provavelmente à procura do silenciamento de seus sentimentos de dor e culpa, que iam desde a recente morte da avó, até a desilusão sofrida com a violência de padre filipe.

Seguro de sua morte, benjamim acorda no hospital assombrado por haver ganho uma segunda chance do próprio deus. Em suas palavras, “quando recuperei os sentidos percebi que estava vivo. perceber assim que se está vivo é coisa de funda alteração” (MÃE, 2008, p. 38). Essa perspectiva sinaliza que o milagre de sua sobrevivência – afinal, para os locais, apenas a intervenção divina seria capaz de poupá-lo da morte na queda – aporta transformações definitivas nas dinâmicas sociais e afetivas das quais participa, sendo que as mudanças de concepções e práticas relacionadas à fé revelarão rupturas na representação identitária do rapaz.

Esse ponto tem grande importância para o desenrolar da narrativa, uma vez que revela como a interação com o Outro e com o meio é algo capaz de influenciar a construção identitária de benjamim. Sobre esse aspecto, é relevante remeter aos estudos de Stuart Hall (2015) a respeito de construções e representações identitárias⁹¹,

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. [...] Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (HALL, 2015, p. 11)

Isso significa que a constante formação e reformulação da identidade de um indivíduo está indiscutivelmente atrelada a crenças, valores e demais construções culturais que permeiam sua vida. Temporalmente, essa concepção de identidade ajuda a compreender os indivíduos da narrativa *o nosso reino* já que, ora, se a própria

91 Hall (2015) sugere três concepções de identidade que acompanham o ser humano desde que há a noção de sujeito: a. sujeito do Iluminismo, b. sujeito sociológico, c. sujeito pós-moderno. Dado o recorte temporal da narrativa, é preciso considerar também toda a gama de tensões e conflitos que o pós-guerra, os Estados totalitários e toda a série de profundas mudanças sociais, tecnológicas, estéticas e científicas para que se situe o sujeito dessa época. Dessa forma, para a análise de benjamim e dos seus, utilizo a concepção de sujeito pós-moderno. Uma discussão estruturada dessa questão terá espaço posteriormente, quando do cotejamento das narrativas analisadas.

existência de benjamim passa a orbitar em torno do estabelecimento de um objetivo, o de se provar merecedor e honrar a clemência divina e, dessa maneira, justificar sua permanência entre os vivos, isso irá forçar uma reestruturação identitária do garoto, constituindo uma espécie de projeto de vida: “eu decidi entregar-me a deus através da única maneira ao nosso alcance, até que dentro de mim só o que é bom se manifeste e eu seja bom também, eu vou ser santo (MÃE, 2008, p. 40)”. A decisão de consagrar sua vida ao seu ideal de santidade reveste benjamim de um propósito novo.

Em seu enlevo, o menino cunha a certeza de que a salvação eterna de seus conterrâneos pode acontecer através disseminação de um amor puro e desinteressado, no modelo do amor ágape, por todos os seres e que se ele e manuel amassem a todos incondicionalmente, isso contagiaria a todos, garantindo a salvação de todas as almas: “minha teoria era clara, devemos ser bons, manuel, teremos um amor infinito por todas as pessoas, e as pessoas saberão o que é um amor infinito e tombarão de paixão umas pelas outras até salvarem as suas almas (MÃE, 2008, p. 49).

Assim, o menino toma para si o encargo de redenção dos outros e passa a buscar interstícios em que pudesse ser útil: “que para ser santo havia de estar com os pecadores, que os puros não precisavam de mais nada” (MÃE, 2004, p. 43). A santidade, sob essa perspectiva, apenas se concretizaria caso houvesse espaço para ser exercitada, de forma que, dentro dessa lógica, ela é referencial: o santo depende do pecado e sofrimento do outro para ser santo. Se benjamim toma isso como missão, resta a ele a responsabilidade de encontrar esses espaços para agir, “porque meu sentido cristão me impelia constantemente para a necessidade de a procurar. É que na vila não me ocorre ninguém a quem eu possa ser útil, e preciso ser útil para cumprir meus votos cristãos” (MÃE, 2004, p. 73).

Entendemos que essa motivação de benjamim pode configurar a primeira definição de si mesmo dentro do texto e, apesar do otimismo ingênuo desse projeto do menino, ele passa a se definir a partir desse ideal. Retomando Hall (2014, p. 109),

[as identidades] surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia, ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático.

Enquanto vive sua fantasia de agapismo e entrega ao próximo, benjamim está confortável consigo mesmo e com sua missão terrena. Porém, como elemento complicador, ocorre outro milagre: a noite é interrompida pela luz diurna adiantada. Esse momento funciona como uma oficialização da santidade de benjamim, o que impele os fiéis católicos (e os nem tanto fiéis, é verdade) a estimá-lo como santo e, por isso, a esperar dele a intervenção divina direta, guiada e precisa tal qual a de um santo milagreiro. Naturalmente, essa expectativa mostra-se muito além das possibilidades e planos do garoto, o que não impede que as pessoas, de forma invasiva e desesperada por bênçãos e intervenções, aglomerem-se em torno do rapaz, violando seu espaço pessoal, tocando e apalpando sua cabeça, seus braços, e ainda violando sua morada, ao depositarem oferendas e objetos pessoais à porta de sua casa, onde também acendiam velas, rezavam e faziam vigília.

O Outro aqui se revela enquanto fator complicador, já que, se o menino se percebe como uma santidade (cuja dinâmica baseia-se em amar e servir empaticamente o próximo, tentando minimizar suas agruras), não parece haver reciprocidade na compreensão desse mesmo Outro sobre ele. Nesse ponto, voltamos à questão do constante movimento e reformulação identitária que se baseia em série de interferências e interações, fugindo do conhecimento e do controle do indivíduo. Isso se dá principalmente pois, segundo Patrick Charaudeau, a criação do “eu” ocorre via modalização do Outro, sendo assim um processo de trocas contínuas. Para o pesquisador,

cada um dos parceiros da troca está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro e de diferenciação para com o outro, cada um se legitimando e legitimando o outro através de uma espécie de “olhar avaliador” – o que permite dizer que a identidade se constrói através de um cruzamento de olhares: “existe o outro e existo eu, e é do outro que recebo o eu (CHARAudeau, 2009, 310).

Infelizmente para o personagem infantil, não basta a sua projeção e compreensão do que é santidade e de como ele pode se colocar a serviço do outro altruisticamente, pois a relação com o Outro também é modulada pela representação de benjamim construída a partir desse ponto de vista externo. Nesse ponto, vale resgatar a autoanálise que benjamim faz no início da narrativa sobre suas tentativas de manipulação da percepção de outras pessoas sobre si mesmo, de modo que assim pudesse operar mudanças em sua própria percepção de mundo:

fazia parte da minha covardia convencê-lo da minha boa-fé e merecer o seu aval, como uma autorização de sobrevivência, tentava encará-lo ao longe. nesse tempo era meu instinto iludir os inimigos, vulnerabilizá-los pela simpatia e conquistá-los, não para os abater, a minha fraqueza era avassaladora, mas para deixar de os temer, para os angariar. (MÃE, 2008, p. 23)

Isso não significa que o menino fosse mau, corrupto, ou qualquer coisa que o valha, mas ao reconhecer um adversário através da sensação de desamparo e medo, o menino lança mão de tentativas de aproximação e apaziguamento via demonstrações de afeto.. Aparentemente, a antipatia é mútua, mas o menino procura desfazê-la, para que seu medo fosse mitigado.

A mesma tática de sobrevivência usando adulação e fabricação de afeto será testada com o cristo pessoal da avó. Apesar do pânico causado pela imagem, o menino irá procurá-la e rezar para ela, mesmo que “a medo” (MÃE, 2008, p. 30), como forma de persuadir esse cristo de suas boas intenções.

Olhando através do prisma do Outro, é de se esperar, portanto, que os habitantes da vila busquem de benjamim a performance esperada de um santo e, mais que isso, que compreendam isso como um dever do garoto. Essa dinâmica pluri-invasiva é terrível para a criança, que afirma:

ser santo não podia ser transformarem-me num boneco mágico que as pessoas secassem com os olhos, a fazerem pedidos constantes de coisas impossíveis, a porem-me a mão mil vezes como se gastaria a minha pele e o meu cabelo, como ficaria daquela cor amarela e suja como ficavam as imagens nos pontos onde todos lhes tocavam para a benção (MÃE, 2004, p. 81).

Percebendo o que o olhar do outro sobre si revela, benjamim resigna-se a esse sistema. Sendo assim, é necessário pensar a (re)formulação identitária desse e dos outros personagens cotejados a partir de suas relações e interações com as outras pessoas. Nesse ponto, o pensamento de Homi Bhabha (1998, p. 81) surge como um ponto norteador, uma vez que, para ele, “o que se interroga não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas”.

A visão do outro também é perpassada pelo espaço que esse outro ocupa, bem como pelo seu sistema de crenças. O efeito disso tudo também interagirá com as expectativas dos outros personagens no que se concerne à crença religiosa e, por isso, coordenadas pelo discurso católico. Afinal de contas, para Bhabha (1998, p. 76),

“existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou *locus*”, o que, aplicado a benjamim e sua existência, traz à baila manifestações da Igreja e, portanto, do Estado.

Dessa forma, reenfatizamos que, enquanto processo, a identidade também apresenta caráter fragmentário e interativo com o meio e entorno, ou nas palavras de Hall, “as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2014, p. 108).

Nesse ínterim, benjamim percebe pairar sobre si a expectativa de que sua santidade estivesse à disposição de todos, como se ele fosse um objeto mágico disponível para usufruto universal. A santidade, assim, começa a adquirir tons de penitência para o rapaz, representando muito mais um fardo a ser carregado do que um dom a ser dividido. Mais que isso, benjamim passa a lidar com a desilusão de conviver com seres humanos, falhos e incorrigíveis por natureza:

mas a partir daquele dia as pessoas não mudaram. e com esse tempo fui percebendo a reincidência dos pecados e toda a fragilidade humana. na verdade, nada em mim mudara, além das cicatrizes nas pernas, uma certa dificuldade em andar, algum cansaço que não seria natural num miúdo tão novo, uma qualquer paz e felicidade por ter sido escolhido para o milagre. porque a ingenuidade mantinha-se e, ao contrário do que era esperado por todos, o desconhecimento dos mistérios divinos persistia. que posso apenas garantir que existe deus, como se lá chega está na doutrina, não sei de nada, não me disse nada aquele cão, nem a noite que foi, nem o dia que veio. não ouvi vozes, sabes, manuel, senti cócegas no corpo todo, não sei se seria de estar dorido, mas acho que era para que sorrisse quando descia elevado nas flores. mas não faz sentido nenhum, porque nem eram cócegas de rir, era um formigueiro que me garantia que levava comigo o corpo, o corpo todo. como explicar-te. e isso dava-me vontade de sorrir, de estar feliz. (MÃE, 2008, p. 89)

Nesse momento, o garoto dá a dimensão de seu conflito interno: sua aceção de santidade não se encaixa nem na sua expectativa, nem na dos outros. Se os desígnios divinos são imperscrutáveis ao homem, eles também o são para esse santo mirim, que é incapaz de intervir no comportamento humano permanentemente. Essa congregação de incertezas se choca diretamente com o sentimento de pertencimento do garoto. Nesse mesmo sentido, cabe retomarmos o pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que compreende o pertencimento e a identidade como inconstantes e, por isso, moldáveis ao longo da trajetória do indivíduo. Para ele:

'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade' (BAUMAN, 2005, p. 17)

Aos poucos, a noção de pertencimento de benjamim também é afetada, sendo que o menino vai gradativamente perdendo seus pontos de referência e entrando em uma solidão densa, quase que “maciça”. Afinal de contas, sua santidade também representa isolamento: “sentia tudo sozinho, sem poder contar ao manuel nem à germana que, vivendo tão afastada, me seria impossível chegar até ela” (MÃE, 2008, p. 52)

O paroxismo da crise identitária, no entanto, ocorre quando há o cruzamento entre a crise familiar e a crise espiritual. Quando os dois valores mais fortemente calcados na construção desse sujeito entram em choque, a desestabilização que se segue é incontornável e avassaladora. Ao constatar, em uma suposta revelação, que sua própria concepção havia sido pecaminosamente anterior ao casamento dos pais, benjamim se descobre filho bastardo. O peso do pecado original, sempre à espreita ao longo da narrativa – e reiterado também socialmente, conforme vimos –, amplifica-se e recai sobre o menino, que afirma “sou fruto do mal, para me salvar precisarei de uma vida inteira a redimir tão grande erro” (MÃE, 2008, p. 151).

A ambiguidade que surge dessa revelação se deve ao fato de a santidade ter sido conferida a alguém fruto de pecado. Se a própria santidade afetou o processo identitário do rapaz, por intermédio dos choques de representações entre ele e o outro, perceber-se bastardo, ou congenitamente pecaminoso, exacerba o sentimento de não se conhecer e de não pertencer ao mesmo mundo a que os outros pertencem.

O eco dessa situação se faz também na autoimagem do narrador-personagem. Se antes ele se colocava em pé de igualdade com manuel, a ruptura desse novo autoconhecimento parece forçar o rapaz a considerar-se rebaixado, impuro e, até mesmo, menos santo do que o amigo. Nesse ponto, vale lembrar Charadeau, quando expõe a questão básica na tomada de consciência de si e do outro: “*comment peut-on être différent de moi ?*” *Car découvrir qu'il existe du différent de soi, c'est se*

découvrir incomplet, imparfait, inachevé"⁹² (CHARADEAU, 2009). No início da narrativa, benjamim e manuel eram praticamente um, agindo de forma semelhante e pensando de forma complementar. Todavia, o desenrolar da história os põe em face de vivências, complicações e dramas que precisam enfrentar enquanto indivíduos isolados, fazendo com que os dois passem também a perceber que existem individualmente.

Não é em vão que, em sua visão apocalíptica, o amigo ocupe uma posição de santidade (é representado como um centauro glorioso que abre caminhos) e de perenidade (pressupõe-se que seu caminho é honrado e ele continuará a fazer grandes coisas). benjamim, no entanto, vê a si mesmo ilhado em solidão e abandono, como o único ser que fica só, entre os escombros da vila purgada.

benjamim inicia a narrativa como o conjunto de criança, aluno, filho e neto, temente a deus, o que o ajuda a se definir e se compreender em meio a sua sociedade. Ao longo da história, ele se entende enquanto santo, capaz de realizar milagres e, por isso, sente todo o peso e cobrança por estar nessa condição, algo que vem diretamente do exterior, da sociedade. Contudo, no final da narrativa, essas duas representações não são mais coerentes, pois tudo e todos que benjamim conhecia já não existem mais, ou o abandonaram. Sem o olhar do outro, sem essa presença, sem um contexto no qual se apoiar, benjamim acrescenta ao seu processo contínuo de construção identitária uma nova camada, em que se compara e liga ao personagem mais soturno e misterioso da trama: O primeiro personagem, denominado homem mais triste do mundo, *tout court*.

Sua figura trágica parece pairar pela aldeia e perseguir benjamim ao longo de sua narrativa pessoal. Contudo, mesmo que cause pavor no menino, essa figura se manifesta, nas próprias palavras do rapaz como "incapaz de fazer mal a alguém, apenas metendo dó" (MÃE, 2018, p. 17). Essa descrição é também partilhada por outros personagens, como na afirmação idêntica feita por dona tina: "o homem mais triste do mundo [...] não fazia mal a ninguém, só metia dó" (MÃE, 2008, p. 62).

Profundamente isolado do convívio social e imerso em uma solidão absoluta, esse ser destoa em uma aldeia marcada por relações familiares e afetivas, mesmo

⁹² "Como podem ser diferentes de mim? Descobrir que existe alguém diferente de si é, pois, descobrir-se incompleto, imperfeito, inacabado". (CHARADEAU, 2009)

que em constante tensão. O único contato humano possível é destinado aos mortos da região, quando ele os busca para o sepultamento. Talvez pela estranheza de seu comportamento, talvez pelo elemento fantástico da narrativa, o homem mais triste do mundo é um ser zoomorfo – note-se: por meio do olhar dos outros, aos quais se inclui o próprio benjamim – em um movimento de aparente negação de sua humanidade, ou de sua identidade humana. Sobre ele, contam-se histórias e o garoto afirma tê-lo visto voar: – “eu juro que o vi voar por sobre o cesario numa noite de inverno” (MÃE, 2018, p. 18) –, e suas ações são revestidas de irracionalidade e urgência animais: “partia as pedras a cabeça ou abria bichos com os dentes tão caninos de fome” (MÃE, 2018, p. 17).

Apesar da aura fabulosa, esse personagem também apresenta traços de uma existência na realidade objetiva da vila, sob a função de coveiro. A união entre essas duas facetas sumariza sua função, social e espiritual, uma vez que age como ponto de contato entre o mundo dos vivos e o dos mortos, sendo arauto, supervisor e cicerone da morte:

o homem mais triste do mundo recolhia os mortos, juntava-os um a um nos braços, e dava-lhes terra e silêncio para comerem, até que parecessem a terra e o silêncio e os pudéssemos voltar a ter entre nós, como os que ficavam segurando e rodeando as flores do jardim só capazes de sussurrar na aragem mais leve. mortos de terra entre nós, para entre nós preservarem uma ligação com as nossas almas, eram como um perfume débil percebido apenas pelas gentes mais sensíveis (MÃE, 2018, p. 18).

O medo inspirado pelo homem mais triste do mundo talvez possa ser interpretado como essencialmente o medo da morte e da sua onipresença ingovernável, constantemente lembrada pela simples presença de sua figura silenciosa. E, assim sendo, do medo torpe do menino nasce o antagonismo: “só eu o via como um predador” (MÃE, 2008, p. 20). A representação que benjamim faz desse homem é calcada no grotesco, explorando a monstruosidade daquilo que ele representa. Dessa forma, em sua narrativa, o menino fantasia o homem mais triste do mundo se alimentando antropofagicamente para originar criaturas horrendas, como em um exército de seres profanos (MÃE, 2008, p. 21).

No início da narrativa, junto a manuel, partícipe do mesmo terror, benjamim delineia um projeto de libertação do medo através do homicídio daqueles que causam esse sentimento. A execução do plano seria através da intervenção divina: “o Manuel achava que deveríamos rezar, então, para que deus o matasse segundo o nosso

pedido” (MÃE, 2008, p. 22). A resolução do medo, todavia, não segue o caminho da extinção do que o personifica, mas através da mudança de relacionamento e compreensão da morte e da perda por parte de benjamim.

Nesse cenário, o suicídio de carlos parece aportar a compreensão de que a morte não precisa ser monstruosa, pois ela pode significar libertação dos sofrimentos da alma. Essa nova possibilidade é examinada na cena em que o homem mais triste do mundo vai buscar a alma aflita do ex-soldado:

e o homem mais triste do mundo veio, passou pela frente dela [de dona tina] sem que ela o visse, tomou-o nos braços e deixou-lhe ficar uma carcaça falsa em cima da cama, levou-o. a alma dele apaziguada, por fim, olhos dentro do homem mais triste do mundo, a prometer que me diria algo, agradecendo-me o milagre. (MÃE, 2008, p. 107)

O amadurecimento de benjamim através do sofrimento e sua nova compreensão dos mecanismos de vida e morte encaminha o menino para o testemunho do arremate de sua história familiar. O romance conclui-se com o fechamento de um ciclo, em que benjamim assume a identidade do homem mais triste do mundo. Todavia, essa transição é bastante dúbia, dada a quase imaterialidade desse personagem, os poucos pontos de contato entre ele e a realidade objetiva da narrativa, os relatos orais fantasiosos sobre sua existência, o não estabelecimento factual que ele ou que sua misticidade de fato existam.

Aos poucos, a mesma representação zoomórfica do homem mais triste do mundo começa a aplicar-se a benjamim, que passa a apresentar comportamentos animais, como saltar pelas árvores e deixar-se ficar empoleirado nas árvores ou viajar através de galhos (MÃE, 2008, p. 174). Esses indícios vão culminar na transição de tratamentos e de percepção dos habitantes da aldeia sobre o rapaz. Se antes, na Igreja e nas ruas, era comum que os fiéis católicos se aproximassem dele para solicitarem bênçãos e milagres, encostando as mãos sobre sua cabeça, agora, após ondas de desventura e tragédia, essas mesmas mãos tornam-se agressivas, incômodas, invasivas:

eram mil mãos constantemente a verterem sobre a minha cabeça menos macia, uma carícia mais e mais insuportável que me desbastava o cabelo, a pele, a carne, feito ferida em cicatrização lenta e doída, custava-me tudo. sozinho como job, garantira a dona tina. e todos sabiam de tudo como se a lenda fosse real e entre as provações divinas eu emergisse para a loucura. sem regresso. um santo a esgotar-se, como energia que se esvai ou luz que

se apaga lentamente, descarnado como a perder a santidade.” (MÃE, 2008, p. 154)

O menino termina sua história não mais sendo visto como um santo, capaz de fornecer a salvação tão almejada, mas como um ser trágico, que, ele mesmo, “mete dó”. Um rapaz órfão, perdido, isolado, aquele que restou sozinho e polissemicamente miserável. No fim, o olhar externo que incide sobre ele é exatamente o mesmo destinado ao homem mais triste do mundo: o da pena e da marginalização – ironicamente, o mesmo olhar que benjamim atribuía ao personagem inicial é o que ele recebe ao final da obra, quando passa a assumir o manto dessa figura ostracizada e perenemente taxada como o Outro da vila. O início do último capítulo apresenta, através demanuel, a sentença final:

não sei, benjamim, não sei entender nada, sei que dizem que és o rapaz mais triste do mundo. e era verdade que a fome tão grande me trazia coelhos selvagens à mesa, dentes caninos, e a destreza das mãos aumentava para tarefas tão duras, calos espessos e a pele secando de fealdade e terra. do que a morte come, terra e o silêncio intenso sobre toda a verdade.” (MÃE, 2008, p. 156)

De toda a forma, a tensão que surge com o fechamento de ciclo (que pressupõe o início de outro) e com a iteração de estruturas e temas relativos ao homem mais triste do mundo, quando benjamim assume essa posição, colaboram com a temática da identidade fluída, adaptável e, sobretudo, dependente das relações com o outro para se consolidar.

Complementando e sumarizando essa discussão, podemos evocar novamente o pensamento de Stuart Hall, que chama a atenção para a questão da representação do indivíduo por intermédio do filtro da alteridade

Elas [as identidades] têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2014, p. 109)

Assim sendo, *o nosso reino* nos põe em contato com a história de um sujeito cuja identidade móvel oscila entre sua necessidade de sentir-se santo e as expectativas geradas em redor de si mesmo, mas que, em última instância, acaba se modelando por perdas dolorosas causadas pela onipresença de um sistema de

crenças engessadas e opressoras, ao ponto em que a figura de santo – potencialmente o mais alto nível de humanidade entre uma comunidade religiosa – cai para o ponto mais baixo: a própria perda da humanidade.

5.2 O MUNDO DE MIGUILIM E O OLHAR DO E PARA O OUTRO

Miguilim e benjamim são dois personagens com muitas convergências: ambos são filhos de famílias pobres, que vivem em isolamento plural e não têm meios para sanar diversas de suas necessidades. As duas crianças também revelam uma forma idiossincrática de compreender e exercitar suas espiritualidades, por intermédio da negociação com a religião institucionalizada. Na passagem selecionada a seguir, podemos perceber um momento no qual Miguilim, precisando de uma intervenção divina pontual, busca na oração auxiliar a divindade a realizar o pedido. Contudo, o que talvez chame mais atenção é sua desconfiança de não ter fé o suficiente e, por isso, ele busca a validação do outro, nesse caso, da avó Izidra que, conforme discutimos anteriormente, era o bastião da religião na casa. Contrariando a necessidade de Miguilim, a avó responde com censura e ameaça de punição física:

Miguilim, era quem tinha de encalçar de rezar, sozinho por si, sem os outros, sem demão de ajuda. Ele ia. Carecia. Suprido de sua fé — que se dizia —: para auxiliar Nosso Senhor a poder obrar milagre. Miguilim queria. Mas, como é que, se ele sendo assim pequeno, agora quem é que sabia se o baguinho-de-fé nele ainda era que estava, não gastada? Descorçoava. — “Vovó Izidra, a senhora falou aquilo, aquela vez: eu tenho muita fé em Deus?” — “Tu tem é severgonhice, falta de couro! Menino atentado!...” (ROSA, 2016, p. 50)

O menino hipotetiza que sua fé estava agastada e que talvez por isso suas súplicas não tivessem tanto poder quanto era necessário para serem atendidas. Dessa forma, ele assume precisar da validação da representante da fé na família. Ele necessita desse olhar do outro sobre si para reafirmar uma característica identitária absolutamente importante para ele, a fé.

Dentro desse contexto de profunda religiosidade, cujo exercício pressupunha a observação de rituais cotidianos, o episódio em que Miguilim se nega a pedir a benção ao pai, após ter sofrido uma punição severa, torna-se icônico como uma ação de contracontrole exercida pelo menino:

Chegou, e não falou nada. Não tomou a bênção. Pai estava lá. — “O que é que este menino xixilado está pensando? Tu toma a bênção?!” Tomou a bênção, baixinho, surdo. Ficava olhando para o chão. Pai já estava encostado nele, como um boi bravo. Miguilim desquis de estremecer, ficou em pau, como estava. Já tinha resolvido: Pai ia bater, ele aguentava, não chorava, Pai batia até matar. Mas, na hora de morrer, ele rogava praga sentida. Aí Pai ia ver o que acontecia. Todos se chegaram para perto, até o tio Osmundo Cessim, Miguilim esperava. Duro. (ROSA, 2016, p. 112)

A negação de repetir o gesto ritual de pedir bênção, que a um só tempo marca poder familiar e religioso, é de uma relevância muito grande, pois Miguilim supera seu medo dessas duas esferas de poder para exibir, frente a todos, sua revolta contra os atos arbitrários paternos. Naturalmente, sendo Miguilim quem é, essa não-ação é suportada com olhos baixos e temor, mas com resolução. Ele espera, graças à punição iminente, a desforra contra esse poder totalitário e cruel, através de uma praga rogada que, no sistema de crenças do menino, era uma ferramenta de resistência de grande importância e poder. Diante do temor inspirado pelo pai e o medo da punição, da dor e da própria morte, ele se agarra na possibilidade sobrenatural de amaldiçoar alguém como forma de obter justiça.

Estes dois últimos pontos, aliás, conectam profundamente benjamim e Miguilim, uma vez que o medo parece ser um traço definidor da personalidade de ambos e que, justamente por isso, acaba moldando suas ações ao longo da narrativa. O medo de morrer é, inclusive, uma constante para Miguilim. Mal esse que o menino tenta resolver com a religião, sem, no entanto, revelar aos outros, pois acredita que se os demais concordassem e enunciassem que sua morte estava certa, não haveria mais esperanças para ele.

Miguilim procura a validação do outro em assuntos que necessita serem verdade. Consequentemente, o menino foge e evita o olhar do outro sobre assuntos que não deseja serem fato, como se isso atrasasse, negasse ou invalidasse a realidade. É esse exato movimento que pode ser percebido no trecho a seguir:

Assim que trovoava mais cão, Miguilim já andava esperando para vir perto de Vovó Izidra: — “Vovó Izidra, agora a gente vai rezar, muito?” Ah, porque Vovó Izidra, que era dura e braba desconforme, então ela devia de ter competência enorme para o lucro de rezarem reunidos — para o favor dele, Miguilim, para o que ele carecia. Nem não estava com receio do trovão de chuva, a reza era só para ele conseguir de não morrer, e sarar. Mas fingia, por versúcia — não queria conversar a verdade com as pessoas. Falasse, os outros podiam responder que era mesmo; falasse, os outros então aí era que acreditavam a mortezinha dele certa, acostumada. (ROSA, 2016, p. 50)

Enquanto não se soubesse o motivo para precisar de rezas, Miguilim estava protegido da morte iminente que havia imaginado. O medo, nesse caso, é responsável também por abrir uma torrente de pensamentos tortuosos e ininterruptos que o menino atribui à forma de pensar dos adultos:

Então ia morrer; carecia de pensar feito já fosse pessoa grande? Suspendeu as mãozinhas, tapando os olhos. Em mal que, a gente carecia de querer pensar somente nas coisas que devia de fazer, mas o governo da cabeça era erroso — vinha era toda ideia ruim das coisas que estão por poder suceder! (ROSA, 2016, p. 54)

O ser adulto, nesse sentido, está carregado de negatividade e até mesmo de descontrole. Essa leitura de mundo aponta para outra característica de Miguilim: por intermédio da observação do mundo conflituoso dos adultos que o cercam, o menino desenvolve outro tipo de medo, o da adultescência. Em suma, Miguilim não quer crescer. Enquanto seu irmão, Dito, procurava se inteirar dos assuntos dos adultos, Miguilim demonstra seu desgosto com essa etapa da vida:

Dito não fazia companhia, falava que carecia de ir ouvir as conversas das pessoas grandes. Miguilim não tinha vontade de crescer, de ser pessoa grande, a conversa das pessoas grandes era sempre as mesmas coisas secas, com aquela necessidade de ser brutas, coisas assustadas” (ROSA, 2016, p. 44)

A figura de Dito surge, nesse momento, como uma ponte entre Miguilim e o mundo dos adultos, que lhe foge da compreensão. Apesar de Dito ser mais, é ele quem normalmente se posiciona com mais desenvoltura e sensatez e, por isso mesmo, é capaz de transitar com mais facilidade entre esses dois universos. Mas, antes de nos aprofundarmos mais na figura do irmão menor, é importante dar atenção a outros traços definidores de Miguilim. Para isso, retornemos ao medo e à forma com que o menino se impressiona com situações que fogem da sua compreensão, sobretudo quando estas têm um aspecto transcendental ou sobrenatural:

Miguilim era mais pequeno, tinha medo de tudo, chegou lá sozinho para espiar, não tinha outra pessoa ninguém lá, só Mãitina mesmo, sentada no chão, todo o mundo dizia ela feiticeira, assim preta encoberta, como que deve de ser a Morte. Miguilim esbarrou, já estava com um começo de dúvida, daí viu, os olhos dele vendo: viu nada, só conheceu que o escuro estava sendo mais maldoso, em redor — e o treslinguar do fôgo — era uma mata-escura, mato em que o verde vira preto, e o fôgo pelejava para não deixar aquilo tomar conta do mundo, estremeciam mole todos os sombreados. Ele se assustou forte, deu grito. E, se agarrando nas costas dela, se abraçou com Mãitina. (ROSA, 2016, p. 51)

Nesse trecho, Miguilim entra no quarto ocupado por Mãitina, movido pela pura curiosidade e fascínio pelo desconhecido e o interdito, afinal de contas a religião dessa mulher era praticamente um tabu para a avó que, reiteradas vezes, destruía as imagens em um violento e sacrílego gesto de autoritarismo. Todavia, o medo do desconhecido – do oculto, daquilo que está velado – faz com que o menino se assuste e fuja. Sua pequena expedição ao mundo de um outro que se encontra em um sistema de crenças muito diferente do seu foi um fracasso. De certa forma, essa mesma recusa entranhada de reconhecer o aporte heterogêneo do outro, ou de interagir com essa diversidade a qual não compreende, será percebida também no trato com Patorí. Em conversas com este rapaz, “Miguilim avermelhava. Tinha nojo daquelas conversas de Patorí [sobre sexo], coisas porcas, desgovernadas”. (ROSA, 2016, p. 45). Os temas das conversas motivam Miguilim a fugir do contato com Patorí, evitando sua presença. Mesmo que, posteriormente, ele se lembre e goste do que foi dito.

De forma geral, embora talvez menos intensa, a preocupação com o outro e o olhar empático para pessoas e seres também é um traço forte da personalidade de Miguilim. Além do cuidado, o menino também revela consciência de que sua família é socialmente vulnerável, como pode ser observado neste trecho: “Miguilim ajudava a recolher a roupa — não podiam esquecer nenhuma peçazinha ali fora... — ele tinha pena daquelas roupinhas pobres, as calças do Dito, vestidinho de Drelina...” (ROSA, 2016, p. 37). Inclusive, o uso do diminutivo afetivo aparece outras vezes quando a temática da empatia de Miguilim volta à tona:

Em todo dia, também, arrastavam os bichos matados, por caça. O coelhinho tinha toca na borda-da-mata, saía só no escurecer, queria comer, queria brincar, sessépe, serelé, coelhinho da silva, remexendo com a boquinha de muitos jeitos, esticava pinotes e sentava a bundinha no chão, cismado, as orêlhas dele estremeciam constantemente. Devia de ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá na beira do mato, onde eles moravam, sôzim. (ROSA, 2016, p. 35)

Nessa passagem, chamamos a atenção para o uso do diminutivo em “coelhinho” que, em consonância com a personificação em “coelhinho da silva”, nome e sobrenome, trabalha com a afetividade, reforçada ainda pela fabulação desse coelho ter uma família que se assemelha a uma família humana (marido ou mulher). A preocupação do menino gira em torno do animal abatido e da vida que havia sido

perdida. Para ele, não é importante que esse animal seja caça e, portanto, alimento para sua família, mas sim que é também um ser vivo como ele.

A incidência da empatia de Miguilim sobre elementos tirados da fabulação também ocorre quando, enquanto amarga a punição por ter defendido sua mãe, sente ao mesmo tempo o medo de ser punido e o de ser abandonado, mas, principalmente, a compaixão pelos personagens Joãozinho e Maria, pelo mesmo motivo. Ao lembrar-se desse conto de fadas, imediatamente seu pensamento vai para o sofrimento dos irmãos da história, esquecendo-se de seus próprios temores relativos ao possível castigo paterno (ROSA, 2016, p. 33). Talvez, o paroxismo dessa orientação empática e protetora seja justamente quando Miguilim, para salvar sua mãe da agressão iminente de seu pai, protege-a com o próprio corpo e, por isso, apanha violentamente em seu lugar.

Substancialmente, o temor do pai e a empatia pelos outros, inclusive animais, é uma toada constante e dificilmente fortuita:

Pegavam muitos sanhaços, aqueles pássaros macios, azulados, que depois soltavam outra vez, porque sanhaço não é pássaro de gaiola. — "Que é que você está pensando, Miguilim?" — tio Terêz perguntava. — "Pensando em Pai..." — respondeu. Tio Terêz não perguntou mais, e Miguilim se entristeceu, porque tinha mentido: ele não estava pensando em nada, estava pensando só no que deviam de sentir os sanhaços, quando viam que já estavam presos, separados dos companheiros, tinha dó deles; e só no instante em que tio Terêz perguntou foi que aquela resposta lhe saiu da boca. Mas os sanhaços prosseguiram de cantar, voavam e pousavam no mamoeiro, sempre caíam presos na urupuca e tornavam a ser soltos, tudo continuava. (ROSA, 2016, p. 27)

A primeira resposta que Miguilim oferece ao tio remete ao pai. Logo em seguida, o narrador evidencia os pensamentos do menino e percebamos que, na realidade, sua preocupação é em realidade com os pássaros, à mercê do capricho humano, que os prende e os solta à revelia de qualquer razão, apenas porque tem esse poder. Primeiramente, o comportamento em relação às aves faz com que Miguilim se condoa, mas esse trecho evoca a forma com que o pai exerce o poder com sua família: dizendo e desdizendo, exercendo um poder que, mesmo sendo arbitrário e inconstante, é recorrente.

Nesse universo de contradições adultas, Miguilim vê em Dito uma bússola capaz de orientá-lo e ajudá-lo a navegar em águas tortuosas. Mas, embora, já no início da narrativa, a afirmação "O Dito era a pessoa melhor" (ROSA, 2016, p. 34) guie o olhar do leitor em relação ao irmão preferido de Miguilim, Dito ocupa uma posição

ambígua na narrativa, pois seu personagem funciona simultaneamente como um ponto de distanciamento e de conexão de Miguilim com os demais. Ao mesmo tempo em que Dito é mais novo do que o irmão protagonista, ele se comporta muitas vezes com maior maturidade e sabedoria, agindo como regulador do irmão:

O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado. Até as coisas que ele pensava, precisava de contar ao Dito, para o Dito reproduzir, com aquela força séria, confirmada, para então ele acreditar mesmo que era verdade. De donde o Dito tirava aquilo? Dava até raiva, aquele juízo sisudo, o poder do Dito, de saber e entender, sem as necessidades. (ROSA, 2016, p. 80)

Uma característica fundamental desse personagem é sua curiosidade e entendimento de contexto fora do comum, afinal “O Dito perguntava continuação. O Dito de tudo queria aprender.” (ROSA, 2016, p. 66). A forma com que o irmão mais novo é representado na narrativa, como uma criança cheia de sagacidade e sabedoria, faz com que ele pareça mais velho do que é. No narrar de Rosa, “o Dito parecia uma pessôinha velha, muito velha em nova” (ROSA, 2016, p. 100).

Quando Miguilim rasga acidentalmente a calça ao subir em uma árvore e é punido pelo pai a ficar nu até sua mãe terminar de costurar a roupa, acompanhamos o rompante de raiva do menino enquanto explica o posicionamento de Dito na família:

Ah, não fosse pecado, e aí ele havia de ter uma raiva enorme, de Pai, deles todos, raiva mesmo de ódio, ele estava com razão. Pudesse, capaz de ter uma raiva assim até do Dito! Mas por que era que o Dito semelhava essa sensatez — ninguém não botava o Dito de castigo, o Dito fazia tudo sabido, e falava com as pessoas grandes sempre justo, com uma firmeza, o Dito em culpa aí mesmo era que ninguém não pegava. (ROSA, 2016, p. 56)

Naturalmente, por Miguilim nos apontar que Dito quase nunca sofria castigos e represálias dos adultos, podemos pensar no irmão mais novo como o preferido da família, o protegido de tudo e quem tem mais regalias do que os outros. Mas, para além disso, é importante perceber o papel de destaque que esse menino ocupa na dinâmica familiar, ainda mais sendo justamente esse personagem o primeiro a morrer, renunciando a ruína da família a partir do seu “melhor”. Cabe também pontuar que Dito tem credibilidade o suficiente para ser levado em consideração e ouvido tanto por crianças quanto por adultos, mas, mais que isso, ele sabe utilizar sua influência para obter algum tipo de proveito pessoal – no caso, fugir das punições físicas do pai ou dos castigos da avó.

Nesse sentido, a ambiguidade desse personagem pode ser vista quando ele escolhe manipular a situação e as pessoas para proteger Miguilim. Já nos referimos a esse acontecimento anteriormente ao discutirmos a crença popular sobre a altura da árvore de pé-de-flôr ser superior à da casa, no entanto, agora chamamos a atenção para o que acontece na sequência:

Mas por que não cortavam aquela árvore de pé-de-flôr, de detrás da casa, que seo Deográcias tinha falado? Se não cortassem, era tanto perigo, de agouro, ela crescia solerte, de repente uma noite despassava mais alta do que o telhado, então alguém da família tinha de morrer, então era que ele Miguilim morria. Pois ele não era o primeirozinho separado para ser, conforme Deus podia mandar, como a doença queria? Mas nem que o pai não queria saber de cortar, quizilou quando Mãe disse. — “Não corto, não deixo, não dou esse prazer a esse seo Deográcias! Nem ele não pense que tudo o que fala é minhasordens, que por destino de pobres ignorantes a gente é bobo também...” Não cortavam, e a arvorezinha pegava asas. Miguilim escogitava. — “Dito, alegria minha maior se alguém terminasse com a árvore-de-f lôr, um vento forte derribasse...” O Dito não fosse tão ladino: quando ninguém não estava vendo ele chamou o vaqueiro Salúz, disse que para botar no chão, mandado do pai. Vaqueiro Salúz gostava de cortar, meteu o facão, a árvore era fina. Miguilim olhava de longe; de alegria, coração não descansava. Quando os outros viram, todos ficaram assustados, temor do pai, diziam o Dito ia apanhar de tirar sangue. O Dito, por uma aguinha branca como nem que ele não se importava. Saú brincando com carrinho-de-boi, com os sabucos. Um sabuco rôxo era boi rôxo, outros o Dito pedia à Rosa para no fôgo tostar, viravam sendo boizinhos amarelos, pretos, pintados de preto-e-branco. Era o brinquedo mais bonito de todos. Pai chegou, soube da árvore cortada, chamou o Dito: — “Menino, eu te amostro! Que foi que mentiu, que eu tinha mandado sentar facão na árvore-de-f lôr?!” — “Ah, Pai, ressonhei que o que se disse, se a árvore danasse de crescer, mais o senhor é que é o dono da casa, agora o senhor pode bater em mim, mas eu por nada não queria que o senhor adoecesse, gosto do senhor, demais...” E o pai abraçou o Dito, dizia que ele era menino corajoso e com muito sentimento, nunca que mentia. Mesmo Miguilim não entendia o sopro daquilo; pois até ele, que sabia de tudo, dum jeito não estava acreditando mais no que fora: mas achando que o que o Dito falou com o pai era que era a primeira verdade. (ROSA, 2016, p. 57-58)

Miguilim, aterrorizado pela certeza de que estava prestes a morrer, tenta convencer seu pai a cortar a árvore, símbolo do mau agouro, porém nhô Berno, por teimosia de não dar razão a seo Deográcias (quem havia orientado a poda), decide que a árvore ficará intacta. Nesse momento, a intervenção de Dito é salvadora, uma vez que o menino, aproveitando a boa moral que mantém entre os seus, manipula a situação para que a árvore seja cortada, assim protegendo Miguilim e, ao mesmo tempo, evitando uma punição. O poder de influência de Dito é tamanho que o próprio Miguilim passa a acreditar na versão dos fatos apresentada pelo irmão.

De certa forma, fica marcado que o irmão menor entende das coisas que orbitam na esfera adulta, pois tem uma maior sensibilidade para compreender os adultos e, dessa forma, é capaz de transitar nesse mundo e em suas lógicas, sobretudo quando surge a necessidade de proteger Miguilim. Por esses motivos, então, Dito mente. Nessa passagem, fica clara a dinâmica, desde a rapidez com que Dito compreende a situação e suas implicações, até em como utiliza da sua reputação para alicerçar sua argumentação e assim convencer o pai. Outro momento em que essa mesma dinâmica ocorre é quando Miguilim retorna a casa, após ter sido interceptado por tio Terêz e sua missiva. O rapaz, de tão afoito que chega, levanta suspeitas da avó, que indaga: “Dito, quê que foi que o Miguilim arrumou?!” “— Nada não, Vovó Izidra. Só que teve de passar em matos, ficou com medo do capêta...” (ROSA, 2016, p. 69). Embora Dito não soubesse por que o irmão se comportava daquele jeito, não hesitou em defendê-lo da curiosidade sempre perigosa da avó, evocando justamente a temida figura demoníaca, algo pertencente diretamente ao universo de símbolos e significados da avó, para justificar o comportamento de Miguilim. A explicação dada por Dito revela sua capacidade de compreensão dos adultos e de manipular uma situação de conflito para obter um resultado satisfatório:

“Dito, por que foi que você falou aquilo com Vovó Izidra?” “— Em tempo que não te auxiliei, Miguilim?” “— Mas por quê que você inventou no capêta, Dito? Por que?!” “— É porque do capêta todos respeitam, direito, até Vovó Izidra.” O Dito suspendia um susto na gente — que sem ser, sem saber, ele atinava com tudo. (ROSA, 2016, p. 69)

Naturalmente, não podemos afirmar que Dito operava essas manipulações com malícia ou com consciência exata do que fazia. Nem mesmo o narrador chega a sugerir isso, dada sua proximidade do olhar ingênuo de Miguilim. Entretanto, é inegável o poder de barganha que esse menino tem sobre os integrantes da família e seu papel decisivo que opera em diversas situações. Além disso, sua predileção por Miguilim o leva a proteger o irmão sempre que possível, nem que para isso precise apelar para assuntos tabu.

Soa-nos claro que a relação interpessoal entre os membros da família Cessim Caz é complexa, contraditória, insuficiente e frustrante. Ao menos, para Miguilim. É notável como o menino oscila entre gostar e não gostar dos membros de sua família:

— “Dito, eu fiz promessa, para Pai e Tio Terêz voltarem quando passar a chuva, e não brigarem, nunca mais...” — “Pai volta. Tio Terêz volta não.” —

"Como é que você sabe, Dito?" — "Sei não. Eu sei. Miguilim, você gosta de Tio Terêz, mas eu não gosto. É pecado?" — "É, mas eu não sei. Eu também não gosto de Vovó Izidra. Dela, faz tempo que eu não gosto. Você acha que a gente devia de fazer promessa aos santos, para ficar gostando dos parentes?". (ROSA, 2016, p. 42)

O não gostar da família o preocupa, pois o menino acredita que esse não é um sentimento natural e que, baseando-se na religião e no código moral de sua microsociedade, ele crê que deveria amar a todos, nem que para isso precisasse de intervenção divina. Todavia, é importante que se diga: Miguilim não detesta sua família, mas seus sentimentos oscilam de acordo com o contexto imediato. Se ele sofre violência do pai, o sentimento negativo pelo patriarca será uma resposta ao abuso sofrido. Mas, essa resposta não é perene e o sentimento irá mudar assim que o estímulo externo mudar também. Em determinado momento, Miguilim chega à seguinte conclusão: "Quem sabe, quem sabe, melhor ficasse sozinho — sozinho longe deles parecia estar mais perto de todos de uma vez, pensando neles, no fim, se lembrando, de tudo, tinha tanta saudade de todos" (ROSA, 2016, p. 63). Assim, a chave para o bem-querer de uma família tão complexa, que pode ser amável e abusiva ao mesmo tempo, acabe sendo o distanciamento – justamente o desfecho da narrativa.

Antes de chegar a isso, no entanto, parte da trajetória de Miguilim está conectada diretamente ao seu processo de crescimento e amadurecimento. Um ator central nessa questão é Patorí, filho do seo Deográcias, que às vezes ia com o pai visitar o Mutúm. Antes, no início da narrativa, Miguilim se orientava por oposição, ou, mais que isso, por repulsa ao comportamento de Patorí, quando este evocava questões de sexualidade: "Miguilim avermelhava. Tinha nojo daquelas conversas de Patorí, coisas porcas, desgovernadas" (ROSA, 2016, p. 45). Mas, ao longo da narrativa, a mudança no pensamento ocorre naturalmente por causa da puberdade: "E Miguilim de repente viu que estava recordando aquelas conversas do Patorí, gostando delas, auxiliando mesmo de se lembrar" (ROSA, 2016, p. 60).

O outro, nesse sentido, age não como um validador direto da identidade de Miguilim, mas como intérprete da realidade imediata e como iniciador em um mundo novo, desconhecido, que não era desejado anteriormente, mas que se impõe pela fisiologia. Esse marco mostra a entrada de Miguilim na puberdade e, por conseguinte, no processo de se tornar adulto, ao mesmo tempo em que sinaliza a ruptura que está prestes a acontecer.

Dando sequência à narrativa, o mundo que Miguilim conhecia é desestruturado pela morte e pela tragédia humana – o menino perdeu seu irmão favorito, seu “compasso” e seu protetor, enquanto o pai, figura que orbitava entre o líder terrível, violento e o líder amável e carinhoso, já não está mais ali para exercer cegamente seu poder e seus afetos –, abrindo espaço para um novo mundo se descortinar, convidando-o a tomar parte dele. O isolamento geográfico poderia, finalmente, ser superado. O isolamento educacional e do acesso à saúde, também. Apenas seria necessário abandonar a família que restou. De certa forma, a apreensão do momento já se constituía como um fator relevante para o menino: “Miguilim agora em tudo queria reparar demais, lembrado” (ROSA, 2016, p. 62).

Talvez, para leitores urbanos contemporâneos, gere estranhamento a partida de Miguilim para acompanhar um adulto desconhecido, tendo em vista uma promessa de vida melhor. Porém, essa é uma dinâmica social que existe desde a idade média e que pode ser verificada em outros tempos e espaços a nível global. De acordo com Ariès (2022, p. 341):

Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastada da casa dos pais. O sentimento da casa, do *chez soi*, do *home*, não existia para eles. O sentimento da casa é outra face do sentimento da família

Partir para aprender uma profissão, para trabalhar na casa de alguém mais abastado, ou para estudar era uma prática comum em famílias, assim como a de Miguilim que, sendo pobre e numerosa, tinha poucas perspectivas de propiciar melhorias de vida para seus filhos. Contudo, esse menino difere essencialmente em uma questão: o sentimento de família. Durante toda a narrativa, Miguilim, que não havia nascido no Mutúm, construiu uma relação, por vezes ambígua, mas forte, de pertencimento ao lugar e aos seus. Ele parte, é verdade, mas em um momento que envolve grande carga emocional.

O fechamento do texto evoca novamente a necessidade que o menino sente em capturar o momento presente, para guardá-lo na memória, como um bem precioso:

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomèzinho. Sorriu para Tio Terêz: — “Tio Terêz, o senhor parece com Pai...” Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: — “Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão

fortes, até meus olhos se enchem d'água..." Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o Pai. Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim... Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe dôces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava. (ROSA, 2016, p. 122)

Apreender o momento e lembrar-se dele: essas duas ações apoiam Miguilim em sua despedida. Afinal, o menino é constituído por seu contexto, a interação com seus familiares, a resposta aos fenômenos naturais, a falta que sente da Cuca Pingo-de-Ouro, o que Dito falou e fez por ele, as violências e acarinhamentos que sofreu do pai, as crenças populares imiscuídas com o catolicismo. Miguilim se mostra, enfim, composto por tudo aquilo que participou de sua vida, um ser em permanente processo de construção identitária.

5.3 AVES EM UMA GAIOLA

Os três irmãos Joël, Noël mais Citroën, de *L'arrache cœur*, são majoritariamente representados juntos e, muitas vezes, tratados como coadjuvantes de Clémentine, de cuja existência não têm permissão para se afastar. Talvez, a grande tensão nesse livro de Vian seja justamente entre o movimento de liberdade que essas crianças empreendem e o movimento antagônico da mãe de tentar confinar dos filhos. É nessa tensão que se embasa a identidade materna de Clémentine, que abdica de qualquer outro aspecto de si mesma. Paradoxalmente, é o impulso de cerceá-los de toda liberdade que fomenta nos meninos a tentativa de construção identitária, por meio da ânsia em descobrir as possibilidades do mundo e experimentar a liberdade que não possuem junto da mãe.

O primeiro dado de grande relevância sobre crianças ocorre já no início do texto, no capítulo III da primeira parte, na ocasião de seus nascimentos, em que é narrado ao leitor que três meninos nascem, dois simultaneamente e, algum tempo depois, o terceiro. Esse atraso no nascimento justificará que eles sejam compreendidos não como os trigêmeos que são, mas como dois gêmeos e um terceiro irmão. Dessa maneira, a fórmula 2+1 é inaugurada no momento do nascimento de Joël, Noël mais Citroën e continuará a ser utilizada na narrativa, reiterando a diferença que há entre eles.

O próprio termo em francês “*trumeaux*” – utilizado apenas uma vez em todo o romance, quando Angel pergunta sobre as três crianças – é um uso neológico feito por Vian para designar trigêmeos, criando, assim, um jogo de palavras com “*jumeaux*” (“gêmeos” em francês e que aparece oito vezes na narrativa), por aglutinar a esse termo o prefixo que designa três, “tri-“. Como o vernáculo para “trigêmeos”, em francês, é “*triplets*”, inferimos a intencionalidade por parte do autor em sua criação da palavra. Talvez, possamos pensar nessa escolha sob alguns aspectos: o primeiro, do ponto de vista da sonoridade: “*jumeaux*” e “*trumeaux*” apresentam a repetição fonemas /y.mo/, criando, assim, uma rima. Esse efeito também é utilizado na composição dos nomes Joël e Noël, terminados em /ɛl/. Retomando o trecho em que Angel sugere a Clémentine outros nomes possíveis, também há a recorrência da rima em /ɛl/: Azraël, Nathanaël, Ariel e Prünel (VIAN, 2013, p. 552-553).

Possivelmente, esse jogo de sonoridades seja relevante para reforçar a construção em 2+1 que é retomada ao longo da narrativa quando se fala dos irmãos. Citroën é o único cujo nome não rima – sua terminação é em /ɛn/ –, justamente porque são, nas palavras de Jacquemort a Angel: “*Des jumeaux et un isolé*”⁹³ (VIAN, 2013, p. 544). Desde o início da história ele se distingue dos outros, justamente por ter sido parido algum tempo depois. Para o psiquiatra, “*C’est le signe d’une forte personnalité.*”⁹⁴ (VIAN, 2013, p. 544), o que poderá ser verificado ao longo do texto. Enquanto Joël e Noël se parecem mais e demorem mais para começar a desenvolver traços de personalidade próprios, Citroën é o que se desenvolve fisicamente primeiro, é o que enfrenta abertamente Angel, e, também, o que parece normalmente ser a “cabeça” por trás das ações de contracontrole que os três irmãos efetuam.

Ainda, o termo “*Trumeaux*”, ao se aproximar morfológicamente de “*jumeaux*”, retoma a ideia de que não são trigêmeos de fato, mas dois irmãos que compartilham muito e um outro, destacado e isolado dos irmãos. Embora já mencionado, é relevante ressaltar que o reforço do sistema 2+1 ocorre reiteradas vezes como, por exemplo, no momento do sono, em que vemos “*Dans le lit de Clémentine, il y avait Clémentine et les trois bébés. Deux à droite, et un à gauche*”⁹⁵. (VIAN, 2013, p. 561).

93 “Dois, e mais um isolado” (VIAN, 2011, p. 15).

94 É “Indício de forte personalidade”. (VIAN, 2011, p. 15)

95 “Na cama de Clémentine, estavam Clémentine e os três bebês. Dois à sua direita e um à sua esquerda”. (VIAN, 2011, p. 33)

A distinção é ainda mais reforçada pela caracterização física desses personagens: Joël e Noël são loiros de cabelos lisos, enquanto Citroën é moreno com cabelos cacheados⁹⁶ e também aparenta ser mais velho que os irmãos (apesar de, por inferência, ter sido o último a nascer e ser, assim, o caçula):

Les trois salopiots galopèrent à quatre pattes dans la salle où on les enfermait avant leur tétée de troizocloques. Ils commençaient à perdre l'habitude de dormir vingt-quatre heures sur vingt-quatre et prenaient plaisir à se délasser un peu les membres de derrière. Noël et Joël glapissaient. Citroën, plus digne, tournait avec lenteur autour d'un petit guéridon bas.

Jacquemort les regardait. Il les rejoignait souvent, maintenant qu'ils ressemblaient plus à des êtres vivants qu'à des larves. Grâce au climat et aux soins reçus, ils étaient étonnamment avancés pour leur âge. Les deux premiers avaient des cheveux lisses et blond pâle. Le troisième, brun et frisé comme au jour de sa naissance, paraissait d'un an plus vieux que ses deux frères.

Ils bavaient, naturellement. Chacun de leurs arrêts sur le tapis était marqué d'une petite tache humide, reliée un moment à la bouche de son auteur par un long fil momentané, souple et fragile, et cristallin.

Jacquemort surveillait Citroën. Celui-ci, le nez vers le sol, tournait maintenant avec la dernière énergie. Puis ses mouvements se ralentirent et il s'assit. Son regard s'éleva sur le guéridon.

– Qu'est-ce que tu penses ? demanda Jacquemort.

– Baeuh !... dit Citroën.

Il tendit sa main vers l'objet. Trop loin. Il se rapprocha sans quitter la position assise, et, saisissant délibérément le bord entre ses doigts, il se mit debout.

– T'as gagné, dit Jacquemort. C'est bien comme ça qu'on fait.

– Oh ! baeuh, répondit Citroën, qui lâcha, retomba d'un coup sur les fesses et parut étonné.

– Voilà, dit Jacquemort, il ne fallait pas lâcher. C'est simple. Dans sept ans tu feras ta première communion, dans vingt ans tu auras fini tes études et cinq ans plus tard tu te marieras.

Citroën hocha la tête d'un air peu convaincu et se remit debout en un rien de temps.

– Bien, conclut Jacquemort. Ben, il va falloir prévenir le cordonnier ou le maréchal-ferrant. On les élève très durement par ici, tu sais. Et puis on ferre les chevaux et ils ne s'en portent pas plus mal. C'est comme ta mère voudra.

96 O termo "brun" para designar características físicas de Citroën aparece apenas duas vezes em todo o texto. No trecho "*Le troisième, brun et frisé comme au jour de sa naissance, paraissait d'un an plus vieux que ses deux frères.*" (VIAN, 2013, p. 583) e em "*Elle s'avance vers eux et prit Citroën dans ses bras. Il se raidit, têtue. Très douce, elle l'embrassa sur sa joue brune*" (VIAN, 2013, p. 621). Esse termo, em francês, pode ser traduzido para "moreno" ou "castanho", quando descreve a cor dos olhos ou do cabelo, por exemplo. Isso, no entanto, não exclui a possibilidade do termo, ao ser utilizado por Vian, referir-se à raça, apesar desse uso ser mais raro em língua francesa de acordo com o Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Sobre esse mesmo tema, é importante notar que no livro de Vian, "J'irai cracher sur vos tombes", no qual o escritor apresenta a história de Lee Anderson, personagem preto, para denunciar o racismo nos Estados Unidos. Nesse texto, o termo "*brun*" não é utilizado para descrever raça. No entanto, de forma alguma, negamos a possibilidade interpretativa de Citroën ser uma criança preta e, sob esse aspecto, muitas outras inferências e interpretações riquíssimas podem ser feitas, bem como um novo tipo de leitura ser proposta a esse texto. Embora não tenhamos encontrado, na materialidade linguística, mais elementos que sustentem essa hipótese, não há também nenhuma evidência que a invalide. A lexicografia do termo "*brun*" está disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/definition/brun>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

Il s'étira. Quelle vie. Et personne à psychanalyser. La boniche se montrait toujours intraitable. Aucun progrès.

– C'est moi qui vous emmènerai, mes cocos, dit-il. Ça fait des semaines que je n'ai pas mis les pieds au village.

Citroën, maintenant, tournait autour du guéridon, mais debout.

– Dis donc, observa Jacquemort. Tu apprends vite. Après tout, tu seras peut-être en avance sur mon programme. Enfin, ça va me faire quelqu'un avec qui me balader.

Joël et Noël donnaient des signes d'agitation et Jacquemort regarda sa montre.

– Eh oui, c'est l'heure. Elle est même passée. Mais que veux-tu, un retard, ça arrive à tout le monde.

Joël se mit à pleurer. Noël lui fit écho. Leur frère, immobile, les observa d'un œil froid.⁹⁷ (VIAN, 2013, p. 583-584)

Antes de nos concentrarmos na relação entre mãe e filhos que esse trecho apresenta, é necessário fazer um parêntese: Jaquemort afirma continuamente não ter ninguém interessante para exercer a psicanálise. Ironicamente, esse pensamento aparece ao observar as crianças e, em momento algum da narrativa, o psiquiatra considera utilizar seus conhecimentos e sua ciência para intervir ou ajudar esses meninos ou, ainda, tratar a mãe que, progressivamente, perde a noção da realidade.

97 "Os três javardos galopavam a quatro patas pela sala onde costumavam fechá-los antes da mamada das *trezocloque*. estavam a perder o hábito de dormir vinte e quatro em cada vinte e quatro horas e a sentir prazer em desentorpecerem um pouco os membros posteriores. Noël e Joël latiam. Citroën, mais digno, rodava com toda a pachorra em volta de uma mesinha baixa./ Jacquemort observava-os. Agora, que já se pareciam mais com os seres vivos do que com larvas, costumava com uma certa frequência fazer-lhes companhia. Graças ao clima e aos cuidados com que os rodeavam, estavam espantosamente adiantados para a idade. Os dois primeiros tinham cabelo liso, loiro claro. O terceiro, moreno e frizado, como no dia em que nascera, parecia um ano mais velho do que os irmãos./ Babavam-se, evidentemente. Cada paragem sobre a tapete ficava assinalada com uma pequena mancha úmida ligada, por instantes, à boca do seu autor por um longo fio momentâneo, dúctil, frágil e cristalino./ Jacquemort vigiava Citroën. Este, de nariz posto no chão, rodava, agora, com os últimos restos de energia que conseguira arranjar. Depois, o movimento foi diminuindo e ele acabou por sentar-se. Levantou os olhos para a mesinha./ – Em que estás a pensar? – perguntou Jacquemort./ – Baaah!... – disse Citroën./ Estendeu a mão para um objecto. Demasiado longe. Aproximou-se, sempre sentado, e agarrando se deliberadamente à borda da mesa, pôs-se de pé./ – Ganhaste – disse Jacquemort – É assim mesmo que se faz./ – Oh! Baaah – respondeu Citroën, que largou as mãos, caiu de rabo e pareceu espantado./ – Estás a ver? – disse Jacquemort – não te devias ter largado. É muito simples. Daqui a sete anos farás a tua primeira comunhão, daqui a vinte terás acabado os estudos e cinco anos mais tarde estarás casado./ Citroën abanou a cabeça com um ar pouco convicto e voltou a pôr-se de pé enquanto o diabo esfrega um olho./ – Bem – concluiu Jacquemort. – Bem, temos de ir avisar o sapateiro ou o ferrador. Cá por estas bandas educam-vos à bruta, entendeste? Também os cavalos são ferrados e nem por isso se portam pior do que vocês. Será como a tua mãe quiser./ Espreguiçou-se. Que vida! E ninguém para psicanalisar. A criada continuava intratável. Não havia progressos./ – Quem vos vai levar sou eu, meus queridinhos – disse ele. – Há uma data de semanas que não ponho os pés na aldeia./ Citroën, agora, rodava em volta da mesinha, mas de pé./ – Ora esta! – observou Jacquemort. – Que depressa que tu aprendes as coisas! No fim de contas, és capaz de ultrapassar as minhas previsões. Enfim, sempre vou ter alguém com quem dar umas voltas./ Joël e Noël davam sinais de agitação e Jacquemort olhou para o relógio./ – Ah, pois, está na hora. Até já passa. Mas que queres, um atraso é coisa que acontece a toda a gente./ Joël desatou a chorar. Noël fez coro com ele. O irmão, imóvel observava-os com um olhar frio". (VIAN, 2011, p. 61-62)

Ainda sobre esse trecho, é possível notar que toda a trajetória de vida dessas crianças está decidida e cronometrada, não parecendo existir espaços de respiro ou de negociação: o tempo passará, elas crescerão e seguirão o rumo esperado para elas. Essa noção é ainda mais interessante se lembrarmos que a própria passagem do tempo dentro da narrativa vai se complexificando, de forma que os meses se misturam e os dias se somam, fazendo com que os personagens percam mais essa “âncora” da realidade⁹⁸. Além disso, o tempo também encontra uma nova tensão: Citroën se desenvolve de forma muito mais rápida do que o esperado.

Isso seria motivo suficiente para ele se destacar e ser visto de forma isolada em relação aos seus irmãos, somando-se a isso o aspecto físico e as dimensões comportamentais e emocionais. Muito da caracterização de Citroën contribui para uma imagem de alguém impassível: ele se mantém imóvel, tem um olhar inquiridor e firme, aprende rápido e se comporta de uma forma muito inesperada para uma criança pequena. Enquanto os dois outros choram, Citroën parece analisar mais friamente as situações e ser capaz de julgar, apenas com o olhar, os envolvidos.

Nessa cena, o mesmo comportamento reaparece na interação com Jacquemort. O olhar de Citroën, quando o psiquiatra lhe fala do futuro que o espera, é cheio de intenção e comunica uma incredulidade quanto às previsões do adulto. Além disso, esse momento também marca que o menino foi o primeiro dos irmãos a começar a andar, demonstrando, novamente, sua diferença dos outros e a forma com que seu desenvolvimento é mais rápido.

Enquanto tudo isso acontece, os outros dois estão babando, galopando e latindo pela sala e, ao perceberem que está no horário de serem alimentados, agitam-se mais ainda. Novamente, a fórmula 2+1 se faz notar na narrativa: no início da cena, os três engatinhavam pela sala, mas apenas Citroën não latia (usando o termo do narrador) como os outros dois. Ao longo da ação, Citroën diferencia-se mais ainda dos irmãos, pois faz o esforço de se erguer sobre duas pernas, ou seja, do andar quadrúpede, passa a ser bípede. Chamamos a atenção para o uso dos termos “*galoper*” (“galopar”), “*glapir*” (“uivar/aulir”), “*baver*” (babar), “*signes d’agitation*” (“sinais de agitação”). Utilizados em conjunto na definição de um mesmo comportamento, os termos parecem sugerir uma interpretação animalesca do comportamento infantil

98 Tabela indicativa presente no capítulo 2.

exibido por Noël e Joël. Citroën, por sua vez, demonstra maior racionalidade e controle sobre seus impulsos, bem como a capacidade de se manter imóvel.

Em uma cena posterior, protagonizada por Angel e Jacquemort, os dois adultos vão até a vila de carro e dão carona a uma cabra e a um porco, que vão a passeio. O mais absurdo do acontecimento, no entanto, não é os animais serem caroneiros, mas o fato de que eles terem mais direito à liberdade do que os próprios filhos humanos de Angel, porque esses animais, por se comportarem bem, ganham o passe livre para sair de seu claustro costumeiro para aproveitarem o contato com o mundo exterior. Naturalmente, há o revés pelo mau comportamento:

– Quand ils se tiennent tranquilles, dit encore Angel, ils ont le droit d’aller se promener. Sinon, on les punit et on les bat. Et on les enferme. Et on les mange sans autre forme de procès.

– Oui..., dit Jacquemort abruti.⁹⁹ (VIAN, 2013, p. 563)

O que chama a atenção é justamente esse paralelismo entre animais encarcerados que são premiados pelo bom comportamento, enquanto os gêmeos e Citroën, não importa o que façam, têm o cerceamento de sua liberdade gradualmente intensificado através do exercício do poder totalitário que Clémentine goza e abusa.

Todavia, esse exercício de poder não é imperturbável. Desde o início de sua vida, esse irmão diferente é capaz de perturbar Clémentine, principalmente quando demonstra observar de perto a mãe, percebendo os gestos e ações dela, sobretudo as condenáveis, como uma espécie de vigia mirim:

Clémentine saisit le nourrisson et le regarda. C’était Noël. Sa bouche se tirait vers les coins et il en sortait un grincement grelottant. Vite elle le reposa et dégagea un sein. Puis, reprenant l’enfant, elle l’en approcha. Il se mit à aspirer à perdre haleine. Alors, d’un geste vif, elle l’éloigna du mamelon. Un petit filet de lait s’éleva en parabole et retomba sur le globe ferme. Rendu furieux par le geste de Clémentine, Noël hurla. Elle le rapprocha et il se remit à boire, geignant encore, avec une avidité affolée. De nouveau elle le souleva.

Il cria de plus belle. Clémentine était intéressée. Elle recommença. Quatre fois. Fou de rage, Noël prenait une teinte violette. Et soudain, il parut étouffer. Il avait la bouche horriblement distendue sur un cri silencieux et des larmes roulaient le long de ses joues noires de colère. Clémentine eut une peur terrible, subite, et le secoua.

– Noël... Noël..., allons...

99 “– Quando são [ou melhor, estão] sossegados – acrescentou Angel –, têm o direito de dar uma volta. Senão, apanham pancada e ficam de castigo. Não os deixam sair. E comem-nos, num processo sumário”. (VIAN, 2011, p. 35)

Elle s'affolait de plus en plus. Elle allait appeler. Et puis, brusquement, Noël retrouva son souffle pour un nouveau hurlement. Très vite, les mains tremblantes, elle lui rendit le sein.

Aussitôt calmé, il se remit à boire, goulûment.

Elle passa la main sur son front moite. Elle ne recommencerait plus.

Enfin repu, Noël s'arrêta quelques minutes après. Il déglutit à vide, rota un petit coup et sombra presque immédiatement dans un sommeil encore coupé de gros soupirs.

Lorsqu'elle prit le dernier, elle s'aperçut qu'il la regardait. Avec ses cheveux frisés et ses yeux bien ouverts, il était inquietant, profond comme un petit dieu étranger. Il souriait d'un drôle de sourire de connivence.

Il but sa tournée. De temps en temps, il s'arrêtait, la regardait et, continuant à la fixer, gardait, sans avaler, le bout du sein dans sa bouche.

Quand il eut fini, elle le reposa à sa gauche et lui tourna le dos. Les respirations frêles bruissaient dans la chambre.

Encore perturbée, elle s'étira et se remit au vague. Des trois maillots montait l'odeur aigre de la sueur. Elle fit un mauvais rêve.¹⁰⁰(VIAN, 2013, p. 562)

A presença inquiridora de Citroën desconcerta Clémentine, que percebe o filho a observá-la. O narrador, dando lastro ao pensamento dela, classifica esse olhar do menino como inquietante, profundo, ao mesmo tempo que demonstra convivência pelo ato da mãe. O profundo desconforto de Clémentine talvez provenha do fato de ter sido pega testando o seu poder de mãe com Noël. Quase que laboratorialmente, ela investiga até onde pode ir com o filho, o que acontece se ela lhe priva ou lhe oferece alimento. Nesse momento, ela é capaz de perceber que tem domínio absoluto sobre os filhos, que são bebês indefesos e lactantes.

100 "Clémentine agarrou no recém-nascido e observou-o. Era o Noël. A boca, arrepanhada nos cantos, emitia um trémulo rangido. Tornou depressa a deitá-lo, e puxou de um seio. Depois, voltando a agarrar na criança, aproximou-lho da boca. Noël desatou a aspirar, até perder o fôlego. Então Clémentine, num sacão, afastou-o do mamilo. Um fiozinho de leite ergueu-se em parábola e foi cair em cima do rijo globo. Furioso com o gesto de Clémentine, Noël deu um berro. Ela puxou-o para si e ele recomeçou a beber, gemendo, por vezes, como uma avidez de louco. Ela tornou a afastá-lo./ Ele berrou com mais força ainda. Clémentine mostrava-se interessada. Recomeçou, uma vez mais. Quatro vezes. Louco de raiva, Noël tinha agora um tom arroxeadado. E, de repente, pareceu sufocar. Tinha a boca horrivelmente distendida, num grito silencioso, e as lágrimas rolavam-lhe pelas bochechas, negras de cólera. Clémentine sentiu um medo súbito, terrível, e sacudiu-o./ – Noël... Noël... então.../ Sentia-se cada vez mais aterrorizada. Preparava-se para chamar alguém. E nisto, repentinamente, Noël recobrou o fôlego e largou outro berro. À pressa, com as mãos a tremer, voltou a dar-lhe o seio./ Ele acalmou-se logo e recomeçou a beber, com toda a gula./ Clémentine passou a mão pela testa úmida. Não repetiria a graça./ Até que, finalmente saciado, Noël recobrou o fôlego e largou outro berro. Engoliu em seco, deu um pequeno arrote e soçobrou, quase de seguida, num sono entrecortado ainda de grandes suspiros./ Quando agarrou no último, viu que este a observava. Com os seus cabelos frisados e os olhos bem abertos, era inquietante, profundo como um minúsculo e estranho deus. Sorria-lhe com um sorriso muito curioso, de convivência./ Bebeu o que lhe cabia. De vez em quando parava, olhava para ela e, sem deixar de a fixar, conservava, sem chupar, o bico do seio dentro da boca./ Mal ele acabou, ela colocou à sua esquerda e virou-lhe as costas. As frágeis respirações encheu o quarto de um leve sussurro./ Ainda perturbada, estendeu-se ao comprido e pôs-se a pensar em nada. Dos três cueiros desprendia se um acre cheiro a suor. Teve um sonho mau". (VIAN, 2011, p. 34-35)

Em termos da psicologia comportamental, de acordo com Skinner (2003, p. 327): “Quando a mãe alimenta a criança, o alimento, como um reforço primário, não é social, mas o comportamento da mãe ao apresentá-lo, é”. De forma que esse experimento mostra à mãe que a subsistência dos bebês depende unicamente dela e, por isso, ela tem poder de vida e morte sobre eles. De certa forma, a noção desse controle que exerce é tão cara a Clémentine que ela acaba tomando para si, e unicamente para si, a função de oferecer alimento aos meninos, mesmo depois de desmamados, de forma que interferir nesse direito significa usurpar-lhe o poder, enfrentar o seu domínio e invadir sua jurisdição, conforme já vimos nesta análise.

Nesse ponto, é necessário que retornemos a uma passagem já discutida anteriormente, no capítulo 3, quando tratamos da relação de Angel com a paternidade, para analisá-la, desta vez, sob a perspectiva dos gêmeos e, principalmente, de Citroën:

Angel avait repris le rivoir et s'occupait de l'autre bord. Il appliquait le tas du côté interne lorsque Clémentine parut, rouge d'avoir été si vite. En la voyant, les jumeaux poussèrent un glapissement joyeux et Citroën s'approcha d'elle et lui prit la main. Angel leva les yeux, enregistra le tout et se contracta.

– Qui leur a donné à goûter ? dit-elle.

– Moi, répondit sèchement Angel.

Quelque chose dans son ton la surprit.

– Et de quel droit ?

– Assez ! dit Angel brutal.

– Je te demande de quel droit tu as fait goûter ces enfants, dont il est entendu que tu n'as pas à t'occuper ?

Avant qu'elle ait eu le temps de refermer la bouche, les gifles arrivèrent à toute volée. Elle chancela sous le choc. Angel, blanc comme un drap, tremblait de rage.

– Assez ! gronda-t-il.

Il parut se calmer, tandis qu'elle portait une main hésitante à sa joue.

– Je regrette, dit-il enfin. Mais tu vas trop loin.

Les enfants se mirent à crier et Citroën se baissa et ramassa un clou. S'approchant d'Angel, il le lui planta dans la jambe, de toutes ses petites forces. Angel ne bougeait pas. Clémentine se mit à rire, d'un rire sanglotant.

– Assez, répéta Angel, tendu.

Elle s'arrêta.

– En fait, continua-t-il, je ne regrette pas. Je regrette de ne pas avoir tapé plus fort.

Clémentine hocha la tête et partit. Les trois enfants la suivirent. De temps en temps, Citroën se retournait et lançait à son père un regard noir. Angel restait songeur. Il projeta la scène qui venait de se dérouler et remua, gêné ; puis il revit en esprit sa femme étendue sur la table de la salle à manger et la rougeur mobile gagna ses tempes et son front. Il savait qu'il ne rentrerait plus chez lui. Il y avait assez de sciure et de copeaux dans le hangar pour qu'on puisse y dormir à l'aise et les nuits étaient tièdes. Il sentait une légère démangeaison à la jambe gauche. Il se pencha et en retira le clou, une fine pointe dorée ; sur

son pantalon de treillis verdâtre, il y avait une tache brune, de la grandeur d'une punaise. Ça faisait rire. Pauvres larves.¹⁰¹ (VIAN, 2013, p. 602-603)

Angel não responde de forma submissa, como poderia se esperar de alguém que, até esse momento contentou-se na inação: ele reage com violência física, o que causa um impacto grande, incômodo e profundo na criança que, no entanto, não é recíproco, afinal Angel continua alienado e distante dos filhos, como se eles não passassem simplesmente de um leve tormento em sua vida.

É importante considerar também que a relação entre Clémentine e Citroën não é fácil, quanto menos agradável. Embora ele tenha demonstrado apoio à mãe na cena do imbróglio com Angel, o filho também confronta a mãe fazendo questão de não chorar – mesmo quando sua boca está tremendo, e os irmãos choram –, pois se nega a demonstrar intensidade de sentimento:

De temps en temps, le cri aigu d'un des deux salopiots perçait le tout sans effort et venait s'enrouler autour des tympanes de Jacquemort. Noël ou Joël. Citroën ne criait jamais. [...] Clémentine portait Noël et Joël, confiant Citroën à la nurse. De temps en temps, il regardait sa mère et sa bouche fine frémissait. Il ne pleurait pas. Citroën ne pleurait jamais. Clémentine, parfois, lui lançait un regard ironique et affectait d'embrasser Noël et Joël.¹⁰² (VIAN, 2013, p. 576 -577)

101 “Angel, com o martelo de rebitar de novo em punho, ocupava se agora da outra borda. Estava a aplicar a bigorna pelo lado de dentro, quando apareceu Clémentine, vermelha por ter vindo tão depressa. Os gémeos, mal a avistaram, soltaram um latido de alegria e Citroën, aproximando-se, agarrou-lhe na mão. Angel levantou os olhos, registrou toda a cena e contraiu-se./ – Quem é que lhes deu de lanchar? – disse ela./ – Eu – respondeu Angel secamente./ Houve algo na maneira como ele disse aquilo que a surpreendeu./ – E com que direito?/ – Basta! – disse Angel, à bruta./ – Pergunto-te com que direito é que deu de lanchar a estas crianças, se já está assente que não tens nada de tratar delas?/ Antes mesmo dela ter tempo de fechar a boca, já as bofetadas lhe choviam em cima. Cambaleou, com o choque. Angel, branco como a cal, tremia de raiva./ – Acabou-se! – resmungou ele./ Pareceu ficar mais calmo, enquanto ela se limitava a levar à face uma mão hesitante./ – Lamento muito – acabou ele por dizer. – Mas tu excedes-te./ As crianças desataram num berreiro e Citroën agachou se e apanhou um prego. Aproximando-se de Angel, enterrou-lhe na perna, com todas as suas fracas forças. Angel não buliu. Clémentine desatou a rir-se, num riso soluçante./ – Acabou-se – repetiu Angel, ainda debaixo de tensão./ Ela parou./ – Para dizer a verdade – continuou ele – não lamento coisa nenhuma. Lamento é não te ter chegado com mais força./ Clémentine abanou a cabeça e foi-se embora. Os três miúdos foram atrás dela. Citroën voltava se de vez em quando para trás e lançava ao pai um olhar de meter medo. Angel ficara a sonhar. Projectou na tela do pensamento a cena que acabava de se desenrolar e sentiu-se pouco à vontade; depois, voltou lhe à lembrança a mulher estendida em cima da mesa da casa de jantar e um rubor móvel invadiu lhe as têmporas e a testa. Sabia que nunca mais voltaria a entrar em casa. No armazém, havia suficientes serradura e suficientes aparas para ele poder dormir à vontade e, além disso, as noites estavam amenas. Sentia uma ligeira comichão na perna esquerda. Curvou-se e arrancou o prego, de ponta fina e doirada; nas calças de serapilheira esverdeada via-se uma mancha castanha, do tamanho de um percevejo. Até dava vontade de rir. Pobres larvas”. (VIAN, 2011, p. 81-82)

102 “De vez em quando, o grito agudo de um dos javardos atravessava tudo aquilo sem grande custo e vinha enrolar se à volta dos tímpanos de Jacquemort. Noël, ou Joël. Citroën nunca gritava. Clémentine levava Noël e Joël, tendo confiado o Citroën à ama. Este olhava de vez em quando para a mãe, e a

Clémentine, por sua vez, também não parece exatamente à vontade com esse filho, a quem, por vezes, olha ironicamente. A relação entre os dois irá complexificar-se ainda mais, uma vez que entram em uma espécie de jogo de poder, no qual utilizam cartas de manipulação emocional durante o desenrolar da narrativa. A intensificação da dinâmica parece ocorrer principalmente porque Clémentine se preocupa demais com o crescimento dos filhos, a ponto de não desejar que esse processo natural ocorra. No final das contas, a tensão parece ser uma luta pela liberdade, afinal crescendo e se desenvolvendo, os filhos terão maior autonomia e liberdade, logo afastando-se do cuidado ininterrupto da mãe: justamente o que Clémentine quer evitar. Um dos primeiros indícios dessa inquietação ocorre quando Jacquemort lhe conta que Citroën começou a andar:

– Vous savez qu’il marche..., continua le psychiatre.
Elle sursauta et, dans son geste, retira le mamelon de la bouche du bébé...
Silencieux, l’enfant attendit.
– Il marche ?
Elle le reposa par terre.
– Marche !...
Citroën s’accrocha au pantalon et se mit debout. Elle le reprit, un peu démontée.
Joël et Noël, toujours hurlants, se rapprochaient à quatre pattes.
– Et eux ? demanda-t-elle.
– Eux, non, dit le psychiatre.
– Bon, approuva-t-elle.
– On dirait que ça vous ennuie qu’il marche ? suggéra Jacquemort.
– Oh ! murmura Clémentine, ils n’iront pas encore bien loin, les pauvres poulets.
Citroën avait fini. Elle attrapa Joël et Noël par leurs brassières et les cala.
Jacquemort se leva.
– Alors, en somme, demanda-t-il, vous les aimez toujours ?
– Ça a l’air de si braves gens, répondit Clémentine. Et puis ils ont besoin de moi. Vous sortez ?
– J’ai besoin de détente, observa Jacquemort.
– Vous passerez chez le maréchal-ferrant, dit Clémentine. Pour Citroën.
– Pourquoi tenez-vous à ce qu’ils soient élevés comme les gosses des paysans ?
– Pourquoi pas ? dit Clémentine sèchement. Ça vous gêne ?
– Ça me gêne, répondit Jacquemort.
– Snob ! dit Clémentine. Mes enfants seront simples.
Il quitta la pièce. Citroën le regardait et sa figure était morose comme celle d’un saint de pierre après un bombardement.¹⁰³ (VIAN, 2013, p. 585-586)

sua boca fina tremia. Não chorava. Citroën nunca chorava. Clémentine lançava-lhe, por vezes, um olhar irónico, e fingia beijar Noël e Joël. [...]” (VIAN, 2011, p. 50)

103 “– Sabe que ele já anda... – continuou o psiquiatra./ Ela sobressaltou-se e, nesse gesto, retirou o mamilo da boca do bebé... A criança, silenciosa, ficou à espera./ – Já anda?/ Pô-lo no chão./ – Anda

Há uma aprovação pela parte da mãe quando escuta que Joël e Noël ainda engatinham, ao passo que ela afirma que eles não poderão ir muito longe – prenúncio do desfecho da narrativa, talvez. No entanto, a pergunta do psiquiatra chama a atenção: será que Clémentine, sabendo que os filhos estão crescendo, ainda os amará? Como se o amor fosse garantido apenas, e tão somente apenas, enquanto os bebês fossem pequenos. A resposta dada por ela é de igual ou maior relevância, pois afirma que os ama porque eles precisam dela. Essa mãe, de certa forma, necessita que os filhos precisem dela e nessa dinâmica não há espaço para a liberdade das crianças.

Cabe aqui destacar que esse comportamento extremo não é fruto de puro delírio individual de Clémentine, ou uma doença psiquiátrica, mas talvez seja possível compreendê-lo como uma hipertrofia do constructo social conhecido como sentimento de amor materno e que, como já mencionamos, está diretamente conectado ao sentimento da infância e à identidade infantil. Badinter (1985) e Ariès (2022) demonstram que houve uma verdadeira mobilização social, desde o século XVIII e cujos efeitos se observam ainda hoje, para incitar as mulheres a desenvolverem um sentimento do amor materno¹⁰⁴ a partir da idealização do papel de mãe.

Esses estudos evidenciam que o chamado amor materno não pode ser compreendido como um instinto natural feminino, mas precisa ser percebido enquanto parte da engenharia social populista, originária daquele século, uma vez que era

lá!.../ Citroën agarrou-se-lhe às calças e pôs-se de pé. Ela, um tanto desconcertada, voltou a pegá-lo./ Joël e Noël, sempre aos berros, aproximavam-se de gatas./ – E eles? – perguntou ela./ – Eles, não – disse o psiquiatra./ – Pois – aprovou ela./ – Parece que ficou aborrecida por ele já andar? – alvitrou Jacquemort./ – Oh! – murmurou Clémentine – ainda não podem ir muito longe, os meus pobres franganitos./ Citroën chegara ao fim. Ela agarrou em Joël e Noël pelos cueiros e encaixou os no devido lugar./ Jacquemort levantou-se./ – Por conseguinte, e em suma – perguntou ele –, ainda continua a gostar deles?/ – Têm ar de ser tão boas pessoas – respondeu Clémentine. – E além disso precisam de mim. Vai sair?/ – Preciso de esticar as pernas – observou Jacquemort./ – Há de passar pelo ferrador – disse Clémentine. – É para o Citroën./ – Porque é que tem tanto empenho em que sejam criados como os filhos dos camponeses?/ – E porque não? – disse Clémentine, secamente, – incomoda-o?/ – Incomoda-me, sim senhora – respondeu Jacquemort./ – “Snob!” – disse Clémentine. – Os meus filhos não-de ser pessoas simples./ Foi-se embora dali. Citroën olhavam e seu rosto estava tão carrancudo como o de um santo de pedra após um bombardeamento”. (VIAN, 2011, p. 63)

104 Badinter (1985) deixa claro que existem registros do sentimento de amor das mães pelos seus filhos ao longo de toda a história da humanidade, e que sua pesquisa não afirma, de forma alguma, que o amor materno é invenção capitalista do século XVIII. Feita essa ressalva, o que a pesquisadora enfoca, e o que trazemos para a presente análise, é o mito socialmente construído, e reforçado durante séculos, do amor materno inato.

necessário garantir aumento populacional com vistas à produção de bens de consumo. Afinal de contas, “não é porque as crianças morriam como moscas que as mães se interessavam pouco por elas. Mas é em grande parte porque elas não se interessavam que as crianças morriam em tão grande número” (BADINTER, 1985, p. 87). O cuidado extremo de Clémentine parece ser, dessa forma, a radicalização desse sentimento de cuidar das crianças, tendo-as o mais perto possível para que elas não morram cedo.

Tendo em vista a necessidade de aumento populacional, a partir do século XVIII, os estudiosos apontam ter ocorrido uma mobilização, em toda a sociedade, com todo o tipo de argumento para convencer as mulheres a amamentarem: primeiro, o chamado “instinto natural”, já que as fêmeas mamíferas instintivamente amamentam seus filhotes; segundo, que não amamentar faria mal à saúde, podendo levar a mãe à morte; terceiro, mulheres que amamentaram são mais belas do que as que não o fizeram; quarto, amamentação gera felicidade e glória para a mãe; quinto, é mais econômico amamentar os próprios filhos, pois é caro arcar com uma ama de leite e com o tratamento das doenças que a criança pode contrair graças à falta de higiene dessa ama; sexto, quem não amamenta está sendo injusta e imoral com seu filho ao privá-lo de algo essencial para ele (BADINTER, 1985).

Naturalmente, a mudança de hábitos não ocorreu de forma rápida. Enquanto várias mulheres, sobretudo da alta burguesia, aderiram ao discurso da época, outras tantas, desde aristocratas a mulheres mais pobres, pelos mais diversos motivos, foram resistentes a aceitarem esse “recém-criado” amor materno. Mas, se a mudança de comportamentos foi lenta, o discurso da época gerou frutos e se estabeleceu: até hoje a culpa materna assombra mulheres no mundo todo, seja as que não conseguem gerar filhos e se tornarem mães biológicas, seja as que, por motivos de saúde, de trabalho, ou o que for, não podem amamentar os próprios filhos. De acordo com Badinter (1985, p. 204): “Pouco a pouco, deitava raízes a ideia de que os cuidados e o carinho da mãe eram fatores insubstituíveis da sobrevivência e do conforto do bebê”.

Todavia, o ideal materno de Clémentine se choca com a concretude da presença dos gêmeos e Citroën, que quanto mais crescem, mais desenvolvem o desejo por descobrir o mundo e começam a perceber que podem ser autossuficientes:

Les enfants avaient tiré une chaise devant le buffet. Noël la tenait à deux mains. Debout sur une chaise, Citroën tendait à Joël, l'un après l'autre, les morceaux de pain de la corbeille ; le pot de confiture reposait encore sur le

siège de la chaise, entre les pieds de Citroën. Les joues barbouillées des jumeaux trahissaient l'usage déjà fait du produit de leur expédition.

En entendant arriver leur mère, ils se retournèrent et Joël fondit en larmes, suivi de près par Noël. Seul Citroën ne broncha pas. Il prit un dernier morceau de pain et y mordit, tandis qu'il faisait face et s'asseyait près du pot de confiture. Il mâchait posément sans se presser.

En pensant qu'elle venait, une fois encore, de laisser passer l'heure, Clémentine fut saisie d'un remords honteux, plus vif encore que le déplaisir éprouvé lorsqu'il lui arrivait de rentrer en retard. L'attitude même de Citroën, cet air de provocation et de défi, complétait celle de ses frères ; s'ils faisaient face pour sa part, il avait, comme eux, le sentiment d'accomplir quelque chose de défendu ; il s'imaginait donc évidemment que sa mère les brimait tous trois volontairement, qu'elle s'opposait à ce qu'il goûte ; et cette réflexion fit tant de peine à Clémentine qu'elle faillit elle-même se mettre à pleurer. Cependant, afin d'éviter que sa cuisine ne prît des allures de vallée de larmes, elle parvint à réduire à merci ses glandes lacrymales titillées.

Elle s'avança vers eux et prit Citroën dans ses bras. Il se raidit, têtue. Très douce, elle l'embrassa sur sa joue brune.

– Mon pauvre chou, dit-elle avec tendresse. Cette vilaine maman qui oublie votre goûter. Venez, pour la peine on va boire une bonne tasse de chocolat au lait.

Elle le reposa par terre. Les larmes des jumeaux s'étaient arrêtées net et ils piaillèrent de joie en se précipitant vers elle. Ils frottaient leurs figures sales contre ses jambes gainées de noir, tandis qu'elle s'approchait du fourneau pour décrocher une casserole qu'elle remplit de lait. Médusé, Citroën, son morceau de pain à la main, la regardait. Son front plissé se détendit. Ses yeux brillaient de larmes, mais il restait encore indécis. Elle lui sourit, enjôleuse. Il sourit à son tour, d'un sourire timide comme un écureuil bleu.

– Tu vas voir comme tu m'aimeras, maintenant, murmura-t-elle presque pour elle-même. Tu n'auras plus jamais rien à me reprocher.

Et voilà, ils se nourrissent seuls, ils n'ont plus besoin de moi, se disait-elle cependant avec amertume. Peut-être qu'ils tournaient déjà les robinets.

N'importe. Cela pouvait se regagner. Elle leur donnerait tant d'amour. Elle allait leur donner tant d'amour que leur vie entière, tissée de soins et de bons offices, perdrait son sens hors de sa présence.

Comme ses yeux erraient à ce moment par la fenêtre, elle vit une épaisse fumée s'élever là-bas, vers le hangar. C'était le chemin de lancement du bateau qui brûlait.

Elle sortit pour aller voir ; derrière elle, les trois petits babillaient. Elle sentait déjà ce que signifiait l'incendie sans avoir besoin de vérifier. Son dernier obstacle s'envolait.¹⁰⁵ (VIAN, 2013, p. 621-622)

105 “Os miúdos tinham puxado uma cadeira para junto do aparador. Noël segurava-a com ambas as mãos. De pé, em cima de uma cadeira, Citroën estendia a Joël, um a um, os bocados de pão que havia no cesto; o boião da compota ainda estava em cima do tampo da cadeira, entre os pés de Citroën. As bochechas todas porcas dos gémeos traíam o destino dado ao produto da sua expedição./ Voltaram-se, ao sentirem a mãe aproximar-se, e Joël desfez-se em pranto, seguido de perto por Noël. Só Citroën se deixou ficar como estava. Agarrou num último pedaço de pão e ferrou-lhe os dentes, ao mesmo tempo que a enfrentava e se sentava junto do boião do doce. Mastigava pausadamente, sem grandes pressas./ Só de pensar que, mais uma vez, deixar a passar a hora, Clémentine foi tomada de um remorso e de uma vergonha ainda mais acerbos do que o desagrado que sentia sempre que lhe acontecia regressar tarde a casa./ A própria atitude Citroën, aquele seu ar de provocação, de desafio, era o complemento da dos irmãos; se ele lhe fazia frente é porque tinha também, como eles, a sensação de estar a fazer algo de proibido; pensava, como é evidente, que a mãe os repreenderia aos três porque assim lidera na gana e que se opunha aqueles lanchassem; e esta ideia doeu tanto a Clémentine que ela própria por pouco não desatou a chorar. A fim de evitar, porém, que a cozinha parecesse um vale de lágrimas, lá conseguiu dominar as glândulas lacrimais titiladas./ Encaminhou-se para eles e tomou Citroën nos braços. Ele, casmurro, empertigou-se. Ela, com imensa doçura, deu-lhe um beijo na

Nesse trecho, ao contrário de Clémentine se enfurecer pelos filhos terem resolvido sozinhos sua alimentação, ela opta por uma outra estratégia, a de comprar o amor dos filhos com guloseimas. Em seu pensamento, se os filhos já estavam tão autônomos para suprir as próprias necessidades, ela precisaria compensar a quebra dessa dependência com outra, nesse caso, a emocional. Para isso, planeja desdobrar-se em carinhos, palavras amorosas, atos de serviço. A semente do domínio já está aí, no planejamento que Clémentine faz para garantir o controle sobre os filhos. Semente essa que é nutrida pela partida de Angel, o “*dernier obstacle*”, o “último obstáculo” que ela tinha para dominar de forma absoluta: suas crianças.

Quando discutimos o poder de Clémentine no capítulo 3, analisamos o movimento de abandono de quem ela era anteriormente, inclusive negando a si mesma prazer sexual para ocupar o papel de mãe que idealizou. Essa mudança intensifica-se com a partida de Angel, com a narrativa tendo um lapso temporal e a terceira parte do romance se inicia quatro anos após a segunda.

Nesse momento, vislumbramos o estado em que está o lar de Clémentine:

Il n'y a rien à faire quand il pleut. On joue dans sa chambre. Noël, Joël et Citroën jouaient dans leur chambre. Ils jouaient à baver. Citroën, à quatre pattes, cheminait le long de la bordure du tapis et s'arrêtait à toutes les taches rouges. Il penchait la tête et se laissait baver. Noël et Joël suivaient et tâchaient de baver aux mêmes endroits. Délicat.

bochecha morena./ – Meu pequerruchinho – disse ela, cheia de ternura. – Esta mamã ruim que se esqueceu do vosso lanche. Olhem, pelo trabalho que tiveram, vão beber agora uma boa chávena de leite com chocolate./ Pô-lo no chão. As lágrimas dos gémeos haviam secado como por encanto e ambos pipilavam de alegria, precipitando-se para ela. Esfregavam a cara suja contra as suas pernas, metidas em meias pretas, enquanto ela, aproximando-se do fogão, tirava uma caçarola que encheu de leite. Citroën, assombrado, olhava para ela com o seu pedaço de pão na mão. Desfizeram-se-lhe as rugas da testa. Tinha os olhos ainda brilhantes de lágrimas, mas estava indeciso. Ela sorriu-lhe, a tentar seduzi-lo. E ele, por seu lado, também sorriu um sorriso tímido, como de um esquilo azul./ – Vais ver como, daqui em diante, vais gostar de mim – murmurou ela, a modos que para consigo. – Não hás de ter mais nada a censurar-me./ E pronto, já se alimentam sozinhos, já não precisam de mim, pensava ela, com amargura. Naturalmente, até já abriam as torneiras./ Não faz mal. Ainda podia ganhar terreno. Havia de enchê-los de um amor infinito. Rodeá-los-ia de tanto amor que toda a vida deles, entretecida dos cuidados e do espírito conciliador da mãe, perderia a sua razão de ser estando ela ausente./ Como, nesse momento, tivesse o olhar perdido para lá da janela, viu uma espessa fumarada e erguer-se lá ao longe, junto à serração. Era a rampa de lançamento do barco que estava a arder./ Saiu para ir ver o que se passava; os três miúdos foram-lhe no encalço, a palrar. Já estava a ver o que é que aquele incêndio queria dizer, sem sequer lhe ser necessário verificar. Assim lhe desaparecia da vista o último obstáculo”. (VIAN, 2011, p. 102-103)

Il pleuvait quand même. Clémentine, dans la cuisine, préparait des purées au lait. Elle avait engraisé. Elle ne se maquillait plus. Elle s'occupait de ses enfants. Son travail fini, elle monta pour reprendre sa surveillance.¹⁰⁶
(VIAN, 2013, p. 624)

Enquanto as crianças brincam, em um dia tedioso de chuva, a mãe cozinha para eles. O narrador faz questão de marcar a mudança física que ocorreu na protagonista: engordou e deixou de se maquiar. A explicação vem justaposta: tudo isso ocorreu porque ela estava (e continua) cuidando dos filhos. O cuidado pode ser entendido aqui, sobretudo, como prover a alimentação e vigiá-los, o que é reforçado pelo uso do verbo “*surveiller*”.

Ao chegar no quarto onde os filhos estavam, Clémentine surpreende a empregada a repreender as crianças porque brincavam de cuspir no chão:

- Vous êtes des dégoûtants. Vous êtes des petits sales.
- Il pleut dehors, observa Citroën qui venait d'en réussir un beau bien filant.
- Il pleut dehors, répéta Joël.
- Il pleut, dit Noël plus concis.¹⁰⁷ (VIAN, 2013, p. 624)

Essa cena continua com a ama enfrentando as crianças e perguntando quem limparia toda a bagunça que fizeram, ao que Citroën responde apenas que ela mesma deveria cuidar disso. Nisso, Clémentine chega e dá razão aos filhos, incentivando, inclusive, que eles continuem a brincadeira, sujando tudo o que quisessem. Presumivelmente, a resposta de Citroën é desafiadora: “*On n'a plus envie*” (VIAN, 2013, p. 624) – “Já não nos apetece” (VIAN, 2011, p. 108) – demonstrando que, agora que obtiveram a aprovação da mãe, a brincadeira perdeu o interesse, reforçando novamente o antagonismo que há entre ele e Clémentine. Além disso, a decisão de abandonar a brincadeira é secundada por seus irmãos, o que reforça a ideia de que

106 “Quando chove, não há nada a fazer. É-se obrigado a brincar no quarto. Noël, Joël e Citroën brincavam no seu. Brincavam ao jogo da baba. Citroën, de gatas, avançava à beira da tapete, parando em todas as manchas encarnadas. Baixava a cabeça e deixava escorrer a baba. Noël e Joël vinham atrás e procuravam babar-se nos mesmos sítios que ele. Tarefa delicada./ Fosse como fosse, continuava a chover. Clémentine, na cozinha, preparava as papas com leite. Engordara. Deixara de se maquilhar. Tratava dos filhos. Findo esse trabalho, tornou a subir, para tomar conta deles”. (VIAN, 2011, p. 107)

107 “ – São uns porcalhões. Só fazem porcarias./ – Está a chover – observou Citroën, que acabava de produzir um belo fio de baba./ – Está a chover – repetiu Joël./ – Chove – disse Noël, mais conciso”. (VIAN, 2011, p. 107-108)

na fórmula 2+1 Citroën atua como um líder e que os dois outros irmãos aceitam o seu comando sem questionamentos.

O trecho a seguir mostra a continuação da cena anterior, explicitando o elemento de liderança e de aceitação. Mas, para além disso, o trecho também reitera o traço da comunicação como uma forma de revelar a personalidade de cada irmão:

- Venez, dit-il à ses frères. On va jouer au train.
- Venez me faire une bisette, dit Clémentine.
- Non, dit Citroën.
- Non, dit Joël.
- Noël ne dit rien. C'était la seule possibilité résiduelle d'abréviation.¹⁰⁸ (VIAN, 2013, p. 625)

Por meio dessa conversa, somos capazes de perceber que os irmãos Joël e Noël também começam a demonstrar individualidades. Enquanto Joël normalmente repete Citroën, Noël concorda silenciosamente, mostrando um traço lacônico. Todavia, esses meninos não terão tempo para explorar suas identidades individuais, uma vez que serão aprisionados pela mãe.

De toda forma, a união dos irmãos encabeçada por Citroën consegue desafiar Clémentine em seu próprio jogo de chantagem emocional. Ela, que havia preparado a comida, chama os filhos para se alimentarem, mas eles simplesmente se negam. Enquanto as decisões parecem ser tomadas por Citroën e reforçadas pelos irmãos, Joël e Noël também tomam a palavra:

- Eh bien ! dit Clémentine, la voix cassée d'avoir trop crié, il marche rudement bien, ce train. Venez manger votre purée.
- Non, dit Citroën.
- Non, dit Joël.
- Pour me faire plaisir, dit Clémentine.
- Non, dit Citroën.
- Non, dit Joël.
- Alors je vais pleurer, dit Clémentine.
- Tu ne sais pas, observa Noël méprisant, arraché à son laconisme habituel par la remarque vraiment outrecuidante de sa mère.
- Ah ! je ne sais pas pleurer ? dit Clémentine.
- Elle fondit en larmes, mais Citroën l'arrêta aussitôt.
- Non, dit-il. Tu ne sais pas. Toi, tu fais hû, hû, hû. Nous on fait ah.
- Alors ah, ah, aah ! dit Clémentine.
- Ce n'est pas ça, dit Joël. Écoute.

108 “– Venham cá – disse ele para os irmãos. – Vamos brincar aos comboios./ – Venham cá dar-me um beijinho – disse Clémentine./ – Não – disse Citroën./ – Não – disse Joël./ Noël ficou calado. Era a única possibilidade residual de abreviatura”. (VIAN, 2011, p. 108)

Puis gagné par l'ambiance, Noël réussit une larme. Piqué au jeu, Joël continua. Citroën ne pleurait jamais. Mais il était très triste. Peut-être même désespéré.

Clémentine s'inquiéta :

– Mais vous pleurez pour de vrai ! Citroën ! Noël ! Joël ! Cessez cette comédie, mes minets ! Mes petits ! Mes chéris ! Voyons ! Ne pleurez pas ! Qu'est-ce qu'il y a ?

– Vilaine ! beugla Joël, lamentable.

– Méchante ! glapit Citroën, furieux.

– Ouin ! hurla Noël de plus belle.

– Mes chéris ! Mais non ! Ce n'est rien, voyons, c'était pour rire ! Enfin, vous me rendez folle !

– Je ne veux pas de purée, dit Citroën et il se remit à brailler.

– Veux pas la purée ! dit Joël.

– A veux pas ! dit Noël.

Quand ils étaient émus, Joël et Noël se remettaient à parler bébé.

Clémentine les caressait et les embrassait, complètement démontée.

– Mes petits choux, dit-elle. Eh bien ! on la mangera tout à l'heure. Pas maintenant.

Tout s'arrêta comme par magie.

– Viens jouer au bateau, dit Citroën à Joël.

– Oh ! oui, au bateau, dit Joël.

– Au bateau, conclut Noël.

Ils s'écartèrent de Clémentine.

– Laisse-nous, dit Citroën. On joue.

– Je vous laisse, dit Clémentine. Vous voulez bien que je reste à tricoter ?

– À côté, dit Citroën.

– Va à côté, dit Joël. Hue, bateau !

Clémentine soupira et sortit à regret. Elle aurait voulu les avoir encore tout petits et tout mignons. Comme le premier jour où ils avaient tété. Elle baissa la tête et se rappela.¹⁰⁹ (VIAN, 2013, p. 626-627)

109 “– Muito bem – disse Clémentine, num fio de voz de tanto ter berrado – este comboio anda que é uma maravilha. Vamos a comer a papa./ – Não – disse Citroën./ – Não – disse Joël./ – Para eu ficar contente – disse Clémentine./ – Não – disse Citroën./ – Não – disse Joël./ – Então eu choro – disse Clémentine./ – Não sabes – observou Noël, com ar de desprezo, desperto do seu habitual laconismo pela observação realmente petulante da mãe./ – Ah, com que então eu não sei chorar? – disse Clémentine./ E desfez-se num mar de lágrimas, que Citroën logo interrompeu./ – Não – disse ele. – Não sabes, tu fazes uh, uh, uh e nós fazemos ah./ – Então ah, ah, ah! – disse Clémentine./ – Não é assim – disse Joël. – Ora ouve./ Influenciado pelo ambiente, Noël lá conseguiu arranjar uma lágrima. Entrando no jogo, Joël continuou. Citroën nunca chorava. Mas estava tristíssimo. Talvez, mesmo, desesperado./ Clémentine começou a ficar inquieta./ – Mas estão a chorar de verdade! Citroën! Noël! Joël! Acabem com essa fita, queridinhos! Meus meninos! Meus queridinhos! Ora esta! Não chorem mais! O que é que se passa?/ – Má! – baliu Joël, queixoso./ – Ruim! – ganiu Citroën, furioso./ – Uah! – berrou Noël, cada vez mais alto./ – Amorzinhos! Pronto! Não foi nada, era só a brincar! Oh, vocês põem-me doida!./ – Não quero papa – disse Citroën, e desatou novamente a barregar./ – Papa, nada! – disse Joël./ – Nada! – disse Noël./ Joël e Noël, quando se emocionavam, recomeçavam a falar à bebé./ Clémentine, completamente transtornada, acariciava-os e beijava-os/ – Meus pequerruchinhos – disse ela. Pronto, só comem daqui a bocado. Agora, não./ Tudo aquilo parou, como por magia./ – Anda brincar aos barcos – de Citroën para Joël./ – Ah! Está bem, aos barcos – disse Joël./ – Aos barcos – concluiu Noël./ Afastaram-se de Clémentine./ – Vai-te embora – de Citroën. – Estamos a brincar./ – Bem, vou-me embora – disse Clémentine. – Não querem que eu fique aqui a fazer malha?/ – Ali ao lado – de Citroën./ – Vai ali para o lado – disse o Joël/ – Uh! Barco! Clémentine suspirou e saiu, contrafeita. Gostaria que ainda fossem pequeninos e engraçadinhos como eram. Como no dia que deu a primeira mamada. Baixou a cabeça e pôs-se a recordar”. (VIAN, 2011, p. 109-110)

De forma absolutamente pueril, Clémentine ameaça seus filhos de que ela chorará caso eles não se alimentem. Com esse ato, ela espera afirmar o controle sobre eles, fazendo-os obedecer a seus desígnios por intermédio de chantagem emocional. Porém, o que ela não espera é que Citroën, mais Joël e Noël tomem a rédea em seu jogo de poder, através da atitude de contracontrole em conjunto, de simplesmente dizer não:

o grupo age como uma unidade na medida em que seus membros são afetados do mesmo modo pelo indivíduo. Não precisa ser altamente organizado, mas geralmente alguma organização se desenvolve. Os procedimentos controladores adquirem certa uniformidade advinda das forças coesivas que levam o indivíduo a tomar parte na ação do grupo [...] (SKINNER, 2003, p. 353)

Mesmo que não tenha sido combinada anteriormente, a estratégia de contracontrole vai além, pois os meninos continuam com a tomada de poder, pois decidem chorar para causar desconforto na mãe, que cede às suas vontades e acaba sendo deixada de lado. Em uma só cena, os três filhos não apenas negam a alimentação – fonte primária de controle de Clémentine – como invertem a chantagem emocional que ela havia engendrado. Aparentemente, o ciclo de controle de Clémentine começa a decair.

A necessidade de governo sobre os filhos, no entanto, é tão grande que a mãe passa a desenvolver pensamentos paranoicos a respeito da segurança das crianças. Ela, em algo similar a um fluxo de consciência, enumera as mais variadas catástrofes que podem acontecer. Em sua lista mental, alguns acidentes são pautados em possibilidades reais, mas rapidamente tergiversa para o delírio.

Comme je suis inquiète, se dit Clémentine, accoudée à sa fenêtre.
Le jardin se dorait au soleil.

Je ne sais pas où sont Noël, Joël ni Citroën. En ce moment ils peuvent être tombés dans le puits, avoir mangé des fruits empoisonnés, avoir reçu une flèche dans l'œil si un enfant joue sur le chemin avec une arbalète, attraper la tuberculose si un bacille de Koch se met en travers, perdre connaissance en respirant des fleurs trop parfumées, se faire piquer par un scorpion ramené par le grand-père d'un enfant du village, explorateur célèbre revenu récemment du pays des scorpions, tomber d'un arbre, courir trop vite et se casser une jambe, jouer avec l'eau et se noyer, descendre la falaise et trébucher et se rompre le cou, s'écoucher à un vieux fil de fer et contracter le tétanos ; ils vont aller au fond du jardin et retourner une pierre, sous la pierre, il y aura une petite larve jaune qui va éclore instantanément, qui va s'envoler vers le village, s'introduire dans l'étable d'un méchant taureau, le piquer près du nase ; le taureau sort de son étable, il démolit tout ; le voilà qui part sur le chemin, dans la direction de la maison, il est comme fou et il laisse des touffes

de poils noirs dans les virages en s'accrochant aux haies d'épine-vinette ; juste devant la maison, il se rue tête baissée contre une charrette lourde tirée par un vieux cheval à moitié aveugle. Sous le choc, la charrette se disloque et un fragment de métal est projeté en l'air à une hauteur prodigieuse ; c'est peut-être une vis, un boulon, un écrou, un clou, une ferrure du brancard, un crochet de l'attelage, un rivet des roues, charronnées, puis brisées, réparées au moyen d'éclisses de frêne taillées à la main, et le morceau de fer monte en sifflant vers le ciel bleu. Il passe par-dessus la grille du jardin, mon Dieu, il retombe, il retombe et en tombant effleure l'aile d'une fourmi volante et l'arrache, et la fourmi, mal dirigée, perdant sa stabilité, vague au-dessus des arbres comme une fourmi abîmée, s'abat soudain dans la direction de la pelouse, mon Dieu, il y a là Joël, Noël et Citroën, la fourmi tombe sur la joue de Citroën et, rencontrant peut-être des traces de confiture, le pique...

– Citroën ! où es-tu ?

Clémentine s'était précipitée hors de sa chambre, et criait, hors d'elle, tout en descendant l'escalier au grand galop. Dans le vestibule, elle se heurta à la bonne.

– Où sont-ils ? Où sont mes enfants ?

– Mais ils dorment, répondit l'autre l'air étonné. C'est l'heure de leur sieste.

Eh bien ! oui, ce n'est pas arrivé cette fois ; mais c'était parfaitement plausible.¹¹⁰ (VIAN, 2013, p. 631)

A torrente de pensamentos é tão intensa e rocambolesca que consegue surpreender com as direções imprevistas que toma. Em suma, a lógica dessa mãe pode ser sintetizada da seguinte forma: é necessário, pois, que ela saiba sempre onde

110 “Como eu me sinto inquieta, pensou Clémentine, debruçada à janela./ O jardim doirava-se ao sol./ Não sei onde eles estão, o Noël, o Joël ou o Citroën. Podem, entretanto, ter caído ao poço, ou comido alguns frutos envenenados, ou apanhado com alguma seta num olho, se algum outro miúdo anda a brincar no meio da estrada com um arco, ou podem ter sido contaminados pela tuberculose, se algum bacilo de Koch se meteu de permeio, ou terem perdido os sentidos, se cheiraram alguma flor de perfume muito intenso, ou terem sido picados por um escorpião trazido pelo avô de algum garoto da aldeia, algum célebre explorador que tenha chegado há pouco da terra dos escorpiões, ou terem caído de uma árvore abaixo, ou corrido, depressa demais e partido uma perna, ou brincado com a água e terem-se afogado, ou descido a falésia e estampado e quebrado a espinha, ou terem se arranhado nalgum arame ferrugento e apanhado o tétano; foram até o fundo do jardim e viram uma pedra, debaixo da qual havia uma pequena larva amarela que se vai desenvolver num abrir e fechar de olhos, e voar em direcção à aldeia, introduzir-se no estábulo de um touro bravo e picá-lo no focinho; o touro sai do estábulo, deita tudo abaixo, e ei-lo que mete pernas ao caminho, em direcção a esta casa, vem de lá como doido, deixa tufos de pêlo negro em cada curva, presos às moitas de uva-espim; e, mesmo em frente da casa, lança-se de cabeça baixa contra uma pesada carroça puxada por um cavalicoque meio-cego. Com o choque, a carroça desmantela-se e um pedaço de metal é projectado no ar a uma altura incrível; talvez um parafuso, uma cavilha, uma porca, um prego, um ferro do varal, um gancho de ligação, um rebite das rodas, que foram carpinteiradas e depois quebradas, e reparadas mediante cinchos de freixo talhados à mão, e esse pedaço de ferro suba, silvando, em direcção ao azul do céu. Passa por cima do gradeamento do jardim, e oh, meu Deus, vai cair, vai cair e, na queda, aflora a asa de uma formiga voadora, arrancando-lha, e a formiga, mal dirigida, perdida a estabilidade, vagueia por sobre as árvores como uma formiga que já não presta, e tomba, de repente, sobre a relva onde, Deus meu, está Joël, Noël e Citroën, a formiga cai em cima da bochecha de Citroën e, deparando, possivelmente, com os restos de doce, pica-o.../ – Citroën! Onde estás?/ Clémentine precipitara-se para fora do quarto e gritava, fora de si, enquanto descia as escadas a galope. No vestibulo, esbarrou com a criada./ – Onde é que eles estão? Onde estão os meus filhos?/ – Estão a dormir – respondeu a outra, com ar de espanto. – É a hora da sesta./ Pois é, ainda não foi desta; mas era perfeitamente plausível”. (VIAN, 2011, p. 115-116)

os filhos estão e seja capaz de assegurar que nenhum acidente os aflija. Só assim poderá considerá-los em segurança. Dessa forma, controlar os corpos das crianças assume, para ela, uma forma de cuidado e zelo, uma garantia de que nenhum mal físico ocorrerá. Nesse contexto, ela poderá obter também o subproduto da vigilância e controle intensificados, exercício pleno e respeito de seu poder materno, que fazem parte do conjunto de promessas apregoadas pelo ideal de maternidade:

Desse ponto de vista, exaltam-se interminavelmente as doçuras da maternidade, que deixa de ser um dever imposto para se converter na atividade mais invejável e mais doce que uma mulher possa esperar. Afirma-se, como fato incontestável, que a nova mãe amamentará o filho pelo seu próprio prazer e que receberá como prenda uma ternura infinita. Progressivamente, os pais se considerarão cada vez mais responsáveis pela felicidade e a infelicidade dos filhos. Essa nova responsabilidade parental, que já encontrávamos entre os reformadores católicos e protestantes do século XVII, não cessará de se acentuar ao longo de todo o século XVIII. No século XX, ela alcançará seu apogeu graças à teoria psicanalítica. Podemos dizer desde já que se o século XVIII a confirmou, acentuando a responsabilidade da mãe, o século XX transformou o conceito de responsabilidade materna no de culpa materna. (BADINTER, 1985, p. 178-179)

Clémentine, de certa forma, é a representação hipertrófica dessa dinâmica. De início, ela não sentia o amor materno que se esperava dela. Ela não apenas afirma que seus filhos lhe farão mal, como também negligencia e se esquece de suas crianças, privando-as de alimento, enquanto procura sua satisfação individual. E seu amor materno devocional não nasce espontaneamente, ele surge motivado pela culpa. Em outras palavras, Clémentine primeiro sente culpa materna e, apenas depois disso, desenvolve o amor materno, em um percurso muito parecido com o que foi forjado para as mulheres, de acordo com Badinter (1985, p. 202):

Desde o século XVIII, vemos desenhar-se uma nova imagem da mãe, cujos traços não cessarão de se acentuar durante os dois séculos seguintes. A era das provas de amor começou. O bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna. A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela.

Todavia, no caso dos meninos em *L'arrache cœur*, o amor e dedicação maternos não vêm de graça. Clémentine professa que os filhos são seus, como se fossem objetos ou propriedades, de forma que o sentimento de pertença familiar é

inviabilizado, pois acredita que a relação entre ela e as crianças gira em torno de poder e de posse:

Les enfants appartiennent à leur mère. Puisqu'elles ont eu mal en les faisant, ils appartiennent à leur mère. Et pas à leur père. Et leurs mères les aiment, par conséquent, il faut qu'ils fassent ce qu'elles disent. Elles savent mieux qu'eux ce qu'il leur faut, ce qui est bon pour eux, ce qui fera qu'ils resteront des enfants le plus longtemps possible. Les pieds des Chinoises. Les Chinoises, on leur met les pieds dans des chaussures spéciales. Peut-être des bandelettes. Ou des petits étaux. Ou des moules d'acier. Mais en tout cas, on s'arrange pour que leurs pieds restent tout petits. On devrait faire la même chose avec les enfants entiers. Les empêcher de grandir. Ils sont bien mieux à cet âge-là. Ils n'ont pas de soucis. Ils n'ont pas de besoins. Ils n'ont pas de mauvais désirs. Plus tard, ils vont pousser. Ils vont étendre leur domaine. Ils vont vouloir aller plus loin. Et que de risques nouveaux. S'ils sortent du jardin, il y a mille dangers supplémentaires. Que dis-je mille ? Dix mille. Et je ne suis pas généreuse. Il faut éviter à tout prix qu'ils sortent du jardin. Déjà, dans le jardin, ils courent un nombre incalculable de risques. Il peut y avoir un coup de vent imprévu qui casse une branche et les assomme. Que la pluie survienne, et, s'ils sont en sueur après avoir joué au cheval, ou au train, ou au gendarme et au voleur, ou à un autre jeu courant, que la pluie survienne et ils vont attraper une congestion pulmonaire, ou une pleurésie, ou un froid, ou une crise de rhumatismes, ou la poliomyélite, ou la typhoïde, ou la scarlatine, ou la rougeole, ou la varicelle, ou cette nouvelle maladie dont personne ne sait encore le nom. Et si un orage se lève. La foudre. Les éclairs. Je ne sais pas, il peut même y avoir ce qu'ils disent, ces phénomènes d'ionisation, ça a un assez sale nom pour que ça soit terrible, ça rappelle inanition. Et il peut arriver tant d'autres choses. S'ils sortaient du jardin, cela serait évidemment bien pire. Mais n'y pensons pas pour l'instant. Il y a assez à faire pour épuiser toutes les possibilités propres du jardin. Et quand ils seront plus grands, ah ! la ! la ! Oui, voilà les deux choses terrifiantes, évidemment : qu'ils grandissent et qu'ils sortent du jardin. Que de dangers à prévoir. C'est vrai, une mère doit tout prévoir. Mais laissons ça de côté. Je réfléchirai à tout ça un peu plus tard ; je ne l'oublie pas : grandir et sortir. Mais je veux me contenter du jardin pour le moment. Rien que dans le jardin, le nombre d'accidents est énorme. Ah ! Justement ! le gravier des allées. Combien de fois n'ai-je pas dit qu'il était ridicule de laisser les enfants jouer avec le gravier. S'ils en avalent ? On ne peut pas s'en apercevoir tout de suite. Et trois jours après, c'est l'appendicite. Obligé d'opérer d'urgence. Et qui le ferait ? Jacquemort ? Ce n'est pas un docteur. Le médecin du village ? Il n'y a qu'un vétérinaire. Alors, ils mourraient, tout simplement. Et après avoir souffert. La fièvre. Leurs cris. Non, pas de cris, ils gémissaient, ce serait encore plus horrible. Et pas de glace. Impossible de trouver de la glace pour leur mettre sur le ventre. La température monte, monte. Le mercure dépasse la limite. Le thermomètre éclate. Et un éclat de verre vient crever l'œil de Joël qui regarde Citroën souffrir. Il saigne. Il va perdre l'œil. Personne pour le soigner. Tout le monde est occupé de Citroën, qui geint de plus en plus doucement. Profitant du désordre, Noël se faufile dans la cuisine. Une bassine d'eau bouillante sur le fourneau. Il a faim. On ne lui a pas donné son goûter, naturellement, ses frères malades, on l'oublie. Il monte sur une chaise devant le fourneau. Pour prendre le pot de confiture. Mais la bonne l'a remis un peu plus loin que d'habitude, parce qu'elle a été gênée par une poussière volante. Cela n'arriverait pas si elle balayait un peu plus soigneusement. Il se penche. Il glisse. Il tombe dans la bassine. Il a le temps de pousser un cri, un seul, et il est mort, mais il se débat encore mécaniquement, comme les crabes qu'on

jette vivants dans l'eau bouillante. Il rougit comme les crabes. Il est mort. Noël!¹¹¹ (VIAN, 2013, p. 632-633)

Se a argumentação de Clémentine inicia com alguma lógica, evocando o cuidado materno de garantir aos filhos condições para que aproveitem a infância, logo ela assume um viés preocupante: evoca a técnica dos pés de lótus, tradição chinesa na qual os pés de meninas e moças eram constrictos intensamente para não se desenvolverem no formato natural, tornando-se, assim, atrofiados e deformados por questões de status ou de estética. Ora, se era possível tolher o crescimento dos pés

111 “Os filhos pertencem à mãe. Porque foi ela que sofreu para os fazer, por conseguinte é à mãe que eles pertencem. E não ao pai. E como as mães os amam, eles têm de fazer o que elas disserem que eles devem fazer, o que é bom para eles, aquilo que faz com que continuem crianças o maior tempo possível. Os pés das chinesas. Às chinesas, metem-lhe os pés nos sapatos especiais. Talvez em faixas. Ou pequenos tornos. Ou moldes de aço. Seja como for, lá conseguem que os pés fiquem pequeninos. Devia fazer-se o mesmo com as crianças inteiras. Impedi-las de crescer. Estão muito melhor sempre com esta idade. Não têm problemas. Não têm carências. Não têm ruins apetites. Depois, começam a crescer. A aumentar o seu domínio. E querem ir sempre mais longe. Correr novos riscos. Quando saírem do jardim, há logo mil e um perigos suplementares. Mil e um? Que digo eu? Dez mil e um. E não estou a exagerar. Há que evitar, a todo o custo, que saiam do jardim. Já aqui no jardim correm um número incalculável de riscos. Pode vir uma brusca rabanada de vento que quebre um tronco e este venha cair-lhes em cima. Basta começar a chover, e estarem eles suados por terem estado a brincar aos cavalos, ou aos comboios, ou aos polícias e ladrões, ou a qualquer outro jogo do costume, basta começar a chover para eles apanharem uma congestão pulmonar, ou uma pleurisia, ou um resfriado, ou uma crise de reumático, ou a poliomielite, ou a febre tifóide, ou a escarlatina, ou sarampo, ou a varicela, ou essa doença nova que ainda não tem nome. E se se levantar um temporal? Raios, relâmpagos. Sei lá, pode mesmo acontecer aquilo de que se fala, aqueles fenómenos de ionização, com o nome tão disparatado como esse não deve ser coisa por aí além, faz lembrar inanição. E podem suceder tantas outras coisas. É Claro que se saíssem do jardim, seria bem pior. Mas, por enquanto, é melhor não se pensar nisso. Já basta ter de esgotar todas as eventualidades próprias do jardim. E quando eles crescerem, então é que vão ser elas! Pois é: as duas coisas que me metem medo são: o eles crescerem, e o saírem do jardim. Os perigos que eu não vou ter de prever. Realmente, uma mãe tem que prever tudo. Mas deixemos isto. Hei-de pensar melhor neste assunto, daqui a uns tempos; não me esquecerei: crescer e sair. Mas, por agora, contento-me com o jardim. Só no jardim, já enorme o número de acidentes possíveis. Ah! Isso mesmo. O saibro dos carreiros. Quantas vezes eu já não disse que era ridículo deixar as crianças brincar com o saibro. E se eles engolem? É impossível dar-se logo por isso. E passados três dias, aí temos uma apendicite. E uma operação de urgência. E quem a faz? Jacquemort? Não é médico. O médico da aldeia? Só há um veterinário. Morreriam, por conseguinte, pura e simplesmente. E após quanto sofrimento. Febre. Os seus gritos. Não, não haveria gritos, seriam gemidos, o que ainda é mais horrível. E nenhuma pedra de gelo. Impossível arranjar-se gelo para lhes pôr na barriga. A temperatura a subir, a subir. O mercúrio chegou ao máximo. O termómetro rebenta. E um estilhaço de vidro penetra no olho de Joël que assistia ao sofrimento de Citroën. Começa a sangrar. Vai ficar sem o olho. Ninguém para o tratar. Toda a gente rodeia Citroën, que cada vez geme mais baixinho. Aproveitando-se da desordem, Noël escapa se para a cozinha. Há uma panela de água a ferver ao lume. Noël está cheio de fome. Pois claro, não lhe deram de comer; como os irmãos estão doentes, esqueceram-se dele. Sobe para cima de uma cadeira que está em frente do fogão, para agarrar no boião do doce. Mas a criada pô-lo um pouco mais longe do que é costume, porque se sentiu incomodada com a poeira que andava no ar. Tal não aconteceria se ela varresse a casa com mais cuidado. Ele debruça-se. Escorrega. Cai dentro da panela. Só tem tempo para soltar um grito, um único grito, e ei-lo que morre, conquanto se debata ainda mecanicamente, como os caranguejos que se atiram ainda vivos para dentro de água a ferver. Fica todo encarnado como um caranguejo. Morreu. Noël!” (VIAN, 2011, p. 116-118)

através do confinamento, por que isso não poderia acontecer com o corpo inteiro de um indivíduo, se esse não tivesse o espaço necessário para o desenvolvimento corpóreo? Se, enquanto mãe, Clémentine desejava que seus filhos fossem crianças pelo maior tempo possível, ao mesmo tempo em que precisava exercer poder sobre eles e, também, garantir sua segurança, o salto lógico para o encarceramento, sob o ponto de vista dessa personagem, parece apenas natural, pois isso significaria que ela é uma boa mãe.

Je suis une bonne mère. Je pense à tout ce qui peut leur arriver. Tous les accidents qu'ils risquent, j'y pense d'avance. Et je ne parle pas des dangers qu'ils courront lorsqu'ils seront plus grands. Ou lorsqu'ils sortiront du jardin. Non. Ceux-là, je les garde en réserve. J'ai dit que j'y penserais par la suite. J'ai le temps. J'ai le temps. Il y a déjà tant de catastrophes à imaginer. Tant de catastrophes. Je les aime puisque je pense à ce qui peut leur arriver de pire. Pour le prévoir. Pour le prévenir. Je ne me complais pas dans ces évocations sanglantes. Elles s'imposent à moi. Ceci prouve que je tiens à eux. J'en suis responsable. Ils dépendent de moi. Ce sont mes enfants. Je dois faire tout ce qui est en mon pouvoir pour leur éviter les calamités innombrables qui les guettent. Ces anges. Incapables de se défendre, de savoir ce qui est bon pour eux. Je les aime. C'est pour leur bien que je pense à tout cela. Cela ne me fait aucun plaisir. Je frémis à l'idée qu'ils peuvent manger des baies empoisonnées, s'asseoir dans l'herbe humide, recevoir une branche sur la tête, tomber dans le puits, rouler du haut de la falaise, avaler des cailloux, se faire piquer par les fourmis, par les abeilles, par les scarabées, les ronces, les oiseaux, ils peuvent respirer des fleurs, les respirer trop fort, un pétale leur entre par la narine, ils ont le nez obstrué, cela remonte au cerveau, ils meurent, ils sont si petits, ils tombent dans le puits, ils se noient, la branche s'écroule sur leur tête, le carreau casse, le sang, le sang...¹¹² (VIAN, 2013, p. 634-635)

112 “Sou uma boa mãe. Penso em tudo enquanto lhes possa vir a suceder. Todos os perigos a que se arriscam, já pensei neles, de antemão. Para já não falar dos perigos que hão-de correr quando forem mais crescidos. Ou quando forem para o jardim. Não. Esses, vou eu conservá-los de reserva. Já disse que havia de pensar em tudo isso com mais tempo. Tenho tempo. Tenho tempo. Há já tantas desgraças em que pensar. Tantas desgraças. Eu amo-os, visto que penso naquilo que de pior lhes pode vir a acontecer. Para prever as coisas. E para prevenir. Não me comprazo por aí além com todas essas sangrentas evocações. São elas que se me impõem. E isso prova que eu lhes quero. Sou responsável por eles. Eles dependem de mim. São meus filhos. Deverei fazer tudo quanto estiver ao meu alcance para lhes evitar as inúmeras calamidades que os espreitam. Estes anjos! Incapazes de se defenderem, de saberem o que é bom ou mau para eles. Amo-os. É para seu bem que eu penso em tudo isso. Não me dá prazer nenhum. Toda eu tremo, só com a ideia de que podem vir a comer bagas envenenadas, ou podem sentar-se na erva húmida, ou apanhar com um ramo na cabeça, ou cair ao poço, ou rolar do alto da falésia, ou engolir pedrinhas, ou ser picados pelas formigas, pelas abelhas, pelos escaravelhos, pelas silvas, pelos pássaros, ou poderem cheirar as flores, cheirá-las demasiado, e uma pétala entrar-lhes pelas narinas, poderem ficar com o nariz entupido, aquilo sobe-lhes ao cérebro, e eles morrem, e são tão pequeninos, se caírem ao poço afogam-se, o ramo quebra-se-lhes na cabeça, o ladrilho racha, cá temos sangue, e mais sangue...” (VIAN, 2011, p. 119)

Badinter (1985) utiliza a representação da personagem Renée, do livro *Mémoires de deux jeunes mariées*, de Balzac, em 1841, para sintetizar a definição perfeita da idealização materna do século XIX, que continuou durante o XX e que continua insistindo em permanecer atual no XXI:

A mãe vive no medo constante de que ocorra uma desgraça com seus filhos e só encontra repouso durante o sono ou quando os segura nos braços. Vela por elas à noite, quase tanto quanto durante o dia. Ao menor grito, a mãe acorre para arrumar uma coberta, ou consolar de um pesadelo. Assim, a mãe digna desse nome não poderia ter um sono muito pesado, e os filhos longe de si. Não pensa sequer um instante no marido. Os filhos não o teriam desalojado do leito conjugal, ou mesmo de seu quarto? [...] Ela forma uma unidade demasiado estreita com os filhos para que haja lugar para um amante, um marido e mesmo um pai. (BADINTER, 1985, p. 253)

Se não soubéssemos que essa descrição é de Renée, poderíamos achar que se tratava de uma síntese de Clémentine. A radicalização daquilo que ela acredita ser seus deveres enquanto mãe amorosa servirá como justificativa não apenas para todos os seus atos de controle e de punição, mas também para os sacrifícios que faz porque julga necessários para o bem-estar dos filhos, em um devotamento terrivelmente cerceador. No século XIX, era usual a utilização da terminologia da santidade para descrever a maternidade, o que o padre da aldeia faz quando comenta com Jacquemort sobre Clémentine ser, ao ser ver, uma santa (VIAN, 2013). Afinal de contas, “Suas dores são a condição de sua purificação” (BADINTER, 1985, p. 272)

Enquanto Clémentine se preocupa e fomenta sua fantasia do significado da maternidade, Joël, Noël mais Citroën cada vez mais se deparam com os mistérios do mundo a sua volta e se mostram absolutamente dispostos a experimentar coisas novas e a desbravar esse mundo fantástico:

Les trois enfants jouaient au jardin, pas trop en vue de la maison. Ils avaient choisi leur endroit : on y trouvait en proportions adéquates les cailloux, la terre, l'herbe et le sable. Il y avait de l'ombre et du soleil, du sec et du mouillé, du dur et du tendre, du minéral et du végétal, du vif et du mort.

Ils parlaient peu. Munis de pelles de fer, ils creusaient, chacun pour soi, un fossé rectangulaire. De temps en temps, la pelle rencontrait un objet intéressant, que son possesseur prélevait aussitôt pour le poser sur la pile des découvertes précédentes.

Au bout de cent coups de pelle, Citroën s'arrêta.

– Stop ! dit-il.

Joël et Noël obéirent.

– J'ai une verte, dit Citroën.

Il leur montra un petit objet luisant à l'éclat d'émeraude.

– Voilà la noire, dit Joël.

– Voilà la dorée, dit Noël.

Ils disposèrent les trois objets en triangle. Prudemment, Citroën les réunit au moyen de brindilles sèches. Et puis ils s'assirent chacun à un sommet du triangle et ils attendirent.

Entre les trois objets, le sol creva soudain. Une main blanche, minuscule, apparut, puis une autre. Les mains s'agrippèrent aux bords de l'ouverture et une silhouette claire de dix centimètres de haut prit pied dans le triangle. C'était une petite fille avec de longs cheveux blonds. Elle envoya des baisers aux trois enfants et se mit à danser. Elle dansa quelques minutes, sans jamais sortir du triangle. Et puis, brusquement, elle s'arrêta, regarda le ciel et s'enfonça dans le sol aussi rapidement qu'elle était sortie. À la place des pierres de couleur, il ne restait que trois petits cailloux ordinaires.¹¹³ (VIAN, 2013, p. 643-644)

A pequena fada que é invocada pelas crianças, com cabelos loiros e que joga beijos e dança, pode muito bem ser uma alusão alegórica à puberdade e ao nascimento do desejo sexual. No entanto, esses meninos acabam não tendo nem a chance de explorar ou investigar essa faceta do seu crescimento, pois são privados de se desenvolver e de descobrir o mundo para além da mansão, onde habitam.

De certa forma, Clémentine, ao microgerenciar cada aspecto da vida das crianças, torna-se absoluta ao passo que os meninos são minimizados. Aparentemente, a construção identitária de Clémentine enquanto mãe é capaz de eclipsar a construção identitária de seus filhos enquanto indivíduos. Eles são apenas isso: seus filhos, e ela luta para que não sejam mais do que isso. O fortalecimento desse impulso vai progressivamente encaminhando o ato final dessa mãe, quando ocorre o encarceramento dos filhos:

– Et il y a autre chose qui me tourmente, dit Clémentine. Leur éducation. Je tremble à la pensée de les envoyer à l'école du village. Bien entendu, il ne serait pas question qu'ils y aillent tout seuls. Mais je ne peux pas les faire accompagner par cette fille. Il leur arrivera un accident. J'irai moi-même ; vous

113 “Os três miúdos brincavam no jardim, sem que da casa se conseguisse ver muito bem. Tinham escolhido um sítio: e nesse sítio havia, nas suas devidas proporções, pedras, terra, erva e areia. Havia sombra e sol, havia seco molhado, duro e mole, mineral e vegetal, vivo e morto./ Pouco falavam. Munidos com pás de ferro, cada um cavava, para si, uma fossa rectangular. De vez em quando, a pá encontrava um objecto interessante, que o seu possuidor se apressava a apanhar e a colocar na pilha das descobertas já feitas./ Ao cabo de cem pazadas, Citroën parou./ – Stop! – disse ele./ Joël e Noël obedeceram./ – Tenho uma verde – de Citroën./ Mostrou-lhes uma coisinha brilhante com reflexo de esmeralda./ – E eu, uma preta – disse Joël./ – E eu, uma doirada – disse Noël./ Dispuseram os três objectos em um triângulo. Citroën, à cautela, ligou-os entre si com umas ervinhas secas. E a seguir cada um sentou-se num dos vértices do triângulo e ficou à espera./ De súbito, abriu-se o chão, no meio dos três objectos. Surgiu, primeiro, uma minúscula mãozinha branca, e logo a seguir outra. As mãos agarram-se à borda do buraco e um vulto branco, de dez centímetros de altura, surgiu, de pé, no meio do triângulo. Atirou beijos aos três miúdos e pôs-se a dançar. Dançou durante alguns minutos sem nunca sair do triângulo. Até que, de repente, parou, olhou para o céu e meteu-se pelo chão dentro, tão depressa como tinha saído. No lugar das pedras coloridas, apenas se viam agora três vulgares calhaus”. (VIAN, 2011, p. 129)

me remplacerez de temps en temps, si vous me promettez de faire très attention. Mais non, je crois qu'il faudra que j'y aille moi-même. Remarquez, il ne faut pas trop se préoccuper de leurs études pour l'instant, après tout, ils sont encore très jeunes ; l'idée de les voir sortir du jardin m'affole tant que je n'ai pas encore pu réaliser tout ce que cela comporte comme risques.¹¹⁴ (VIAN, 2013, p. 648)

Se antes ela confiava em Jacquemort e em Culblanc para vigiarem os filhos e ajudarem com a alimentação, agora ela tem certeza de que ela, e apenas ela, é capaz de desempenhar essas funções, reforçando assim seu absolutismo sob o tópico. Uma única vez em toda a narrativa, Jacquemort pensa em perguntar a opinião das crianças a respeito dos acontecimentos na casa e sobre o comportamento de Clémentine:

Une vague pensée qu'il ne réussissait pas à formuler le taquinait cependant. Une vague pensée. Une pensée vague. De toute façon, ce serait intéressant de recueillir le point de vue des enfants. Mais le temps ne pressait pas.¹¹⁵ (VIAN, 2013, p. 649)

A conclusão a que chega Jacquemort – talvez o psicanalista mais despreparado do mundo, pois simplesmente ignora o “show de neuroses” que se descortina à sua frente – é de que ainda haverá tempo para lidar com tudo isso. Como são crianças, ele poderá conversar com eles em outro momento. Não há pressa. Porém, enquanto o tempo passa, Clémentine se empodera mais e mais, justificando para si mesma a necessidade de manter os filhos sob a sua vigilância e controle perpétuos, baseando-se, para isso, em desvarios e exageros. A concepção de que apenas ela pode cuidar dos filhos e que apenas ela basta para tudo colabora para chegarmos à seguinte cena:

– Là ! dit Clémentine. Comme ça, tu seras tout propre. Elle jeta le morceau de coton dans le pot. Joël était debout devant elle, de dos. Elle, agenouillée, venait de le nettoyer. Elle hésita et lui dit :
– Penche-toi, mon petit chou.

114 “– E há ainda outra coisa que me atormenta – disse Clémentine. – A educação deles. Toda eu me arrepio, só de pensar que terei de os mandar à escola da aldeia. Já não se pensa, bem entendido, na hipótese de irem sozinhos. Mas eu é que não posso mandá-los acompanhados por essa rapariga. Acontecia-lhes um desastre qualquer. Irei eu própria; e você poderá ir de vez em quando, em meu lugar, se me prometer que terá o máximo cuidado. Mas não, acho preferível ser eu a ir. Note-se que, por enquanto, ainda não há razão para nos preocuparmos com os seus estudos, pois ainda são muito pequenos; a ideia de que terão de sair deste jardim põe-me tão descontrolada que ainda nem sequer pensei no que isso poderá comportar de riscos”. (VIAN, 2011, p. 133)

115 “Tinha, no entanto, uma vaga ideia a remoê-lo, mas não era capaz de a formular. Uma vaga ideia. Uma ideia vaga. De qualquer modo, seria curioso conhecer o ponto de vista das crianças./ Mas havia muito tempo para isso”. (VIAN, 2011, p. 135)

Joël se pencha, les coudes aux cuisses. Elle lui saisit délicatement les fesses, les écarta un peu et se mit à lécher. Soigneusement. Consciencieusement.
 – Qu'est-ce que tu fais, maman ? demanda Joël, étonné.
 – Je te nettoie, mon chéri, dit Clémentine en interrompant sa besogne. Je veux que tu soies aussi propre qu'un bébé chat ou qu'un bébé chien.
 Ce n'était même pas humiliant. Et, au fond, très naturel. Quel crétin, ce Jacquemort ! Incapable de comprendre ça. C'est la moindre des choses, pourtant. Et au moins, comme ça, elle serait sûre qu'ils n'attrapent plus rien. Puisqu'elle les aimait, rien de ce qu'elle faisait ne pouvait leur nuire. Rien. Au fond elle aurait même dû les débarbouiller entièrement de cette façon-là.¹¹⁶
 (VIAN, 2013, p. 651-652)

Clémentine, ao limpar os dejetos de Joël, decide que lambar o ânus do menino será mais eficaz e higiênico. Ela chega a essa conclusão espelhando o comportamento animal e alegando para si mesma que esse ato é natural e normal. Talvez seja a radicalização desse pensamento que a leve, ao cabo da narrativa, a justificar seus atos atrozés. Afinal, quando o objetivo é alcançar o bem dos filhos, de uma forma quase maquiavélica, tudo poderia ser relevado e aceito. Não é dessa forma que o comportamento é interpretado por Joël, no entanto: "Un peu vexé, Joël rejoignit ses frères. Pelle en main, ils creusaient et ne firent aucune remarque"¹¹⁷ (VIAN, 2013, p. 653).

Seguindo na esteira do comportamento extremo, Clémentine começa a defender a ideia de que o mundo externo, mesmo o jardim, é culpado pelos perigos que seus filhos correm. Noël e Citroën decidem colocar o urso de Joël em cima de um galho alto, para "pregar uma peça" no irmão. Joël sobe em uma escada e acaba se machucando. Clémentine, então, parece aproveitar o ocorrido para justificar que o jardim é perigoso para os meninos e que a culpa do acidente era, na verdade, da árvore, que ofereceu condições para a travessura:

116 "– E pronto! – disse Clémentine. – Já estás limpinho./ Deitou o pedaço de algodão para o bacio. Joël estava em pé, de costas viradas para ela, que de Joêlhos acabava de o limpar. Depois de uns momentos de hesitação, disse-lhe:/ – Inclina-te para a frente, minha carochinha!/ Joël inclinou-se, ficando com os cotovelos à altura das nádegas. Ela segurou-lhe delicadamente as nádegas, afastou-as um pouco e pôs-se a lambar-lhe o rabo. Com todo o cuidado. Conscienciosamente./ – O que é que estás a fazer, mamã? – perguntou Joël, espantado./ – Estou a limpar-te, meu querido – disse Clémentine, interrompendo o que estava a fazer. – Quero que fiques tão limpinho como um gatinho ou um cachorrinho./ Aquilo nem sequer era humilhante. No fundo, era até naturalíssimo. Ora aquele cretino do Jacquemort! Incapaz de perceber isto. E, no entanto, é o mínimo que se pode pedir a uma mãe. Ao menos assim, tinha a certeza de que não apanhariam nada. Como ela os amava, nada do que fizesse desse poderia ser prejudicial. Nada desta vida. No fundo, o que ela devia era lavá-los todos, de alto a baixo, daquela maneira". (VIAN, 2011, p. 137-138)

117 "Joël, um tanto vexado, foi ter com os irmãos. Estes, de pá na mão, escavavam, e não fizeram o mínimo comentário". (VIAN, 2011, p. 139)

- C’est la seule solution, dit Clémentine. On peut retourner le problème du côté que l’on veut. Cela ne serait pas arrivé s’il n’y avait pas eu cet arbre.
- Ça ne serait pas plutôt la faute de l’escabeau ? suggéra Jacquemort.
- Naturellement, jamais elle n’aurait dû laisser traîner cet escabeau, c’est une autre histoire. Et elle sera punie comme elle le mérite. Mais vous comprenez bien que sans l’arbre, jamais Citroën et Noël n’auraient eu l’idée de mettre l’ours hors de portée de Joël ? C’est cet arbre qui est la cause de tout. D’ailleurs, songez qu’il aurait même pu essayer d’y grimper directement pour aller rechercher son ours, le pauvre chou.¹¹⁸ (VIAN, 2013, p. 654-655)

Para ela, o mais lógico a se fazer é acabar com todas as árvores, evitando assim que os meninos tivessem outras ideias como essa. O massacre das árvores traz dois elementos importantes para a narrativa: o da readequação do mundo de acordo com a vontade de Clémentine, no intuito de proteger os filhos através do cerceamento, e a sutil manipulação que ela busca operar no comportamento e pensamento das crianças.

Maintenant, il n’y avait plus que le silence. Tous les arbres reposaient sur le sol, racines en l’air, et d’énormes trous criblaient la terre, comme après un bombardement de l’intérieur. De grands abcès vidés, secs, tristes. Les cinq hommes étaient rentrés au village et les deux apprentis devaient débiter les cadavres en bûches et ranger le résultat.¹¹⁹ (VIAN, 2013, p. 659)

A cena após o massacre das árvores é desoladora. Todo o jardim que era verdejante e vistoso não passa, agora, de um lugar destruído, aniquilado. Em breve, nos pensamentos da mãe, não haverá perigos para as crianças no jardim, porque ele irá se tornar um pátio estéril, com muros altos e espaço controlado. O que antes era uma casa, uma mansão na falésia, começa a assumir ares de presídio.

No entanto, ainda não é assim que Clémentine conseguirá manter os filhos sob o jugo do seu controle transvestido de amor materno. Isso porque as crianças

118 “– É a única solução – disse Clémentine. – Encare-se o problema como se encarar, o facto é que nada disto teria acontecido se não fosse haver ali aquela árvore./ – A culpa não terá sido antes do escadote? – sugeriu Jacquemort ./ – Evidentemente que ela nunca devia ter deixado ali o escadote esquecido, mas isso é outra história. Há-de ter o castigo que merece. Mas deve compreender que, se não fosse a árvore, nunca o Citroën e o Noël teriam tido a ideia de esconder o urso fora do alcance do Joël. A árvore é que foi a causadora de tudo. Lembre-se, aliás, de que ele, o meu amorzinho, podia perfeitamente ter tentado trepar diretamente à árvore, para ir buscar o seu urso”. (VIAN, 2011, p. 141)
 119 “Agora, apenas reinava o silêncio. Todas as árvores jaziam por terra, de raízes para o ar, e o chão estava todo ele crivado de enormes buracos, como a seguir a um bombardeamento vindo do interior. Grandes abcessos vazios, secos, tristes. Os cinco homens haviam regressado à aldeia e os dois aprendizes tinham ficado encarregados de reduzir os cadáveres a achas e arrumarem depois o que daí resultasse”. (VIAN, 2011, p. 145)

descobrem uma nova maneira de se evadirem da vigilância sempiterna. Em uma atitude magistral de contracontrole, indo na contramão dos esforços dominadores da mãe, eles aprendem a voar. Escondidos e juntos, os três descobrem como fazer para se elevar do chão e ultrapassar os limites da mansão. A ânsia pela liberdade é gigantesca, mas a consciência de que precisam fazer isso escondido permanece sempre:

– Pas comme ça, dit Citroën. Comme ça.

Il s'étendit à plat ventre sur l'herbe et, par un mouvement imperceptible des mains et des pieds, s'éleva à trente centimètres du sol. Puis d'un coup, il fila en avant et dix centimètres plus loin réalisa un magistral looping.

– Pas trop haut, prévint Noël. Ne dépasse pas le massif. On nous verrait.¹²⁰ (VIAN, 2013, p. 663)

Nesse ponto, temos crianças que, para evitar a sujeição a um amor materno tirânico, buscam formas de resistir e continuar a exercer suas liberdades e identidades. Eles sabem, no entanto, que não podem se revelar e que, para aproveitarem alguma liberdade, precisam se submeter e fazer concessões:

Jacquemort les regardait toujours. Elles volaient de plus en plus haut, montaient en spirales amples, jusqu'à ne plus présenter de contour distinct. C'était maintenant de simples points noirs, rangés en ordre capricieux, animés d'une vie collective. Quand elles passaient devant le soleil, il clignait des yeux, ébloui.

Tout à coup, il aperçut dans la direction de la mer trois oiseaux un peu plus grands, qui volaient si vite qu'il ne put distinguer leur espèce. Se faisant un abat-jour de la main, il tenta de préciser son impression. Mais les trois bêtes volantes étaient déjà passées. Il les vit réapparaître derrière un bloc de rocher lointain, décrivant une courbe implacable et fonçant vers le ciel, l'un derrière l'autre, toujours à la même allure terrifiante. Leurs ailes devaient battre si rapidement qu'il ne pouvait les définir – c'était trois silhouettes allongées, fuselées, presque identiques.

Les trois oiseaux piquaient vers les maliettes en formation. Jacquemort s'arrêta et regarda. Il avait le cœur un peu rapide – une émotion qu'il ne pouvait expliquer. Peut-être l'aisance et la grâce des nouveaux arrivants – peut-être la crainte de les voir assaillir les maliettes – peut-être cette impression de concerté qui naissait de leurs mouvements parfaitement synchrones.

Ils montaient à un angle abrupt, le long d'une pente d'air imaginaire et leur rapidité coupait le souffle. Des hirondelles ne pourraient pas les suivre, pensa Jacquemort. Et ce devaient être d'assez gros oiseaux. L'incertitude de la distance à laquelle il les avait aperçus d'abord ne lui permettait pas de faire une estimation même approchée de leur taille, mais ils se détachaient sur le

120 “– Assim não – disse Citroën. – Assim./ Estendeu-se na relva de barriga para baixo e, graças ao imperceptível gesto das mãos e dos pés, ergueu-se a trinta centímetros do solo. Depois, num ápice, atirou-se para a frente e 10 m mais adiante realizou um “looping” magistral./ – Tão alto, não – preveniu Noël. – Não vás além da sebe. Senão vêem-nos”. (VIAN, 2011, p. 150)

ciel d'une façon infiniment plus nette que les maliettes, perdues maintenant presque à la limite de visibilité, comme des têtes d'épingles sur le velours gris du ciel.¹²¹ (VIAN, 2013, p. 667)

O voo de Joël, Noël mais Citroën é comparado ao de pássaros. Os meninos são rápidos e exploram o céu com desenvoltura e habilidade, em plena fruição da liberdade experimentada. Contudo, esse momento de glória não perdura. Clémentine, ao não os encontrar na casa, desespera-se. O portão deixado aberto por Jacquemort adiciona outra camada de angústia, pois sinaliza a possibilidade de os meninos terem saído do terreno da casa e se aventurado pela falésia, ou mesmo pela aldeia. A ideia de que existe um mundo exterior à casa e de que esse mundo tem perigos mil, muitos a mais do que a casa e o jardim oferecem, transtornam Clémentine a um nível inédito, e ela fantasia com tudo o que de pior e de improvável poderia acontecer a seus filhos. É nesse momento também que o psiquiatra descobre a verdade sobre os meninos:

La maison tout entière retentit du hurlement de Clémentine. Mais il restait sans écho, tandis qu'elle se ruait en bas des marches et jusqu'au jardin, appelant ses enfants, sanglotante, éperdue. Il n'y avait que le temps gris pâle et le bruit éloigné des vagues. Affolée, elle alla jusqu'à la falaise. Puis elle pensa qu'ils dormaient peut-être et se précipita vers la maison, mais à mi-chemin, une idée la retint et elle obliqua vers le puits dont elle vérifia le lourd couvercle de chêne. Titubante, hors d'haleine, elle reprit sa course, remonta l'escalier, visita les chambres de la cave au grenier, ressortit. Elle appelait toujours d'une voix que l'émotion commençait à enrouer. Puis, saisie d'une intuition finale, elle courut à la grille. Elle était ouverte. Elle s'élança sur le chemin. Cinquante mètres plus loin, elle rencontra Jacquemort qui revenait

121 “Jacquemort continuava a olhar para elas. Voavam cada vez mais alto, subiam em amplas espirais até deixarem de se lhes distinguir os contornos. Não passavam, agora, de simples pontos negros, dispostos numa ordem caprichosa, animados de uma vida colectiva. Quando passavam diante do Sol, ele, ofuscado, piscava os olhos./ Nisto, viu passar, em direcção ao mar, três pássaros um pouco maiores, cujo voo era tão rápido que ele não foi capaz de distinguir a que classe pertenceriam. Servindo-se da mão como pala, tentou tornar mais precisa a sua impressão. Mas os três animais volantes já tinham passado. Tornou a vê-los aparecer lá longe, por detrás de uma rocha, descrevendo uma curva implacável e subindo direitos ao céu, um atrás do outro, sempre àquela terrífica velocidade. Deviam bater tão depressa as asas que ele não conseguia detalhá-las – eram três vultos sobrecompridos, afuselados, quase idênticos./ Os três pássaros dirigiam-se agora, em voo picado, para o grupo das ludovias. Jacquemort ficou parado a olhar. Sentia o coração bater a toda a brida – emoção essa que não era capaz de explicar. Talvez fosse do desembaraço e da graciosidade dos que acabavam de chegar – talvez do receio de os ver atacar as ludovias – ou talvez, ainda, da sensação de harmonia que os seus movimentos perfeitamente síncronos inspiravam./ Formavam um ângulo abrupto, ao subirem uma imaginária encosta de ar, a tão grande velocidade que cortava a respiração. “As andorinhas não seriam capazes de os acompanhar”, pensou Jacquemort. E deviam ser pássaros bastante grandes. Como não tinha certeza da distância aqui pela primeira vez os vira, não podia fazer uma estimativa, ainda que aproximada, do seu tamanho, mas o que sabia é que eles se destacavam com muitíssimo mais nitidez do que as ludovias já quase perdidas, agora, no limite da visibilidade, como cabeças de alfinete sobre o veludo cinzento do céu”. (VIAN, 2011, p. 154-155)

du village. Il marchait lentement, le nez en l'air, perdu dans la contemplation des oiseaux.

Elle le saisit aux revers.

– Où sont-ils ? Où sont-ils ?

Jacquemort sursauta, il s'y attendait si peu.

– Qui ? demanda-t-il, faisant un effort de mise au point sur Clémentine.

Ses yeux, cuits par la lumière de l'air, dansaient devant lui.

– Les enfants ! La grille est ouverte ! Qui l'a ouverte ? Et ils sont partis !

– Mais non, ils ne sont pas partis, dit Jacquemort. La grille, c'est moi qui l'ai ouverte, quand je suis sorti. Et s'ils étaient partis, je les aurais vus.

– C'est vous ! haleta Clémentine. Malheureux ! Ainsi, grâce à vous, les voilà perdus !

– Mais ils s'en foutent ! dit Jacquemort. Vous n'avez qu'à leur demander vous-même, ils n'ont absolument pas la moindre envie de sortir du jardin.

– C'est ce qu'ils vous ont dit ! Mais si vous croyez que mes enfants ne sont pas assez intelligents pour vous rouler !... Venez ! courons !...

– Avez-vous regardé partout ? demanda Jacquemort, en la saisissant par la manche.

Elle commençait à l'impressionner.

– Partout ! dit Clémentine avec un sanglot. Même dans le puits.

– C'est embêtant, ça, dit Jacquemort.

Machinalement, il leva les yeux une dernière fois. Les trois oiseaux noirs avaient cessé de jouer avec les maliettes, et piquaient vers le sol. Un instant fugitif, il entrevit la vérité. Et il la rejeta la seconde d'après – pur fantasme, idée folle – où peuvent-ils être ? Il suivait cependant leur vol ; ils disparurent derrière la courbe de la falaise.

Il courut le premier. Clémentine haletait en sanglotant derrière lui. Cependant, elle prit le temps de tirer la grille après l'avoir franchie. Lorsqu'ils arrivèrent à la maison, Citroën descendait l'escalier. Clémentine se jeta sur lui comme une bête fauve. Jacquemort, un peu remué, la regardait avec discrétion. Clémentine bégayait des paroles sans suite, l'embrassant, le questionnant.

– J'étais au grenier avec Joël et Noël, expliqua l'enfant lorsqu'elle le laissa parler. On regardait les vieux livres.

Noël et Joël descendirent l'escalier à leur tour. Ils avaient le teint vif, le sang fouetté – il traînait autour d'eux comme une odeur de liberté. Lorsque Noël rentra prestement dans sa poche l'effilochure de nuage qui en dépassait encore, Joël sourit de l'étourderie de son frère.

Elle ne les quitta pas jusqu'au soir, multipliant les gâteries, les larmes et les caresses, comme s'ils venaient d'échapper à quelque moloch. Elle les borda dans leurs lits bleus et ne s'éloigna que lorsqu'ils furent allongés et endormis.

À ce moment-là, elle monta au second étage et frappa chez Jacquemort. Elle parla pendant un quart d'heure. Lui acquiesçait, compréhensif. Lorsqu'elle retourna chez elle, il prépara son réveil pour le lever du jour. Le lendemain, il irait au village convoquer les ouvriers.¹²² (VIAN, 2013, p. 669-670)

122 “Ressoou a casa inteira com o berro de Clémentine. Perdeu-se, porém, o eco, mas já ela, entretanto se precipitava pelas escadas abaixo, em direcção ao jardim, a chamar pelos filhos, soluçando, de cabeça perdida. Estava, apenas, um tempo cinzento claro e apenas se ouvia ao longe o marulhar das ondas. Encaminhou-se, como louca, até a beira da falésia. Depois lembrou-se de que talvez estivessem a dormir e precipitou-se para casa, mas, a meio do caminho, foi assaltada por uma ideia e obliquou em direcção ao poço, para verificar se a pesada tampa de castanho estaria no lugar. Titubeante, quase sem fôlego, continuou depois, na mesma correria, subiu as escadas, passou revista aos quartos, desde a cave até o sótão, tornou a sair. Continuava a chamá-los com uma voz que a emoção principiava a enrouquecer. Até que, tomada de uma última intuição, se precipitou até ao gradeamento. O portão estava aberto. Meteu-se à estrada. Cinquenta metros mais à frente, deu de caras com o Jacquemort que voltava da aldeia. Caminhava devagar, de nariz no ar, perdido na contemplação dos pássaros./ Agarrou-o pelas abas do casaco./ – Onde estão eles? Onde estão eles?/ Jacquemort sobressaltou-se, não estava nada à espera./ – Eles quem? – perguntou ele, esforçando-se por se concentrar no que

Ao ter com a mãe, as crianças chegam coradas, resfolegadas, aparentando um ar de saúde e liberdade. Todavia, isso desgosta e assusta Clémentine, principalmente porque essas são marcas de estar perdendo terreno no controle dos filhos. As crianças dizem estar no sótão, lendo, mas a fisionomia delas não corrobora a história. Talvez isso tenha sido o fator determinante para Clémentine ter ficado a vigiar os filhos até dormirem e, principalmente, ter mandado chamar os operários da aldeia para uma reforma drástica no jardim:

Noël et Citroën, plantant là leur frère, partirent le long du sentier qui longeait le mur, du temps que le mur existait, et qui maintenant, formait le chemin de ronde de leur nouvel univers fermé. Ils volaient très vite, au ras du sol, filant sous les branches basses.¹²³ (VIAN, 2013, p. 672)

Entretanto, apesar da construção de um grande muro no jardim, os irmãos ainda assim eram capazes de voar e experimentar a liberdade, a despeito dos desejos maternos. A tensão entre filhos e mãe, todavia, só aumenta:

Clémentine dizia./ Os olhos, cosidos pela luz do ar, dançavam à sua frente./ – Os pequenos! O portão estava aberto! Quem foi que o abriu? E eles desapareceram! – Não senhor, não desapareceram nada – disse Jacquemort. – Quem deixou o portão aberto fui eu, ao sair. Se eles tivessem saído, tê-los-ia visto./ – Ah, foi você! – arfou Clémentine. – desgraçado! Assim, graças a si, lá se perderam eles! – Mas eles estão-se marimbando para isso! – disse Jacquemort. – Basta perguntar-lhes: não têm o mínimo interesse em sair do jardim./ – Isso foi o que eles lhe disseram a si! Então julga que os meus filhos não são suficientemente inteligentes para o engrolarem!... Venha já daí! A correr!.../ – Já viu bem por toda a parte? – perguntou Jacquemort, agarrando-a pela manga./ Começava a ficar impressionado./ – Por toda a parte! – disse Clémentine, num soluço. – Até mesmo no poço./ – Mas que chatice – disse Jacquemort ./ Ergueu maquinalmente os olhos, pela derradeira vez. Os três pássaros pretos já não brincavam com as ludovias, desciam agora em voo picado em direção à terra. Durante coisa de segundos, entreviu toda a verdade. Para logo rejeitá-la – puro fantasma, ideia louca – onde é que poderão eles ter-se metido? Acompanhou-lhes, no entanto, o voo, até desaparecerem por detrás da curva da falésia./ – Venha! – disse ele. – Tenho a certeza de que não saíram de casa./ Foi ele o primeiro a desatar a correr. Clémentine arfava e soluçava atrás dele. Mas ainda arranjou tempo para fechar o portão, depois de terem entrado. Quando chegaram a casa, vinha Citroën a descer as escadas. Clémentine atirou-se a ele como uma fera. Jacquemort, um tanto impressionado, olhava discretamente para aquela cena. Clémentine tartamudeava umas frases à toa, beijava-o, enchia-o de perguntas./ – Tenho estado no sótão com o Joël e o Noël – explicou o miúdo, quando ela o deixou falar. – Estivemos a ver os alfarrábios./ Noël e Joël apareceram, por sua vez, ao cimo das escadas. Vinham com boas cores, todos afogueados – deixando atrás de si como que um rasto de liberdade. Quando Noël enfiou à pressa no bolso o fiapo de nuvem que ele ficara dependurado, Joël sorriu da leviandade do irmão./ Clémentine não os largou mais até à noite, multiplicando mimos, lágrimas e carícias, como se eles acabassem de escapar a qualquer “moloch”. Deitou-os nas suas caminhas azuis e só se retirou quando os viu já a dormir. Subiu então ao segundo andar e foi bater à porta de Jacquemort. Falou durante um quarto de hora. Ele, compreensivo, aquiescia. Depois dela sair, pôs o despertador para de madrugada. Iria no dia seguinte à aldeia chamar os operários”. (VIAN, 2011, p. 156-158)

123 “Deixando o irmão ali especado, Noël e Citroën meteram-se pelo carreiro que contornava o muro, no tempo em que havia muro, e que agora passava a ser o caminho de ronda do seu novo universo fechado. Voavam a grande velocidade, revés ao chão, sob os ramos baixos”. (VIAN, 2011, p. 160)

Joël se mit à courir, suivi de Noël. Clémentine prit Citroën par la main et l'entraîna. Il suivit le mouvement, le regard un peu dur ; il n'aimait pas la main crispée sur son poignet ; ça le mettait mal à l'aise. Il n'aimait pas les larmes non plus. Une sorte de pitié le forçait à rester contre elle, mais cette pitié lui faisait honte, le gênait [...] ¹²⁴ (VIAN, 2013, p. 674)

Na figura de Citroën, temos explicitada a relação ambivalente suscitada por Clémentine. O menino claramente não está confortável com o toque da mãe, ele não lhe suporta as lágrimas (em outro momento já havia sido mostrado como as lágrimas maternas incomodam e, inclusive, são questionadas pelos filhos, que afirmam que Clémentine não sabe chorar). Porém, mesmo assim, ele se sente compelido a ficar ali com ela por um sentimento incômodo de pena, mas que cumpre o objetivo da mãe ao o manter refém da situação. Esse termo é, inclusive, bastante apropriado para o caminho que a narrativa inexoravelmente segue:

Elle se leva – Jacquemort ne refuserait pas de convoquer les hommes pour le sol – C'est bête de ne pas avoir tout fait faire en même temps – Mais on ne peut pas penser à tout à la fois – il faut chercher – chercher toujours – se punir de ne pas avoir su d'emblée, et tâcher de persévérer, d'améliorer sans cesse – il faut leur construire un monde parfait, un monde propre, agréable, inoffensif, comme l'intérieur d'un œuf blanc posé sur un coussin de plume. ¹²⁵ (VIAN, 2013, p. 675)

Criar um mundo protegido e inabalável, como dentro de um ovo – tal qual era dentro do útero materno –, começa a ser um ideal para Clémentine. Do seu ponto de vista, essa estrutura asséptica e perfeita representava o máximo de segurança que ela poderia oferecer aos filhos, um lugar no qual eles estariam preservados de tudo, inclusive do adulecimento, até mesmo deles mesmos e de seus impulsos. Um cofre fechado que protegesse os bens mais preciosos de Clémentine:

124 "Joël desatou a correr, seguido de Noël. Clémentine agarrou Citroën pela mão e levou-o consigo. Ele seguiu-lhe os passos, com um olhar onde se lia uma certa dureza; não gostava daquela mão crispada sobre o seu pulso; punha-o pouco à vontade. Assim como também não gostava de choradeiras. Uma espécie de pena forçava-o a deixar-se ficar encostado a ela, mas essa pena dava-lhe vergonha [...]" (VIAN, 2011, p. 161)

125 "Levantou-se. Jacquemort não iria recursar-se a chamar os homens por causa do chão – É uma estupidez não se poder fazer tudo ao mesmo tempo. – Mas também não se pode pensar em tudo ao mesmo tempo – temos de andar à procura, sempre à procura – e autopunirmo-nos por não termos visto tudo de uma só vez, e perseverar, e tentar, de dia para dia, melhorar as coisas – é preciso criar-lhes um mundo limpo, aprazível, inofensivo, como o interior de um ovo branco poisado sobre uma almofada de penas". (VIAN, 2011, p. 163)

Et il aurait suffi qu'ils soient dehors, pensait-elle, pour que je les retrouve hachés par la grêle, écrasés sous ces œufs de diamant noir, étouffés par la poudre irrespirable et sèche qui leur emplît, insidieuse, les poumons. Quelle protection serait suffisante ? Un toit ? bâtir un toit sur le jardin ? Ce n'est pas la peine, autant vaut la maison, plus solide que n'importe quel toit surajouté – mais la maison elle-même, au fait, ne pourrait-elle s'effondrer – et si cette grêle durait des heures – des jours et des semaines – le poids de la poussière morte accumulée sur le toit ne suffirait-il point à effondrer la charpente ? Il faudrait une pièce bâtie d'acier, une pièce invulnérable, un abri parfait – il faudrait les garder dans un coffre puissant, comme on garde toujours les bijoux de grand prix, il leur faut des écrins de force illimitée, indestructibles et durs comme les os du temps, il faut qu'on leur construise ici même, demain – dès demain. [...]

– J'ai hâte que ce soit fait, dit-elle. Je serai tellement plus tranquille pour eux. J'ai toujours senti que je trouverai un jour le moyen de les protéger totalement du mal.

– Il est possible que vous ayez raison, dit Jacquemort. Je ne sais pas. Cela vous demandera un dévouement de tous les instants.

– Se dévouer pour quelqu'un que l'on est sûr de garder, ce n'est rien, répondit-elle.

– Ils ne prendront pas beaucoup d'exercice, dit Jacquemort.

– Je ne suis pas sûre que ce soit tellement sain, observa Clémentine. Ce sont des enfants assez fragiles.

Elle soupira.

– J'ai l'impression d'être tout près du but, dit-elle. C'est extraordinaire. Ça me soûle un peu.

– Vous pourrez vous reposer, remarqua-t-il, dans une certaine mesure.

– Je ne sais pas. Je les aime tant que je ne crois plus au repos pour moi.

– Si vous avez la patience de supporter cette sujétion...

– Ça ne sera plus rien, conclut-elle. À côté de ce que j'ai enduré !...¹²⁶ (VIAN, 2013, p. 679-681)

Nesse momento da narrativa, quase chegando a seu fim, Clémentine descobre a solução para o seu problema de autoridade: conter os filhos em um cofre, ou uma

126 Bastava eles andarem lá por fora – pensava ela – e eu iria dar com eles desfeitos pelo granizo, esmigalhados por estes ovos de diamante negro, atabafados por esse pó seco, irrespirável, que insidiosamente se infiltra nos pulmões. Que protecção há para isso? Um telheiro? Construir um telheiro por cima do jardim? Não vale a pena, para isso há a casa, mais sólida do que qualquer telheiro – mas, vendo bem as coisas, até a casa pode ir abaixo – se eu granizo caísse durante horas a fio – durante dias e semanas – o peso da poeira morta acumulada sobre o telhado não seria o bastante para fazer ruir as traves-mestras? O que era preciso era uma casa de aço, uma casa invulnerável, um abrigo perfeito – devia guardá-los dentro de um cofre-forte, como as jóias de grande valor, em estojos à prova de bala, indestrutíveis e duros como os ossos do tempo, e é isso que terá de ser feito, aqui mesmo já amanhã – a partir de amanhã. [...] – Tenho muita pressa nisso – disse ela. – Só depois é que vou conseguir ficar em descanso, em relação a eles. Sempre acreditei que um dia haveria de descobrir uma maneira de os preservar por completo do mal./ – É possível porque tenha razão – disse Jacquemort. – Eu cá não sei. Isso vai exigir de si uma constante abnegação./ – Dedicarmo-nos alguém, que temos a certeza de que irá ficar para sempre a nosso lado, não custa nada – respondeu ela./ – Não deixar de fazer exercício – disse Jacquemort./ – Não estou lá muito certa de que isso seja realmente uma coisa saudável – observou Clémentine. – São umas crianças tão fraquinhas./ Suspirou./ – Tenho a impressão de que já me encontro muito próximo do fim que me propus – disse ela. – É extraordinário. Dá-me uma espécie de embriaguez./ – Vai ter alguma possibilidade de descansar – notou ele. – Em certa medida./ – Isso não sei. Gosto tanto deles que não acredito muito que alguma vez possa ficar por completo descansada./ – Se tem paciência para suportar essa prisão.../ – Isso nada será – concluiu ela – em comparação com o que até hoje tenho passado..”. (VIAN, 2011, p. 168-169)

prisão. Aqui, é válido retornarmos ao pensamento de Foucault, a respeito das prisões, uma vez que “[...] os juristas defendem firmemente o princípio de que a ‘prisão não é vista como uma pena em nosso direito civil’. Seu papel é de ser uma garantia sobre a pessoa e sobre seu corpo (FOUCAULT, 2014, p. 116). A grande garantia do encarceramento é que o indivíduo ficará restrito fisicamente, totalmente à mercê das vontades do poder. De certa forma, o que Clémentine engendra é justamente isso: garantir o controle sobre os corpos dos seus filhos, já que as gaiolas nas quais Clémentine prenderá os meninos não são amplas e também têm uma altura baixa, lembrando a lógica dos pés de lótus e da restrição do espaço para a contenção do crescimento corporal.

O encarceramento dessas crianças talvez possa também ser interpretado como uma espécie de punição, embora isso não esteja explicitado na linha de raciocínio da mãe. Em seu pensamento, ela pretende protegê-los do mundo e deles mesmos, mas é nítido como esse projeto ocorre como uma resposta à liberdade exercida pelos filhos. Se eles brincam e se expõem aos riscos e esse comportamento é contrário ao desejado pela mãe, é necessário, para ela, mitigar essas ações, retirando sua possibilidade de existirem como seres livres. Clémentine intenta diminuir os riscos, mas promove a punição, porque, afinal de contas, “A prisão, aparelho administrativo, será ao mesmo tempo uma máquina para modificar os espíritos” (FOUCAULT, 2014, p. 124).

Embora o texto não revele os planos de Clémentine para além do aprisionamento dos filhos, ainda podemos considerar que, retomando Foucault (2014, p. 121), “Entre o crime e a volta ao direito e à virtude, a prisão constituirá um ‘espaço entre dois mundos’, um lugar para as transformações individuais que devolverão ao Estado os indivíduos que este perdera”. Ou seja, o aprisionamento em *L’arrache cœur* parece combinar com a função da prisão para o Estado, pois quanto mais exploravam o voo e a sensação de liberdade, mais distantes da mãe os meninos estavam e é justamente essa perda de controle que Clémentine não suporta e luta contra. Prender as crianças, para ela, significa recuperá-las.

Além disso, as gaiolas também têm o sentido de reformatório, proposto por Foucault (2014, p. 26), uma vez que “Os ‘reformatórios’ se dão por função, também eles, não apagar um crime, mas evitar que recomece. São dispositivos voltados para o futuro, e organizados para bloquear a repetição do delito”. Talvez seja discutível assumir que o contracontrole exercido pelos gêmeos mais Citroën seja equiparável a

um crime ou delito, mas é importante lembrar que Clémentine está investida com um poder soberano e absoluto: não existe ninguém com maior poder do que ela dentro do seu sistema familiar, sendo ela a chefe de sua família, a governante de sua casa, logo opor-se a seu poder é equivalente a cometer um crime contra ela, em um verdadeiro “lesa majestade”. Ora, se ela prende os filhos, é para que eles não incorram mais nos riscos oferecidos pela liberdade.

Quando Jacquemort descobre que são Noël, Joël mais Citroën a voar, e não pássaros exóticos, ele se dá conta do choque entre vontades que está se operando. O psicanalista sabe dos planos de Clémentine e, inclusive, apoia-a nisso, mas agora, tendo consciência do exercício de liberdade, vê-se na premência de tomar uma atitude:

Trop tard. Citroën, le premier, l’aborda. Les poings de Jacquemort étaient tout blancs et il gémit. Les enfants tournèrent la tête vers lui, le virent. Et puis, lancés dans le vide, ils décrivirent une courbe aiguë et vinrent se poser à côté de lui, babillant et riant comme des hirondelles d’un mois.

– Tu nous as vus, oncle Jacquemort ? dit Citroën. Mais tu ne le diras pas.

– On jouait à faire semblant de ne pas savoir voler, dit Noël.

– C’est amusant, hein, dit Joël. Si tu jouais avec nous.

Maintenant, il comprenait.

– C’était vous, l’autre jour, avec les oiseaux ? demanda-t-il.

– Oui, dit Citroën. On t’avait vu, tu sais. Mais on essayait d’aller très vite, alors on ne s’est pas arrêtés. Et puis, tu sais, on ne le dit à personne, qu’on vole. On attend de voler très bien pour faire la surprise à maman.

Pour faire la surprise à maman. Et quelle surprise elle vous prépare. Ça change tout.

Si c’est ça, elle ne peut pas. Il faut qu’elle sache. Les enfermer dans ces conditions-là... Je dois faire quelque chose. Je dois... je ne veux pas accepter... il me reste un jour... je ne suis pas encore dans la barque du ruisseau rouge...

– Retournez jouer, mes petits, dit-il. Il faut que je remonte voir votre mère.

Ils filèrent au ras des vagues, se poursuivirent, revinrent près de lui, l’escortèrent un moment et l’aidèrent à franchir les rochers les plus hauts. En quelques instants, il avait regagné la crête. D’un pas décidé, il se dirigea vers la maison.¹²⁷ (VIAN, 2013, p. 682-683)

127 “Tarde demais. Citroën foi o primeiro a abordar o precipício. Os punhos de Jacquemort ficaram mais que brancos e da boca soltou-se-lhe um gemido. Os garotos viraram a cabeça na sua direção, viram-no. E então, lançando-se no espaço, descreveram uma curva apertada e vieram pousar a seu lado, rindo e chilreando como andorinhas de um mês./ – Viste a gente, tio Jacquemort? – disse Citroën. – Agora não vás dizer nada./ – Estávamos a brincar a fingir que não sabíamos voar – disse Noël./ – É muito divertido, sabes – disse Joël. – E se tu brincasses também conosco?/ Agora já percebia./ – Eram vocês, aqui há dias, juntamente com os pássaros? – perguntou ele./ – Éramos – de Citroën. – Sabes que te vimos! Mas como queríamos atingir uma grande velocidade, não parámos. Ainda não dissemos a ninguém que sabemos voar. Estamos a ver se voamos muito bem, para fazer surpresa à mamã./ Para fazerem a surpresa à mamã. E olhem que surpresa ela vos prepara. Isto vem a mudar tudo./ Se assim é, ela não pode fazer aquilo. É preciso que ela saiba... Fechá-los, nestas condições... Tenho que fazer qualquer coisa. Tenho que... não posso aceitar... resta-me um dia... ainda não estou metido na

Jacquemort vai ter com Clémentine e a conversa entre elas apenas reforça a concepção que ela tem da maternidade:

- Mais écoutez, dit Clémentine surprise, je ne comprends pas. Hier, vous avez trouvé que c'était une bonne idée et voilà que vous arrivez en me disant que c'est absurde.
- Je suis toujours d'accord, dit Jacquemort. Votre solution leur assure une protection efficace. Mais un problème subsiste, et vous avez oublié de vous le poser.
- Lequel ? demanda-t-elle.
- En fait, ont-ils besoin de cette protection ?
- Elle haussa les épaules.
- C'est évident. Je meurs d'inquiétude toute la journée en pensant à ce qui pourrait leur arriver.
- L'emploi du conditionnel, observa Jacquemort, est fréquemment un aveu d'impuissance – ou de vanité.
- Ne vous perdez pas en digressions oiseuses. Soyez un peu normal, pour une fois.
- Écoutez, insista Jacquemort, je vous demande sérieusement de ne pas le faire.
- Mais pour quelle raison, demanda-t-elle. Expliquez-vous !
- Vous ne comprendriez pas..., murmura Jacquemort.
- Il n'avait pas osé trahir leur secret. Au moins, leur laisser ça.
- Je crois que je suis mieux placée que quiconque pour juger ce qui leur convient.
- Non, dit Jacquemort. Eux sont encore mieux placés que vous.
- C'est absurde, dit Clémentine sèchement. Ces enfants courent des risques permanents, comme tous les enfants d'ailleurs.
- Ils ont des défenses que vous n'avez pas, dit Jacquemort.
- Et puis enfin, dit-elle, vous ne les aimez pas comme je les aime et vous ne pouvez pas ressentir ce que je ressens.
- Jacquemort resta silencieux un moment.
- Naturellement, dit-il enfin. Comment voulez-vous que je les aime comme ça ?
- Seule une mère pourrait me comprendre, dit Clémentine.
- Mais ça meurt, en cage, les oiseaux, dit Jacquemort.
- Ça vit très bien, dit Clémentine. C'est même le seul endroit où on puisse les soigner convenablement.
- Bon, dit Jacquemort. Je vois qu'il n'y a rien à faire.
- Je vais vous dire au revoir. Pourtant je ne vous reverrai probablement pas.
- Quand ils seront habitués, dit-elle, je pourrai peut-être passer de temps en temps au village. D'ailleurs je comprends d'autant moins votre objection que vous allez, au fond, vous enfermer de la même façon.
- Je n'enferme pas les autres, dit Jacquemort.
- Mes enfants et moi, c'est la même chose, dit Clémentine. Je les aime tant.
- Vous avez une drôle de conception du monde, dit-il.

barca da ribeira vermelha.../ – Vá, meus filhos, vão brincar. – disse ele. – Tenho de ir lá acima falar com a vossa mãe./ Eles escapuliram-se, rasando as ondas, perseguindo-se uns aos outros, voltaram atrás, até junto dele, escoltaram-no durante um certo tempo e por fim ajudaram-no a trepar as rochas mais altas. Num abrir e fechar de olhos, estava lá em cima, na crista da falésia. Partiu em direção a casa, num passo decidido". (VIAN, 2011, p. 171-172)

– C’est ce que je pensais de vous. La mienne n’a rien de drôle. Le monde, c’est eux.
 – Non, vous confondez, dit Jacquemort. Vous souhaitez d’être le leur. Dans ce sens-là, c’est destructif.
 Il se leva, quitta la pièce. Clémentine le regarda s’éloigner. Il n’a pas l’air heureux, pensait-elle. Sans doute, sa mère lui a manqué.¹²⁸ (VIAN, 2013, p. 683-684)

Clémentine parte do argumento *ad hominem* de que Jacquemort é incapaz de compreender a complexidade da maternidade, pois ele não tem como saber ou experienciar isso. Ademais, quando ele lhe pergunta se os meninos precisam desse cuidado, a resposta de Clémentine é focada em si mesma. Ela afirma ficar preocupada o tempo todo, ou seja, a solução do aprisionamento servirá para que ela se tranquilize e, nesse contexto, a proteção dos filhos acaba sendo apenas uma consequência. Outra afirmação de grande relevância feita por ela nesse trecho, “*Mes enfants et moi, c’est la même chose*”, confirma final e explicitamente sua concepção de maternidade. Clémentine não vê a si mesma e a Noël, Joël mais Citroën como quatro indivíduos, independentes e autônomos, mas sim como um único ser, uma única coisa que a um só tempo pertence e também é ela – como se, pelos filhos existirem graças a si, eles fossem anexos e, portanto, subordinados e pertencentes a Clémentine.

128 “– Mas ouça lá – disse Clémentine, surpreendida – não estou a perceber. Ontem, achava que era boa ideia e agora vem-me com essa de que absurdo./ – Continuo de acordo – disse Jacquemort . – A sua solução garante lhes uma proteção eficaz. Mas ainda há um problema de que você se esqueceu./ – Qual é? – perguntou ela./ – Necessitarão eles, de facto, dessa proteção?/ Ela encolheu os ombros./ – Evidentemente que sim. Passo os dias inteiros morta de ralação, só de pensar naquilo que lhes poderia ter acontecido./ – O emprego do condicional – observou Jacquemort – é, na maior parte das vezes, um indício de impotência – ou de vaidade./ – Não se perca em ociosas divagações. Seja com um pouco mais normal, uma vez na vida!/ – Ouça – insistiu Jacquemort. – Eles estão muito mais bem colocados do que você./ – Que absurdo – disse Clémentine, muito secamente. – Estas crianças correm um risco permanente, como, aliás, todas as outras crianças./ – Mas têm defesas que a senhora não tem – disse Jacquemort./ – E depois, para acabarmos com esta conversa – disse ela – o senhor não pode amá-los como eu os amo, e portanto não pode sentir o que eu sinto./ Jacquemort ficou por momentos calado./ – Pois com certeza – acabou ele por dizer. – Como é que quer que eu os ame da mesma maneira?/ – Só uma mãe é que me pode compreender – disse Clémentine./ – Mas os pássaros, na gaiola, acabam por morrer – disse Jacquemort./ – Não senhor, vivem e vivem muitíssimo bem – disse Clémentine. – É mesmo o único sítio em que podem ser tratados como deve ser./ – Bem – disse Jacquemort. – Já vi que não há nada a fazer./ Pôs-se de pé./ – Digo-lhe até breve. Mas possivelmente não a tornarei a ver./ – Depois deles se habituarem – disse ela – talvez consiga passar de vez em quando pela aldeia. Aliás, custa-me a perceber as suas objecções, quando o senhor é, no fundo, o primeiro a ir fechar-se da mesma maneira./ – Mas não fecho os outros – disse Jacquemort./ – Eu e os meus filhos somos uma e a mesma coisa – disse Clémentine. – Gosto tanto deles!/ – Mas que concepção tão engraçada que a Senhora tem do mundo – disse ele./ – É também isso o que eu penso de si. A concepção nada tem de engraçado. O meu mundo são eles./ – Não, está a confundir – disse Jacquemort. – A senhora é que pretende ser o mundo deles. Nesse caso, é destrutivo./ Levantou-se, saiu dali. Clémentine ficou a vê-lo afastar-se. Não parece muito feliz – pensava ela. – Certamente faltou-lhe a mãe”. (VIAN, 2011, p. 172-173)

Apesar da tentativa do psiquiatra de convencê-la do contrário, Clémentine triunfa absoluta. Ela termina por prender as crianças em celas, feitas sob medida. A cena final do livro mostra um jovem aprendiz, André, que vai buscar o martelo que seu mestre esqueceu na sala das gaiolas.

Se retournant, il aperçut les trois cages. Elles s'élevaient au fond de la pièce vidée de ses meubles. Elles étaient juste assez hautes pour un homme pas très grand. Leurs épais barreaux carrés dissimulaient en partie l'intérieur, mais on y remuait. Dans chacune, on avait mis un petit lit douillet, un fauteuil et une table basse. Une lampe électrique les éclairait de l'extérieur. Tandis qu'il s'approchait pour chercher le marteau, il aperçut des cheveux blonds. Il regarda mieux, gêné parce qu'il sentait que la dame l'observait. En même temps, il avait repéré le gros marteau. Il écarquilla les yeux tout en se baissant pour le ramasser. Lorsqu'il rencontra leur regard, il sut qu'il y avait d'autres petits garçons dans les cages. L'un deux demanda quelque chose et la dame ouvrit la porte et entra près de lui disant des mots qu'André ne comprenait pas, mais si doux. Et puis, de nouveau, ses yeux se heurtèrent à ceux de la dame qui ressortait et il dit au revoir madame, et se mit en marche, courbé sous le lourd marteau. Comme il arrivait à la porte, une voix le retint.

– Comment tu t'appelles ?

– Moi, je m'appelle..., reprit une autre voix.

C'est tout ce qu'il entendit, parce qu'on le poussait dehors sans brutalité, mais fermement. Il descendit les marches de pierre. Il y avait un tourbillon dans sa tête. Et comme il arrivait à la grande grille d'or, il se retourna une dernière fois. Ça devait être merveilleux de rester tous ensemble comme ça, avec quelqu'un pour vous dorloter, dans une petite cage bien chaude et pleine d'amour. Il repartit vers le village. Les autres ne l'avaient pas attendu. Derrière lui, la grille, peut-être poussée par un courant d'air, se referma avec un claquement profond. Le vent passait entre les barreaux.¹²⁹ (VIAN, 2013, p. 688)

129 “Viu então, ao virar-se, as três gaiolas. Erguiam-se ao fundo da sala, vazia de mobília. Eram precisamente da altura de um homem não muito alto. As grossas grades quadradas dissimulavam em parte o interior, mas havia qualquer coisa a mexer lá dentro. Tinham todas a sua caminha fofa, a sua cadeirinha e uma mesa baixa. Eram iluminadas por uma lâmpada eléctrica colocada ao lado de fora. Aproximou-se, sempre à procura do martelo, e reparou numa cabeleira loira. Olhou com mais atenção, mas pouco à vontade, porque sentia que a senhora o estava a observar. Entretanto, já havia descoberto o martelo. Semicerrou os olhos, enquanto se baixava para o apanhar. E quando o seu olhar se cruzou com o deles, ficou a saber que havia outros meninos ali metidos nas gaiolas. Um deles pediu qualquer coisa e então a senhora abiu a porta e foi até ao pé dele, dizendo umas palavras que André não compreendia, mas que eram muito meigas. E depois novamente o seu olhar se cruzou com o da senhora, que vinha a sair e ele despediu-se então da senhora, e pôs-se a andar, curvado ao peso do malho. Quando ia chegar à porta, houve uma voz que o reteve./ – Como é que te chamas?/ – Eu, André – respondeu maquinalmente./ – Eu, chamo-me... – retorquiu uma outra voz./ E foi tudo quanto conseguiu ouvir, porque já o empurravam dali para fora, sem brutalidade, mas com mão firme. Desceu os degraus de pedra. Ia-lhe pela cabeça um turbilhão de ideias. E ao chegar ao grande portão dourado, virou-se para trás pela última vez. Devia ser maravilhoso estarem assim todos juntinhos, com uma pessoa para os acarinhar, assim dentro daquela gaiolinha tão quente, tão cheia de amor. Pôs-se a caminho da aldeia. Os outros não tinham esperado por ele. Impelido, talvez, por uma corrente de ar, o portão fechou-se nas suas costas com um baque profundo. O vento insinuava-se por entre as grades”. (VIAN, 2011, p. 177-178)

As celas são individuais, talvez como forma de enfraquecer os irmãos ou de evitar rebeliões. A altura de cada uma delas não é grande, o que evoca as hipóteses de restrição de espaço para impedir o crescimento corporal. As celas são mobiliadas com móveis pequenos e poucos. Apenas uma luz externa ilumina os meninos. Tudo ali parece pensado para impedir rompantes de liberdade. Uma voz pergunta o nome do aprendiz, outra voz tenta contar seu próprio nome, mas Clémentine interrompe, guiando André para fora. Mas, já não importa o nome das crianças presas, porque, nessa condição, elas perderam tudo o que poderia defini-las ou torná-las únicas. Estão, os três irmãos, cada qual em sua cela, condenados a receber a proteção, a devoção e o amor de Clémentine e condenados a não serem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes, durante a análise, parecia que tratávamos de dois livros mais um: *o nosso reino* e *Campo Geral*, formando como que uma unidade harmônica e complementar, sendo que *L'arrache cœur*, parecia dissonante em vários aspectos. Porém, em conjunto, essas obras nos permitem perceber como as famílias representadas ficcionalmente, ao exercer poder arbitrário e violento, o qual pode ser amplificado pela combinação com o poder religioso, influenciam diretamente na construção identitária de seus membros que, a despeito das agressões e punições sofridas, resistem com ações de contracontrole.

Miguilim e benjamim têm muitos pontos em comum: são dois meninos pobres, *pertencentes* a comunidades de uma moral terrivelmente católica, num cenário social cultural e temporal também igualmente rígido. Seus pais, violentos e arbitrários em seus afetos; as mães, reticentes e enfraquecidas. Famílias com dificuldades comuns, abandonadas pelo poder público e à mercê de sistemas embrutecedores. Os pontos de contato entre as duas narrativas abundam e saltam aos olhos. É tentador “passar a régua” nessas relações complexas e concluir que a autoridade paterna é violenta e arbitrária, que a religião católica é conivente com a agressão que é feita em nome do bem-estar familiar, mas isso seria simplificar demais. Sob esse aspecto, *L'arrache cœur* surgiu como um contraponto necessário para calibrar nossa visão, no sentido de que a maternidade pode ser igualmente autoritária e agressiva, que o poder familiar pode ser solidificado mesmo em lares que não se apoiam em sistemas religiosos. Ser o responsável pela criação e pela educação de crianças parece, nesses textos, ser o grande estimulador do controle e da coerção.

A família de Joël, Noël mais Citroën não tem problemas financeiros, não sofre com insegurança alimentar, não se apoia em crenças religiosas como forma de compreender a realidade. A própria Clémentine não se encaixa no perfil das mães das outras narrativas: ela é independente, obstinada, dominante em seu sistema familiar. Angel, então, não poderia ser mais diferente dos pais de benjamim e Miguilim: ele se contenta em sua submissão, mas, apesar disso, ele tem liberdade o suficiente para romper a “bolha coesiva” familiar e partir.

No primeiro capítulo, apresentamos a hipótese inicial da pesquisa e traçamos um panorama geral das obras analisadas, buscando compreendê-las dentro de seus contextos em que ocorrem as narrativas. Nesse sentido, durante a análise de *o nosso*

reino, percebemos que os dados históricos subjacentes ao romance têm relação direta de causa e consequência com o código moral e ético da vila onde benjamim habita. No que diz respeito a *Campo geral* (e a outras narrativas de Guimarães Rosa), o contexto histórico e político da narrativa é tenuamente inferido e entrelaçado a partir dos costumes, hábitos e crenças daquela população isolada, de forma que se constituiu enquanto um desafio interpretativo, o que nos direciona para uma necessária, porém futura (quem sabe?), análise específica e pormenorizada nesse sentido. *L'arrache cœur*, por sua vez, parece se afastar de marcos históricos propositadamente, de forma que o isolamento da família e o absurdo dos eventos narrados parecem despontar como estratégia textual, de forma a ilustrar situações reconhecíveis em qualquer época e qualquer sociedade, pois se referem à violência inerente às relações sociais e humanas.

O capítulo 2 foi direcionado à investigação dos isolamentos plurais em cada uma das narrativas. Apesar das três famílias viverem em uma situação análoga de isolamento social e geográfico, é visível como a representada em *L'arrache cœur* se encontra em uma posição economicamente privilegiada, de forma que o afastamento da família em relação à sociedade local é uma escolha individual, posteriormente tornando-se uma necessidade para que o controle de Clémentine sobre seus filhos seja efetivo. Já a família Cessim Caz está reclusa no Mutúm, por serem arrendatários da terra que ocupam e lavram como forma de subsistência: para eles o isolamento não é uma escolha, mas sim uma necessidade, conectada diretamente à sobrevivência e à luta pela segurança alimentar. Contudo, o preço cobrado é gigantesco: longe de estruturas do poder público, eles estão à mercê de situações que exigem cuidado específico, como na educação das crianças e nos cuidados com a saúde. Por exemplo, Dito falece de um mal que não apenas era tratável à época, mas que também já estava em declínio em regiões urbanas brasileiras¹³⁰.

¹³⁰ Sobre a história do tétano no Brasil, sobretudo em relação ao declínio dos casos, ver “*A triumphant decline?: Tetanus among slaves and freeborn in Brazil*”, estudo de Ian Read (2012), que demonstra o declínio das taxas de contágio da doença no Brasil, ao longo dos séculos XIX e XX. Read indica que devido ao aumento da informação sobre as formas de contágio, às formas de tratamento e a fatores ligados à industrialização, o número de casos sofreu declínio considerável. Todavia, o pesquisador também expõe que cidades menores e regiões rurais mantinham alto número de casos, em comparação com zonas urbanas mais populosas.

O isolamento da família de benjamim, por sua vez, deve-se diretamente ao mote salazarista de que estar retirado é uma fortaleza. Destacados do restante do mundo, os indivíduos de *o nosso reino* são presas perfeitas para o autoritarismo familiar alimentado pelo discurso político em conluio com a religião oficial. Embora cada um dos três casos tenha especificidades, em todos eles os múltiplos isolamentos alimentam e incentivam o poder familiar autoritário e arbitrário, cujo representante máximo encontra caminho aberto para dominar todos que estão à volta, principalmente os personagens infantis.

Nesses contextos, o poder se manifesta a partir da coerção, com predileção por tentativas de controle, para garantir que os dominados ajam e pensem em conformidade com o detentor do poder. Quando isso não ocorre, as estratégias são diversas e, ao longo das três narrativas, podemos observá-las com riqueza de detalhes: privações, castigos, punições, violência física, cerceamento da liberdade... Porém, se as ações de controle são desdobramentos naturais do exercício de poder, respostas de contracontrole estão na esteira das consequências dessas ações. Quando benjamim deseja a morte do padre filipe, quando Miguilim fantasia com a sua própria morte (para ensinar uma lição à sua família), quando os gêmeos mais Citroën aprendem a voar, a intenção parece ser uma só: escapar do controle aversivo sofrido. O eu só pode surgir, em todos esses diversos contextos, sob o advento da resistência ao poder, o que nos leva ao terceiro capítulo desta análise.

Nele, exploramos a visão da família enquanto instituição social reguladora e cerceadora do indivíduo em fase de desenvolvimento. Graças ao isolamento geográfico e social, as três famílias ficcionais em análise atuam como microssociedades organizadas de forma a suprir, bem ou mal, as necessidades de seus membros. Nesses contextos, parece ser possível fazer um paralelo entre o poder familiar e o poder do Estado, uma vez que o familiar adulto em posição de poder (avós, pais ou mãe, dependendo da narrativa) assume a função de julgador, legislador e executor, agindo, em muitos casos, como um monarca absoluto que, ao ter seu poder contestado, logo pune o subordinado, em uma espécie de vingança ao crime de “lesa majestade”.

O poder exercido por esse familiar adulto também parece ser fundamentado a partir de um apoio religioso mais ou menos delineado, mas que é compreendido como um direito inalienável, advindo de uma esfera superior e transcendente, seja ela

da ordem do divino ou da construção social. Retomemos como isso ocorre em cada obra.

No caso de *o nosso reino*, o poder exercido pela avó provém primeiramente do seu status de matriarca, mas principalmente por ser ela que centraliza a tradição de sua família. Quando o pai assume o controle, seu poder vacila, pois apesar de ser o patriarca, ele não possui as “ferramentas” e poder econômico necessário para manter a família unida sob seu conjunto de regras tal qual a avó possuía. Por isso, ele começa a assumir atitudes violentas e comportamento errático em relação à família, na tentativa de fazer valer o seu poder, cada vez mais decadente e em ruínas.

Já em *Campo Geral*, Nhô Berno é a grande figura autoritária, que baseia seu poder no direito de ser o pai da família e no fato de ser o provedor principal da casa. Seu mandato é secundado por vó Izidra, a qual desempenha a liderança religiosa para manter a família coesa, mesmo que sob o temor e respeito pelo divino. Nesse contexto, o poder de Berno, sustentado por demonstrações de violência física e psicológica, parece ser tão absoluto e incontestável que só termina quando o personagem encontra seu fim. O desfecho autoinflingido talvez reforce esse poder de Nhô Berno que, por ser invicto, só acaba sendo vencido por si mesmo.

L'arrache cœur, por sua vez, não parece conectar o poder exercido pela chefe da família diretamente com a religião, mas a temática da santidade via martírio se faz presente. Em outras palavras, ao abdicar de si mesma enquanto indivíduo para assumir unicamente o que entende por “papel de mãe”, Clémentine se submete ao autossuplício. Nessa jornada, percebemos que ela, justamente por estar se autoinflingindo sofrimento, não apenas se empodera mais e mais, como também passa a exercer maior controle sobre os filhos e obtém prazer como subproduto disso.

O mito do amor materno fundamenta a concepção de amor de Clémentine, porém em uma hipertrofia do sentimento, já que ela passa a compreender os filhos ora como propriedade particular, ora como extensão de si mesma. Ou seja, Noël, Joël mais Citroën eram crianças sobre as quais ela tinha plenos poderes de vida e morte e, também, de liberdade e encarceramento.

Nessa toada, talvez o amor espontâneo de toda e qualquer mulher por seus filhos, socialmente esperado e socialmente construído séculos atrás, não tenha ocorrido com Clémentine. As primeiras reações que vivenciamos dela giram em torno de ressentimento com Angel e com os filhos, de inconformidade com as mudanças fisiológicas e estéticas que a gravidez ocasionou a seu corpo, de raiva pela dor que

sentiu no parto. Depois desse período, ela passa por uma fase de autodescoberta sexual, que a arrebatava de tal forma que ela passa a negligenciar suas funções maternas autoimpostas, desaguando, posteriormente, em um sentimento de culpa. O amor materno que desenvolve pelos filhos tem origem nessa amálgama de emoções conflitantes e se ergue sob a égide da culpa materna, um mecanismo social absolutamente importante para a manutenção das famílias e conseqüente aumento populacional pós-século XVIII.

Nesse sentido, no que diz respeito às dinâmicas familiares no texto de Vian, cabe ter em vista, para pesquisas futuras, pesquisas futuras a análise da relação entre Clémentine e os filhos à luz do que entende a Psicanálise, considerando também o comportamento de Angel dentro do compreendido por alienação parental. Nossa análise não ousou aventurar-se por essas veredas, mas reconhece que é um importante caminho a ser tomado.

Assim sendo, explicitamos como as famílias de benjamim, Miguilim, Joël, Noël mais Citroën atuam sobre esses meninos com toda a força coercitiva que tinham. Esse poder é plural, baseado em construções religiosas, e se beneficia do isolamento e falta de recursos de múltiplas ordens. Por isso, estudar essas representações familiares, considerando suas concepções e constituições foi um dos sustentáculos desta análise, uma vez que os textos falam sobre os contextos que retratam e aos contextos que os recebem, trazendo à luz dinâmicas complexas espelhadas da realidade empírica.

Tendo em vista que a religião é um fator determinante para os ideais de moral e convivência das famílias de benjamim e de Miguilim, dedicamos o capítulo 4 para investigar de que forma o catolicismo condiciona as relações de poder nesses textos. Neles, as figuras das avós aparecem como verdadeiras representantes e porta-vozes do poder divino em suas famílias, sendo capazes de ditar procedimentos e orientar comportamentos dos personagens ao seu redor. Enquanto Izidra exerce o poder religioso de forma coercitiva e como alicerce do poder de Berno, a avó de benjamim é, simultaneamente, chefe da família e figura religiosa, o que a alça ao estatuto de autoridade máxima e única das duas dimensões de poder. Essa posição da avó reforça a indissociabilidade entre poder político e religioso durante o salazarismo, de forma que a morte da personagem também representa o esfacelamento da aliança entre Estado e religião. Em Rosa, portanto, encontramos a

religião como um braço forte do poder, já, em *Mãe*, vemos o casamento entre religião e poder se estiolar através da passagem do tempo e das mudanças sociais.

Nesse quesito, fica para outro momento a averiguação sobre os possíveis pontos de contato e de dissonância entre os catolicismos português do Estado Novo e brasileiro do sertão mineiro, pensando em suas aproximações e divergências com o Catolicismo Católico e com o entendimento do Direito ortodoxo. Além disso, também é pertinente explorar a questão das fés dos demais personagens, por exemplo, de Mãitina, e de que forma que esses exercícios diversos têm efeito no comportamento e nas crenças dos personagens de seus entornos.

No que se refere à religião e à religiosidade, *L'arrache cœur* mais uma vez sugere um contraponto: Clémentine, apesar de solicitar o batismo dos filhos na igreja, não está preocupada ou interessada com questões relativas à religião socialmente instituída. O espaço da fé católica é preenchido por ela mesma, por sua trajetória de devotamento aos filhos e autossacrifício, em um movimento que se revela fortemente egóico, uma vez que não está centralizado no bem-estar dos filhos, mas na obtenção de prazer próprio.

Clémentine, inclusive, revelou-se, durante esta análise, como o ser de maior relevo na narrativa. Se *o nosso reino* e *Campo geral* são centralizados em torno de personagens infantis, enfocando-os sempre que possível, em *L'arrache cœur* o centro é Clémentine. Não se trata apenas de acompanhar a história sob o ponto de vista de um narrador tendencioso, mas de observar que todas as revoluções que ocorrem na casa e na família giram, de fato, em torno dela. A própria questão identitária dos gêmeos mais Citroën é subordinada à dela, já que as crianças de desenvolvem respondendo aos estímulos – aversivos ou não – providos por ela, a construção identitária dos filhos ocorre complementarmente à de Clémentine.

Como vimos, o controle dessa mãe sobre os filhos precisou assumir uma forma radical de supressão da liberdade de ir e vir, porque os meios utilizados por ela, até então, não eram eficazes em tolher comportamentos que julgava serem indesejados. Comparando com o controle familiar e social exercido sobre Miguilim e benjamim, é perceptível como os dois meninos raramente precisaram de punição física para entrarem na conformidade em relação ao poder, e que muitas de suas ações de contracontrole ocorreram apenas no plano da fantasia. Isso sugere algum grau de autorregulação comportamental dos garotos, atitude que os gêmeos mais Citroën não parecem ter desenvolvido. Talvez a resposta para essa diferenciação na

necessidade de controle dos corpos resida na utilização da religião como poder coercitivo, mas nossa análise não se guiou sobre esse aspecto, o que também sugerimos como ponto de interesse a investigações futuras.

Diante disso, parece-nos claro que os comportamentos de benjamim e Miguilim estão conectados em uma relação explícita de causa e efeito, seja para salvação ou para danação futuras. Acreditar no Deus católico é, para eles, acreditar consequentemente no pós-vida, seja ele no céu ou no inferno, de acordo com as atitudes tomadas no plano terreno. Logo, a estratégia do poder religioso é muito clara e conhecida por eles: suas escolhas em vida, por exemplo, os comportamentos frente à família são diretamente responsáveis pelo destino depois da morte, o que claramente influencia essas crianças em seu constante processo de formação identitária.

No entanto, essa equação não se aplica a Citroën e seus irmãos. Crescendo à revelia de um sistema religioso capaz de moldá-los, as consequências dos comportamentos inadequados os afetam de forma diversa, ainda mais porque a consequência será direcionada à mãe e não a eles. A grande punição dos meninos será ouvir a mãe chorar, testemunhar seu entristecimento e sofrimento. Contudo, muito rapidamente as crianças percebem que isso não é o suficiente para forçar mudanças comportamentais, chegando a banalizar as consequências por não sofrerem diretamente com elas, o que acaba não se demonstrando suficiente para que abandonem ou minimizem os comportamentos indesejados pela mãe. Logo, a estratégia de Clémentine se baseava em chantagem emocional pura. Como isso em dado momento do crescimento dos filhos para de funcionar, ela precisou lançar mão do encarceramento físico, a fim de limitar a natureza exploratória e livre que seus filhos demonstravam.

Por contar com o apoio religioso para o controle do grupo, as famílias de benjamim e Miguilim foram mais eficazes, vide o medo inculcado nesses meninos ultrapassar meras questões pontuais e da realidade imediata, dizendo respeito a um futuro desconhecido e insuspeito. Observando as três narrativas, podemos inferir que a religião se mostra mais eficaz na modelagem comportamental, pois utiliza métodos mais persuasivos de convencimento daqueles utilizados por Clémentine.

Por fim, no capítulo 5, exploramos os efeitos que as temáticas trabalhadas anteriormente tiveram sobre a construção identitária dos cinco meninos, a finalidade desta análise. Vale lembrar que recorrer à punição é agir ativamente sobre

comportamentos considerados inadequados, na tentativa de extirpar sua recorrência, ou seja, há intencionalidade em seu uso. Dessa forma, se benjamim e Miguilim apanham violentamente de seus pais, é para que parem de desafiar a autoridade máxima de suas famílias, além do efeito secundário de intimidação das testemunhas da agressão, de modo que o ato punido não volte a se repetir. Há, aí, uma poderosa engenharia social em funcionamento que se demonstra ao longo das três narrativas.

Para além das ações de contracontrole, estar sob ações contínuas de controle arbitrário tem o seu preço, ao que Skinner (2003) chamou de subproduto do controle: reações de fuga, revolta, resistência passiva, medo, ansiedade, ira e raiva, depressão. Dessa forma, a resposta daquele que detém o poder tende a ser a pura e simples intensificação dos procedimentos controladores previamente instaurados, o que gera um ciclo retroalimentado e que gradualmente se escalona: quanto mais controle, mais contracontrole, que gera maior controle e assim sucessivamente, em relações que apenas se deterioram até ficarem insustentáveis, como ficou claro ao longo das reações cada vez mais exageradas de Clémentine, dos abusos físicos e castigos cada vez mais recorrentes de Nhô Berno, das violências sofridas por benjamim.

Sob essa leitura, ficou a nós claro que nenhum dos envolvidos sai ganhando nessas relações: todos perdem algo, já que nenhum dos desfechos das narrativas é favorável para as instituições familiares: benjamim se isola em sua metamorfose de solidão, Miguilim parte (não por escolha ou iniciativa própria, mas com conformidade), Joël, Noël mais Citroën são presos e perdem suas identidades... Em nenhum dos três casos família e os personagens infantis prosperam juntos... A ruína da instituição familiar foi inexorável.

Portanto, não há ganhos para nenhum dos envolvidos, sejam eles, vítimas ou agressores, nessas ações de domínio e controle. Se Noël, Joël mais Citroën estão presos em gaiolas, Clémentine paga com a eterna vigilância. A consequência de Berno viver em um mundo embrutecido pelo distanciamento, físico, emocional, cultural, religioso e social é ele recorrer ao suicídio, quando seu exercício de poder atingiu o paroxismo desse microuniverso, o que causa em Miguilim danos emocionais incontornáveis. benjamim se torna o menino mais triste do mundo depois de uma sequência de eventos arruinadores: primeiro a avó, depois o avô e por fim o pai, que se esfacelam. Não existem vencedores, apenas existem vítimas do mito da família harmônica e perfeita.

Neste momento, justificamos esta análise ao evocarmos a passagem final de *Campo geral*, quando o médico, estrangeiro naquele lugar, empresta a Miguilim seus óculos, para que o menino enxergue o mundo de forma diferente. Na narrativa, a explicação é uma possível miopia, mas a cena tem ainda mais força no campo do figurativo: é através das lentes do outro que Miguilim passa a enxergar melhor sua família, ou seja, a incidência da visão de fora sobre o sistema familiar é capaz de dar uma outra percepção sobre esse mesmo sistema.

Enquanto Miguilim tem a possibilidade de abrir seus horizontes para a diferença, no único final não pessimista dentre as três obras, os filhos de Clémentine têm essa oportunidade tirada deles. De forma muito exemplar, na passagem final do romance, quando o jovem auxiliar de serralheiro se aproxima das gaiolas, é Clémentine que o afasta de perto dos seus e o leva para longe, batendo a porta à sua passagem. Fica evidente que as crianças não apenas estão isoladas dos perigos físicos imaginados pela mãe, mas também de toda e qualquer troca com seres ou ambiente que não sejam controlados pela figura da mãe. Ela é a medida de tudo, afinal de contas. Pensando em Clémentine sob essas “lentes”, assim como defendeu Phillip Ariès (2022), o sentimento de família, como outros perigosos sentimentos de grupo (movimentos antidemocráticos, extremistas e golpistas, por exemplo), são facetas da intolerância em relação à diversidade e ao outro, pois são calcados na agremiação de iguais, na uniformidade entre os seus seres: o diferente não é mero inconveniente, ele, nessa lógica absurdamente deturpada, deve ser preso e controlado a todo custo.

No entanto, enquanto Ariès mostra o triunfo da família na contemporaneidade como oposição à socialização invasiva, Miguilim, benjamim, Noël, Joël mais Citroën nos revelam justamente o contrário: suas famílias são a continuação da invasão e opressão da sociedade sobre o indivíduo, sua intimidade e, principalmente, sua identidade. Usando o poder, através de sistemas e tecnologias de coerção e controle, suas famílias tentam moldar-lhes a identidade à imagem e semelhança das crenças familiares, religiosas ou não. Ao não lograrem o êxito pretendido, pois as crianças resistem e agem contra o controle instituído, elas os punem profilaticamente, na esperança de obter jovens e adultos em conformidade com aquilo que aceitam. Inacreditavelmente, nos últimos anos cada vez mais vimos que isso não se resume à ficção.

A questão da construção identitária dessas crianças ficcionais passa por esse controle e coerção exercidos por sistemas opressores, fundamentados na ideia de família, alicerce central. Apesar disso, é no seio familiar que encontramos as reações e ações de contracontrole, em uma contínua tensão. Cabe aqui destacar que não pretendemos atribuir ao ideal de família todos os males, contemporâneos ou extemporâneos, mas sim perceber que ela é um elemento central para muitos problemas que ainda hoje perduram em nossa sociedade.

Por mais que não seja usual terminar uma tese com uma citação de outrem, é por demais tentador evocar Ariès nesse momento: “A história de nossos costumes reduz-se em parte a esse longo esforço do homem para se separar dos outros, para se afastar de uma sociedade cuja pressão não pôde mais ser suportada” (ARIÈS, 2022, p. 345). A experiência do sujeito se faz em sociedade, sendo mediada pelas interseções de inúmeras microssociedades e, às vezes, o peso de desertá-las é mais libertador e respeitoso com a identidade do indivíduo do que se conformar e aceitar suas imposições. O contracontrole e a ruptura sempre serão necessários quando o peso de uma sociedade autoritária, arbitrária e controladora solaparem o indivíduo, pois há abusos de poder que não podem ser tolerados, ou terão como subproduto o esfacelamento e apagamento identitários.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE PORTUGAL (LUSA) (Portugal) (Ed.). Deficientes revoltados com impossibilidade de votação sobre doenças de guerra. Lusa. Online, p. 1-1. 19 jul. 2019. Disponível em: < <https://www.lusa.pt/article/26684628/deficientes-revoltados-com-impossibilidade-de-vota%C3%A7%C3%A3o-sobre-doen%C3%A7as-de-guerra> >. Acesso em: 22 jul. 2019.
- AGUIAR, Larissa Walter Tavares de. **Campo geral, de Guimarães Rosa, e Pedro Páramo, de Juan Rulfo**: um estudo sobre as estruturas de poder. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2019. Disponível em: < <https://hdl.handle.net/1884/65662> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.
- ALMEIDA, Telly Will Fonseca; BORGES, Telma. Infância e ritos de passagem em “Campo Geral” de Guimarães Rosa. **Revista Caletrosópio**, v. 4, p. 114-128, 2016.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, LTC, 2022. Tradução de Dora Flaksman.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de Sérgio Bath.
- BADINTER, Elisabeth. **O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução de Waltensir Dutra.
- BAPTISTA, Luís A. Vicente. Valores e Imagens da Família em Portugal nos Anos 30 – O Quadro Normativo. In *Actas do Colóquio: A Mulher na Sociedade Portuguesa – Visão Histórica e Perspectivas actuais*. V.1. Coimbra: Instituto de História Económica e Social/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1985.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2004. p. 508-535.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Tradução de Carlos Alberto Medeiros.
- BERGAMIN, Cecilia de Aguiar. **Dansadamente**: unidade do 'Corpo de baile' de João Guimarães Rosa. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/D.8.2008.tde-28112008-173153> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.
- BESTAKOVA, Kristina. **Le thème de l'angoisse dans les romans L'Arrache-coeur et L'Herbe rouge de Boris Vian**. Monografia (Bacharelado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Artes, Masarykova univerzita. Brno. 2011. Disponível em: < https://is.muni.cz/th/262122/ff_b/?lang=en >. Acesso em: 04 Dez. 2022.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves.

BOOTH, Wayne. **The rhetoric of fiction**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1983.

BOUÇAS, Jorge Coelho (ed.). Notas editoriais. **O Observador: econômico e financeiro**. Rio de Janeiro, p. 3-8. jul. 1943.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000. Tradução de Fernando Tomaz.

CALQUI, Mayara de Andrade. **Travessia e elaboração das perdas em 'Miguilim', de João Guimarães Rosa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/D.8.2016.tde-25082016-135618> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

CARVALHO FILHO, João Gualberto Teixeira de; CHAVES, Wilson Camilo. A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melaine Klein e Jacques Lacan. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.41, p., jul./dez. 2014

CASTRO, Alexandre José Amaro e. **O alívio das manhãs: permanência e transgressão na obra "Corpo de Baile" de João Guimarães Rosa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2005. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1843/LHAM-6AKHDP> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

CHARADEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009a, p. 309-326. Tradução de Angela Maria da Silva Corrêa.

_____. Identité sociale et identité discursive. Un jeu de miroir fondateur de l'activité langagière. In : CHARADEAU, Patrick (org.). **Identités sociales et discursives du sujet parlant**. Paris : L'Harmattan, 2009b. Disponível em : < <http://www.patrick-charaudeau.com/Identite-sociale-et-identite,217.html> >. Acesso em 18 ago. 2022.

CHENUIL-COLSY, Carmen. **Boris Vian ou la quête d'un impossible regard : étude psychanalytique de la dynamique organisatrice psychosomatique à travers l'oeuvre et la vie de l'auteur**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Grenoble 2. Grenoble. 1998. Disponível em: < <https://www.theses.fr/1998GRE29055> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

DAWNKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de Fernanda Ravagnani.

DURKHEIM, Émile. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris : Librairie Félix Alcan, 1912.

FERRAZ, Luciana Marques. **A infância e a velhice: percursos em Manuelzão e Miguilim**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-28092010-155602> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

FIGUEIREDO, Annie Tarsis Morais. **Comum e comunidade luminosa na tetralogia das idades, de Valter Hugo Mãe**. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 2020. Disponível em: < <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3687> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

FORLI, Cristina Arena. **“O colonialismo era meu pai”**: memórias da infância e da adolescência em romances portugueses contemporâneos. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2021. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/226281> >. Acesso em: 04 dez 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** Vol I. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Tradução de Maria Thereza da Costa/_____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz & Terra, 2021. Tradução de Roberto Machado._____. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Tradução de Raquel Ramallete.

GIDDENS, A. **Sociologia**. São Paulo: Editora Penso, 2001. Tradução de Sandra Regina Netz.

GUILLON, Claude; LEBONNIEC, Yves. **Suicide mode d’emploi**: histoire, technique, actualité. Paris: Alain Moreau, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro._____. Quem precisa da identidade?. SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

HARROCH, Yaelle Zerbib. **Le fantastique et l’irrationnel dans les oeuvres de Boris Vian**. Tese (Doutorado em História) – Paris 7. Paris. 2009. Disponível em: < <http://www.theses.fr/2009PA070006> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

HENRIQUE, Rosalina Albuquerque. **Descobertas do mundo sob o olhar da criança e do louco em Corpo de baile e Primeiras estórias**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém. 2011. Disponível em: < <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9418> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 20, Mais Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 1985. Tradução de M. D. Magno.

LEITE, Paloma da Silveira. **Poética do encantamento a voz da criança em João Guimarães Rosa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo. São Paulo. 2019. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22464> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

LÉVESQUE, Martine. **La violence dans L'arrache-coeur de Boris Vian**. Mémoire (Mestrado em Études Littéraires) – Université du Québec. Rimuski. 1987. Disponível em: < <http://depot-e.uqtr.ca/5769/> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

LI, Wenfeng. **La fantaisie entre la vie et la mort dans l'univers de Boris Vian**. Tese (Doutorado em Literatura Francesa) – Bordeaux 3. Bordeaux. 1996. Disponível em: < <http://www.theses.fr/1996BOR30019> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

MÃE, Valter Hugo. **o nosso reino**. São Paulo: Biblioteca azul, 2018.
_____. Vinte e cinco de abril. Disponível em:
<<http://casadeosso.blogspot.com/2009/04/vinte-e-cinco-de-abril.html>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

MOURA, Danielle Ferreira Gomes. Maternidade e poder. **Rev.Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 387-404, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2022.

NOGUEIRA, Erich Soares. **Percepção e experiência poética estudo para uma análise de "Campo geral", de J. Guimarães Rosa**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2004. Disponível em: < <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1597331> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

NOGUEIRA, Maria Carolina de Godoy. **O percurso de formação das personagens infantis em Guimarães Rosa**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Estudos Literários – FCLAR, Universidade Estadual Paulista. Araraquara. 2007. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/102404> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

NUNES, João Paulo Avelãs. **O Estado Novo e o Volfrâmio**. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2010.

OLIVEIRA FILHO, Amauri Faria de. **A construção estrutural e o discurso poético em Campo geral**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara. 2014. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/115786> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

PAJONA, Cécile. Les procédés de fictionnalisation dans l'œuvre romanesque de Boris Vian. Tese de Doutorado. Université Côte d'Azur, 2019. Disponível em: < <https://theses.hal.science/tel-02178962/document> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

PASSARELLI, Paula. **As personagens e suas estórias: uma leitura de três narrativas de 'Corpo de Baile', de Guimarães Rosa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/D.8.2008.tde-20052008-142659> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

PEREIRA, Anderson Luiz Teixeira; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira. A inevitável travessia pelo tempo: de Grande sertão: veredas a A paixão segundo G.H. **investigações**, v. 32, p. 171-195, 2019

PESTUREAU, Gilbert. Introdução. In: VIAN, Boris. L'arrache cœur. In : VIAN, Boris. **Romans, Nouvelles, oeuvres diverses**. Paris: Le livre de poche, 2013.

PORTUGAL. Constituição de 1933. Disponível em: <
<https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1933.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

_____. Concordata (1940) nº AAS 32 (1940) 218-233, de 07 de maio de 1940. Inter Sanctam Sedem Et Rempublicam Lusitanam Sollemnes Conventiones. Cidade do Vaticano, Disponível em: <
http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_santa-sede-portogallo_po.html>. Acesso em: 14 jul. 2009.

PRADÈRE-ASCIONE, Clémentine. **La fantaisie noire dans la fiction en prose de Boris Vian (Romans, nouvelles, pièce de théâtre)**. Tese (Doutorado em Literatura Francesa) – Sorbonne Paris Cité. Paris. 2015. Disponível em: <
<http://www.theses.fr/2015USPCA076>>. Acesso em: 04 Dez. 2022.

READ, Ian. A triumphant decline? Tetanus among slaves and freeborn in Brazil. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.107-132

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim** (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SÁ, Celso Pereira de. Holland, contracontrole social e socialização do behaviorismo radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, 2016, Volume XVIII Número Especial, 52-60

_____. Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 35(2), 136-145. (1983).

SANCHES, Raphael Rodrigues. Sobre o anti-humanismo em Michel Foucault e B. F. Skinner, 2017. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

SHERMER, Michael. **How we Believe: science, skepticism and the search for God**. Nova York: W. H. Freeman and Company, 2000.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Editora Livro Pleno, 2009. Tradução de Maria Amália Andery e Tereza Maria Sério.

SIRINO, Salete Paulina Machado. **De meninos a homens: possibilidades de leituras da infância em Conversa de Bois, Campo Geral e Mutum**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação "Stricto Sensu" em Letras,

Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel. 2010. Disponível em: < <https://tede.unioeste.br/handle/tede/2492> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974. Tradução de Maria da Penha Villalobos.

_____. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução de João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi.

SOARES, Ednalda. **Miguilins no sertão da cabaça azul**: incandescência, infância e devaneios poéticos em Mutum. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2011. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13634> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2004. p. 304-335.

TALAVERA, Adela Cortijo. **El sistema de personajes en la obra narrativa de Boris Vian** – La constelación de personajes en las novelas firmadas Boris Vian. Tese (Doutorado em) – Facultat de Filologia, Universitat de València. Valência. 2022. Disponível em: < https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/9831/TESIS_PE.PDF;jsessionid=2BFC39A274BBCAAF16BECC9DF026484F?sequence=1 >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **Valter Hugo Mãe**: filho de mil homens e mil mulheres. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32013> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

TORGAL, Luís Reis. **Estados Novos, Estado Novo**: ensaios de História Política e Cultural. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, vols. 1 e 2.

TOTOLI, Maria de Fátima Lucena de Oliveira. **A construção do discurso na ficção rosiana**: oralidade, memória e cultura. Dissertação (Mestrado em) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2007. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14814> >. Acesso em: 04 Dez. 2022.

VIAN, Boris. L'arrache cœur. In : VIAN, Boris. **Romans, Nouvelles, oeuvres diverses**. Paris: Le livre de poche, 2013.

_____. **O arranca corações**. Lisboa : Relógio D'Água Editores, 2011. Tradução de Luiza Neto Jorge.

WEBER, Lídia Natália Dobrianskyj. Algumas notas sobre o conceito de poder em Skinner. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 9, p. 29-39, 1989. Disponível em: < <http://www.cemp.com.br/artigos.asp?id=36> > Acesso em: 25 dez. 2022.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981. Tradução de Waltencir Dutra.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.
Tradução de Célia Euvaldo.